

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROBERTO LUIZ POCAI FILHO

ECOS NO VALE DO CHOPIM: MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO DE ATINGIDOS
POR BARRAGENS EM NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, PARANÁ.

sertão alumiado

PONTA GROSSA
2016



ROBERTO LUIZ POCAI FILHO

**ECOS NO VALE DO CHOPIM: MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO DE ATINGIDOS
POR BARRAGENS EM NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, PARANÁ.**

Dissertação apresentada para obtenção do
título de Mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa na Área de História.

Orientador: Prof.º Dr. Robson Laverdi

Co-orientador: Prof.º Dr. César Karpinski

**PONTA GROSSA
2016**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Pocai Filho, Roberto Luiz

P739

Ecos no Vale do Chopim: memórias e pertencimento de atingidos por barragens em Nossa Senhora dos Navegantes, Paraná/ Roberto Luiz Pocai Filho. Ponta Grossa, 2016.
268f.

Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi.
Coorientador: Prof. Dr. César

Karpinski.

1.Atingidos por barragens. 2.Memória.
3.Pertencimento. I.Laverdi, Robson.

II. Karpinski, César. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História, cultura e identidades. IV. T.

CDD: 333.13

ROBERTO LUIZ POCAI FILHO

ECOS NO VALE DO CHOPIM: MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO DE ATINGIDOS
POR BARRAGENS EM NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, PARANÁ.

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre na Universidade
Estadual de Ponta Grossa na Área de História.

Ponta Grossa, 31 de Março de 2016.

Prof. Dr. Robson Laverdi
Doutor em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dra. Rosângela Petuba
Doutora em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. César Karpinski
Doutor em História
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico este trabalho a Wandir e
Wilson Bombonato e a Celso e Kali Bet, irmãos
que indiretamente foram atingidos pelos
acontecimentos aqui relatados.*

AGRADECIMENTOS

Aho. Aparentemente o trabalho com autoria camufla toda colaboração no seu processo de realização onde muitos companheiros apoiaram. A pesquisa não se apresenta como um monólogo, mas sim com um diálogo com diversos apoiadores. Fico grato especialmente ao orientador, professor e militante Dr. Robson Laverdi. Muitas das frases elaboradas aqui podem ser consideradas de sua co-autoria. O sentimento se deve especialmente pelas suas palavras de compreensão e carinho que incentivaram que o historiador aparecesse na dissertação, sem a sua colaboração o texto não estaria apresentado com tal qualidade de debate.

Agradeço também ao prof. Dr. César Karpinski que conheci durante o programa e muito colaborou em nossas conversas também. À minha família e à família da Ziza que me acolheu em muitos momentos com sua compaixão. À tia Roseli Dalzotto. aXs companheirXs do Diretório Acadêmico Livre de História e aXs bardosXs do Bar da Tia. Faço também um agradecimento especial a todXs os funcionáriXs e professorXs da UEPG que apoiam a pesquisa. Um abraço ao Helton Juliano Mattei pela capa intitulada “Sertão alumiado”.

Acredito que essa também é a oportunidade de agradecer e dedicar o trabalho a luta dos atingidos do Vale do Chopim que juntamente do MAB muito colaboraram para a realização da pesquisa. Infelizmente não posso agradecer a empresa Gerdau que nada contribuiu nas informações para a construção da dissertação. Fica aqui o registro de que covardemente recebi ameaças indiretas por telefone escutadas pela minha mãe, venho repudiar essa covardia e intensificar que as palavras de ódio tentavam me coibir de fazer entrevistas com os ribeirinhos das comunidades atingidas. Quero me posicionar aqui como militante da terra que como Carlos Marighella não teve tempo de ter medo e, por isso, se querem me ameaçar entrem na fila ou peguem a senha.

Não posso agradecer o governador Beto Richa frente o seu descaso com a educação pública e com os servidores. Não necessito entrar em detalhes, mas que fique aqui registrado minha contraposição a situação de desgoverno no Paraná. Acredito que nesse momento precisamos forjar o debate de uma educação autônoma, pública e de qualidade.

O sentimento de gratidão também vai para os companheiros de luta do MST no Acampamento Emiliano Zapata e no Acampamento Agroecológico Maria Rosa do Contestado do qual colaborei na coordenação e no setor de Educação. Nesses últimos meses, tomei várias lições que me permitiram amadurecer na organização e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária e em equilíbrio com a natureza.

Todos somos um!

*Persevero com o fim de conhecer
Transcendendo a cura
Selo o armazém da realização
com o tom cósmico da presença
Eu sou guiado pelo poder da magia
“Estou na encruzilhada do caminho
e a mão me oferece um portão para
minha cura; magicamente atravesso-o.”
(Mão Cósmica Azul)*

RESUMO

Em 1999, um vazamento de informações da ANEEL possibilitou que o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) acessasse as primeiras informações sobre duas Usinas Hidrelétricas no Vale do Chopim que seriam construídas. Esse trabalho tem por intenção analisar as diversas interpretações do acontecimento futuro na comunidade Nossa Senhora dos Navegantes em Clevelândia - PR. A companhia Gerdau que construiria as barragens se preocupou em criar relações com as famílias atingidas afim de convencê-las da sua necessidade e da sua importância. No âmbito das questões da luta pela terra, militantes se formaram com o MAB para reivindicar uma indenização justa. No âmbito dos saberes e práticas, os sentimentos de pertença e as diferentes relações com o tempo das barragens permitem analisar como os atingidos reinterpretam seu espaço de experiência e como figuram seu horizonte de expectativa.

Palavras-chave: Atingidos por barragens, memória, pertencimento.

ABSTRACT

In 1999, a leak of ANEEL information enabled the Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) from accessing the first information about two hydroelectric plants in Chopim Valley that would be built. This work is intended to analyze the different interpretations of the future event in the community Nossa Senhora dos Navegantes in Clevelândia - PR. Gerdau company build dams bothered to create relationships with families affected in order to convince them of their need and its importance. At the heart of the issues of the struggle for land, militants formed with MAB to claim fair compensation. In the context of knowledge and practices, feelings of belonging and different relationship with time the dams allow analyze how affected reinterpret their experience of space and appear as its horizon of expectation.

Key-words: Affected people by hydropower, memory, belonging.

LISTA DE SIGLAS

AP - Audiência Pública

ANEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

CITLA - Clevelandia Industrial e Territorial Ltda

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

COPEL - Companhia Paranaense de Energia Elétrica

CAMISC - Cooperativa Mista São Cristovão

CNPE - Conselho Nacional de Política Energética

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

CT-HIDRO - *Fundo Setorial de Recursos Hídricos*

DARF - Documento de Arrecadação da Receita Federal

DOPES - Delegacia de Ordem Social e Política

EIA - Estudo de Impacto Ambiental

EMATER - Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural

FACICON - Faculdade Integrada de Contabilidade

FMI - Fundo Monetário Internacional

HO - História Oral

IAP - Instituto Ambiental do Paraná

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITR - Imposto Territorial Rural

KVA - Cavalos de força

LI - Licença de Instalação

LO - Licença de Operação

LP - Licença Prévia

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

MW - MegaWatts

ONS - Operador Nacional do Sistema

PAC-2 - Programa de Aceleração do Crescimento 2

PNA - Política Nacional do Meio Ambiente

PCH - Pequena Central Hidrelétrica

PSD - Partido Social Democrático

RAS - Relatórios Ambientais Simplificados

RIMA - Relatório de Impacto Ambiental

SIN - Sistema Integrado Nacional

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UHE's - Usinas Hidrelétricas

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Rocha com inscrições Kaingang.....	30
Figura 02	Mapa da campanha de Lupion.....	37
Figura 03	Mapa do Plano Hidro-Elétrico Paranaense.....	42
Figura 04	O poço escuro.....	46
Figura 05	Inauguração do aeroporto de Francisco Beltrão.....	48
Figura 06	Fotografia de Rudi Bodanese.....	58
Figura 07	O Angico.....	62
Figura 08	Mapa do impacto ambiental da UHE São João.....	95
Figura 09	Informativo falando sobre o PAC.....	103
Figura 10	Tabela sobre Segurança Pública.....	115
Figura 11	Informativo n. 9.....	117
Figura 12	Cachoeira do Roncador.....	122
Figura 13	Ilha do Carletto.....	123
Figura 14	Caixa de sugestões.....	128
Figura 15	Cartaz do III Rock n'Ruzza.....	196
Figura 16	Fotografia da greve na FACICON.....	205
Figura 17	Acampamento no Ruzza.....	211
Figura 18	Arte do festival Êxodus.....	217
Figura 19	Roda de capoeira.....	220

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: Teias do Chopim – Os navegantes e a paisagem.....	29
I.I “Era gente, era braço, era fogo”: entre glebas e grilos, a comunidade Nossa Senhora dos Navegantes.....	29
I.II Babilônia de ferragens: A Usina do Ruzza e a utopia de Pedro Libro nos tempos da CITLA	39
I.III Contra a corrente: Ciro Carletto, a liderança do balseiro.....	59
I.IV A energia da vida: Outras temporalidades, outras territorialidades.....	65
CAPÍTULO II: A “fulia das barragens” e as experiências dos navegantes.....	74
II.I Energia para quê(m)? O contexto hidrelétrico e a resistência do Movimento dos Atingidos por Barragens no Brasil.....	77
II.II “É de ficá bobo! O povo foi tudo embora, virô quiçaça”: A atualidade da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes e os dilemas do abandono do campo.....	107
II.III “A novela das barragens”: A atuação das companhias hidrelétricas e a concepção do tempo dos atingidos.....	121
II.IV As hidrelétricas de “papel” e a “arapuça” das barragens: As relações dos saberes atingidos com os documentos escritos.....	145
CAPÍTULO III: Tempo é Arte – A Nova Era no Vale do Chopim.....	187
III.I “Pensou de ir pro Ruzza era maluco”: Memórias do Chopim pelas gerações de 1970 e 1980.....	189
III.II “Com um pé no mato e o outro na cidade”: As gerações atuais, o festival Êxodus e o Sincronário da Paz.....	212
III.III “O remo foi dado na minha mão”: No vale do Gigante, a luta continua!.....	221
III.IV A pedagogia da luta: Um manual de sobrevivência para acampamentos no Vale do Chopim?.....	226
CONCLUSÕES.....	249
REFERÊNCIAS.....	253

“Eu pra mim que essas barragem aí tá parecendo uma novela. É novela! (voz alterada) Eu tava com oito anos comecei esse negócio de usina aí, tô com 62 ano e tá na mesma. Então acho que quem tá correndo atrás disso aí tá perdendo tempo (risos). Tu ia plantá um pé de abóbora não vai plantá mais: “vai sai a usina, eu vô perdê. Eles não vão pagá o que vale”. Tem muita gente aí que queria fazê potrero não vai fazê mais, fazê o potrero pra daí amanhã desmanchá, então essa novela aí não é de hoje, isso aí faz anos e vai continuá assim”
(seu Tião)¹

INTRODUÇÃO

Uma história parada, como as águas de uma barragem? Uma novela, como a que passa na televisão, somente possível pela transmissão de energia elétrica até nossas casas? Uma perda de tempo, como a ironia do atingido que relativiza o próprio tempo? Entre tantas possibilidades, as águas represadas pela barragem são o enredo de um evento futuro na imaginação de quem conta a história.

A versão historiográfica que se apresenta tem como incidência analisar as diferentes interpretações sobre a construção das Usinas Hidrelétricas (UHE's) de São João e Cachoeirinha na comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes. Um acontecimento sem lembrança, um episódio futuro e sem data marcada que se justifica pela necessidade de produção de energia elétrica. Muito além do contrato entre Estado e iniciativa privada, a construção enuncia uma trama de acontecimentos que entrelaça as histórias de vida da comunidade.

O enredo que delineia o cotidiano desses sujeitos está cercado de diversos episódios exteriores a Navegantes que influenciaram totalmente a comunidade. O fim do século XX no Brasil, mais precisamente no ano de 1999, foi marcado pelo “Apagão” do sistema elétrico. Medidas deveriam ser tomadas, novas hidrelétricas precisavam ser construídas.

Estudos realizados comprovavam o aproveitamento do rio Chopim para recursos hidrelétricos², o que estimulou a construção das UHE's São João e Cachoeirinha. Além dessas, estão previstas outras 14 centrais hidrelétricas na extensão de todo rio Chopim no futuro.

Em 2001, a Enterpa Engenharia venceu a licitação para a construção do

1 BORBA, Sebastião; MORAES, Valdevino. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelandia, 02/02/2015, Áudio Digital, 56min.**

2 A bacia do rio Chopim, com área de drenagem em torno de 7.500 km², está inserida no quadrilátero formado pelas coordenadas geográficas aproximadas de 25°32' e 26°35' de latitude sul e 51°30' e 53°12' de longitude oeste, região sul do estado do IAP. **Instituto Ambiental do Paraná.** Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br> . Acesso em 09 Abr. 2015.

complexo hidrelétrico. Em 2008, a Chopim Energia S. A., pertencente ao grupo Gerdau³, comprou a licitação da Enterpa e a comunidade passou a ser alvo de sucessivas pesquisas por parte dessa companhia hidrelétrica. A empresa afirmava o “potencial de produção energética” presente no rio, a UHE de São João produziria 62,5 megawatts (MW), enquanto que a UHE de Cachoeirinha produziria 42,5 megawatts e “atuando juntas, as geradoras [iriam] produzir energia suficiente para suprir as necessidades de 245 mil pessoas”⁴. Atualmente o projeto sequer recebeu a Licença Ambiental para a construção das barragens e as famílias ainda possuem uma série de dúvidas quanto às indenizações de suas propriedades.

Nesse processo, eis que surge uma categoria importante e estritamente analisada pelos estudiosos das ciências humanas que investigam os efeitos que as Usinas Hidrelétricas impõem. Além de agricultores, a mulher do campo, o homem do campo se transformam em atingidos por barragens.

Como consequência de um empreendimento hidrelétrico, os atingidos sentem os efeitos de sua construção e de seu funcionamento. Na maioria dos casos comunidades inteiras são deslocadas compulsoriamente para outras áreas. Com isso seus habitantes são desprovidos de exercer seu trabalho e de residir nas áreas alagadas pela construção da barragem.

Mas quem é esse atingido? Segundo Rene Serafim Silva e Vicente da Silva embora a categoria se apresente em uma série de livros, artigos acadêmicos e até documentários fílmicos anteriores, o termo ainda gera muita controvérsia, além de ser uma categoria desconhecida por parte considerável da sociedade como um todo⁵. A previsão da construção das barragens condiciona os atingidos de Navegantes ao tempo.

Além do passado, pensemos no futuro. Reinhardt Koselleck interpreta o tempo futuro como uma previsão realizada por instituições capitalistas que assumem um

3 A Gerdau Sociedade Anônima atua como companhia do ramo siderúrgico brasileiro em 14 países. Foi fundada em 1901 no Brasil por Joahnn Heinrich Kaspar Gerdau, imigrante alemão. Atualmente, sua capacidade de produção beneficia 25 milhões de toneladas de aço e tem Jorge Gerdau como presidente. A construção das barragens São João e Cachoeirinha é um novo marco na história da companhia que salta das siderúrgicas para as hidrelétricas. Ao todo, a Gerdau S.A. desenvolveu 16 projetos de construção de siderúrgicas no Brasil (Informações disponíveis em: <http://www.gerdau.com> . Acesso em 04 nov 2015).

4 Chopim Energia. **Informativo 1^a. Edição**, maio de 2009.

5 SILVA, R. G. S; SILVA, V. de P. da. **Os atingidos por barragens: Reflexões e discussões teóricas e os atingidos do assentamento Olhos d'água em Uberlândia-MG**. Em: Sociedade & Natureza. Uberlândia, n. 3, set/dez, 2011, p. 397-408.

papel na história e na transformação do seu curso em direção à modernidade. No processo de modernização, a história como mestra da vida está cercada da ideia de aceleração do tempo materializada em grandes empreendimentos⁶. Apesar da grandiosidade que representa um empreendimento hidrelétrico, via de regra a sua construção atinge afeta os ribeirinhos na região alagada.

Parte da controvérsia presente no debate se aloja na consideração de que nesse espaço os atingidos possuem uma única realidade. Muitas pesquisas nas ciências sociais restringem suas teses à transformação da identidade dos agricultores em atingidos pela construção da barragem. Contudo, diferentes condições de experiência se entrecruzam e não existe apenas o atingido, no singular, existem os atingidos, no plural.

Frente ao avanço das barragens, os atingidos tendem a se organizar para exigir o cumprimento dos seus direitos perante as companhias hidrelétricas, procurando se afirmar como agentes sociais do próprio tempo. O conflito eminente de interesses, fazendo emergir os posicionamentos dos grupos sociais organizados, se evidenciou na organização dos trabalhadores rurais do Vale do Chopim juntamente do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Em 1999, dois anos antes das UHE's São João e Cachoeirinha serem arrematadas pela empreiteira Enterpa, representantes do MAB entraram em contato com os agricultores de Navegantes. A finalidade do encontro era informar sobre o leilão que iria correr na Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL)⁷. O episódio oportunizou a organização de uma frente de massas e a consequente criação de um grupo de base do Movimento. Em outras palavras, a finalidade desse encontro era, segundo um atingido, “explicar como faríamos para se defender dessas empresas”⁸.

A necessidade de entender o processo possibilitou um projeto de história oral composto de entrevistas com os atingidos por barragens. As suas histórias de vida possibilitaram a existência de uma metodologia para escutar e analisar a sua interpretação do contexto em que vivem. As vozes captadas pelo gravador, transcritas no papel e analisadas pelo pesquisador se envolvem com a construção

6 KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

7 A organização do MAB, a ponto de descobrir sobre o leilão, evidencia o vazamento de informações no interior da entidade reponsável pelo setor energético no país.

8 A reprodução das falas em meio ao texto respeita a norma culta. Mas quando aparecem nas citações é respeitada a fala coloquial dos atingidos.

das UHE's São João e Cachoeirinha.

A possibilidade de produzir e interpretar registros de memórias e experiências fundamentalmente vividas em comunidade possibilita compreender as diversas representações no tempo como construções concretas da realidade vivida. Com isso, a entrevista se coloca a complexidade na realidade, mesmo a partir da simplicidade da fala de pessoas e da sensibilidade da audição da voz pelos seus próprios protagonistas. O entrevistado, em seu exercício de memorizar, constrói uma narrativa que sobrevive no tempo histórico. A memória não é passado, mas sim, uma construção sobre o passado, atualizada e ressignificada no presente.

Raphael Samuel considera a memória oral como um elemento mental cercado mitos e desejos, “una fuerza activa y modeladora” em seu dinamismo de ouvir, recordar e contar. A memória não emerge do passado como que se resgata. A memória transforma também o pensamento histórico, reinterpretando o passado constantemente no tempo presente⁹.

A organização do MAB, sob as palavras de ordem “Água e energia não são mercadorias”, enfrentando os interesses capitalistas das empreiteiras hidrelétricas criou a *Comissão dos Atingidos pelas Barragens São João e Cachoeirinha*. Relatos de peregrinações de casa em casa, em reuniões, organizações de prosas com grupos de famílias nas comunidades atingidas são comuns. Um entrevistado enfatizou esse processo negativamente dizendo que os militantes do MAB “cartilharam o povo” e “fizeram uma lavagem cerebral”¹⁰.

O convite para as entrevistas aconteceu de maneira peculiar, essas foram apresentadas aos entrevistados como simples “prosas”¹¹ pelo entrevistador. As conversas foram transformadas em documentos transcritos e são concebidas como tempos discursivos, pois constroem referência ao que aconteceu ontem, hoje e ao

9 SAMUEL, R. **Teatros de la memoria**. Pasado y presente de la cultura contemporánea. Valencia: Universidad de Valencia, 2008. p. 12.

10 Na linguagem comum dos movimentos sociais, especialmente do Movimento dos Atingidos por Barragens e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, as “prosas” seriam reuniões que visam esclarecer os trabalhadores rurais sobre a conjuntura local, regional, estadual, nacional e até global. Ou seja, a participação do indivíduo militante está circundada de um contexto histórico, o processo de esclarecimento por parte dos coordenadores dos movimentos sociais estipula estratégias de atuação por parte do coletivo das massas frente ao avanço do capitalismo.

11 Prosa, aqui, assume outro sentido. Na linguagem comum de Navegantes essa pode ser considerada uma conversa informal. Apesar das formalidades acadêmicas e dos procedimentos éticos da pesquisa, a ideia é que a “entrevista” não possua formalidade e que o entrevistado fale por si mesmo conforme fala no seu cotidiano, ou seja, que a entrevista seja um simples bate-papo.

que acontecerá amanhã.

Entre o relato do antes e do depois persiste a concepção do tempo do indivíduo, sua temporalidade. A memorização, o ato de lembrar, produz a temporalidade. Como denomina Milton Santos cada concepção do tempo “não é o tempo tal como ele é, ou seja, tal como passa; é o tempo tal como dele nos lembramos ou como imaginamos, é o tempo tal como o percebemos”¹².

Para Humberto José da Rocha, além do tempo, a relação espaço-temporal “vvida pelas comunidades locais é drasticamente atingida pela inserção de um projeto de grande escala no local” que possibilita a coexistência de “temporalidades hegemônicas e não hegemônicas, ou hegemonzadas”. Ao momento que se projeta a construção, a companhia hidrelétrica participa e age na comunidade buscando a hegemonzação¹³.

A coexistência de difentes percepções do tempo nas relações espaço-tempo se constituem entre as diferentes concepções de território que se forjam a partir do espaço. Tais territorialidades são apropriações do espaço ocasionadas por um agente que juntamente da sua temporalidade desenvolve suas técnicas e ações constituindo um território combinado com seu discurso sobre o espaço¹⁴.

O aparecimento das companhias hidrelétricas demonstra que o local e o global convivem reciprocamente e que juntamente aos avanços tecnológicos possíveis pela globalização persiste o que Milton Santos denomina “tempo do lugar”. Isto é, “o conjunto de temporalidades próprias de cada ponto do espaço” que é dado “pelo conjunto de técnicas existentes naquele ponto do espaço”. Com isso, a noção de territorialidade evidencia que cada indivíduo subjetiva o seu pertencimento na paisagem do Vale do Chopim¹⁵.

Os rastros da sola de uma bota de borracha no barro da estrada, o muro de taipa que divide as criações da lavoura, a estrebaria abandonada, o monte de feno carregado na carroceria de um Ford F100, o trator revirando terra, a estrada de calçamento como um corredor dividido de um lado por mata nativa e de outro por

12 SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção . 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 33

13 ROCHA, H. J. da. **O controle do espaço-tempo nos processos de instalação de hidrelétricas**. Em: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. 2014. p. 29

14 Para Milton Santos, o espaço se apresenta como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá”. SANTOS, op. cit., p. 63.

15 Idem, p. 58.

uma floresta de eucaliptos, os cavalos correndo no campo, o trigo dançando entre o vento, o casal de chupins se acasalando, a cruz enferrujada no portão do cemitério centenário, a Araucária solitária entre a lavoura sem fim de milho, o cogumelo que nasce na bosta de um boi Zebu, a geada branqueando os campos, os pescadores dormindo sob um parreiral coberto de uvas Niagara e a imensa paisagem pitoresca do Vale do Chopim ao fundo são cenários que transbordam a narrativa para outras dimensões.

Todos os elementos citados ademais não seriam evidências da relação dos ribeirinhos com a paisagem do Vale do Chopim? A multidimensionalidade avança as fronteiras da percepção de diversas temporalidades que se transformam a cada momento. A paisagem, aliás, se descortina diante de nossos olhos não apenas como um cenário alegórico, mas como resultante da relação dialética da natureza com a ação humana. A imensidão do tempo da natureza se comporta como a intemporalidade, o tempo da natureza, que apesar de parecer intocável pode ser perceptível nas vozes dos trabalhadores e nas suas experiências com o lugar?

Em suma, muito além do encanto e da alegoria, a paisagem se apresenta como obra da mente. Cada ribeirinho em sua bagagem cultural e a partir da sua condição de experiência no lugar reinterpreta a paisagem de maneira constitutiva. Toda paisagem é paisagem cultural.

E em meio a imensidão de uma paisagem, cada um se sente e sente a paisagem de maneira diferente. A percepção da paisagem, hoje, não está dissociada de uma série de elementos que agregamos dos tempos passados. Daqui até o horizonte tudo remonta lembranças. Todos os elementos do espaço como cores, odores, movimentos, sons remontam a sentimentos como felicidade, medo, amor, rancor que se transformam a cada instante.

Simon Schama considera enfaticamente que “a nossa tradição da paisagem é produto de uma cultura comum, trata-se, ademais, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões”¹⁶. Portanto, de forma intrínseca, se essa se refere às perspectivas existentes no Vale do Chopim e à possibilidade de construção de duas barragens, o que a paisagem remonta a cada ribeirinho do Vale do Chopim?

16 SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 24.

A paisagem, portanto, está humanamente associada a memória. As subjetividades inscritas na paisagem discutem com o levantamento e sistematização de dados socioeconômicos, ambientais e geográficos presentes nos Estudos de Impacto Ambiental realizados em 2008. Cada subjetividade flui como elemento constitutivo da identidade de quem a emite, sobretudo, na forma como esses sujeitos se enxergam no processo em seu modo de ser atingido¹⁷.

A análise dos dados quantitativos presentes nos Estudos de Impacto Ambiental torna-se fundamental para o andamento da pesquisa. Cabe ao historiador questionar o estatuto de neutralidade de todo documento histórico e relevando seu nível de parcialidade. Esse exercício, todavia, deve ser projetado inclusive na análise dos relatos orais. Documentos orais e escritos devem ser analisados com os mesmos critérios, ambos os tipos de fontes são tratadas de maneira equivalente e se complementam mutuamente no andamento da pesquisa.

Além do Estudo de Impacto Ambiental, como estratégia para conquistar a hegemonia da comunidade, a companhia Gerdau lançou um periódico afim de “informar sobre o processo de construção das usinas” e “esclarecer as dúvidas dos abrangidos pelos empreendimentos”¹⁸. Os informativos distribuídos entre os ribeirinhos se apresentam como evidências para interpretar como a companhia hidrelétrica se relacionou com as comunidades atingidas.

O prolongamento de uma entrevista exprime um tempo discursivo. Em uma hora de discurso, o entrevistado pode transitar entre trinta, sessenta, oitenta anos, isto é, durante uma vida toda. Os sujeitos se revestem de sua fala simples e, em alguns momentos, se emponderam pela sua participação no processo histórico, se defendem e se apresentam como coadjuvantes do curso da história.

A pele, a voz, os movimentos do corpo, tudo sofre a ação do tempo. Ainda assim, os protagonistas que relatam suas histórias de vida se afirmam em um processo de

17 Segundo Félix Guattari e S. Rolnik, os modos de existência interferem na subjetividade dos seres em seus modos de ser. Ao invés de um sujeito autônomo, um conjunto de objetos materiais interferem no processo de reconhecimento desse enquanto ser: “Não existe uma subjetividade do tipo 'recipiente' em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam 'interiorizadas'. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de 'coisas' desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (sobretudo da mídia); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade”. GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.34.

18 Chopim Energia. op. cit.

resistência ao tempo com suas memórias. O processo da entrevista produz uma narrativa que, de certa forma, engana o próprio tempo ao materializar e perpetuar os seus discursos no gravador, sabendo da transcrição e na análise das entrevistas.

Portanto, o processo de entrevista deve se constituir como uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador. Vários autores discutem a relação do pesquisador com sujeitos presentes em nossa investigação. O legado de Raymond Williams encorajou a reivindicação da cultura como algo cotidiano, apreendendo sua existência na vida de todos os seres humanos¹⁹.

Antes de pensarmos que tudo está pronto e acabado, a cultura elucida que tudo está em movimento e que esse argumento serve para nos embrenharmos no fazer-se dessa realidade. Exemplo disso é o processo do fazer-se dos atingidos na troca de experiências com o MAB, onde uma categoria desconhecida para muitos passou a ser incorporada ao seu dia a dia.

O pesquisador, tomando a história oral como uma prática constitutiva, assume para si e para o universo da pesquisa uma infinidade de possibilidades. Dimensões se abrem para inscrever sentidos alternativos na interlocução ativa com os atingidos, sujeitos e agentes sociais da realidade²⁰.

Apesar dos conflitos inerentes ao processo de construção do complexo São João e Cachoeirinha, diversos relatos consideram os processos de hegemonização das

19 Ver “Cultura” em: WILLIAMS, R. **Marxismo y literatura**. Barcelona, Península, 2000.

20 “A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, propósitos e significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação. Depois, em segundo lugar mas de igual importância, está a comprovação destes na experiência, a construção de novas observações, comparações e significados. Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e significados, que são apresentados e testados. Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. Alguns escritores usam essa palavra para um ou para o outro sentido, mas insisto nos dois, e na importância de sua conjunção. As perguntas que faço sobre nossa cultura são perguntas referentes aos nossos propósitos gerais e comuns e, mesmo assim, são perguntas sobre sentidos pessoais profundos. A cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (WILLIAMS, R. **A cultura é de todos** [tradução do manifesto “Culture is ordinary”]. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1>. Acesso em 03 de Mar 2015).

companhias hidrelétricas. Promessas são lembradas. Uma terra melhor para se sobreviver, um preço alto na indenização, a oportunidade de abandonar o campo e ir pra cidade. Portanto, embora algumas memórias façam emergir o conflito de interesses entre a Comissão dos Atingidos e as companhias hidrelétricas, persiste entre os relatos também posicionamentos favoráveis à construção das barragens.

O tempo das barragens, por isso, evidencia que a memória individual, por sua vez, está em frequente negociação com a memória coletiva, pois essa é constituída em um trabalho coletivo de troca de experiências. Fato é que a memória está sempre em disputa, a memória sempre está dividida²¹.

Apesar de aparentar ser uma rocha sólida, a memória em sua superfície porosa se deixa infiltrar pelas águas, se deixa redesenhar pelos ventos que a cortam, se deixa quebrar por uma pesada marreta, isto é, a ação do tempo, pela erosão da ação externa de outros agentes. Analisando as memórias dos navegantes, podemos identificar ribeirinhos próximos do MAB assim como a existência de moradores que contribuíram para a atuação da Chopim Energia no Vale do Chopim²².

Em 2013, uma Ação Civil Pública foi movida pelos militantes da Comissão dos Atingidos até a Justiça e anulou as duas Audiências Públicas, bem como as Licenças de Instalação do complexo hidrelétrico. Eis o impasse, a inconclusão das barragens evidencia a fragilidade e a limitação do tempo presente. A história imediata de algo que se prolonga há quase duas décadas enuncia a contradição da sua longa duração. A situação chamada pelos atingidos como “novela das barragens”, “fulia das barragens” e até “lenga-lenga” oportuniza a história do tempo presente como modalidade de interpretação para a pesquisa científica.

Uma história que ainda não aconteceu? Um conflito direto entre a Gerda e o MAB? Uma história que presente nas vozes dos atingidos? Com a construção das barragens, qual é o passado que se recorda pelo entrevistado? Ou ainda, com a expectativa da construção, qual é o futuro que se imagina por ele mesmo?

Presente-Passado, Presente-Futuro... Elementos aparentemente opostos passam a conviver no discurso do atingido. A pesquisa em questão possui essa

21 Sobre memória dividida ver mais em: PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana**. Em: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). Usos e abusos da História oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

22 Sobre isso ver mais em: HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990; POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos 2.3 (1989): 3-15;

excepcionalidade. Pois as lembranças recentes de Navegantes não se transmitem apenas sobre os episódios passados, mas, sobretudo, se refletem também sobre o acontecimento do futuro da construção das barragens.

No prolongamento da entrevista, antes de apresentarem-se pontos dicotômicos, passado e futuro se descortinam como participantes de projetos de vidas entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa²³. Ao contrário de uma sucessão dos tempos, as lembranças emergentes não contradizem os diversos tempos, mas sugerem as relações do presente, do passado e do futuro.

O canteiro que não foi feito, a abóbora que não foi plantada, o poteiro que não foi criado... O horizonte incerto e nebuloso do futuro é observado numa relação conturbada entre o tempo presente e o tempo futuro, aqui, no caso, numa relação conflituosa provocada pelas UHE's São João e Cachoeirinha ainda não terem sido construídas.

Para a análise historiográfica em questão, a vivência etnográfica²⁴ do pesquisador não o permite tratar os sujeitos históricos como meros objetos. O diálogo com os ribeirinhos está além do círculo dos especialistas e crava na pesquisa uma história viva existente na convivência e, inclusive, no choque de culturas. A realização da pesquisa não está dissociada das condições de produção do conhecimento histórico e da crise das universidades públicas na atualidade.

A bolsa para financiar a pesquisa só apareceu sete meses após o processo seletivo. Por isso, fica aqui registrado o meio agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Assim como é importante registrarmos a dificuldade de produzirmos ciência nesse modelo colonizado, meritocrático e injusto de distribuição de bolsas defendido por alguns mas que dificulta o diálogo com a sociedade. Conhecimento para quê? Conhecimento para quem? Enquanto as bolsas no setor de humanas estão escassas, as empresas privadas cada vez mais adentram os demais setores que recebem mais bolsas.

Advogados defendem as grandes companhias multinacionais, espécies de

23 KOSELLECK, op. cit.

24 Considerando a etnografia como o estudo da cultura dos povos, registrando a memória em simples conversas, concordamos com Scott Head e M. Gonçalves que esse estudo “assume a metáfora do corpo como estratégia narrativa, uma vez que o corpo é composto por materiais diferentes e, sobretudo, porque o etnógrafo pode somente perceber as coisas por e através deste corpo que habita. Assim, o corpo e o etnógrafo são meio de compreensão da representação e da apresentação do eu e do outro no processo de construção da etnografia” GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. 7Letras, 2009. p.7.

sementes transgênicas continuam sendo pesquisadas por agrônomos e até as hidrelétricas continuam sendo projetadas por engenheiros. A comunidade de Navegantes agora se torna cenário para a atual pesquisa etnohistoriográfica que analisa esses e outros elementos no tempo e na paisagem.

No sentido inverso, a teoria surge a partir dos fenômenos encontrados na trama do processo. O historiador não se constrói em conceitos isolados em um capítulo teórico que separa a teoria do desenvolvimento da pesquisa. O tempo da entrevista possibilita a subjetividade inerente do pesquisador não como uma trajetória fidedigna da vida da pessoa que fala. As anotações durante a entrevista no caderno de campo evidenciam os elementos ficcionais criados nas narrativas orais e outras percepções na análise do historiador. Ao invés de um monólogo soberbo, o diálogo com os sujeitos históricos imprime a pesquisa o entendimento da diversas realidades²⁵.

Os debates não se rendem a formalismos do academicismo, doença infantil do empirismo. A normose²⁶ diagnosticada na obsessão pela padronização, no “distanciamento” do intelectual com o meio social e no produtivismo obstrui a criatividade e o senso crítico atinge a produção intelectual do mundo. O economicismo vulgar que privilegia as pesquisas com fins de mercado produzem a ciência como produto²⁷.

A história oral apresenta-se como uma ferramenta de pesquisa que constrói um caminho para conhecer e compreender conhecimentos trazidos pelos sujeitos envolvidos ao processo aqui analisado. Fortalecendo uma relação de troca de saberes e experiências com os mesmos numa prática interdisciplinar (História, Antropologia, Geografia, entre outras disciplinas) envolvida entre procedimentos de

25 FEYERABEND, P. K. **Diálogo sobre o método**. Madrid: Cátedra, 1990.

26 A normose é uma doença grave e desumanizadora no meio acadêmico. Preconceito perante o diferente, inveja descomunal, submissão ao produtivismo, caretice com o inesperado são os sintomas mais comuns. Renato Santos de Souza critica o produtivismo e a meritocrática implantada nas universidades utilizados para massificar os índices de publicação: “É a Normose acadêmica fazendo a sua maior vítima: o próprio conhecimento, (...) fugir ao normal pode ser perigoso, pode ser incerto, pode ser arriscado quando se tem metas produtivas a cumprir; portanto, não é desejável: o mais seguro é fazer 'mais do mesmo', que é ao que a Normose acadêmica condenou as universidades e seus integrantes ao redor do mundo”. SOUZA, R. S. de. **A doença da normalidade na universidade**. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/a-doenca-da-normalidade-na-universidade.html> Acesso em 05/01/2015.

27 Entendemos que o economicismo vulgar como um sintoma da normose. A falta de leitura produz sintomas que vão do anacronismo para falar do passado até a criação de bases economicistas para explicar o funcionamento social como um sistema de causa e efeito. Inspirado em: HOBBSAWM, E. O que os historiadores devem a Karl Marx. Em: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 155-170, 1998; THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

produção e interpretação de narrativas orais, através de entrevistas gravadas em áudio e/ou vídeo em formato digital, de trabalhadores rurais e turistas que frequentam o lugar. Essa prática põe-se como um campo de possibilidades, pois além de promover diálogos com os trabalhadores envolvidos, também permitirá a inscrição e o registro documental de seus sentidos e significados sociais.

Os elementos subjetivos na voz do próprio narrador extirpam alguns episódios em favor de outros. As representações em questão demonstram que toda narrativa possui algum caráter de fabulação na memória. Acreditar que o relato não possui tons de ficção seria o mesmo que acreditar que a ficção não possui tons de realidade²⁸. Parafraseando Robson Laverdi, fato é que não lembramos dos acontecimentos como são, lembramos dos acontecimentos como somos.

Os “causos”²⁹ das hidrelétricas alojam a arte do discurso e em sua estética influenciada por elementos que incorporam a subjetividade do narrador. A transcendência caminha entre a simplicidade da forma de relatar e a complexidade dos acontecimentos interpretados.

No interior do projeto de pesquisa, a história oral se apresenta como mais um projeto com diversas etapas para sua realização: 1) Definição do objeto de estudo; 2) Preparação da entrevista; 3) Roteirização das entrevistas; 4) Realização das entrevistas: os entrevistados receberam a entrevista transcrita juntamente da Carta de Cessão. Caso aceitasse ceder seu depoimento a pesquisa tal documento serviria para confirmar seu comprometimento com as informações prestadas; 5) Transcrição das entrevistas; 6) Conferência de fidelidade: etapa importante após a finalização da entrevista, visou conferir diversas informações relevantes do depoimento; 7) Análise das entrevistas: o pesquisador cruzou as diversas entrevistas afim de construir relações e estabelecer correlações, assim como atender aos objetivos de pesquisa; 8) Arquivamento³⁰.

Como as águas do reservatório, as memórias transbordam o terreno da pesquisa e suscitam debates acerca da terra que não estão registrados nos documentos

28 Ver mais em: BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. Usos e abusos da história oral. 1996: 183-191.

29 Na linguagem comum de Navegantes, um causo é uma história, um episódio relatado e interpretado aqui pelo entrevistado. A estratégia objetivada pelo pesquisador foi adotar esse termo respeitando a linguagem comum dos atingidos sem caretece. Causo aqui não tem sentido, necessariamente, de piada, anedota, fantasia ou conversa fiada.

30 Ver mais em: DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Autêntica, 2006.

escritos. Se pensamos uma história das memórias e da paisagem, pensamos em seu caráter cultural onde se ecoa um processo de luta pela terra e as diversas visões constitutivas dos navegantes.

A presença de diversas crônicas históricas em meio ao texto evidencia o ato de escrever história e de sentir história. A atmosfera de pele do momento transpassada no caderno de campo serve para exalar a subjetividade do escritor. Ao construir as narrativas, o pesquisador também é um ser em construção.

Em uma tarde, às margens do rio Chopim no encontro com o rio Pato Branco, a página embarrada do caderno foi preenchida da metáfora do corpo cansado que depois se transmite para o computador. Ao fundo a imensa paisagem comunga das memórias analisadas logo após mais uma entrevista.

O som da cachoeira se confunde com a respiração, o pôr do sol irradia outra energia envolvida pelas matas e pelo balanço calmo das águas. De longe, a cidade, sua beleza está, ironicamente, na sua distância. Em meio ao verde da verdade se transmite o sonho lúcido de viver o lugar intensamente. Eis o aqui e o agora. Desde seu leito, passando pelas árvores que o envolvem até sua profundidade, os olhos seguem o rio por uma paisagem intensa que vigora como uma aquarela viva.

Cada passo é um aprendizado e o arquivo dos pés leva o pesquisador ao rio da transformação. O relato do viajante que ali vai produzir entrevistas se traduz no encontro com o desconhecido e lá embaixo o rio faz sua analogia. Ele sempre passará e, como parte de um todo, suas águas nunca serão as mesmas. Antes de um regate, a reflexão necessária e desafiante da vivência é que não fazemos histórias de vida das pessoas, fazemos histórias de vida com as pessoas³¹.

Diante da imensidão da paisagem, o pesquisador se questiona sobre a entrevista: quem é o “outro”? O historiador sente-se pequeno perante os universos que o circundam enquanto “eu”. O efeito da etnografia participa do todo. Viajando sem sair do lugar se desperta para o real, transcendendo o ego como falsa impressão de si mesmo e se jogando no rio do verdadeiro eu.

A linha Nossa Senhora de Navegantes atualmente possui cerca de 17 pequenas propriedades sendo que a prioridade das entrevistas foi dada aos 14 moradores proprietários. Essa escolha não tinha por objetivo segmentar os moradores, mas se

31 Perdida no caderno de campo, essa paráfrase se comportaria como uma citação das aulas do professor Robson Laverdi.

favoreceu pela facilidade de encontro.

O projeto inicial previa mais entrevistas com mulheres, jovens, arrendatários e meeiros, favorecendo a pluralidade. Esse cenário não foi contemplado no desenvolvimento da pesquisa. Ao todo foram 15 entrevistas com os atuais moradores, uma com morador que passa apenas os fins de semana na propriedade, uma com antigos moradores, uma com um morador da comunidade que no caso não será atingido, uma com um especialista no assunto e quatro com visitantes do lugar, totalizando 23 entrevistas.

A preferência de transcrição real respeitando a fala coloquial das pessoas e do entrevistador, buscando ser fiel o máximo possível a sua linguagem comum. Essa foi uma alternativa para que os entrevistados se reconhecessem em suas falas sem alterar o sentido de palavras e frases. A perspectiva adotada privilegiou a familiaridade do pesquisador com essa linguagem. Sobretudo, procurou-se perseguir os conceitos próprios dos entrevistados em suas narrativas. Tendo em vista a riqueza e complexidade dos sujeitos e experiências abordadas apresenta-se a seguir uma rápida biografia dos entrevistados. A relação abaixo respeita a ordem de menção no texto.

Afonso Bach Ruzza, 72 anos, depois de se casar nos anos 1970 passou a residir na comunidade São José, vizinha a Navegantes. Filho de Pedro Fernandes Libro Ruzza, residiu até seu casamento com o pai, trabalhou ainda muito jovem nas obras da Usinha Hidrelétrica do Chopim na década de 1950, construção que não chegou a se concretizar, mas que ele recordou em sua entrevista de maneira enfática. Inclusive associando-a a demais acontecimentos que marcaram a região, como é o caso da Revolta dos Posseiros de 1957.

Maria Clara Ruzza Rissardi, 75 anos, e Dercírio Rissardi, 71 anos, são casados há 40 anos. Maria é filha do falecido Pedro Ruzza e irmã de Afonso e de José Ruzza, a entrevista do casal que recebia seu Afonso como visita também se restringiu ao cotidiano da antiga Usina Hidrelétrica do Chopim.

Ciro Carletto, 60 anos, nascido e crescido em Navegantes, descendente de italianos, foi madeireiro e, derrubando a mata nativa da localidade, abriu grande parte das fronteiras agrícolas. Desde muito jovem foi envolvido com a comunidade, quando cuidava do campo da paróquia. Atualmente é o presidente da capela e

proprietário do *Recanto do Carletto*, que recebe centenas de pessoas na alta temporada do verão. Seu papel de influência na comunidade o aproximou do MAB em 1999, quando foi constituída a Comissão dos Atingidos pelas Barragens São João e Cachoeirinha.

José Donato Ruzza, 55 anos, e Maria Albrecht Ruzza, 45 anos, casados há mais de trinta anos, possuem três filhos e são proprietários do Recanto do Ruzza que recebe centenas de pessoas na alta temporada de verão. Sua entrevista também esteve mais focada no cotidiano da antiga Usina Hidrelétrica do Chopim.

Nelson Antonio Keller, 62 anos, antigo funcionário da concessionária Varaschin que prestava serviços de aluguel de veículos para a COPEL na usina hidrelétrica de Salto Caxias. Além dessa, trabalhou durante a construção de outras oito Usinas Hidrelétricas. Sua experiência e proximidade com os técnicos dessa companhia estatal possibilitou a construção das UHE's São João e Cachoeirinha.

Juraci Nande Cardoso, 60 anos, após sobreviver em vários lugares, acabou indo morar em Navegantes. Possui um filho que mora em Curitiba, esposa de Pedro Cardoso, desde que vieram residir na comunidade, há 30 anos, tomaram conhecimento de que uma Usina Hidrelétrica seria construída no rio Chopim. Possuem uma quarta de terra.

Roberto Bach, 40 anos, motorista de ônibus no transporte rural escolar, sobrevive de uma criação de terneiros e galinhas. Possui apenas hum alqueire e meio de terra. Arlindo Kerber, 52 anos, popular Laco, e sua esposa Marilei Kerber, 49 anos, em sua propriedade será construída a barragem Cachoeirinha. Antônio Luiz Parizotto, 58 anos, adquiriu uma propriedade em Navegantes há 15 anos, comerciante, possui uma rede de lojas de roupas no sudoeste do Paraná e no Oeste de Santa Catarina.

Augusto Bach, 51 anos, cunhado de Ciro Carletto. Sebastião Borba e seu primo Valdevino Moraes de Andrade, popular Vito, ambos possuem 62 anos vividos em Navegantes e produzem milho e feijão o ano todo. Os três entrevistados se apresentam como militantes do MAB. Darci Guerra, 65 anos, arrenda sua terra para produção de soja, foi encontrado em sua casa junto de sua esposa Nair Dognaroto.

Mário José Tagliari, o Palito, 55 anos, membro da geração de 1970 organizou dois festivais denominados Rock n'Ruzza. Izamara de Bortoli, 53 anos, membro da geração de 1980, relatou sua participação nesses festivais. Gilberto Carvalho era

ministro da Secretaria Geral do governo Lula.

Celso Ferraz Bet, 28 anos, membro da geração atual, entretanto, frequenta o Vale do Chopim desde a infância. Ficou conhecido pelos moradores da localidade por realizar festas com música eletrônica nos recantos, assim como por fazer pesquisas biológicas no lugar.

Marcelo dos Santos, também membro da geração atual, além de frequentador do Chopim reside na comunidade Alto do Gigante e é militante do MAB. Na comunidade onde mora está planejada a construção de mais uma barragem.

O sujeito observado, escutado, analisado é um ser refletido que o esvazia e o completa, o cala e o inquieta, sobretudo, metade de mim que existe nele. Investigando a paisagem e o ser humano, a problemática tem um novo sentido, um novo significado: Como alguém se sente pertencente a um lugar assim como o lugar o pertence? E cada capítulo da dissertação aborda problemas que motivam as temáticas da pesquisa que assim foi organizado:

O primeiro capítulo Teias do Chopim – Os navegantes e a paisagem, analisa as narrativas que se referem a constituição da comunidade. A análise da pesquisa interpreta as diferentes temporalidades dos ribeirinhos mais antigos até os moradores mais recentes. Os últimos constituem concepções de tempo totalmente atreladas às atuais barragens, pois desde que chegaram em Navegantes sabem da construção das usinas.

Como os ribeirinhos interpretam a paisagem do Vale do Chopim no tempo? Como os moradores compreendem a atuação do Estado nesse espaço no período da colonização? Como os entrevistados lembram de sua família durante a entrevista?

O segundo capítulo: A “fulia das barragens” - a temporalidade do complexo São João-Cachoeirinha e as experiências dos atingidos vivencia as diferentes narrativas dos atingidos frente ao avanço das companhias hidrelétricas, analisando suas histórias de vida como reflexo das condições de sobrevivência.

Como se consolidam as condições de sobrevivência dos atingidos durante o processo das barragens? Como essas condições influenciam o posicionamento dos atingidos favoráveis ou contrários ao processo das barragens? Como passado, presente e futuro se relacionam no processo de constituição da entrevista? Como as relações da Gerdau e do MAB em Navegantes são interpretadas pelos atingidos?

Como os moradores se sentem pertencentes ao Vale do Chopim? Como os ribeirinhos se sentem atingidos em seus saberes pela construção das barragens?

O terceiro capítulo: Tempo é arte – A Nova Era no Vale do Chopim analisa as narrativas dos turistas e visitantes dos locais de lazer, as suas práticas de lazer, os festivais de rock n'roll e música eletrônica que ali aconteceram e, sobretudo, como esses personagens possuem entendimento do processo de construção das UHE's. Entre as lembranças dos entrevistados, se destacaram o Recanto do Ruzza e o Recanto do Carletto.

Como os visitantes do lugar interpretam os acampamentos e suas práticas sociais? Como se estabelecia e se estabelece a relação dos turistas com os proprietários dos recantos? Como as gerações atuais se sentem pertencentes ao lugar? Como as barragens interferem nas práticas de todas essas gerações no Vale do Chopim?

A problematização da diversidade de narrativas e dos fenômenos sociais presentes no processo histórico oportunizaram uma questão de partida para a pesquisa: Como os membros da comunidade reinterpretam suas memórias face à possibilidade de construção das barragens?

CAPÍTULO I

Teias do Chopim – Os navegantes e a paisagem.

O historiador deve ser um andarilho. E não culpe o escritor por nossa caretece. Foi Marc Bloch quem escreveu isso considerando que “o historiador não pode ser um sedentário, um burocrata da história”, mas ser “fiel a seu dever de exploração e de aventura”³². A papelada dos documentos ficou no escritório e a caminhada etnográfica poderia se perder em meio a imensidão da paisagem do Vale do Chopim. Ainda assim, os objetivos foram traçados, o itinerário foi planejado, o roteiro da entrevista foi elaborado. O historiador vive passo à passo e a problemática persegue evidências a partir das interrogações que movem a pesquisa: Como os ribeirinhos interpretam a paisagem onde vivem?

Nesse momento inicial, dialogaremos com aspectos históricos importantes da localidade Nossa Senhora dos Navegantes, localizada em Clevelândia, sudoeste do Paraná. Todos os elementos que aqui se inserem interatuaram na memória dos atingidos por barragens que foram entrevistados. As entrevistas que tematizaram a construção das Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha (UHE's) retomaram a lembrança da colonização da localidade e da construção da antiga Usina Hidrelétrica do Chopim.

I.1 “Era gente, era braço, era fogo”: entre glebas e grilos, a comunidade Nossa Senhora dos Navegantes

“Inclusive quando nós viemos entrá morá ali, nós viemo por Pato Branco, posemo na bera do rio, do lado de cá ali da ponte. Nem tinha ponte, nós passamo no outro dia de carroça de boi, no meio das água” (Afonso Ruzza, 72 anos)³³.

O filho do “pioneiro” Pedro Libro Fernandes Ruzza contou da chegada de seu pai em Nossa Senhora dos Navegantes há mais de 60 anos. A lembrança de Afonso Bach Ruzza quando criança retomou a colonização da localidade e relatou sobre a Usina Hidrelétrica do Chopim, da qual o pai foi mestre de obras, a memória de um acontecimento do passado agora lembrado em idade avançada produz sentido no

32 BLOCH, M. **Apologia à história:** ou o ofício do historiador. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

33 RUZZA, Afonso e Maria. RISSARDI, Dercírio. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. 22/12/2014. Áudio Digital. 38min.**

presente quando comparados às hidrelétricas de São João e Cachoeirinha³⁴.

Nesse momento inicial, se torna importante analisarmos o processo de constituição de Nossa Senhora dos Navegantes, lugar preexistente das Usinas Hidrelétricas de São João e Cachoeirinha. No ritmo do tempo, a povoação que ocupa as margens do rio é como o próprio rio.

À frente da carroça, o chefe de família. Não havia estrada de Pato Branco até Clevelândia em 1953. O barulho do machado batendo nas imensas árvores para abrir caminho destoava em meio ao canto dos pássaros e da buia incessante do velho Chopim¹. Ao relembrar acontecimentos do passado, Afonso Ruzza, enquanto seu protagonista se afirma como testemunha ocular de cenas imaginadas ao serem ouvidas e escritas.



Figura 1: Rocha com incrições Kaingang indecifradas encontrada por Nelson Keller, evidência da presença indígena no Vale do Chopim.

Milhares migravam do interior do Rio Grande do Sul e como os Ruzza outras milhares migraram de Santa Catarina para o Paraná³⁵. A paisagem natural e social

34 RUZZA, Maria Albrecht; RUZZA, José. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. 16/12/2014. Áudio Digital. 74min.**

1 Na linguagem comum de Navegantes, buia seria o barulho do rio.

35 As fotos sem referência nos quadros pertencem ao acervo próprio e estão todas referenciadas no fim da dissertação.

da comunidade foi constantemente transformada por tropeiros, indígenas, fazendeiros, exploradores, mateiros, madeireiros, caboclos, jagunços, posseiros, operários, sobretudo, por diversos elementos que constituíram a comunidade de Navegantes, em Clevelândia³⁶.

O processo histórico onde tais sujeitos se relacionavam e as tensões mediadas por seus grupos sociais foram investigadas nos documentos históricos. Nesse sentido, as entrevistas comumente nos levam a outras fontes que possibilitam compreender como esses personagens, com seus saberes e suas práticas, apareceram no enredo da história afirmando e forjando identidades.

Em 8 de novembro de 1809, no Rio de Janeiro, Dom João VI assinava a carta que declarava guerra contra “os indios Botocudos” dos campos que iam de Guarapuava até o rio Paraná, uma região “infestada de bugres” que impediam a formação da sua “civilização”³⁷. Em 1828, com o fim do aldeamento Atalaia em Guarapuava³⁸ os indígenas sobreviventes asilaram-se, onde atualmente estão localizados os municípios de Palmas e Clevelândia. Pelos campos de Bituruna³⁹, nomeados assim pelos Kaingang, passaria uma via de comunicação que partia de Guarapuava e chegava até Nonohay, no Rio Grande do Sul. A necessidade da construção da estrada aproximou colonizadores do Cacique Kaingang Vitorino Condá, sobrevivente do Atalaia, que os ofereceu segurança total e apoio ao processo de construção⁴⁰.

Em 1843, sete anos depois da fundação do povoado de Palmas, um outro grupo kaingang colaboracionista da colonização era liderado pelo Cacique Kaingang Viri. Condá foi levado a São Paulo, na época capital da província, a fim de ser apresentado às autoridades e Viri ficou em Palmas⁴¹. Ruy C. Wachowicz defende a ideia de que a divisão dos indígenas Kaingang em diferentes grupos era algo

36 WACHOWICZ, R. C. **Paraná, sudoeste: Ocupação, Colonização**. Curitiba: Litero-Técnica, 1987. p. 32

37 BRASIL. **Carta Régia de 08 novembro de 1809**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 03 jun. 2015.

38 O aldeamento Atalaia foi criado padre Francisco das Chagas Lima e contou com proteção armada do comandante Diogo Pinto (POCAI FILHO, R. L. **Sertão e civilização do Paraná: Análise do fator territorial na colonização dos Campos de Palmas** In: Terr@ Plural. Ponta Grossa, v.5, n.1, p.75-84, jan./jun. 2011. p. 79).

39 Previsto Gonçalves da Fonseca Columbia, 28 de janeiro de 1865 ao secretário do governo. Arquivo Público do Paraná.

40 POCAI FILHO, op. cit.

41 A emancipação do Paraná perante São Paulo somente aconteceu em 29 de agosto de 1953, a partir da Lei no. 704.

proposital: “para os fazendeiros palmenses, era preciso dividi-los para enfraquecê-los, mas também, era necessário que continuassem a servir de escudo protetor da nova localidade” perante os indígenas refratários e perante a fronteira⁴².

A identificação do indígena como “outro” nos documentos diz respeito ao que Norbert Elias denomina *processo civilizatório*, isto é, “a consciência que o Ocidente tem de si mesmo” perante as demais culturas⁴³. Segundo Santiago Castro-Gomez, a consciência ocidental se configurou sobre as demais no período das colonizações, em funcionamento até os dias atuais no *sistema-mundo capitalista*. Enquanto configuração histórica de poder, o ocidentalismo promoveu o “ocultamento” da identidade do outro preexistente ao processo de colonização que esses sistemas organizam⁴⁴.

O ocultamento presente no documento seguia a tendência colonial de tratar as terras à frente de Guarapuava como “campos abandonados”. A ocupação desses campos por parte dos colonizadores presume um projeto para a região, uma ideia circunscrita de transformação do “abandono” em “civilização”. A estratégia de negação da presença do outro tem por objetivo retirar e eliminar as populações indígenas do projeto colonial, enfatizando o papel do colonizador branco. A colonização estava em jogo, sobretudo, a partir das gentes que ocupam a região. Para Roberto Lobato Corrêa, a região é um território construído historicamente pela ação do ser humano como uma circunscrição político-administrativa, produto da ação do poder central do Estado sobre o poder regional dos seus habitantes⁴⁵. O processo de formação de um território perpassa as relações de poder. De forma semelhante, Mônica Sampaio Machado também reconhece que a formação de um território perpassa as relações de poder, onde os agentes se utilizam dessa noção de poder para exercer sua territorialidade⁴⁶. A territorialidade colonialista subjugando a região em detrimento de sua ação de poder agenciava o colonizador como tipo ideal para civilização.

42 WACHOWICZ. op. cit.

43 ELIAS, N. **O Processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, v. 1, 1990. p. 23.

44 CASTRO-GOMEZ, S. **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”**. In: LADER, E. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

45 CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

46 MACHADO, M. S. **Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos espaços, território e territorialidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

Em 1843, um povoado denominado Palmas de Baixo, atual Clevelândia, vinha se formando. Segundo Wachowicz, a grilagem das terras⁴⁷ do Estado acontecia por fugitivos do serviço militar e fugitivos da polícia que receberam posses frias de terra⁴⁸. A presença de fugitivos se devia à falta de vias de comunicação que ligassem Palmas às demais regiões e a eventual falta de autoridades policiais no povoado. Em 1869, durante a Guerra do Paraguai (1864-1869), um destacamento da Guarda Nacional se deslocou até a Palmas de Baixo para guarnecer a fronteira, os alojamentos que eram provisórios acabaram se transformando em habitações permanentes. Bela Vista de Palmas, atual Clevelândia, foi criada a partir da Lei Provincial nº. 789, de 16 de outubro de 1884⁴⁹.

A colonização dos Campos de Palmas, no sudoeste do Paraná, foi disputada por diversos grupos sociais que tinham por finalidade se afirmar no território. Isso ficou ainda mais evidente durante o fim do século XIX, quando o governo argentino reivindicou a posse do Sudoeste do Paraná e do Oeste de Santa Catarina. A situação de litígio internacional ficou conhecida como Questão de Palmas (1888-1895). Ambas as regiões, estavam relativamente demilitarizadas, isoladas e abandonadas pelas autoridades brasileiras. Dom Pedro II, em 1889, concedeu os títulos das terras devolutas do Sudoeste ao engenheiro João Teixeira Soares, que, por sua vez, se responsabilizou pela construção de uma ferrovia. Com a Proclamação da República, em 1889, novas autoridades emergiam no cenário político nacional. Apesar de a República prever a participação popular na política, os representantes políticos eram membros das elites fundiárias.

Em 1895, a situação de litígio entre brasileiros e argentinos foi levada até Nova Iorque, nos Estados Unidos. José Maria da Silva Paranhos Junior, o barão do Rio Branco, acompanhado de Dionísio Cerqueira e o almirante Guillobel construíram argumentos a favor do Brasil. Para fortalecer seus argumentos, o barão do Rio Branco advogou como diplomata e se utilizou de uma porção de mapas e do *uti*

47 Entendemos grilagem como o processo onde uma pessoa se apropria de terras que não são suas fazendo documentos falsificados em um cartório. Cerca de 30% das terras no Brasil são devolutas mas possuem cercas e mais da metade dos documentos de posse de terra são ilegais, forjados ou falsos. Os grilos antigamente guardados nas gavetas dos cartórios para envelhecer um documento tinham por finalidade convencer que o documento era antigo. Esses grilos não fazem muito barulho, “cri, cri”, mas impedem até hoje uma Reforma Agrária em nosso país. Informações disponíveis pelo geógrafo Ariosvaldo Umberlino em: <http://www.cartacapital.com.br>. Acesso em 05 nov. 2015.

48 WACHOWICZ. op. cit. p. 57

49 Idem.

possidetis, um censo realizado em 1890. Esse documento comprovava que a região contestada possuía 9601 habitantes brasileiros, sendo cerca de 4173 indígenas e/ou mestiços – cerca de 40% da população. O árbitro considerado “neutro” na questão, o presidente estadunidense Grover Stephen Cleveland, através daquele Departamento de Estado apresentou a decisão de sentença a favor do Brasil⁵⁰. Em homenagem ao árbitro estrangeiro, a localidade de Bela Vista de Palmas foi rebatizada de Clevelândia.

A elaboração do sensoriamento estatístico condiz com uma tendência republicana da época. O indigenismo, a supra-valorização discursiva e literária do indígena, descrevia o ser das matas em um estágio primitivo do homem, um ser dócil, ingênuo, incorruptível e que, portanto, oferecia perigo nenhum. O romantismo que pairava sobre os povos indígenas contrastava, todavia, com a realidade dos kaingang nos sertões paranaenses⁵¹. No interior, a companhia colonizadora passou a atuar acompanhado de seus funcionários. Esses últimos, migrantes que recebiam a alcunha de “bugreiros”, caçavam os indígenas chamados “bugres” em meio da mata praticando a desinfestação indígena no sertão do Paraná. Esses homens, após “pegar a laço” e “a cachorro” as mulheres, se incumbiam da tarefa de assassinar seus familiares. Arrancavam-lhes as orelhas a fim de provar o “sucesso colonial” para a companhia; as mulheres aprisionadas, eram violentadas pelos migrantes e de seu ventre nascia o caboclo, considerado mestiço que habitava as matas de Araucárias⁵².

Em 1912, uma porção de glebas de terras foram vendidas na fronteira do estado do Paraná e de Santa Catarina para a Brazil Railway Co, entre essas estava a gleba Missões do Sudoeste. O acordo era de que a companhia construísse a ferrovia São Paulo-Rio Grande, os moradores da fronteira foram despejados de suas terras, a resistência das populações caboclas se desencadeou na Guerra do Contestado (1912-1916). Muitos sobreviventes, entre as populações caboclas, migraram para as regiões oeste e sudoeste do Paraná⁵³. Com o comércio da gleba Missões, o Sudoeste se tornou questão internacional mais uma vez.

50 Ibidem.

51 POCAI FILHO, op. cit.

52 POCAI FILHO, R. L. **A saga do “pioneiro” no sertão dos “bichos do mato”: A produção do espaço no Sudoeste do Paraná e o silêncio da História.** In: Terr@Plural, Ponta Grossa, v.8, n.1, p. 125-144, jan/jun. 2014.

53 Idem, p. 169

Além do perímetro urbano, os campos de Palmas eram considerados pelo estado como um imenso “vazio demográfico”, apesar da ocupação indígena e cabocla. No entorno do município de Palmas, os fazendeiros passaram a sobreviver especialmente da criação de gado. Wachowicz intercala essa discussão dizendo que residia na região um clima de “preconceito com a agricultura”. O “caboclo sertanejo continuava sendo responsabilizado pela estagnação da sociedade”, mas o parecer de um agrônomo que analisou as criações palmenses em 1913 concluía que a região não possuía gado de qualidade “chegando a afirmar que estavam povoados por cadáveres ambulantes”⁵⁴. A culpabilização do caboclo pela “estagnação” da sociedade palmense ocultava o seu isolamento perante os demais centros urbanos, o que impossibilitava o desenvolvimento da sociedade onde se intensificavam os conflitos².

Os 250 revoltosos da Coluna Prestes (1922-1925) passaram pela localidade de São Francisco, à beira do rio Chopim, em 1925 e o conflito com a 2ª Companhia do Exército que fazia buscas em Santo Antônio do Sudoeste foi iminente. Os conflitos entre revoltosos e militares evidenciam o encontro de uma diversidade de visões de mundo em uma região com vários territórios⁵⁵.

Em 1930, forças políticas depuseram o presidente Washington Luís e Getúlio Vargas assumiu a presidência. A queda da bolsa de valores, um ano antes, conturbou os mercados internacionais e os movimentos nacionalistas vinham ganhando força na Europa e na América Latina. Com o fim da chamada República “café com leite”, Vargas governou uma década e meia, nacionalizou em 1943 diversas regiões sendo que entre elas estava o Território Federal do Iguaçu. Em meio a Segunda Guerra Mundial, a onda nacionalista oportunizou o controle do estado por diversas fronteiras, algo contestado pelo governo do Paraná que, por sua vez, transferiu a gleba Missões da Brazil Railway Co. para a BRAVIACO (Companhia Brasileira de Viação e Comércio).

Em 1º de maio de 1943, apesar da transação da gleba, Vargas criou a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO) que incentivou a colonização do

54 WACHOWICZ, op. cit. p. 67

2 MONDARDO, M. L. **Os Caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído**. Em: História em reflexão: Revista Eletrônica de História. Vol. 2, n. 3 – Dourados: UFGD, 2008.

55 WACHOWICZ, op. cit.

sudoeste do Paraná. Simultaneamente, existiam de um lado, o projeto de nacionalização de Vargas e, de outro, o projeto do governo negociando Missões com os estrangeiros. O territorialismo federal, a concepção de território da União, favoreceu o fluxo migratório de milhares de catarinenses e gaúchos até o Sudoeste, processo que ficou conhecido como a *Marcha para o oeste*⁵⁶.

Em 1º. de maio de 1948, dois anos após a extinção do Território Federal do Iguaçu, o empresário Moysés Lupion – membro do Partido Social Democrático (PSD) - assumiu o mandato de governador e prometeu modernizar o Paraná. Enquanto pessoa pública se comprometeu com o que seria chamado “progresso”. Em outras palavras, sua missão era ocupar o “vasto sertão” do Paraná. Enquanto empresário, o governador era sócio da companhia imobiliária Clevelandia Industrial Territorial Ltda (CITLA), empresa que passou a construir estradas, pontes e até barragens para produzir energia elétrica com o objetivo de produzir celulose. Em Clevelândia, Mário José Fontana tomou todos os direitos de José Rupp, um dos principais acionistas da companhia. Para realizar o projeto da celulose, a CITLA passou a vender títulos de terras aos colonos que estavam na região com a finalidade de financiar a colonização⁵⁷.

As diferentes concepções de território no sudoeste colocaram o tempo como elemento de seus contrastes. Nesse sentido, Reinhart Koselleck argumenta que cada tempo possui também uma infinidade de concepções do próprio tempo, cada ser humano e cada grupo social possui um ritmo temporal próprio que chamamos temporalidade. Em um processo de ocupação de terras existem múltiplas concepções de tempo, dentro do mesmo tempo existem múltiplas visões de mundo. A marcha em direção ao “progresso” seria a visão de mundo constituída no grupo empresarial criado por Lupion, acelerando o tempo do lugar em direção ao futuro em uma apropriação privada do espaço⁵⁸. Para Koselleck, os documentos históricos permitem interpretar como o tempo fora pensado naquele “tempo presente em uma dimensão temporal do passado em relação de reciprocidade com a dimensão

56 Idem.

57 PARANÁ. **Mensagem de governo de 1948**. Disponível em: <http://arquivopublico.pr.com.br>. Acesso em: 22 mai. 2015.

58 A apropriação privada do espaço por Lupion e Fontana aconteceria por um sistema de técnicas e ações incorporados na conjuntura do sudoeste. A interferência do governo na região criava voluntariamente um projeto de região. Ver: SANTOS, op. cit., p. 63.

temporal do futuro”⁵⁹.

O passado se faz presente pela imaginação guinando para um processo diferente do atual, ainda assim, no mesmo lugar. A narrativa dos entrevistados não se comporta como o relato de uma sequência dos tempos, mas sim como o relato de uma relação dos tempos. Passado, presente e futuro que vão e voltam no discurso.



Figura 2: Mapa que consolidou a campanha do segundo mandato de Lupion (1956-1961): as riquezas naturais paranaenses e os empreendimentos que o governo executou: café (norte), madeira (oeste-sudoeste), chá (sul) interligados pelo plano rodoferroviário (POCAI FILHO, R. L. **Entre anônimos, armados e rebeldes: Os elementos da História Social na Revolta dos Posseiros em 1957** in: Revista Mundos do Trabalho. Vol. 5. n. 10, julho-dezembro 2013 p. 107-124).

Em 17 de novembro de 1950, o Estado do Paraná repassou a gleba Missões e parte da gleba Chopim para a CITLA que passou a ser administrada por Mário Fontana. Oito milhões e seiscentos mil cruzeiros por 425.731 hectares da mata nativa de Araucárias. “Era gente, era braço, era fogo”, com essas palavras, décadas depois, em entrevista para Wachowicz, Fontana procurou justificar sua visão territorialista e sua participação naquele contexto. O sudoeste, segundo ele, passou a ser uma região sobrevoada por aviões que “verificavam tudo”, mapeando o lugar com a intenção de construir cada vez mais estradas (figura 2). Pelas estradas recém-construídas e lamacentas do sudoeste passavam imensos caminhões com

⁵⁹ KOSELLECK. op. cit. p. 16.

madeira de “primeiríssima”, ou seja, madeiras de lei e de excelente qualidade. Apesar do desmatamento em seu território, Fontana se eximiu de qualquer responsabilidade sendo que era “coisa de doer o coração”⁶⁰.

Em 27 de janeiro de 1951, o oposicionista de Lupion, Bento Munhoz da Rocha Neto membro da União Democrática Nacional (UDN), assumiu o governo do Paraná. Em seu governo, aconteceu a finalização da estrada PR-5 que cortava a fazenda São Francisco de Salles (9698 alqueires), de propriedade de Fontana em Clevelândia. A nova rodovia fez com que a fazenda fosse parcialmente desmembrada em lotes urbanos e rurais que eram vendidos pela CITLA, apesar de não pertencer à gleba Chopim nem Missões. Pela Lei nº 613/1951 o povoado de Mariópolis foi elevado à categoria de Distrito Administrativo de Clevelândia, o nome era uma homenagem a Fontana. As serrarias se multiplicaram, somente em torno do rio Veado já eram aproximadamente trinta – atual Mariópolis. A modernização da região era passível da transformação da paisagem, a extração de madeira passou a compor a atividade principal na localidade⁶¹.

Dois anos depois, o empresário Mário Fontana viajou para os Estados Unidos e Canadá e estudou o processo de beneficiamento de celulose enquanto representantes da CITLA foram até a Escandinávia com o mesmo propósito. O projeto territorialista do grupo Lupion-Fontana na fazenda São Francisco de Salles idealizava esse processo e se configurava como um exemplo de atuação da CITLA na paisagem sem interferência da CANGO. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl apontam a paisagem como resultante da ação humana da cultura sobre a paisagem natural, exprimindo as relações do ser humano com a natureza⁶².

Costeando o rio Chopim formava-se uma comunidade de trabalhadores rurais e de operários que trabalhariam para a construção da Usina Hidrelétrica do Chopim. Nossa Senhora dos Navegantes, a escolha do nome era uma homenagem a “mãe das águas”, mas sobretudo uma referência ao atual Vale do Chopim. As memórias da barragem que seria construída faz ressurgir acontecimentos ainda vividos nas lembranças dos membros da comunidade.

60 WACHOWICZ. op. cit.

61 Idem.

62 CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. **Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura**. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.7-11

I.II Babilônia de ferragens: a Usina do Ruzza, a Revolta dos Posseiros e os diversos processos “colonizadores” no Vale do Chopim.

“Então, é 1953, foi de antes ainda então, por causa que eu nasci foi em 1960, só me alembro do que o falecido pai e a mãe me contava né de antes de me reconhecê como gente (risos). Daí um bom tempo depois que começô a entrá um tratorzinho, no tempo da 'CITRA' pra abri as estrada aqui, lá de Mariópolis, que daí começaro a vim pra colocá, trazê as peça também, eles trouxero 160 mil quilo de ferro. Pra fazê a usina completa, troxero lá de uma usina de São Paulo, era naquele tempo do 'Lupião'” (José Donato Ruzza, Zezinho, 65 anos)⁶³

Com o relato da construção da estrada, Zezinho, nascido e criado “toda vida” às margens do Chopim, mesmo sem intenção, relatou a apropriação privada do espaço em Navegantes pelo grupo Lupion-Fontana durante o processo de construção da Usina Hidrelétrica do Chopim na década de 1950. Além da colonização, nesse momento torna-se interessante compreender como aconteceu o processo da barragem em Navegantes.

A década de 1950 ficou marcada por uma crise agrícola no sul do Brasil. A baixa no preço da carne impulsionou Pedro Libro Ruzza, descendente de italianos, a migrar de Serra Baixa em Santa Catarina para Clevelândia e acabou conhecendo Mário Fontana que lhe ofereceu um lote às margens do rio Chopim. O resultado da negociação foi a expulsão da propriedade a família posseira de Emílio Sutiél. Pedro Libro pagou 20 mil cruzeiros pelos “arvoredos” em torno da casa, Maria Clara Ruzza e Afonso Ruzza, ambos seus filhos, detalharam a negociação:

Maria Ruzza: aí era um lugar que tinha uma parte de fruteira laranjeira, mas era tudo mato, derrubar muito mato lá onde nós morava, dava até dó. O Afonso não sei se lembra.

Afonso Ruzza: Só que não é fala mal, mas o povo que morava ali era gente boa, simples, mas não produziam nada praticamente. (...) O que eles tinham lá era bastante abeia, em roda da casa não dava pá anda de tanta abeia (risos) ⁶⁴.

“Não é falar mal”: a precaução e a risada ao contar das abelhas em volta da casa evidencia o estranhamento perante outra cultura. O sentimento motivado por valores presentes na sua visão de mundo, se intensifica em sua fala como uma

⁶³ RUZZA, José Donato; RUZZA, Maria Albrecht. op. cit.

⁶⁴ RUZZA, Afonso; RUZZA, Maria. op. cit.

interpretação intrínseca de sua cultura. A forma como Afonso conta o caso corrobora com as condições materiais de sua sobrevivência e de sua família, os valores recebidos pelo pai, pela mãe em torno do mundo do trabalho e que se diferenciam da família Sutiél. Ao invés de criar porcos como a maioria das famílias migrantes fizeram, os Ruzza trabalharam na lavoura e na transformação do lugar para a construção da hidrelétrica.

Wachowicz ao reconhecer o contexto de recolonização do sudoeste, conta que muitos caboclos recebiam pela propriedade valores que seriam considerados irrisórios na atualidade – algumas famílias no sudoeste receberam um revólver por duzentos hectares, um saco de milho *crioulo* por vinte hectares, uma mula por dois hectares, entre outros. Por abrirem picadas no mato, fizeram as primeiras lavouras, alguns caboclos eram chamados “fazedores de posses” pois no ato de negociação faziam sua desistência da terra assinada por ambos os negociantes da terra juntamente com um bodegueiro⁶⁵: “Antigamente o fio do bigode valia a palavra do homem”. A palavra era lei e valia muito mais do que qualquer documento registrado em cartório, isso fica evidente no relato de negociação descrito por Afonso⁶⁶.

Após a venda, alguns caboclos abriam outras propriedades na mata, mas a maioria se destinava às cidades. Pato Branco, por exemplo, possuía muitos bairros caboclos com nomes como Chaparral, Picomã, Rasga Diabo, Vila dos Godoi e até a atualidade grande parte das famílias que os compõem colore a periferia e são chamados por muitos de “cor de cuia”⁶⁷. A família Sutiél, descendente de caboclos, sequer possuía escritura de posse da terra e nada recebeu na transação. Os 20 mil cruzeiros foram pagos ao especulador imobiliário da fazenda São Francisco de Salles, Mário Fontana.

O caboclo, em virtude do seu mestiçamento, de sua convivência com a mata, da sua concepção de trabalho foi caricaturado como “primitivo e isolado” ou como “bicho do mato” por alguns migrantes gaúchos e catarinenses⁶⁸. As relações de trabalho entre caboclos e migrantes originaram reconhecimentos e pertencimentos

65 Na linguagem comum do sudoeste do Paraná, um bodegueiro é alguém que cuida de um comércio de secos e molhados

66 WACHOWICZ, op. cit. p 73.

67 Na linguagem comum do sudoeste do Paraná, cor de cuia se refere a pele mais escura com tom amarronzado. POCAI, R. op. cit. 2014.

68 ABRAMOVAY, R. **Transformações na vida camponesa: o Sudoeste do Paraná**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Paulo: FFLCH/USP, 1981

diferentes e evidenciam relações de força no discurso de estranhamento dos migrantes. Os valores e os sentimentos de Afonso se relacionam com sua concepção de trabalho e a sua experiência de vida no lugar.

Fica perceptível que o processo de transformação das relações de trabalho várias identificações. Para Michel Pollak, a identidade é um valor em disputa, constitutivamente formada e reformulada na imagem social que uma pessoa faz de si própria perante os outros⁶⁹. No caso dos Ruzza, o reconhecimento do trabalho como um valor pessoal e familiar se insere no espaço, o sentimento de ironia na propriedade onde se “criavam abelhas em roda da casa” que se transformou em lavoura revela sua visão de mundo.

Segundo Carlos Porto-Gonçalves, as visões de mundo constituem múltiplas temporalidades sendo que cada cultura se soma “ao mesmo sistema de relações sociais e de poder”, o que institui novas configurações territoriais⁷⁰. O governo Lupion também incentivava a ocupação do imenso “vazio demográfico”, como se a região fosse desabitada. A alcunha de “pioneiros” ou de membros da “frente pioneira” foi dada aos Ruzza e a outras milhares de novas famílias que adquiriram títulos de propriedade na fazenda São Francisco de Salles e na região sudoeste do Paraná. Com isso, a conjuntura política influenciada pelo estado negligenciava a presença de culturas caboclas e indígenas, incentivando a migração de descendentes de europeus, assim como favorecia o branqueamento e o capitalismo agrário na região⁷¹.

69 POLLAK. op. cit. p. 204.

70 PORTO-GONÇALVES, C. W. **De Saberes e de Territórios-diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. UFF, Niterói, 2006.

71 POCAI FILHO, R. L. op. cit., 2014.

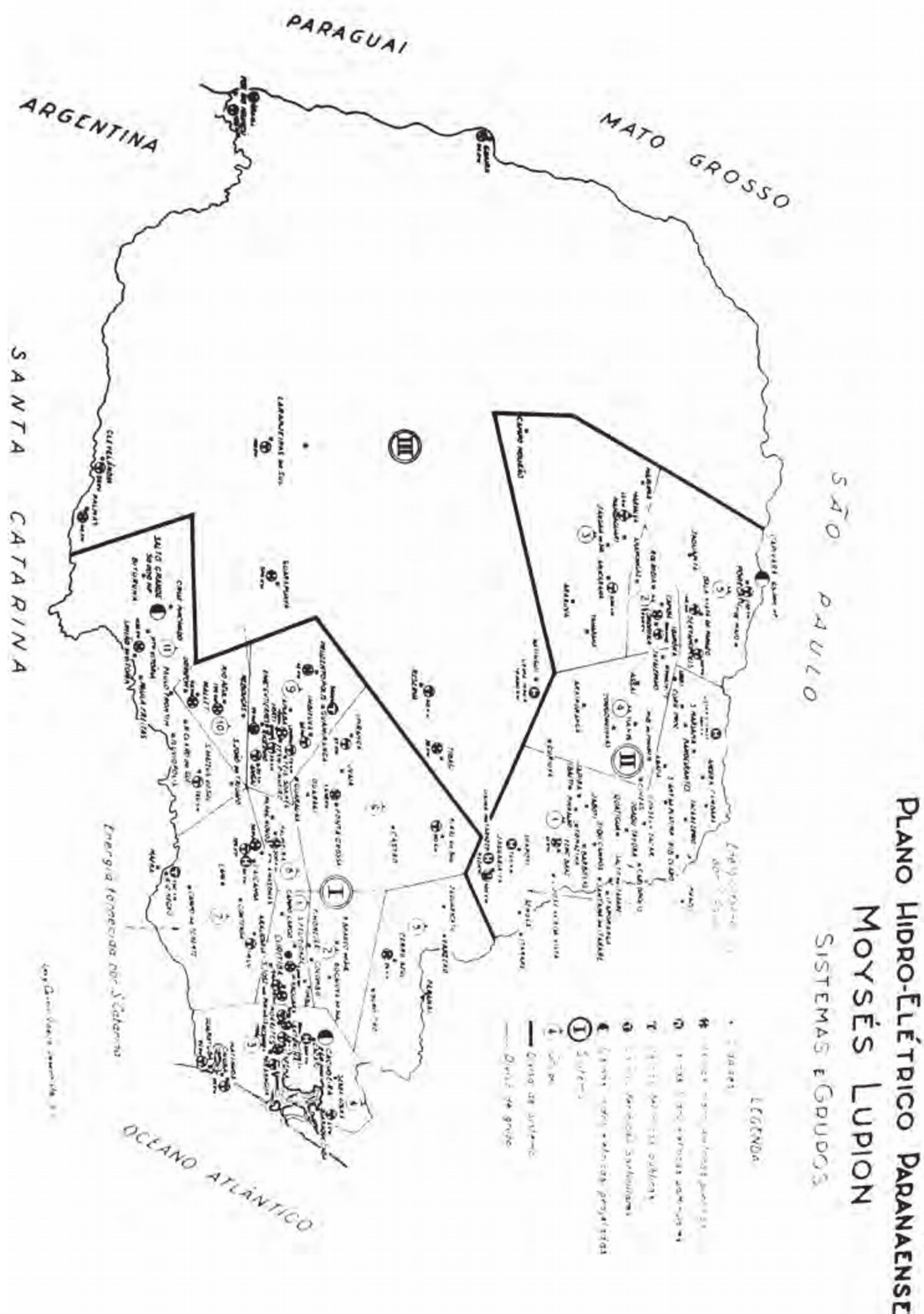


Figura 3: Mapa do Plano Hidro-Elétrico Paranaense, evidenciando no sudoeste a III etapa e o município de Clevelândia onde seria construída a Usina Hidrelétrica do Chopim (UFPR/DH. **Um século de eletricidade do Paraná**. Curitiba: Companhia Paranaense de Energia, 1994).

As reservas acumuladas pelas famílias “pioneiras” constituíram as suas frentes de trabalho com a finalidade de comprar sementes, implementos agrícolas, ferramentas e animais para criação. O capitalismo agrário, no processo de (re)colonização, com toda essa infinidade de elementos previa a transformação da paisagem natural em imensas lavouras a partir do desmatamento.

A transformação ambiental e a interação dos diferentes grupos humanos na paisagem inscreve diferentes sentidos. Simon Schama observa a paisagem como um processo:

Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (...) É evidente que o próprio ato de identificar o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda pesada bagagem cultural que carregamos⁷².

Diante da paisagem do Vale do Chopim, a conjuntura política constituída pela visão de mundo de Mário Fontana identificou Navegantes com os benefícios hidrelétricos do rio. Segundo a enciclopédia *O Paraná e seus municípios*, o município de Mariópolis possuía o nome de Passo do Veado e Mário Fontana, então presidente da CITLA, emprestou seu nome ao lugar permitindo a construção da Usina Hidrelétrica, “fundou uma indústria madeireira” e realizou um “acordo amigável” com os caboclos posseiros da Fazenda São Francisco de Salles. Eram cerca de sessenta famílias de antigos caboclos que ali moravam⁷³. Embora persista essa versão, o filho de Carmelindo Bombonato, Wilson Bombonato, antigo morador do Poço Preto, comunidade vizinha de Navegantes descreveu com firmeza a ofensiva da colonização contra as populações caboclas:

O Mário Fontana vendeu várias terra ali, o falecido pai contô que existia uma famia que morava ali e o cara adormeceu e não amanheceu. O cara que comprô a terra deu tiro ali de noite e o caboco que morava ali foi embora de noite ca famia dele. Tudo orientado pelo Mário⁷⁴.

Ao protagonizar o caso do pai, Wilson vai muito além dos acordos amigáveis, o entrevistado e contraria a história escrita e evidencia conflitos de terra na região. As

⁷² SCHAMA, S. op. cit. p. 17

⁷³ FERREIRA, J. C. V. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996. p. 433

⁷⁴ BOMBONATTO, Wilson. **Entrevista concedida a Roberto Poci. 27/12/2010. Áudio Digital. 33min.**

famílias anônimas que ocuparam as diferentes paisagens da fazenda São Francisco de Salles pré-existentiam ao processo de industrialização do pós-guerra (1945-1955).

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise energética com constantes racionamentos em todo o país. A industrialização culminou no aumento de demanda de energia elétrica, dificultando o abastecimento por conta também do aumento vertiginoso da população assim como dos índices de urbanização, de avanços tecnológicos e, conseqüentemente, do consumo de bens e serviços⁷⁵.

No âmbito da Secretaria de Viação e Obras Públicas, o governo de Lupion criou o Plano Hidro-Elétrico Paranaense que definiu o grande Chopim como um rio de potencial hidrelétrico. Até o momento estavam em operação 22 hidrelétricas, todas de pequena capacidade, em pequenos rios e quedas d'água, com exceção da Usina Chaminé em São José dos Pinhais. Várias pequenas barragens estavam planejadas e as obras no Chopim, em Clevelândia, faziam parte de uma segunda etapa do projeto (figura 3). Em relatório, Lupion já considerava o Paraná como o “primeiro Estado do Brasil em fôrça hidráulica, podendo contar com 350 quedas de água de uma certa importância” a fim de produzir 34.696 quilowatts⁷⁶.

“O tempo da CITLA”, reconhecido na voz de Zezinho, seria o conjunto de obras que acabaram compondo o cenário desenvolvimentista no segundo mandato de Lupion. Sua concepção de tempo enuncia a Usina Hidrelétrica do Chopim como mais uma obra presente no sertão do Paraná. A energia produzida no Chopim seria destinada para a cidade vizinha de Mariópolis, reduto político de Mário Fontana - parceiro político do governador. Este fato mobilizou para o Chopim dezenas de trabalhadores, um gerador para produzir energia no local e cerca de mais de 160 toneladas de ferro que impulsionaram o início as obras da Usina Hidrelétrica do Chopim.

A memória de Zezinho anuncia a relação da memória individual com a memória coletiva e catalisa sua arte de lembrar e contar. Reconhecer essa relação é fazer valer o pertencimento do entrevistado com a memória familiar. A fala, em muitas ocasiões, sequer reconhece separação entre a sua memória e a memória familiar ou

75 GUIMARÃES, G. **Crise energética e privatização**. Brasília: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2001

76 PARANÁ, op. cit. p. 9.

coletiva. Assim como a paisagem, a memória se comporta como um elemento constitutivo do qual o indivíduo sente pertencer⁷⁷.

Em fevereiro de 1955 quando acontecia a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, inaugurava-se a comunidade. À frente ia a imagem da santa, o padre João Nelão e as irmãs cantando hinos de louvor. As velas iluminavam o rosto dos trabalhadores na penumbra da noite e a procissão saindo da propriedade de Pedro Ruzza inaugurou a comunidade. O nome e a imagem partiram de Otto Kerber.

Aqui, o acontecimento que cedeu o nome da comunidade se consolida como o acontecimento fundador da comunidade para os Ruzza, porém se apresenta como um acontecimento esquecido ou irrelevante pra outros moradores. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses: “a heterogeneidade que pode estar presente na memória individual e, mais amplamente, na de grupos e coletividades, torna seu resgate uma ilusão”. Além disso, ao invés da existência de um singular acontecimento fundador, todo um processo histórico constitui o lugar antes do acontecimento. A memória não existe enquanto um estrato social homogêneo e estático⁷⁸.

Nos bastidores do acontecimento, a amizade com o padre João Nelão serviu para Pedro Ruzza exercer influência em Navegantes. A correlação de forças do grupo Lupion integrada aos seus interesses fundiários instaurou uma de suas sedes administrativas na propriedade dos Ruzza.

De um plano local para o panorama nacional, o Paraná em seu projeto de industrialização e modernização se alinhava à conjuntura política do país enquanto Pedro Libro Ruzza martelava pedras em uma grande valeta. O colono que virou mestre de obras na sua propriedade compactuava com a campanha “Cinquenta anos em cinco” (1955-1961) do presidente Juscelino Kubitschek do PSD, que assumira em 1955. Em sua gestão construiu hidrelétricas viabilizando o aumento da potência energética do país de 3 milhões de kw para 4,7 milhões até o final do quinquênio. Da conjuntura local, com o trabalho de Ruzza, passando pela conjuntura estadual, com o aproveitamento dos rios para produção de energia e chegando ao avanço das barragens, na conjuntura nacional, se desenhava o conceito de energia limpa que seria aproveitada pelo Estado décadas depois.

77 POLLAK. op. cit.

78 MENESES, U. B. de. **A história, cativa da memória**. In: Revista de Institucional de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 1992. p. 11.

A Usina Hidrelétrica do Chopim em seu caso específico, demonstrava que o uso das águas para aproveitamentos hidrelétricos perpassava pela questão da terra. Apesar do projeto de modernização do governo Lupion, a fim de conter os casos de grilagem à nível nacional, o Instituto de Imigração e Colonização (INIC) foi criado em 1955. O órgão encaminhou ofícios aos cartórios do Paraná e Santa Catarina para que não lavrassem a escritura da CITLA, acusando a companhia de grilagem e afirmando que todas as terras do sudoeste pertenciam a União⁷⁹.



Figura 4: O poço escuro onde se alojaria a turbina da Usina Hidrelétrica do Chopim, 20 metros de escavação ao fim do valetão, há 100 metros do rio.

Apesar da denúncia, por intermédio de Fontana, o governo se colocava como controlador da paisagem. A parceria do governo com as companhias colonizadoras por meio de nove Inspetorias de Terras no Paraná - uma em Clevelândia -, complementava o esforço político, ideológico e econômico do grupo empresarial Lupion-Fontana em participar desse projeto de um “novo” Paraná juntamente dos migrantes que se instalavam no estado.

Segundo o Relatório do Departamento de Geografia, Terras e Colonização de 1947, era preciso conter a ameaça de “investida dos grileiros” em detrimento do objetivo de “conservação das matas”. O projeto da conjuntura estadual, dos migrantes que compravam terras autorizadas pelo Estado, exibe a cartografia de

79 WACHOWICZ, op. cit.

poder enquanto um instrumento que tinha por finalidade afastar a CANGO.

Para Yi-fu Tuan, a articulação das atitudes no ambiente requer habilidades verbais sendo que a interpretação humana organiza os fenômenos em pares de opostos, inclusive quando se refere ao próprio ambiente alcançado pelo olhar e que sofre ação: campo/cidade, floresta/campo, rio/terra, entre outros⁸⁰. O discurso do governo articula as expressões de poder na polaridade: governo/grilagem. Mas como os saberes e as práticas se articulam na paisagem cultural? As atitudes ambientais, fundamentadas discursivamente na dicotomia preservação-devastação, na realidade, considerava os elementos da natureza como meios de produção. O documento, em sua polaridade, narra a habilidade verbal contra os grileiros, mas não como ameaça ao meio ambiente, mas ao projeto do “Novo Paraná”⁸¹.

Afonso Ruzza, tinha doze anos quando chegou com a família ao Paraná, e descreveu com a lembrança infantil de cada momento da chegada da família e até o cotidiano de trabalho da usina:

Afonso Ruzza: Quando nós entremo ali tinha o véio José Carletto, Genuíno Carletto e Alécio Carletto (primeiros migrantes da comunidade) (...). Abriro as estrada pra podê entrá os caminhão pra pode trazê porque não tinha estrada. (...) Depois essa “CITRA” que comecô as estrada aí (gesticulando) (...). Daí depois que começaro ali viero os trator, viero as peça diz que iam construi essa usina. (...) Que tinha peça ali que tá loco, tinha uma peça que só uma peça dava 16 mil quilo que seria o eixo do gerador dentro pra formá a energia, o caminhão ca carga daquilo demoraro acho que uns quatro, cinco dia pra descargá, porque tudo no macaco daí. Macaquiá peça até uma certa altura pra daí o caminhão podê saí, tinha que sê muito bem escorado senão não dava, era tudo terreno mole ali na época. Tinha uma *babelonha de ferrage* (...) Quando era detoná aquela pedreira tinha que se mandá tudo porque voava pedra lá (risos). Teve época que nós tava pra lá da estrada caiu pedra (gesticulando)⁸².

Cada peça, cada engrenagem, cada martelete, a estrada de trilho para tirar pedras do valetão, o gerador que nunca chegou a funcionar naquela “babelônia de ferragens” aparece na narrativa de Afonso como elementos da apropriação privada do espaço pela CITLA. Ironicamente, a dicotomia daquela babelônia está em sua *grandiosidade* enquanto central hidrelétrica de 16 mil quilos de ferro e também na *confusão* da explosão de uma dinamite.

80 TUAN, Y. **Topofilia**. Rio de Janeiro: Difel, 1980

81 WACHOWICZ, op. cit.

82 RUZZA, Afonso. op. cit.



Figura 5: Mário Fontana, ao centro de chapéu e bigode, na inauguração do aeroporto de Francisco Beltrão (Fonte: Revista da Associação Comercial).

A transformação do lugar se confunde e se complementa nos gestos e na entonação de voz de Afonso Ruzza. Da grandiosidade e da confusão da Usina Hidrelétrica do Chopim pouco sobrou. O lugar onde seria a barragem não passa de um lugar da memória⁸³ expressando que os acontecimentos não estão dissociados dos lugares onde ocorreram e são transformados pela memória espontânea ou consciente que vai do hoje para o ontem.

Passando a ponte sobre o rio Pato Branco se observa seu desaguar no rio Chopim. Nesse caminho de vida, morte e vida outra vez, o primeiro rio vive a transcendência ao encontrar um fio de vida do grande Chopim, impulsionando suas bravas águas na canaletta cortada pelo tal “valetão”, que ao invés de ser um córrego natural, na realidade, evidencia a pretensão humana de alterar as condições naturais.

Atualmente, em meio ao *Recanto do Ruzza*, o valetão feito por braços humanos e muita dinamite comporta o poço onde se instalaria o gerador de energia. Alberto Pozza, um antigo quadro político do PSD, em seu livro de memórias contou que a barragem seria construída em 10 meses: “Considerando a construção da usina e suas instalações na base Cr\$ 5.000,00 o *cavalo de força*, teríamos 3.450 [Kw]”⁸⁴.

Lucro e tempo se associam no processo de geração de energia. Quanto custa um quilowatt (Kw)? Quantos quilowatts são produzidos por minuto? O processo de construção de uma barragem estava associado ao interesse privado das indústrias e

83 Ver mais em: NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares** Em: *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

84 POZZA, A. **Memórias de Alberto Pozza em Vila Nova de Pato Branco**. Pato Branco: Imprepel, 2014 p. 234 e 235.

financiado pelo Estado com a finalidade de abastecer o desenvolvimento energético de parques industriais. Segundo Edson Armando Silva: “A possibilidade de uso da energia elétrica inicia um processo de mudanças de hábitos da população”, principalmente no aumento da divisão de trabalho da sociedade. O consumo de energia elétrica, para escutar um rádio ou tocar uma madeireira, se valia da necessidade de diminuição do custo do quilowatt, sendo que o aumento no consumo favoreceu a importação de equipamentos e o aumento da dívida externa⁸⁵.

O sistema de produção energética era dependente de financiamento estrangeiro. Em 1954, o governo estadual criou a COPEL que paulatinamente foi encampando o processo de produção e de distribuição de energia elétrica na sua totalidade.

Ciro Carletto, filho do falecido Alécio Carletto, do alto de um morro, sobre o Vale do Chopim, também relatou parte do cotidiano de trabalho na construção da antiga barragem e da vila dos moradores onde hoje seria:

Tudo aqueles guaviroval do véio. As casa era uma parzinha da otra assim e o chefe era o véio Ruzza, o mestre de obra, fura co martetele e carregá e detoná e os cara tirá, aqueles monte de pedra [do valetão] foi tirado tudo no carrinho, tinha os trilho de estrada de ferro⁸⁶.

Além das 20 casas das famílias de funcionários, a vila possuía uma pensão para os trabalhadores solteiros e um armazém que vendia mantimentos. Zezinho descreve Mário Fontana como um sujeito magrinho, miudinho, que juntamente de seus irmãos Nilo e Aldo Fontana havia montado um escritório na propriedade. A sede administrativa da CITLA no Vale do Chopim organizava a relação de moradores da região, os lotes vendidos pela companhia imobiliária e os fundos para a construção da Usina Hidrelétrica do Chopim⁸⁷.

Ao se referir ao escritório dos irmãos Fontana, Carletto traz informações sobre a visão dos moradores dos recursos financeiros que circulavam entre a concessão do governo e sua utilização na obra. Carletto, assim, complementou esse episódio: “desviá eles desviavam uma nascente d'água pra não dá atolodô”. O processo de construção da barragem gerou visões distintas na comunidade sobre a utilização do

85 SILVA, E. A. **Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa (1904-1973)**. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 1993. P. 45.

86 CARLETTTO, Ciro. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 05/07/2014. Áudio Digital. 144min.**

87 RUZZA, José. op. cit.

dinheiro público. Além de relatar o desvio da nascente, o entrevistado apresenta sua posição onde o verbo “desviar” pode ser interpretado outros sentidos: “Daí não sei se o véio (Mário) emborçô o dinheiro ou terminô o dinheiro. Parô! (...) E não fechô”. A obra gerou expectativa no lugar como o próprio Carletto relata: “Mas óia o povo carcule, nem energia existia, (...) só que a rede ia pra Mariópolis”⁸⁸. Contudo, o diálogo com os seis entrevistados chegou ao fim da barragem que nunca produziu energia.

Além de filho de um dos primeiros moradores de Navegantes, Ciro Carletto é presidente da capela e dono de um recanto. Além do desvio da antiga barragem, subindo o rio contra suas intensas corredeiras, atravessando uma série de cachoeiras e lajes rochosas escorregadias, entre palmeiras e árvores imponentes avistamos a ilha do Carletto, guarnecida por garças brancas que a utilizam como abrigo e como fonte de alimento.

Em 1999, sentindo-se ameaçado com o avanço das Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha, tornou-se militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Assim, a narrativa inclui informações do Movimento que o faz associar Fontana ao interesse de levar energia elétrica até Mariópolis, enquanto a comunidade de origem da usina continuaria no escuro.

Lucília Delgado considera a memória como “uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no presente”. Por isso, Carletto lembra da Usina do “véio Ruzza” sofrendo influência da sua condição de militante. Tal dinâmica do tempo mostra que o presente é presente de algo, o passado. O enredo de todas as múltiplas manifestações compartilhadas com o entrevistador criam e recriam interrogações que movimentam a dinâmica da História⁸⁹.

Os acontecimentos passados e vividos não foram ou são alguma coisa, mas estão sendo, pois são ressignificados a todo instante na comunidade. A memória é individual ou coletiva? Para Pollak: “A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”⁹⁰. Ainda assim, não são as instituições, os lugares ou as comunidades que lembram os acontecimentos, cada pessoa individualmente consigo mesma rememora algo de maneira introspectiva, singular e

88 Idem.

89 DELGADO, L. de A. N. op. cit.

90 POLLAK. op. cit. p. 200.

subjetiva.

A memória é seletiva. No fio da memória, em muitas ocasiões, até mesmo o que se tenta esquecer é o que mais se recorda. A *amnésia social* se efetiva em uma barragem desativada por ser desconhecida de grande parte do conjunto da memória social. Mas por ser um acontecimento familiar, retido, depositado e armazenado, de repente, essa barragem emerge selecionado na memória individual. Na perspectiva do ato de contar causos perante o gravador, a rememoração se torna algo socialmente apreensível por relacionar duas pessoas no mesmo processo. Segundo Meneses, a obsolescência do pensamento, o esforço de lembrar, “é esquecer uma diferença, generalizar, abstrair”⁹¹. Por isso, o ato de maquinar diversas áreas do cérebro produzindo a lembrança se configura como mais uma construção de si sobre o todo, de uma trajetória da vida de uma pessoa com os elementos subjetivos que extirpam alguns episódios em favor de outros.

A memória distorce e seleciona, mas a memória perservera e prevalece. Subtraindo, retendo, filtrando e digerindo o acontecimento familiar da usina por meio de suas lembranças, Zezinho adiciona ao enredo uma informação de relevância que desloca a intensidade dos acontecimentos vividos de um plano local para um plano regional:

José Ruzza: Foi na época que teve aquelas *revolução lá em Marrecas* (Revolta dos Posseiros, Francisco Beltrão-PR em 1957). Por causa que o dinheiro que ele vendia as terra lá ele (Mario Fontana) tava tocando a usina aqui. Quando ele parô de fazê, *teve que saí fugido* de lá de Beltrão daí parô tudo (...). *Eles ficaro devendo pra todo mundo (risos), todo mundo perdeu porque não tinham mais como pagá os empregado*, porque lá onde eles tavam vendendo as terra eles não puderam mais vendê⁹².

Mário Fontana era reconhecido pelos representantes da elite industrial e da classe empresarial da época. A Revista da Associação Comercial o referenciava como o “verdadeiro desbravador do sudoeste do Paraná” entre os demais “bandeirantes do século XX plantando cidades e semeando civilização”, na ocasião da inauguração do aeroporto de Francisco Beltrão-PR (figura 6). O periódico publicado no Rio de Janeiro em 1953 destacava o papel da CITLA:

91 MENESES, op. cit. p. 17.

92 RUZZA, José. op. cit.

Cujo trabalho de recuperação social do homem do campo é, por assim dizer, uma das séries contribuições que se conhece nos dias de hoje, ao estudo da própria ecologia. Fixar o homem à terra, através de empreendimentos e realizações à altura do século em que vivemos, oferecendo novas perspectivas de vida dos trabalhadores rurais, fazendo-os proprietários das glebas que ocupam com a preocupação de explorá-los economicamente, este é o objetivo dos dirigentes da CITLA, que vêm ainda, por conta própria, *construindo estradas de rodagem, campos de aviação, usinas hidroelétricas, pontes, vilas e cidades no afã de acompanhar o vertiginoso progresso do Estado do Paraná*⁹³.

Muito além do ufanismo das obras da CITLA, Zezinho evidencia os silêncios por trás da barragem, a sua voz anuncia a Revolta dos Posseiros. Em 09 de Outubro de 1957, a cidade de Pato Branco foi tomada pelos agricultores e trabalhadores urbanos que denunciavam as agressões de jagunços em suas terras à mando da CITLA.

Um dia depois, em Francisco Beltrão, os documentos da CITLA e das demais companhias imobiliárias foram rasgados, queimados e espalhados pelas ruas da cidade ocupada de colonos vindos das estradas vicinais em muitas carroças, caminhões, caminhonetes, todos amontoados sobre as suas carrocerias, outros a pé ou a cavalo, armados de paus, pedras, foices, facões e armas de fogo. Os jagunços ficaram aquartelados no escritório da companhia imobiliária Comercial e foram levados da cidade em viaturas da polícia. Os escritórios das companhias foram depredados, lá foram encontradas Winchesters, espingardas e muita bala, um verdadeiro arsenal que os jagunços da CITLA utilizavam para extorquir os moradores, exigindo que esses comprassem a terra onde viviam. Ao invés de proprietária, a companhia foi acusada de grilar as glebas Chopim e Missões⁹⁴.

Naquele tempo, a rádio Colmeia ecoava as notícias a toda região e cobriu as principais ações dos posseiros. Até a atualidade, diversas literaturas já foram produzidas sobre esse episódio, desde a ficção até as produções científicas trancafiadas nos departamentos das universidades. Os tiros ecoaram da memória escrita ao áudio digital com a produção de singulares documentários sobre a conquista da terra pelos posseiros. A fantasia e a realidade não se contrapõem e o teatro da memória descortina a barragem financiada pela extorsão de agricultores.

93 Associação Comercial. **Revista da Associação Comercial, 25 de fevereiro de 1953**, Rio de Janeiro, p. 31 e 32.

94 POCAI FILHO, R. L. **Entre anônimos, armados e rebeldes: os elementos da História Social na Revolta dos Posseiros de 1957**. Mundos do Trabalho, v. 5, n. 10, p. 107-124, 2014.

Outro pequeno agricultor faz emergir o acontecimento distante e próximo. A apropriação privada do espaço pelas companhias relatada pelos Ruzza proporciona a ideia das engrenagens movimentando a usina, sendo lubrificadas pelas ameaças e por uma série de mortes. O episódio anunciou a progressiva derrocada da atuação da CITLA na região, porém além dos jagunços nenhum dos empresários foi julgado.

Em 09 de dezembro de 1958, no Rio de Janeiro, um ano após o conflito, o senador Othon Mader do Paraná, comentou a venda das glebas Missões e Chopim para a companhia. No discurso proferido na tribuna do Senado destacou o preço pago pelos mais de 198.000 alqueires de terras: “Êsse patrimônio (...) foi transferido da União para a CITLA por escritura fraudulenta e já anulada, pela ínfima quantia de Cr\$ 8.600.000,00”. A denúncia do parlamentar era de que o governo se apossou das terras que não lhes pertenciam e as vendeu para a CITLA, que tinha como sócio majoritário o próprio Moysés Lupion. Ainda segundo ele, a quantidade de pinheiros ali existentes era de dez milhões: “Na mencionada base de preço, as terras valem Cr\$ 1.584.000.000,00 e os pinhais Cr\$ 2.000.000.000,00. Portanto o valor daquele patrimônio é de Cr\$ 3.584.000.000,00”⁹⁶.

Na época, o senador acusou ainda o governador por “dupla responsabilidade”, como governador e empresário, pelos crimes cometidos por jagunços contra os posseiros. Wachowicz considerou o processo de colonização da gleba Missões como um processo de grilagem de terra por conta da dupla concepção de posse – de um lado o governo federal com a CANGO e de outro o governo estadual com a CITLA⁹⁷.

Pedro Ruzza sabia apenas da existência de lotes de terras vendidos na região, mas os filhos afirmam que somente tomaram conhecimento da extorção aos colonos depois da morte do pai. O desconhecimento dos crimes foi abordado a partir de um questionamento diretivo sobre a origem dos recursos para a construção da barragem:

Afonso Ruzza: Isso aí eu acho que não sei se esse Mário pegô algum dinheiro do estado, isso aí a gente não sabe porque quem tocava ali e se representava era ele e os dois irmão dele. Eu lembro do Mário como fosse agora, ele era um pouco mais seco, só que bem no fim do remate, depois de

96 POCAI FILHO, 2013. op. cit. MADER, O. **A rebelião agrária do sudoeste em 1957**. 1958. Digitalizado pelo autor e disponível em: <http://scribd.com>. Acesso em: 25 mar. 2015, p. 33.

97 WACHOWICZ. op. cit.

tudo quem saiu no prejuízo foi o falecido pai porque *o que ele tinha de a ver eles não pagaram, tu lembra Maria?* (exaltado) *A verdade tem que ser dita!* (alterou o tom de voz e abriu os braços) *O resto dos funcionários foram saindo pouco a pouco... Uns ano meio sofrido, mas...*

RP: O Ciro (Carletto) e o Zezinho me falaram que tinha a ver com aquela Revolta ali de Beltrão, Revolta dos Posseiros...

Dercírio Rissardi (cunhado de Afonso): Não, nada a vê... Apesar que de certo o Mário tava envorvido...

AR: Eu acho que no fim da história, ele tinha um dinheiro que diz que grilando, descobri isso aí através do INCRA de Beltrão (Instituto de Colonização e Reforma Agrária), o cara do INCRA me perguntou. O véio (Mário) já tinha morrido ele disse: *Escuite, a dona Hilda (mulher dele) é viva ainda?* -Não, ela morreu, digo. *Uma coisa que até é feio falá, disse [o funcionário]: O diabo deve carregando lenha bastante pra queimá aquela praga*⁹⁸.

A subjetividade na lembrança produz emponderamento na sua trajetória de vida perante aqueles “anos meio sofridos”. Os sentimentos, desde o bravejamento de Afonso ao silêncio de Dercírio e Maria, décadas depois do ocorrido, emergem reivindicando a “verdade” em um relato de justificação. Entre a presença do filho e a ausência do pai na entrevista, a entonação da voz oportuniza relatar a angústia de Pedro Ruzza.

A procedência do dinheiro que Pedro possivelmente nunca suspeitou somente foi descoberta em uma conversa acima revivida por Afonso com um funcionário do INCRA. A simulação da prosa se intercala com o sentimento de respeito pela viúva. Algo que até é feio falar para ele compõe o justificação na versão de um funcionário que cuida da documentação das terras região.

Afonso se afirma em sua narrativa como alguém que apesar de ter sofrido aqueles anos reconheceu o processo apenas de maneira parcial pois descobriu a procedência dos recursos apenas décadas depois. Ao reviver a memória em seu relato, Zezinho revela:

Eu malemal arcancei as casa [dos operários] assim, que a maioria já tinham ido tudo embora na época quando eu já tava mais grande um pouco. (...) Por causa que eu nasci foi em 1960, só me alembro do que o falecido pai e a mãe me contava de antes de me reconhece como gente (risos)⁹⁹.

Ciro Carletto, por sua vez, tinha apenas sete anos em 1957. A convicção em

98 RUZZA, Afonso. op. cit.

99 RUZZA, José. op. cit..

relatar os acontecimentos evidencia que a herança de José Carletto e Pedro Ruzza vai além do sentido material, da propriedade deixada ou do sobrenome registrado, mas também se faz presente no sentido moral, no valor atribuído a determinada filiação. O elemento enobecedor de ser parte da família permite compreender os elementos constitutivos da memória, seja essa individual ou coletiva. Pollak diagnostica diferentes tipos de acontecimentos lembrados pelos entrevistados, entre eles estão

os acontecimentos vividos “por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não¹⁰⁰.

Memória individual e memória coletiva não estão separadas e sua relação não assume forma apenas nos acontecimentos intrínsecamente humanos, mas também nos fenômenos da natureza. Um mês de chuvas incessantes... A intensidade da conversa fluía com lembrança das forças das águas ao relembrar a conhecida enchente de 1983:

O pior que não dava um trovejão na época que deu aquela enchente, foi aquela chuva, aquela chuva, chuva, chuva vinha aqueles pancadão que é de correr água e não dava um trovejão (...), era um mar só. (...) A casa que tava encima dum monte de ferro, a enchente levô tudo, levô em outro lugar por causa das árvore. (...) [A água] batia no soalho embaixo da casa¹⁰¹.

A esposa de Zezinho, dona Maria Albrecht Ruzza relatou a intensidade com que as águas “levaram embora” tudo que atravessava seu caminho. A antiga roda d'água assim como a casa de força que iria ser utilizada na antiga usina ficaram apenas na lembrança. Apesar da vitalidade da relação ser humano e natureza estar presente, em momentos de descuido essa pode passar despercebida por nossos olhos e nossos ouvidos, contudo, Maria Clara Ruzza Rissardi e Dercírio Rissardi não permitiram deixar escapar essa percepção a partir de uma pergunta diretiva sobre quando se conheceram:

100 POLLAK. op. cit. p. 201

101 RUZZA, Afonso; RUZZA, Maria Clara; RISSARDI, Dercírio. op. cit..

Dercírio Rissardi: Meu pai vendeu a terra em Santa Izabel e compremo a terra ali nos Navegante. Daí se conhecemo, ela dava aula e eu malandro (risos).

Afonso Ruzza: Cê sabe que que um cara me disse uma vez? O cara que namora professora diz que é...

DR: Chupim! E eu era chupim (risos). (...)

MR: Um me viu que eu tava com uma aliança: Arrumô um chupim? (risos)¹⁰²

O humor transmitido do hábito do pássaro negro em colocar seus ovos nos ninhos de outras aves cria uma mística que transforma o astral da conversa. A metáfora, antes de ser descartada, favorece o riso motivado pelo causo popular. Alguns anos após a paralisação das obras da barragem, Maria e Afonso casaram e saíram de Navegantes.

Outro questionamento diretivo sobre a opinião dos entrevistados quanto aos prováveis impactos do rio após a construção do complexo hidrelétrico¹⁰³ marcou o fim da entrevista:

Afonso Ruzza: Eu acho que não é a miór coisa não.

Dercírio Rissardi: Não é a miór coisa, é seca na certa. Se saí a usina vai ficá esquisito...

AR: Mas eu vô andá...

DR: É cedo!

Maria Clara Ruzza: É cedo!

AR: Tem umas vortiada pra dá na cidade ainda (mão levemente passando abaixo dos olhos)¹⁰⁴.

A relatividade do tempo é sentida por um instante, a lágrima escorre no texto como se durasse a entrevista inteira. Apesar da sua ausência do lugar, o sentimento ainda é presente. Isso fica perceptível em Afonso Ruzza ao finalizar a entrevista sensibilizado, por um lado, em lembrar a família e o lugar e, por outro, com a ameaça que o futuro complexo hidrelétrico ainda oferece à paisagem e às suas vidas.

Durante as décadas de 1960 e 1970, muitos populares visitavam as obras,

102 Idem.

103 Entendemos complexo hidrelétrico como um conjunto de UHE's.

104 RUZZA, Afonso. op. cit.

incluindo o grupo escolar do distrito de Palmital em Clevelândia, missas e retiros eram celebrados pelo padre Roque. Aos poucos, sobre as carcaças da usina, surgia um local de lazer atraindo pessoas que queriam conhecer as cachoeiras. Em suma, a constituição do Recanto do Ruzza e em 1990 do Recanto do Carletto, enquanto lugares de lazer no Vale do Chopim, convertem o lugar na essência do ócio, um desdobramento da vida além do tempo corrido das cidades, mitificando o lazer nesses lugares como um estilo de vida. A temática do lazer flui na mesma direção de um caso que Afonso contou sobre um operário da antiga usina:

Afonso Ruzza: Tu foi já naquele cachoeirão, viu aquela pedra que tem lá no meio? Uma ocasião um cara que trabaiava na usina posô em cima daquela pedra, *ele foi pescá, se parô de doente pra não i trabaiá, daí ganho a tarde*, pego uma plancha e jogô em cima daquela pedra foi até lá jogô do outro lado, foi pra lá até umas hora, quando voltô, jogô em cima da pedra ali, jogô do outro lado, quebro a plancha e ele fico lá no meio do cachoeirão, posô lá.

Dercírio Rissardi: Daí passô a preguiça dele (risos)...

AR: Daí tinha um dos funcionário que morava ali pra cima, diz que de manhã ele vinha vindo cedo, escuitô parecia um grito lá da estrada, diz que foi vê que que era, comunicô: Parece que tem um em cima da pedra lá no cachoeirão, foro na casa do fulano, faltava [ele] e a muié nem tava aí...

DR: Tranquera memo (risos)¹⁰⁵.

A capacidade de um operário “tranqueira”¹⁰⁶ em subverter a vigilância da CITLA possibilita a narração de seu tempo de lazer que parou seu trabalho na antiga barragem. Um novo tempo, o tempo do ócio, foi capaz de enferrujar as engrenagens da pequena hidrelétrica e trapacear o projeto de modernidade presente na ficção econômica de Fontana e Lupion no rio Chopim.

I.II. Contra a corrente: Ciro Carletto, a liderança do balseiro.

“Não há mal que não tenha fim, não há bem que não se acabe”
(Nego, filho de Ciro Carletto, atravessando o rio de caíco)

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Na linguagem popular da região, “tranqueira” seria um sujeito inútil, sem vocação para nada.

Sobre o caíco¹⁰⁷, chapéu de palha, com o remo nas mãos, atravessando as pessoas até a ilha... Qualquer prosa sobre aquele barco, com qualquer pessoa, manifesta um pouco dos mais de 60 anos vividos naquele lugar. Cada travessia uma história, cada história uma travessia. O conhecimento é manuseado nos gestos dos Carletto, os saberes dos tipos de árvores do lugar, dos ventos que sopram e trazem a chuva de granizo, dos macacos que nas caçadas após tomarem tiro e morrerem ficam presos nas árvores pelo próprio rabo. Uma História se liga na outra. Velhos, falecidos, esquecidos, diversos personagens passam e fazem parte do seu teatro encenado com suas mãos e suas expressões. Nesse momento, a história de vida de Ciro evidencia a sua participação na comunidade com o objetivo de entender o pertencimento de um antigo morador com a comunidade e com a paisagem.

Entre os ribeirinhos da comunidade, Navegantes possui seu navegante empunhando um remo e uma balsa cheia de gente. Os visitantes do lugar são recepcionados por um contador de histórias que faz sua voz ecoar por todo Vale do Chopim.

Uma reflexão nos leva a outra. Somente se aprende a fazer história oral quando se faz história oral. Ao invés de recorrer a um manual com ensinamentos prontos, o processo de vivência com as narrativas gravadas é o aprendizado. Muito além da beira do rio, no alto de um morro, sobre o Vale do Chopim, uma história contada com seu facão, apontando e separando as divisas das suas terras com os Ruzza. Nesse lugar, se encontra a antiga casa que seu pai construiu e ele acabou herdando em 1970.

O narrador gesticulava, sorria e apontava para as extremidades dos horizontes, garças passavam cantando e logo ele interrompeu seu relato, sua história de vida

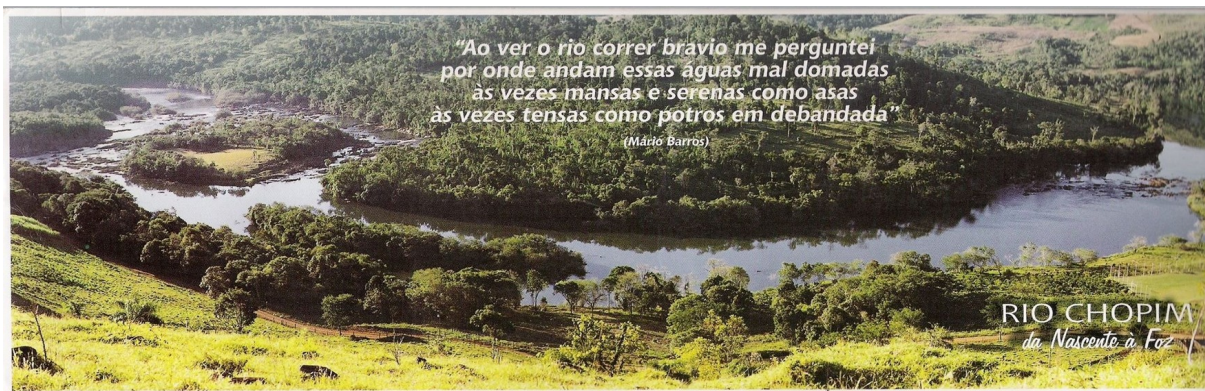


Figura 6: A fotografia de Rudi Bodanese e a canção de Mário Barros.

107 Caíco seria uma pequena embarcação de madeira.

para contar que aquelas aves comiam uvas-japão e distribuíam as sementes pelo chão... No alto do Vale do Chopim, a sua narrativa dançava na melodia do lugar, além das aves, a cachoeira era o som ambiente, o eco do vale fazia fundo na sua voz: “que aqui é mais forte o baruío (das águas) que lá perto de casa [beira do rio]”, explicando que o vento oeste permite escutar o rio além dos morros, além do alto do Vale do Chopim. Chamou o pesquisador para ver a ilha lá de cima, na extremidade do morro, o cenário onde ele se sente pertencente: “Vamo lá onde foi tirada aquela foto das águas bravas”, essa paisagem foi referenciada em um quadro que possui um trecho da música de Mário Barros (figura 6)¹⁰⁸.

O antigo quadro e tudo que rodeia o lugar interage na visão do navegante. Cultura, natureza não podem ser pensadas separadamente, dançam na mesma melodia e se apresentam na sua história de vida. Família, ilha, morro... Todos os cenários se confundiam em sua fala enquanto batia nas paredes da casa e enfatizava que eram feitas de “tábuas lascadas”. A percepção elucida a metáfora do corpo assim como estratégia narrativa extrapola para outra metáfora. Entre o eu e o outro, cada personagem seria um cristal que emite luz a todos os lados, cada luz possui uma cor diferente, cada luz é como uma interpretação distinta que se conecta a uma teia imaginária e real que potencializa outras interpretações.

Nesse cenário que o próprio Carletto construiu para a entrevista, ele refez sua trajetória de vida naquele espaço do rio e das memórias. Segundo ele, no ano de 1951, dois bois puxavam malas e toda família numa carroça que chegava ao Paraná depois de uma jornada de mais de 200 quilômetros e mais de uma semana em uma picada estreita:

Ciro Carletto: Na época lá o pessoal era assim, eles tinham uma família grande, eles queriam protegê os fio [filhos], os pai pensavam assim: *vô faze uma colonha de terra pra eles trabaiá, começa a vida e construí uma famia. Era assim que funcionava antigamente antes do estudo.* Mas como Videira (onde viviam), ali em Santa Catarina, Rio Grande do Sul eram povoado, as terra se torna cara: eu tenho e não quero vendê e otro qué. E já vai xinxando. Aqui no Paraná era matão, as terra era barato (...). Eles vendiam uma colonha de terra, eles compravam cinco aqui né. *Veio um doido de lá e diz: Deusolivre, lá é só matão, terra boa, paca, viado, tateto, anta.* (...) Então eles se empolgaram, só que chegaram em Clevelândia, no Paraná, ali puro pinhero e erva, de chimarrão, e onde tem erva bastante assim *é terra fraca*, não dá produto, tem que tratá a terra. Meu pai e meu tio vieram aqui oiá, pois

108 Verbete “Rio Chopim”. Extraído de: MARCONDES, G; BODANESE, R. KOTH, M. **Alguma poesia, poesia nenhuma**. Francisco Beltrão: Grafit, 2012. p. 76.

aqui é terra boa, daí viero pra cá. Tinham 10 alquere de terra, dai veio meu avô, meu pai e dois tio, a lida lá era só parrera, pra tratá os porco pra banha e carne. Daí meu avô disse assim po meu pai, meu pai era casado: você tem que ficá dois ano junto comigo pa nois faze a casa com porão, faze as pipa, faze vinho e faze o parreral, beleza?!¹⁰⁹

Tudo começa e tudo termina em uma História... A formação dos povoados em Santa Catarina e Rio Grande do Sul e o encarecimento das terras revela um aspecto importante da relação dos moradores que xinxavam a terra. Nas palavras de Carletto se sintetiza um antigo sistema de pensamento: “Era assim que funcionava antigamente antes do estudo”, a vida começava a partir de uma colônia de terra e de uma família para “proteger os filhos”. E eis que em meio a esse dilema, o caso de um “doido” incitou a vinda de sua família ao Paraná, o desconhecimento das características do lugar adiciona ironia à sua narrativa e complementa o caso da formação do parreral: “só que aqui cada pau tinha duas abeia home, não vingô o parreral dele, as abeia e vespa comiam tudo as uva, daí ele cortô fora o parreral”¹¹⁰.

De guia, o antigo compadre passou a doido, esse trecho se desloca no seu discurso numa reinterpretação atual sobre um antigo amigo da família. Na memória de Carletto reside a causa principal da falência das parreiras: abelhas e vespas. Os migrantes que aqui chegavam estavam dependentes de uma rede de informação com seus antigos vizinhos. As palavras de Carletto denunciam o Estado que possuía recursos para grandes obras afim de “desenvolver o sertão do Paraná”, mas não possuía um projeto de desenvolvimento para os pequenos produtores rurais.

A lembrança marcada como um caráter de ruptura no destino da família se comporta no relato como mais uma lembrança herdada da família de origem italiana, tradicional na produção de vinhos mas que precisou abandonar a atividade vinícola por conta das condições de sobrevivência encontradas no lugar.

Em 1975, Ciro Carletto casou e solicitou a um agregado que saísse da antiga casa do pai, agora herdada por ele. Essa relação com o agregado lembrada é comparada com a atualidade: “hoje o cara impera e faz o diacho em cima da tua propriedade”. A família impulsionou a atividade madeireira na região, participando da construção de móveis, casas, galpões e outras estalagens. Falando sobre a proibição do corte da madeira nativa, Carletto mostrou uma Cabreúva (*Myroxylon*

109 CARLETTO, Ciro. op. cit.

110 Idem

peruiferum), a madeira de uma dessas foi utilizada na construção da sua nova casa, a árvore exalava uma ceiva que atraía um enxame de abelhas:

Ciro Carletto: Eu lembro bem que o meu pai queria tirá aquelas cabriúva aquelas coisa, eu falei: não, dexe aí. O pai: -não, vamo cortá porque vai uma época que não vão dexá mais [cortar]. O pai toda noite no rádio escutava a agência nacional, a agência nacional sempre teve, as notícia lá do congresso e coisa, o pai sempre escutava, então a lei não existia aqui, mas ele já sabia que lá em tal lugar já tinha né. O pai dizia: *vamo derrubá porque vai um tempo que nós não podemos nem derrubá o mato(...)*. O pai dizia: vai um tempo que o que tem não tirá mais... -Ah, *isso é nosso*, nós que mandemo, tiremo e coisa ¹¹¹.

Em 1965, o Código Florestal Brasileiro foi aprovado a partir da Lei 4771/65 estipulando, pela primeira vez, critérios para a derrubada de matas. Entretanto, somente no decorrer da década de 1980 é que se instalou uma Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), pela Lei 6.938 de 31/08/1981¹¹². Desde o exercício da lei, Carletto abandonou a atividade do corte da madeira. A entrevista pulou de uma árvore a outra, Carletto fez questão de mostrar as tábuas lascadas que foram usadas para construir a antiga casa. Próximo da antiga moradia, exibiu o Angico (*Anadenanthera colubrina*) que media 4,69 metros de largura e cerca 60 metros de altura, preservado em um capão de mata. “Isso é nosso”, seu pertencimento no lugar tinha a intenção de justificar sua posse no lugar. Atualmente, a preservação da madeira evidencia outro pertencimento com o lugar (figura 7).

O sentimento de pertença se comporta como a crença subjetiva de cada um no “seu” lugar. O “nosso” produz sentido entre aqueles que partilham características em comum, amigos, companheiros, vizinhos, parentes, entre outros. As relações com o espaço e com os demais indivíduos produz a sua comunidade sentidas por Carletto. Valores, costumes, significados criam e recriam comunidades imaginárias e reais que vão muito além da concepção de “raça” ou dos laços sanguíneos¹¹³.

Leis, determinações, projetos... Milton Santos analisa o caráter individual de um

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² Brasil. **Lei Ordinária no 4.771**, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 16 set. 1965, p. 9529 (publicação). Brasília, DF, 20 set. 1965, p. 9513 (retificação); Brasil. **Lei Ordinária no 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Diário Oficial FC. Brasília, DF, 02 set. 1981, p. 16509.

¹¹³ Ver mais: AMARAL, A. L. **Pertencimento**. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br>. Acesso em 14 Mai 2015.

lugar influenciado por ações multilaterais oriundas de tempos desiguais¹¹⁴. A narrativa de Ciro expõe o Vale do Chopim como um lugar que sofre influências de outras instâncias, sejam essas regionais e nacionais. Falar sobre o espaço é elaborar um tempo discursivo sobre suas transformações. Discurso não se separa da técnica, pois o próprio discurso é uma redefinição constante das práticas, aqui, as práticas no espaço, assim como cada discurso possui sua técnica. A funcionalidade da relação constitutiva - discurso e técnica - concebe o ato de produzir no espaço como o ato de produzir o próprio espaço. O sujeito discursivo, além da condição de produtor do espaço, se utiliza de sua narrativa para se autoproduzir.

A narrativa como prática social parte de alguém e sua estética ao emitir o discurso o diferencia em muitas ocasiões das demais pessoas, mesmo que elas pertençam ao mesmo grupo social. Nesse sentido, as identidades se constituem a partir de identificações perceptíveis na estética do discurso. Para Boaventura Santos, o processo de identificação de um sujeito com sua história é um processo de autorreconhecimento¹¹⁵.



Figura 7: O Angico.

114 SANTOS, M. A **Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 20.

115 SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

Carletto contou quando conheceu a ilha onde criou um local de lazer no Vale do Chopim:

Ciro Caletto: *Fui cortá uns pinhero que tinha dentro da ilha lá (...). Só se cuide que isso aqui corta memo cara (me passou o facão para descascar uma laranja). Eu garro e eu sabia que a ilha era grande né e ajeitada e daí um dia eu falei pra muié, tava aí coçando né¹¹⁶, antes que ela mande fazê um serviço eu vô saí né [risos], eu disse “eu vô lá dá uma olhada naquela ilha e vô oiá o porto lá pra mim né coisiá, corqué coisa eu vô mexê caquela ilha. [Simulando a mulher falando]: -De certo, você vai e eu e os piá¹¹⁷ fiquemo aqui”. [Carletto respondendo]: -Nã, tudo bem. Peguei e fui, de lá peguei um caíco emprestado de um home ali, fui lá, andei por tudo, diz é, é bem como eu queria memo¹¹⁸.*

O encontro com a ilha, observada de cima e visitada no rio, contado de maneira humorada referencia outra percepção da paisagem apesar da discordância da esposa. Embora uma paisagem seja considerada como resultante da síntese de todos os elementos presentes em determinado local, tal composição desse espaço territorial somente pode ser tomada pelo olhar. Muito além do cenário em si, Raymond Williams investiga o observador da paisagem e, principalmente, a procedência de sua visão. A experiência em si, do consciente ao inconsciente, do sonho a realidade e vice-versa, se evidencia no discurso sobre a paisagem¹¹⁹.

A narrativa também se afirma como práxis social e a lembrança da compra da terra em 1989 do outro lado da ilha constitui um novo cenário. Carletto transforma suas condições de experiência com a criação do recanto:

Ciro Carletto: No sábado cedo peguei o Fusca e fui lá pra vê, *arcancei o dono da terra que eu tenho ali. Ele me devia uma currida dum bicho de pé que ruinô no pé do piá dele*, daí ele disse: oh não posso te pagá a currida porque eu tenho que compra umas coisa e tal e tal. E eu disse: -não to te cobrando, to indo oiá uns pinhero”. E ele [simulando o dono da terra]: -Daí se eu chego vendê um pedacinho lá na bera do rio, aquele capoeirão que ali é onde tá o barraco, o porto, daí eu te pago. Digo: -Pára aí rapá, eu já vô oiá uns pinhero, já vô lá oiá, corqué coisa nós já [negociamos]. Só fui lá oiá os pinhero, já larguei o fusca e desci pro carrero, fui lá. E ele: -te vendo uma quarta aqui, quero duzentos e cinquenta mil cruzero, me dá cinquenta de entrada e cinquenta por mês. Ah comprei na hora. Do porto do caíco subindo a estrada, pra banda do Zé do Ruzza ali e daí (...). Daí fiz aquele barraco lá e daí *eu fazia pastel e jogo de baraio, sábado e domingo e fui*

116 Nesse sentido e na linguagem popular da região o verbo “coçar” se refere a estar sem fazer anda.

117 Na linguagem popular da região, “piá” seria um menino.

118 CARLETTTO, Ciro. op. cit.

119 WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Companhia das Letras, 1989. p. 168.

limpando. (...) Daí im março (1990), trinta de março eu me mudei lá. Daí eu parei (...). Eu sempre lidei com pessoal, eu tocava o campo da comunidade, jogá bola, então eu tava tocando o campo da capela. Daí toquei doze ano o campo só da nossa comunidade ¹²⁰.

Não é uma paisagem simplesmente que se encontra aqui, mas um homem que vive a paisagem. “Eu sempre lidei com pessoal” e a “corrida do bicho de pé que arruinou o pé do piá” elucida a chegada de Carletto até a ilha e sua posição como líder da comunidade como posições construídas numa longa temporalidade influenciada por outros acontecimentos que se constituem das relações de troca com os demais moradores¹²¹.

A ilha não é uma pintura estática na parede. A narrativa de Carletto demonstra um lugar que se compõe em um cenário de criação pelas mesmas mãos que impunham o remo no caíco. Em constante movimento, a percepção de Carletto do lugar sofreu influência do Movimento dos Atingidos por Barragens.

A vida de um personagem se transforma em diferentes cenários no teatro da vida, a atuação sugere a transformação do lugar e do sujeito como um cristal espiralado que se dilapida no tempo. Um ciclo entre o discurso e prática se complementando sem separação, pois o discurso também é uma prática social e ambos são constitutivos um do outro. Apesar dos Ruzza e os Carletto viverem há mais tempo no Vale do Chopim, outros navegantes à beira do rio narram suas trajetórias e alimentam o debate a constituição da comunidade.

120 CARLETTO, Ciro. op. cit.

121 Idem.

I.III. A energia da vida: Outras temporalidades, outras territorialidades

"Rio Chopim (Do Tupi, Xo'pi: pássaro preto)"¹²².

"XupEm: Xu, o ruído que produz o fogo ao apagar-se na agoa. Pin, fogo - apagou fogo. Contam os Kaingangues que em uma de suas excursões, os que iam na vanguarda vadearam ainda de dia o Xopim e acamparam; os que vinham na retaguarda chegaram à noite, prepararam um facho e principiaram a vadear o rio, cujo vao é ruim, cahindo o que levava o facho, gritou: Xupin!!! apagou fogo. Desta circunstancia lhe ficou o nome" (Telêmaco Borba, 1908¹²³).

"Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais" (Chefe Seattle¹²⁴).

A caminhada no vale da estrada ao morro está acompanhada da imaginação. Além dos Kaingang e das demais temporalidades humanas (figura 1), o despertar do pesquisador caminha entre os tempos biológico, geológico e geomorfológico. A restrição em não poder compreender a intemporalidade, toda imensidão do tempo natural do Chopim, é o primeiro passo para a reflexão historiográfica. Na atmosfera do lugar cada discurso é a expressão de uma temporalidade, cada narrativa é a expressão de uma territorialidade.

O tempo das barragens convive com as temporalidades dos ribeirinhos. A narrativa é uma manifestação do tempo e o tempo atual é a confluência de todos os tempos. Milton Santos observa as relações em um processo de transição. No tempo se criam e se transformam as inúmeras temporalidades e territorialidades¹²⁵. Diversos territórios e territorialidades, tempos e temporalidades se sobrepõem e se confundem com o passar do tempo. As vozes dos ribeirinhos se manifestam na presença do historiador. O tempo e o espaço se relativizam no presente.

Os moradores mais recentes da comunidade observada se constituem em uma temporalidade totalmente articulada ao processo das UHE's São João e Cachoeirinha. Em uma manhã de sábado, um encontro foi marcado no antigo *Recanto do Faro*, mas quem recebeu o pesquisador não foi o entrevistado, mas sim seus oito cachorros. Nelson Keller, morador há 14 anos na comunidade, proprietário

122 Verbete Rio Chopim. Extraído de: MARCONDES, G;... op. cit. p. 75.

123 BORBA, Telemaco. **Actualidade indígena: Paraná-Brazil**. Typ. Impressora Paranaense, 1908. P. 117.

124 SEATTLE. **Pronunciamento do Chefe Seattle**. Disponível em: <http://www.ufpa.br/permacultura/>. Acesso em 03 Mar. 2015.

125 Entende-se aqui por territorialidade a concepção de território do ser social ou do grupo ao qual pertence SANTOS, M. op. cit.

da terra há mais de 40 anos, conta que durante esse tempo ausente era funcionário da concessionária Varaschin que prestava serviços de aluguel de veículos para a COPEL:

Nelson Keller: Aqui é o seguinte, quando eu inaugurei essa casa (há treze anos, 2000). Eu trabalhava na Usina Hidrelétrica de Salto Caxias e daí convidei os engenheiro passá um fim de ano aí, como tava terminando Salto Caxias, não tinha nenhum outro projeto em vista e aqui era pra sair no Chopim 16 usina, daí eles pegaro e falaro: Bá, tamo terminando Salto Caxias vamo fica sem serviço, já tem um levantamento prévio (do rio Chopim), vamo se fincá e vamo fazê essas usina aí, senão vamo ficá sem serviço. -De minha parte pode vim. E veio topografia e na outra semana veio aqui fizeram levantamento, eu digo: vai sê barragezinha (1 metro) aqui ali. Fizeram furo de 40, 50 metro ca sonda né, três meis veio a parte de geologia, arqueóloga, fizeram levantamento, sítio arqueológico ¹²⁶.

A antiga rede de relações com a COPEL aproximou na realização dos primeiros levantamentos para as duas usinas. Esse caso revela que cada entrevista deve ser analisada levando em conta a história de vida do entrevistado, ao invés de considerar a memória como algo neutro e estático, devemos questionar como a pessoa se assume na condição de narradora no tempo presente, o tempo de sua enunciação. Analisando a memória e o processo onde se constrói essa memória, outra percepção suscita indagações que a cada entrevista, a cada análise, desfeticizam a crença da memória como uma verdade testemunhal indiscutível: Quem narra? O que narra? Quando narra? Para quem narra?

Juraci Nande Cardoso: “nossa história é rolando”, 60 anos, trinta desses vividos em diversos lugares, e outros trinta vividos em Navegantes. Sua trajetória no lugar está inteiramente entrelaçada com o tempo das barragens:

Desde o tempo que nós viemo morá aqui nós sabemo dessa dita usina. Quando nós entremo morá aqui o Nego (filho) era pequenininho, ele tinha um aninho quando nós viemo morá aqui (há 30 anos) ¹²⁷.

Moradora do lugar, produzindo alimentos agroecológicos, ou seja, sem utilizar agrotóxicos, como feijão, milho, mandioca, batata e banana, assim como poucas galinhas em uma “quarta de terra”, a quarta parte de um alqueire (6050m²) garante

126 KELLER, Nelson Keller. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 16/12/2014. Áudio Digital. 92min.**

127 CARDOSO, Juraci Nande. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Áudio Digital. 27/12/2014.**

sua alimentação e sua sobrevivência no lugar. Ao ser questionada sobre São João e Cachoeirinha logo expressou sua opinião:

Juraci Cardoso: Ah... eu no meu pensamento, gostaria que Deus ajudasse que saísse a usina pra mó de nós saí daqui porque aqui nós tamo num bico sem saída nesse lugar! Nós... *Pra pobre aqui é um bico sem saída*, porque se fosse que tivesse um carro bão, tudo bem né, má nós pagando um pra outro pra í pra cidade, se ficá doente pior ainda! Sorte que nós não ficamo doente, nem eu nem meu marido, temo muita saúde graças a Deus, mas se fosse pra mó de pessoa doentio, tinha morrido aqui à mingua (...).

RP: Vocês querem ir pra cidade?

JC: Pra mim era melhor. Ficava mai perto do comércio, não dependia cada vez que vai pra cidade pedi pros vizinha: Leva nós. O meu filho mora em Curitiba, se fosse dele morá com nós, tem a famia dele lá né, véve a vida dele... ¹²⁹.

A presença de Deus e a ausência de seu filho são sentidas na sua fala. Um conhecimento distinto da terra perante os produtores de soja e milho em propriedades maiores, uma técnica ainda mais dependente de carpidas e, por isso, que demanda mais trabalho. Embora em sua propriedade exista a pluralidade de culturas, a ausência do jovem no campo é sentida em sua fala e logo se contradiz com o sentimento de conformação com o filho: “tem a família dele lá né, vive a vida dele”. O relato sugere uma expectativa ao imaginar a construção do complexo hidrelétrico e, conseqüentemente, a mudança para a cidade como uma solução para os seus problemas.

Seu vizinho, seu compadre, Roberto Bach, motorista de ônibus na Escola Cachoeirinha - comunidade vizinha -, sobrevive de uma criação de 35 terneiros e outra de 80 galinhas carijó em uma pequena propriedade de um alqueire e meio de terra, do qual ele se refere como “um pedacinho de nada”:

Roberto Bach: Que nem eu aqui, só tenho um pedacinho, aqui, já dá uma parte de terra, mas eu tenho uma famía, uma moradia, tenho umas criaçãozinha, eu tenho onde morá (...) Que nem eu fui pa Forianópolis eu fiquei lá no meio dos estranho, só que eu não via a hora de volta sabe, sai de lá e vim po lugar que eu vim com 10 ano, bem dize nasci aqui, hoje eu to com 42, são 30 ano que eu to no lugar(...). Sempre morei aqui, *então não tem como dize que eu não nasci aqui, eu participei daqui*. Daí a gente tem as raiz da gente aqui, a gente considera o vizinho, que é o parente mais perto, aonde a gente convive mais ¹³⁰.

129 Idem.

130 BACH, Roberto. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocaí Filho. Áudio Digital. 12/07/2014. 22min.**

A narrativa de Roberto constrói uma concepção de tempo que cria todo um sentido de vida e de pertencimento com o seu lugar. Dos 30 anos vividos ali, a lembrança de dois anos vividos em Florianópolis-SC “no meio dos estranhos”, intensifica duas dimensões de memórias. Entre um passado de inquietude na grande metrópole se manifesta um presente entre os seus, entre vizinhos e suas “raízes”, a reivindicação de estar no lugar: “então não tem como dizer que eu não nasci aqui, eu participei daqui”. Em síntese, seu sentimento de pertença não aparece na conversa como um sentimento estático, mas sim como uma reivindicação de viver no lugar, algo que está entrelaçado com sua inquietude em meio ao processo das hidrelétricas¹³¹.

Dois vizinhos de cerca, ambos pequenos proprietários, ilustram territórios distintos em um micro-espço. “Cada lugar é teatro de tempos externos múltiplos”, com isso Milton Santos convida a analisar o espaço em outra sintonia com a sensibilidade e a percepção de distintas formas de utilização do espaço¹³². Ambos carregados de lembranças se encontram no tempo presente com a construção das barragens e formulam interpretações distintas sobre o acontecimento.

Santos analisa o modo de produção capitalista como um processo de divisão do trabalho e de “obediência cada vez mais estrita ao relógio(...), um rigor de comportamento adaptado a um novo ritmo”¹³³ que se transforma a cada nova técnica. O cenário da fábrica modifica a percepção do tempo como uma sucessão abstrata, uma ilusão inventada perante o tempo natural. Desde a criação geomorfológica e biológica, enquanto grande córrego de água, o rio Chopim em sua intemporalidade se encontra com o tempo de construção do complexo hidrelétrico. A articulação entre o Estado e a Gerdau S.A. transforma as sucessivas temporalidades de cada navegante.

No tempo de cada entrevista, o roteiro está articulado entre a história de vida do entrevistado, a história da comunidade e, finalmente, um terceiro tópico: “Fale um pouco sobre as barragens” complementado por questionamentos mais diretos: Como você ficou sabendo sobre as barragens? Quando foi? Por quem foi? Mesmo se tratando do mesmo assunto, as memórias individuais, influenciadas por grupos e

131 op. cit.

132 SANTOS, M. op. cit. p. 111

133 Idem. p. 148

coletividades, constroem temporalidades distintas. Sobre a origem de São João e Cachoeirinha, Nelson Keller contou outros detalhes sobre o complexo, demonstrando que cada morador ficou sabendo do projeto em tempos diferentes:

Nelson Keller: Daí na época o Jaime Lerner queria privatizá a Copel, daí pra eles não adiantava fazê usina se ia privatizá, venderam o projeto, venderam pra Enterpa, que era do [Celso] Pitta e do [Paulo] Maluf, firma que ele colhia o lixo em São Paulo, ecologia em São Paulo e como o Requião ganhô, era um rival político (do Maluf), não dexô fazê, tranco tudo, não dexô nem entrá ninguém aí, não teve acerto. 19 de novembro agora fez 13 ano: Daí veio a Gerdau compro da Enterpa (o projeto), vieram com força total!¹³⁴.

A história oral oportuniza analisar a interação do sujeito com a estrutura social. A primeira empreiteira da construção, conhecida por fazer a coleta de lixo na gestão de Maluf¹³⁵ em São Paulo e por nessa época ter frequentado as páginas policiais sempre associada a desvios de verbas públicas para paraísos fiscais, e a interferência política do governador, na época, Roberto Requião¹³⁶, demonstram como os destinos de uma pequena comunidade se entrelaçam com os desígnios de outras instâncias de poder. A fala de Keller suscita outros questionamentos e amplia as observações do estudo da paisagem de um recorte espacial específico para outro mais amplo.

Antônio Luiz Parizotto, 58 anos, transita entre a cidade e sua propriedade em Navegantes há 15 anos. Sua família é tradicional no comércio em diversas cidades da região sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina. Ele se enxerga como agente transformador do espaço desde que comprou a terra: “era só mato e potrero, daí comecei a planta essas fruta né, tem laranja, pocã, mexirica, caqui, mas o meu ramo é comércio, daí tenho isso aqui como um passatempo porque eu gosto

134 KELLER, Nelson. op. cit.

135 Paulo Maluf foi governador de São Paulo (1979-1982), prefeito de São Paulo (1993-1996), eleito quatro vezes deputado federal (2006 até a atualidade), sobre suas costas pesam uma série de acusações como lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, corrupção e crime contra o sistema financeiro (evasão fiscal). Atualmente é filiado ao Partido Populista. Celso Pitta foi seu sucessor (1997-2001), seu mandato foi marcado por uma série de denúncias de corrupção, ambos pertenciam ao Partido Populista do Brasil (PPB). Ao terminar seu mandato, o ex-prefeito era réu em treze ações civis públicas, acusando-o de ilegalidades. Durante a gestão de Maluf, a Enterpa fora contratada para coletar o lixo da cidade. Segundo o Portal Zero Hora, “parte do dinheiro movimentado teve origem em um negócio intermediado por Maluf, a venda da Enterpa Ambiental ao Grupo Macri”. Zero Hora. “Justiça de Jersey determina que empresas ligadas a Paulo Maluf devolvam US\$ 22 milhões à prefeitura de São Paulo”. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br>. Acesso em 16 mai 2015.

136 Roberto Requião foi deputado estadual do Paraná (1983-1984), prefeito de Curitiba (1985-1989), eleito governador três vezes do Paraná (1991-1994, 2003-2006 e 2007-2010) e senador do mesmo estado por duas vezes (1995-1998 e 2011 até a atualidade). Sempre foi filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

também de fazê isso aqui”. Sua narrativa é uma comparação dos tempos da cidade e do campo: “hoje eu prefiro tá aqui que na cidade, cê sabe que eu vô pra cidade já fico meio estressado”¹³⁷.

Arlindo Kerber, popular Laco, morador na propriedade onde será construída a barragem revelou juntamente com sua esposa, Marilei Kerber, que mesmo após as companhias procurarem convencer os moradores da construção das barragens, persistiu uma divisão de interpretações sobre o mesmo acontecimento:

Arlindo Kerber: As pessoa [de outras comunidades] na reunião já diziam: (...) Eu não aceito porque daí fico caquele trauma porque daí onde era meu eu volto, aí não consigo dormi a noite. Tem pessoas dizê que tá cuma situação difícil, depois dizê que não se acostuma lá pra frente. Eu da minha parte eu, digo assim, se for saí a barrage assim pra que todos se saiam bem, não tem problema nenhum. Eu gosto do meu lugar aqui sem dúvida, agora não é possível que no outro lugar não vô vivê bem também. Eu acho que eu vivo, agora tem pessoa que acha que não, tem pessoas que se saí do lugar que ele tá, ele acaba entrando em depressão, ficando doente, não consegue dormi a noite, só fica pensando naquele lugar dele, então por isso que cada caso é um caso¹³⁸.

Cada caso é um caso. No sua condição em particular, seu pertencimento com o lugar é relativizado por acreditar que pode viver em outro lugar. Em trechos da entrevista seu posicionamento sofre influência da empresa Gerdau: “se for sair a barrage assim pra que todos se saiam bem não tem problema nenhum”. Por outro lado, a articulação dos atingidos com os militantes da direção executiva do MAB criou a Comissão dos Atingidos pelas Barragens São João e Cachoeirinha em 1999. A entidade influenciou alguns moradores que desconfiavam das intenções das empreiteiras. Frente ao futuro, Laco revela que algumas pessoas acreditavam que não iriam dormir a noite, ficando doentes “só de ficar pensando” no lugar que os pertencia e que perderam¹³⁹.

A memória pode ser coletiva no mito e no folclore como um constructo moldado no decorrer do tempo devido a interesses políticos e culturais. Mas em casos como esses, para Alessandro Portelli, a memória está dividida. Indivíduos representantes de diversos grupos e que reivindicam a memória se incorporam de maneira distinta a

137 PARIZOTTO, Antônio Luiz. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Áudio Digital. 24/02/2015. 12min.**

138 KERBER, Arlindo; KERBER, Marilei. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho em 25 de fevereiro de 2015.**

139 Idem.

sociedade configurando disputas pela memória que têm o papel de reforçar suas identidades, sejam essas particulares ou na esfera coletiva¹⁴⁰. As identidades constituídas, nesse caso, estão incorporadas a recorrência de um lugar de memória que, além de físico, possui valor simbólico em suas vidas¹⁴¹, por isso, cada sentimento de pertencimento está cercado de conflitos internos na comunidade, por indícios de lembranças e pela apropriação de discursos advindos da memória coletiva.

Entre esses acontecimentos, Ciro Carletto destaca o que chamou de “a lenda das hidrelétricas”, uma memória transmitida pelos vizinhos quando fora realizado o primeiro levantamento prévio do rio:

Ciro Carletto: Essa outra eu sei bem da lenda (história das usinas) porque era em sessenta e quatro (1964). Eles vierom explorá o rio. Veio o helicóptro, foi quando eu conheci o helicóptro. Ele andava só por cima do rio e baxô. Ele tava comé que é tirando o jeito do rio, só mapeando. Daí ele baxô lá onde é que tem lá (...) um potrero limpo anssim. Baxô aquele helicóptero, daí a turma tudo correrio lá. Um com faca, outro com facão na cinta. Isso (facão na cinta) é um costume nosso (...) Não um mal pensamento (...) E daí diz que eles [técnicos] baxaram anssim cuns livrão e abriram e tavam assim (gesto de livro aberto) coisiando. Daí o helicoptro levantô e foi embora. Isso foi o primero helicóptro que foi conhecido ¹⁴².

O helicóptero “tirando o jeito do rio”, ou seja, fazendo o primeiro levantamento prévio se reproduz como o primeiro momento, o primeiro contato do Estado com a população de Navegantes, produzindo um sentimento de estranhamento entre os técnicos que faziam o levantamento e os antigos moradores da comunidade. A “lenda dos helicópteros” transforma o recorte temporal da pesquisa, de uma temporalidade atual (desde 2001) para um temporalidade mais ampla (1964) ou mesmo anterior, por conta da antiga Usina Hidrelétrica do Chopim (anos 1950). Os acontecimentos adicionados ao fio do relato dos moradores antigos e dos mais recentes sussurram nas memórias desmistificando uma temporalidade única como

140 PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana**. Em: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). Usos e abusos da História oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

141 Segundo Pierre Nora, para a memória, os acontecimentos não estão dissociados dos lugares onde ocorreram e, por esse motivo: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea (...) E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos” (NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares** Em: *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 13.

142 CARLETTI, Ciro. op. cit.

absoluta.

As temporalidades percorrem presente, passado e futuro e se deslocam numa constante e intensa viagem pelo rio que pode tudo carregar com a força de suas correntezas, desde a pedra até a própria encosta. A crença na linearidade de uma memória, na história de causa e efeito se descompacta como o solo que recebe chuva. A mesma paisagem e a diversidade de concepções do tempo se alojam no próprio tempo como uma aranha que constrói sua teia. Da mesma maneira, da temporalidade de um morador para a intemporalidade assistida de sua varanda, as águas que seguem o curso do rio, seguem uma trajetória. A chuva, a cheia do rio e a evaporação provocada pelo forte sol, todavia, fazem com que o rio não apenas siga um único curso linear, gerando condições para a existência de uma espiral d'água no Vale do Chopim.

Metáfora à parte, Nelson Keller denuncia a companhia Enterpa como empreiteira de propriedade de Paulo Maluf. Suas relações com a COPEL ampliam sua percepção do tempo e associam acontecimentos para o seu relato, um acontecimento que para outros era desconhecido.

Nossa Senhora dos Navegantes possui memórias divididas, disputadas, repartidas entre as diversas identidades. E, por isso, a pintura de novos cenários da memória está além do racional, além do físico, além do material. O historiador, o artesão dos tempos, não pode compartilhar desse momento se não reconhecer que toda pessoa que conta sua história mistifica o real com sua visão de mundo, algo compartilhado na troca de saberes da entrevista.

A divisão entre militantes da Comissão e atingidos favoráveis às UHE's serve para refletir não somente sobre a existência de um conflito entre Atingidos x Gerdau, mas especialmente sobre as relações internas dos próprios atingidos na esfera coletiva da comunidade. A memória, em sua arte de lembrar e contar, na realidade, se constitui a partir da relação da memória individual com a memória coletiva ou do indivíduo com a memória familiar. A memória está dividida, entre os sujeitos históricos e na relação dos tempos onde presente, passado e futuro comungam de uma paisagem da qual o indivíduo sente pertencer.

Cada personagem dessa história, como um cristal espiralado, reflete as visões de si sobre o mundo e é refletido pelas visões do outro na intemporalidade das versões

de uma mesma história. A temporalidade como energia da vida extrapola as fronteiras de uma pequena comunidade rural a partir de eventos humanos que não estão em um universo paralelo. A localidade sofre influência tanto da lavagem de dinheiro de políticos de outro estado, quanto de uma infinidade de eventos naturais constantes como chuvas de granizo, geadas, temporais e cheias do rio.

As vozes do rio são como nascentes que alimentam suas correntezas. Presente, passado e futuro representariam um ciclo d'água em transformação, como a memória que apresenta práticas e profetiza saberes. Entre uma infinidade de temporalidades e territorialidades que se transformam continuamente, as memórias emergem como aprendizados que, independente das diferenças, comungam do processo histórico das Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha e onde se compartilham sentimentos de pertencimento com o Vale do Chopim.

CAPÍTULO II

A “fulia das barragens” e as experiências dos navegantes

“Eles (da empresa Gerdau) vem aqui sabe o que que eles dizem? Que aqui é um buraco: que que o cara que vim morá num buraco desse? Mas onde é plaino eles não fazem hidrelétrica: esse buraco é feito pra vocês ganhá dinheiro. Que se não tem buraco comé que vai enxê de água pra tocá a hidrelétrica? Esse é que nós temo, esse é um buraco preparado pra vocês, que tá pronto, vocês querem é de graça, mas eu *casco o buchedo*, eu digo memo, quando eu vo nessas reunião” (Carletto simulando sua fala na Audiência Pública)¹⁴³

“Necessita-se começar a ver a história de um modo diferente, fazendo-a, escrevendo-a, investigando-a e ensinando-a de uma maneira radicalmente distinta de como temos feito até agora, uma maneira diferente que esteja realmente de acordo com estes novos tempos que temos começado a viver” (Carlos Aguirre Rojas no *Antimanual del mal historiador*)¹⁴⁴.

“O rio tem muitas vozes, um sem-número de vozes, não é meu amigo?” (o barqueiro Vasudeva indaga Sidarta)¹⁴⁵

Assim como na leitura do conto, o barqueiro que atravessa o rio desperta no tripulante indagações que surtem efeito. Enquanto a vida imita a arte, a dimensão do relato extrapola sua narratividade para uma simulação de diálogo com os representantes da empresa Gerdau. No presente capítulo, a análise das entrevistas oportuniza entender como os acontecimentos no tempo das UHE's São João e Cachoeirinha foram interpretados pelos ribeirinhos.

Em um primeiro momento, a prosa do militante interfere nos acontecimentos e se reveste de veracidade. Assim como a transcrição interfere e em alguns momentos pode mutilar a fala, a própria narrativa oral não pode ser concebida como um relato fidedigno e totalizante do acontecimento.

Ao invés de considerarmos as entrevistas como a exposição realista e detalhada da trajetória da vida de uma pessoa, devemos colaborar para entender os elementos subjetivos que partilham da sua composição. Na voz do próprio narrador se selecionam episódios em favor de outros. Toda narrativa possui algum caráter de fabulação na memória, toda realidade possui tons de ficção, toda ficção possui tons de realidade.

143 CARLETTTO, Ciro. op. cit.

144 AGUIRRE ROJAS, C. A. **Antimanual del mal historiador**. México: La Vasija, 2002.

145 HESSE, Hermann. **Siddhartha**. Modern Library, 2009.

Frente a desvalorização da terra por parte do técnico que a chamou de “buraco”, Carletto reverte seu relato afim de valorizar a paisagem não somente em sua estética, mas principalmente no valor de sua estrutura fundiária e sua capacidade de produção. A personalidade do autor da narrativa possui seu saber constituído como militante do MAB e se refere ao funcionamento da futura barragem com propriedade.

Portanto, para esse momento, torna-se importante analisar o contexto de luta do MAB reestabelecendo a problemática da sobrevivência do campo: a) Como os ribeirinhos são influenciados pelos movimentos para se afirmarem como sujeitos históricos do seu tempo?; b) Como o avanço do Movimento dos Atingidos por Barragens incorporou os navegantes em suas bandeiras de luta?; c) Como os movimentos sociais se intercalam com as legislações ambientalistas?; d) Como a companhia Gerdau S.A. propagandeou as barragens?; e) Como os saberes constituídos pelos atingidos se relacionaram com a companhia hidrelétrica?.

Para compreender esse processo específico, devemos entender como as bandeiras de luta do MAB se constituem com a comunidade. Por isso, é relevante também compreender o processo de implantação do setor hidrelétrico enquanto fonte majoritária de produção energética no Brasil.

As UHE's São João e Cachoeirinha tal como previstas interferem no processo histórico de Navegantes como na própria narrativa de cada um de seus moradores. O evento em si torna analisa o evento provável e futuro enquanto um fenômeno que influencia as memórias dos moradores e, inclusive, influencia a própria operação historiográfica na relação dos tempos.

Para além das muralhas do seu lugar social que é a Universidade, o historiador se comunica com a sociedade por meio de suas técnicas. Em outras palavras, ao se referir assim, Michel de Certeau emite o sentido por detrás da escrita de todo um sistema de referência que influencia seu trabalho de análise. A instituição de saber constitui-se como um lugar científico que não deve recalcar sua relação com a sociedade. De toda forma, muito além dos domínios acadêmicos, o historiador se transporta do lugar social da Universidade ao campo de pesquisa. Frente ao entrevistado, enquanto entrevistador encontra outro lugar social, a casa, a família, o espaço de trabalho e até o chimarrão servido por esse personagem desconhecido. A

relação da operação historiográfica enquanto prática e escrita com o lugar social do entrevistado institui um *tempo discursivo* que considera o ontem e o hoje¹⁴⁶.

O tempo presente se incorpora também na movimentação do pesquisador da entrevista para a análise das narrativas orais e dos documentos escritos¹⁴⁷. O corpo do pesquisador se utiliza de estratégias que possibilitam perceber coisas por si mesmas e na relação com os entrevistados.

O cotidiano relatado proporciona a imaginação do momento da entrevista ao leitor. Sobre a soleira da porta, mãos calejadas levam o chimarrão à boca, a mesma que expressa o fato com seus jeitos e trejeitos. Desse modo, não temos apenas o evento (a construção das hidrelétricas) mas também as suas interpretações (subjetividade). A troca de experiências entre os participantes da pesquisa na produção das entrevistas contribui para a análise de narrativas de ribeirinhos e suas articulações com o tempo. Ainda que as barragens não concretizadas pertencem concretamente nas subjetividades dos atingidos.

Os relatos dos navegantes mais que respostas suscitam questionamentos: a) Quais foram as estratégias das empreiteiras na construção da hegemonia dentro da comunidade?; b) Como o MAB se organizou nas comunidades atingidas e perante o avanço das barragens? e c) Nesse sentido, como as condições de sobrevivência dos atingidos interferem no seu posicionamento quanto às barragens?

O tempo das barragens é constituído no universo de saberes e práticas dos atingidos. A metáfora, circunscrita na análise, incorpora a autoridade do etnógrafo no texto no aqui e agora apesar do campo estar lá. Tal deslocamento se assume nesse campo contituído por experiências distintas atravessadas pelo historiador. O verde do mate e a água quente na cuia, logo lembram a paisagem do Vale do Chopim representada na voz do entrevistado.

Os sinais do tempo mitificados na vinda dos pais ao lugar, na antiga barragem,

146 CERTEAU, M. de. **A operação historiográfica**. Em: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

147 Para Lucília Delgado e M. Ferreira: "A delimitação do campo constitutivo atual e o recorte temporal contemporâneo são características fundamentais da história do tempo presente. O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. Nesse sentido, a memória sobre acontecimentos e processos são essenciais para a construção do conhecimento histórico" (DELGADO, L.; FERREIRA, M. **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 7)

nas frentes de trabalho e na construção da pequena hidrelétrica definem a paisagem como algo transtemporal, pois agrega cenários passados ao presente. A construção transversal do tempo¹⁴⁸ se aloja na lembrança de enfrentamento de Carletto. Uma recordação que poderia não ter acontecido e ser perdida caso não fosse lembrada no tempo da entrevista. Quando um militante reivindica sua interpretação de um acontecimento o que está reivindicando é o passado que ele construiu com os movimentos sociais, uma memória em disputa que luta para sobreviver na atualidade. A arte de contar a vida consiste em interpretar as hidrelétricas no relato de mais um episódio na trama da luta pela terra no Vale do Chopim e no Brasil.

II.I. Energia para quê(m)? O contexto hidrelétrico e a resistência do Movimento dos Atingidos por Barragens no Brasil.

“Constata-se, atualmente, no Brasil e nos países vizinhos uma verdadeira ‘epidemia de barragens’, em que o argumento da crise da energia (ou crise do petróleo) aparece muitas vezes como pretexto para uma série de outros interesses comerciais ou políticos; eis que a energia beneficiará sobretudo as grandes indústrias, para as quais convém dispor de massas humanas como mão-de-obra barata, explorada. Assim também Itaipu constitui apenas um tentáculo do polvo denominado capitalismo, que vem subjugando, um após outro, os diversos setores da vida nacional, sempre causando prejuízos à classe trabalhadora” (Pastor Werner Fuchs no prefácio de A taipa da Injustiça, obra de Juvêncio Mazzarollo¹⁴⁹)

A grandiosidade da Usina Hidrelétrica de Itaipu foi representada em diversas ocasiões na repetida cena das comportas abertas e da infinidade de água jorrando produzindo energia em larga escala. Apesar da produção massiva de eletricidade e do argumento da “energia limpa”, a construção da barragem foi apresentada por Mazzarollo em suas contradições. O caráter “não-poluente” e a imensa muralha retém um lago sereno e o orçamento que saltou de 2,5 bilhões no projeto para US\$ 40 bilhões para sua efetivação.

As terras inundadas eram consideradas entre as mais férteis do mundo, isso sem falar da infinidade de espécies da fauna e da flora que tiveram seu ambiente afetado. Finalmente, Itaipu carrega a marca de ter removido mais de 40.000 pessoas

148 SANTOS. op. cit.

149 MAZZAROLLO, J. **A taipa da injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. Edições Loyola, 2003.

na margem brasileira, enquanto que na margem paraguaia foram no mínimo 20.000 pessoas com a finalidade de produzir 14 megawatts para a população brasileira¹⁵⁰.

Na década de 1970, Itaipu era apresentada como pertencente a um modelo novo de produção energética sem poluição que tinha por finalidade ultrapassar o modelo poluente e dependente da queima de combustíveis fósseis. As caldeiras, turbinas e motores de combustão interna, ou seja, em Usinas Termelétricas e Usinas de Biomassa foram substituídas paulatinamente pelas Usinas Hidrelétricas. O caso de Itaipu personificou a imensa hidrelétrica em seu argumento de inovação de maneira a justificar todas as suas barbaridades em nome da produção da energia elétrica.

A água, reconhecida como riqueza natural de vital importância para a sobrevivência de todos os seres vivos no planeta, apresenta-se como parte considerável da solução de produzir energia elétrica nas décadas de 1970 e 1980. As hidrelétricas passaram a ser consideradas uma das fontes mais baratas de produção energética com alto grau de eficiência e sem produzir poluentes, por isso, denominada “energia limpa”.

Como a energia elétrica chega até a sociedade? Como a construção de hidrelétricas tem atingido as populações ribeirinhas? Como os movimentos sociais, o estado e as empreiteiras compreendem esse processo desde o regime militar até a atualidade? A produção, o armazenamento e a distribuição de energia são etapas e, portanto, possuem setores de organização distintos, mas o fato é que grande parte da população brasileira sequer sabe o que é um atingido por barragem.

Para compreender porque isso acontece não podemos reduzir a pesquisa ao seu *locus*, ou seja, a Navegantes. A metáfora do corpo acompanha a pesquisa científica e o ser intelectual não está separado do ser social. Do livro para a rua, o pesquisador em sua etnografia é atingido pela sociedade. Uma simples volta pela cidade sugere a justificativa da sociedade para a produção de energia elétrica em massa.

A fachada da farmácia reluz o branco do vazio esterilizado. O som alto dos carros estacionados no pátio do posto de gasolina. Os outdoors reluzentes induzem ao divertimento infligido pelo consumo. Os transeuntes manuseiam seus celulares

150 Idem.

emanando sua individualidade. As luzes negras e o CDJ tocando Dark Psy na boate criam outra dimensão alienígena em meio a nossa existência terrena. A loja repleta de eletrodomésticos de última geração, todos funcionando a noite toda. Os andares de cima embora vazios no sereno da noite com suas lâmpadas de alta voltagem e computadores ligados vizinham a resistência da periferia que ocupa o centro entre os pichos gritantes no topo do prédio. Longe dali, os “gatos” no poste conectam o sistema de eletricidade à casa do autor de uma das pichações por meio de fios de telefone... A cidade iluminada, contudo, obscurece o morador de rua sobre o jornal. Longe do campo de pesquisa, distante do vale, a pequena Suzuki 125 cilindradas agora rompe a madrugada.

Pela manhã, a única companhia do pesquisador é o caderno de campo. No parque, esse se comporta como um guia de sobrevivência na pesquisa. A intimidade com o mundo é a intuição, o lápis corre no papel ante a ilusão de sentir, de ver, de provar, sinais energéticos interpretados pelo cérebro.

E o que é real? Enquanto as pessoas correm do trabalho para casa, as árvores do parque parecem dançar. Além das firulas da prosa literária, surge a energia da reflexão escrita. O pensamento parte de uma ilha verde no meio de toda babilônia cinzenta após apresentar a pesquisa em mais um Simpósio, cumprindo mais uma exigência acadêmica.

Divagações, aplausos, silêncio, próximo apresentador, que tipo de conhecimento estamos produzindo? Difusão do conhecimento é uma apresentação de trabalho científico numa sala com três pessoas? Pontuação no currículo Lattes e índices de produção “científica” no nosso país, uma troca aparentemente justa entre o Estado e o pesquisador, mas que na profundidade revela o único interesse do governo: gerar estatísticas de produção “acadêmica”, uma ciência de Estado que almeja convencer a população de estamos atingindo as metas aplicadas na Educação.

O produtivismo acadêmico personificado na criação massiva de artigos “científicos” recebe aplausos em salas fechadas após o projetor de slides receber eletricidade para seu funcionamento. Nas ruas, mundos paralelos distantes da produção obsoleta da academia também sofrem influência dos números. Estimativas de produção de energia exibem o cenário de produção energética no Brasil

controladora dos números: produção de quilowatts por hora, preço do quilowatt, consumo de quilowatts por morador. Toda pulsação de elétrons, entretanto, não se origina na metrópole. Passando pelas grandes torres, pelas subestações, a evidente demanda cada vez mais intensa por energia nas cidades vai ao encontro com a necessidade crescente de produção energética. Contudo, ao invés do setor residencial, grande parte da produção de eletricidade sempre foi ofertada ao setor industrial¹⁵¹.

Apesar da sua aparente condução, a produção de energia hidrelétrica foi motivo de intensos conflitos entre empreiteiras construtoras das barragens, o Estado e os movimentos sociais assim como uma série de problemas ambientais como enchentes, infestação de insetos e aumento da temperatura.

Ainda na década de 1950, a Crise do Petróleo e o ressentimento por conta das bombas de Hiroshima e Nagasaki provaram o comportamento autodestrutivo e também nocivo do ser humano ao planeta, assim como a eventual escassez de recursos naturais devido a utilização de matérias-primas advindas da natureza. A expansão do capitalismo e a intervenção das elites empresariais com a intenção de produzir inúmeros bens e serviços incentivou o consumismo. A obsolescência programada do consumo comungava com a necessidade de produção e venda de um produto que acaba sendo ultrapassado. Nesse período, o *desenvolvimento sustentável* emerge na problemática da geração de energia elétrica com a intenção de superar a crise do petróleo. O ritmo das novas tecnologias dependia cada vez mais da transformação do modelo de produção energética de uma matriz poluente, escassa e cara para uma matriz renovável, limpa e barata¹⁵².

Em 1961, o governo federal criou a Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras S.A.) para coordenar o sistema elétrico nacional. Entre geração, transmissão e

151 A principal variável que determina o consumo de energia é o aumento da população aliada ao poder de consumo per capita do cidadão e dos índices de produção. Segundo relatório da ANEEL a tendência de crescimento de energia entre 2003 e 2005 foi de 13,93% enquanto o Produto Interno Bruto (PIB), nesse mesmo período, registrou um crescimento acumulado de 14,72%. O consumo anual de energia elétrica per capita aumentou vertiginosamente no Brasil nos últimos quarenta anos chegando a 435.684,43 GigaWatts (GWh) em 2007, a produção industrial liderou o ranking de consumo com a aplicação de 192.616 Gwh enquanto o setor residencial consumiu apenas 90.881 GWh nesse mesmo ano (Disponível em <http://www.aneel.gov.br> . Acesso em 28 nov 2015).

152 Ver mais em: BURSZTYN, M. **Armadilhas do progresso: contradições entre economia e ecologia**. Brasília: UNB, 1995.

distribuição, sua organização controlava toda a cadeia do setor¹⁵³. A entidade realizou mapeamentos dos aproveitamentos hidrelétricos de diversos rios com grande volume de água e quedas suficientes para gerar energia elétrica.

O mapeamento realizado por helicópteros no Vale do Chopim foi lembrado por Valdevino de Andrade. O morador de 63 anos, nascido e crescido às margens do rio, relatou o episódio de maneira inusitada:

Valdevino Moraes: Passô [os helicópteros], eu me lembro, entrô um dentro do potrero da terra da finada minha mãe. Nôí não conhecia. Chegô aquele troço roncando. Fomo tudo correndo lá oiá né. Daí tava um senhor com um livro na mão, escrevendo. Tem até hoje a pedra que ele escorô o pé encima lá. Mas isso faz não sei quantos anos. Quando nós chegemo lá, o cara fechô o livro e entrô pra dentro do helicóptero. Sumiro no mapa, não sei, foi feito levantamento... Pararam lá no Cride Medero, que morava lá perto das água. Chegaram lá se parando de tongo. Pergutaram pro Cride se o canto do fogão era bom de tomá chimarrão. Calcule se eles não ia entendê que era um cano de puxá fumaça (risos)¹⁵⁴.

O “ronco” do helicóptero, os grandes livros abertos nas mãos, os especialistas se “parando de tongo” são elementos da descrição humorada. O relato do exhibe a expressão da memória do primeiro contato dos técnicos a serviço da Eletrobrás com os moradores. Os olhos expressivos da testemunha ocular e sua ironia evidenciam o estranhamento entre a consolidação da nova matriz energética e o ribeirinho nada familiarizado com o processo. A expressão da memória no presente contrasta daquele passado vivido no encontro e no estranhamento onde poderia ter se ocasionado um conflito.

Na década de 1970, os mapeamentos dos rios continuaram sendo feitos. A ditadura civil-militar se consolidou como um período onde os direitos civis foram caçados e a democracia ficou comprometida. A tendência do regime que tinha o apoio das elites econômicas assumiu o desenvolvimentismo capitalismo com a finalidade de abrir o país ao capital estrangeiro. Uma série de grandes usinas hidrelétricas passou a ser construída afim de atender a demanda cada vez mais

153 CLEMENTE, L. **Seleção de Potência Instalada Ótima de PCHs no Contexto de Mercados Competitivos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Hidráulica) – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2001.

154 BORBA, Sebastião; MORAES, Valdevino. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. 02/02/2015. Áudio Digital. 56min.**

crescente por energia elétrica por conta da industrialização. A escolha pelas hidrelétricas como modelo energético ao momento que intensificava a produção de energia culminava em diversos conflitos nas regiões onde tais empreendimentos foram construídos.

Os eventuais embates e os debates pertinentes ao assunto oportunizaram um conjunto de legislações preservacionistas. A tendência era que a natureza estivesse sob um abrigo estatal, considerada com um patrimônio e a construção de grandes obras deveria passar por estudos prévios de impacto ambiental. Por isso, para Marcel Bursztyń, tornou-se uma tendência dos estados nacionais tratarem diretamente da questão ambiental¹⁵⁵.

Ainda assim, no Brasil os critérios sempre foram muito relativos. O Estado que incentivava a preservação do meio ambiente de um lado, de outro financiava grandes obras sem estudo prévio como nos casos das construções da Usina Hidrelétrica de Itaipu¹⁵⁶, da Usina Hidrelétrica de Tucuruí¹⁵⁷ e da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira¹⁵⁸. Todas foram construídas com pouca ou nenhuma influência de estudos ambientais e/ou sociais, afetando o ecossistema local e as populações ribeirinhas¹⁵⁹.

155 BURSZTYN. op. cit.

156 A Usina Hidrelétrica de Itaipu (potência 14000 MW) teve seu nome extraído do idioma tupi-guarani, "pedra na qual a água faz barulho", *itá* (pedra), *y* (água) e *pu* (barulho). Localizada no rio Paraná, na fronteira entre o Paraguai e o Brasil, foi construída por ambos os países de 1975 a 1982, os dois países fronteiriços eram governados por governos militares nesse contexto. Até 2015, a Itaipu Binacional era a maior produtora de energia elétrica do mundo. Segundo o portal do MAB, o "crime perfeito" cometido por Itaipu foi a destruição das Sete Quedas. Inúmeros camponeses foram "desaparecidos" e sequer constam das listas oficiais. (...) Itaipu foi moeda de troca para o apoio material e político da ditadura brasileira aos conspiradores chilenos que derrubaram o governo socialista de Salvador Allende. Em troca deste apoio a ditadura brasileira exigiu que votasse a favor do Brasil ou se abstinhasse da votação, na questão apresentada pela Argentina nas Nações Unidas, contra a construção da usina binacional. (Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/>. Acesso em 02 jul 2015).

157 A Usina de Tucuruí (potência 8730 MW) localizada no município de Tucuruí-PA foi construída em 1984 (idem)

158 Galdino Jacintho, líder dos atingidos de Ilha Solteira, foi incriminado pela polícia, passou por vários presídios e foi considerado "louco" e foi parar no manicômio Judiciário de Franco da Rocha. Embora sua condição psiquiátrica tenha sido relativizada, esse foi capaz de colaboração na organização dos atingidos em uma "guerrilha". Diversos camponeses foram presos e assassinados (Ibidem).

159 Segundo a cartilha "Energia para quê e para quem?" do MAB, atualmente são no mínimo 12 Usinas Hidrelétricas que estão violando direitos civis e ambientais. MAB. **Energia para quê e para quem?** Sobre os impactos ambientais e sociais das barragens ver: SILVA, E. A. **Transformações sócio-espaciais e a problemática ambiental no Brasil: O caso das hidrelétricas**. Caminhos de Geografia, v. 8, n. 23. Uberlândia: UFU, 2007.

A questão ambiental era somente mais um dos problemas não solucionados pelo Estado na construção de hidrelétricas. Se por um lado os mapeamentos para aproveitamento hidrelétrico realizados pela Eletrobrás eram sofisticados, por outro lado, não havia uma política adequada de indenizações, desapropriações e de reassentamentos para as famílias atingidas por tais empreendimentos hidrelétricos. Antes da fundação do MAB, diversas foram as lutas protagonizadas pelos atingidos por barragens em diversos lugares e em diversas frentes que se distinguiam por conta das diferentes experiências e das diferentes localidades. Antes de existir uma organização à nível nacional, os atingidos se organizavam em comissões regionais.

Na barragem de Itaparica (BA e PE), quem organizava a luta eram os sindicatos organizados no Pólo Sindical. Na Bacia do Rio Uruguai (RS e SC), a organização era feita pela Comissão Regional de Atingidos por Barragens. Em Tucuruí (PA), foi criada a Comissão dos Atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí (CAHTU). Milhares de famílias foram expulsas de suas terras, indo habitar periferias das cidades grandes, favelas ou mesmo se transformando em agricultores sem-terra¹⁶⁰.

O processo de “redemocratização” do Brasil foi impulsionado pela campanha das *Diretas Já!* que obteve forte participação população em 1984¹⁶¹. A ideia inicial de “abertura política” iniciou no momento em que o presidente Ernesto Geisel (1974 a 1979) reconheceu a crise econômica que o país vivia, assim como o consequente descontentamento da sociedade com os militares no poder. Esse processo deveria acontecer, segundo o presidente, de maneira “lenta, gradual e segura” sendo que perdurou até o seu sucessor. João Figueiredo (1979 a 1985), apesar de articular o processo de abertura, comandou um plano de vigilância diária e irrestrita a pessoas que faziam oposição ao regime militar – entre esses militantes das comissões de atingidos por barragens. Segundo o MAB, a “abertura política” foi um processo “seguro”, mas seguro para os militares, pois nenhum deles foi julgado e penalizado

160 ANDRIOLI, L. **A trajetória do Movimento dos Atingidos por Barragens no contexto da luta de classes do século XXI no Brasil**. Anais do Encontro Marx e o marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois. Rio de Janeiro: UFF, 2013.

161 A opção de colocar os termos “democracia”, “abertura política” e “redemocratização” entre aspas se constitui a partir de um diálogo com os movimentos sociais. Os atos de despejo violento de acampamentos do MST e de ocupações organizadas pelo MAB contradizem a ideia de que estamos em um período democrático. A pesquisa respeita o questionamento dos movimentos sociais incorporando as aspas a esse termo, entendendo o direito de liberdade de expressão na pesquisa historiográfica.

pelos crimes que cometeram contra a vida humana¹⁶².

Apesar do fim do regime militar, o período está vivo nas lembranças dos atingidos. Carletto comentou sobre a ditadura e o avanço truculento das hidrelétricas: “na ditadura, eles diziam: vocês vão sair, não pagamos nada ou pagamos tanto e *tem que sair e não tinha*”¹⁶³. Esse trecho da entrevista acena para outro tipo de herança na memória de Carletto. Dessa vez o balseiro herda a memória do amplo coletivo do MAB.

A herança na memória da ditadura foi abordada nos periódicos do MAB. Apesar de Carletto diferenciar a ditadura da “democracia”, um artigo no Jornal do MAB, em maio de 2014, denunciou a chamada “ditadura nas barragens”. Apoiada na Lei de Segurança Nacional que considera “sabotagem e crime contra a segurança nacional” qualquer atividade dos movimentos sociais no canteiro de obras das Usinas Hidrelétricas. A geração de energia é considerada pelos governos um “interesse nacional” de “todos/todas” e, por isso, justifica a lei apesar dessa ser um “resquício da ditadura, principalmente por instituir um Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), sem qualquer tipo de participação popular”¹⁶⁴.

A denúncia do MAB de que o setor energético impõe esse conselho argumentando se comportar como um assegurador do “interesse nacional”. Os militantes do MAB reavaliam esse conceito de “utilidade pública”, pois o conselho não possui composição da sociedade. O “interesse nacional de todos/todas”, na realidade, se comporta como uma justificativa para ações de despejo violentas de ribeirinhos. Portanto, a medida atua para esses militantes como uma verdadeira

162 MAB. op. cit.

163 CARLETTTO, Ciro. op. cit.

164 Isso acontece devido ao fato de que os três “representantes da sociedade civil” sempre serão voto vencido perante os representantes do governo. Segundo o Ministério de Minas e Energia: “O Conselho Nacional de Política Energética - CNPE, presidido pelo Ministro de Estado de Minas e Energia, é órgão de assessoramento do Presidente da República para formulação de políticas e diretrizes de energia”. Integram o CNPE: I - o Ministro de Estado de Minas e Energia, que o presidirá; II - o Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia; III - o Ministro de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão; IV - o Ministro de Estado da Fazenda; V - o Ministro de Estado do Meio Ambiente; VI - o Ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; VII - o Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República; VIII - o Ministro de Estado da Integração Nacional; IX - o Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; X - um representante dos Estados e do Distrito Federal; XI - um representante da sociedade civil especialista em matéria de energia; XII - um representante de universidade brasileira, especialista em matéria de energia; XIII - o Presidente da Empresa de Pesquisa Energética - EPE; e XIV - o Secretário-Executivo do Ministério de Minas e Energia. (Disponível em: <http://www.mme.gov.br>. Acesso em 12 jul 2015).

“violação dos direitos humanos”¹⁶⁵ e da “legislação ambiental”¹⁶⁶. As atuações do MAB enquanto movimento de massas se descortina por detrás dos despejos efetuados nas últimas décadas, são inúmeras lembranças que foram compartilhadas no Vale do Chopim.

O rio já havia sido desviado. O camponês entristecia-se ao ver as águas cubrirem seu milharal. Junto dos atingidos se organizou e ocuparam o canteiro de obras da Usina Hidrelétrica pois não haviam recebido indenização alguma pela construção do empreendimento que atingia sua comunidade. A polícia desocupou o acampamento à beira do rio em questão de horas. Décadas depois, o filho do camponês passou um vídeo para os atingidos de Navegantes e contou a história do pai que foi agredido pela polícia e preso logo após a manifestação.

As águas iam subindo... Para trás ficavam as casas e demais pequenas construções, lugares que até hoje remetem a lembranças de um outro tempo, lugares de convivência e sociabilidade. A antiga escola, a pequena igreja ou até mesmo a Castanheira que nos dias de muito sol fornecia sombra para as crianças brincarem¹⁶⁷. *O sertão vai virar mar?* Cenários de inundações e expulsões influenciaram canções e até filmes como *Narradores de Javé* e os atores sociais que passariam a atuar em Navegantes com o MAB¹⁶⁸.

Em 1989, aconteceu o encontro “Terra Sim, Barragens Não: I Encontro Nacional

165 O procurador da República João Akira Omoto, que também é membro da Comissão Especial do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), constituída para apurar violações de direitos dos atingidos por barragens argumenta que “os deslocamentos decorrentes dos projetos de desenvolvimento, aliados aos deslocamentos provocados por desastres naturais, fez surgir no cenário internacional a noção de refugiado ambiental”. Segundo Flávia Cristina Piovesan (*apud* Omoto), jurista conhecida por sua obra jurídica voltada aos direitos humanos e ao direito internacional: “a Cruz Vermelha estima que há no mundo hoje mais pessoas deslocadas por desastres ambientais do que por guerras. Até 2010 a ONU contabilizava 50 milhões de refugiados ambientais. Qualquer situação de refúgio é por si só reflexo de um grave padrão de violação a direitos humanos. Os danos ambientais têm gerado um crescente fluxo migratório, com o deslocamento forçado de pessoas compelidas a lutar por novas condições de vida em outras regiões e países”. OMOTO, J. A. **Projetos de desenvolvimento: crítica e perspectivas à luz dos Direitos Humanos**. Em: MAIA, L. C.; CAPELLI, S.; PONTES JÚNIOR, F. (Org.). *Hidrelétricas e atuação do Ministério Público na América Latina*. Porto Alegre: Letra&Vida: Red Latinoamericana de Ministério Público Ambiental, 2013. p. 98.

166 **Jornal do MAB** (portal eletrônico). Número 24. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/>. Acesso em 04 jul 2015.

167 A reprodução dessas histórias foram reproduzidas no trabalho de frente de massa do MAB nas comunidades atingidas pelas UHE's em questão. Os entrevistados que reproduziram essas experiências não identificaram quais eram as barragens onde aconteceram o despejo e o alagamento. CARLETTTO, Ciro. op. cit.; KERBER, Arlindo. op. cit.

168 SÁ, Luis Carlos. **Sobradinho**. Disco: Pirão de peixe com pimenta. Indies Records, 1999, faixa 04

de Trabalhadores Atingidos por Barragens organizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pela Comissão Regional dos Atingidos por Barragens (CRAB). A canção *Sobradinho* de Sá & Guarabyra relembra tal profecia e foi entoada durante o evento, incorporando a mística de unidade de um movimento social contra o avanço das hidrelétricas: “A diversidade dos movimentos regionais e locais encontrou unidade na oposição ao inimigo comum” e “conseguiu dar unidade à luta levada pelos colonos do sul do país, pelos povos indígenas e ainda pelos camponeses do rio São Francisco e da Amazônia”. A mística do MAB em palavras de ordem como “Terra por terra”, “Água e energia não são mercadorias” e “Terra sim, barragem não” objetiva se articular com a realidade dos atingidos, formando o movimento de massas¹⁶⁹.

Uma das resoluções tiradas do encontro foi a criação do Movimento dos Atingidos por Barragens. A trajetória dos atingidos possibilita compreender a atuação do movimento social em torno dos episódios rememorados pelos coordenadores ao fazerem o trabalho de frente de massas nas comunidades atingidas do Chopim¹⁷⁰. Alguns episódios flutuaram na memória dos ribeirinhos de Navegantes e, como já observado, foram citados nas entrevistas.

O MAB no âmbito nacional se consolidou com sua base rural na luta pela terra aliada aos estudiosos que defendiam a diversidade ambiental, os ecossistemas e consequentemente as populações ribeirinhas que sobreviviam dos rios. Os impactos sociais e ambientais provocados pelas barragens e a necessidade de alternativas à utilização de recursos hídricos são os argumentos defendidos em suas jornadas de luta¹⁷¹.

Enquanto a hidroeletricidade foi inserida no contexto industrial como sinônimo de desenvolvimento, os movimentos sociais questionaram e questionam as diversas violações dos direitos humanos. As manipulações das consultas públicas às

169 CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens); CUT (Central Única dos Trabalhadores). **Terra Sim, Barragens Não: I Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens**. São Paulo: CUT/ CRAB, 1989.

170 A explicação da conjuntura hidrelétrica para incentivar a luta pela terra e forjar um grupo de base nas comunidades atingidas é denominada na linguagem comum dos movimentos sociais de frente de massas.

171 ANDRIOLI, op. cit.; MAB. **Eletricidade: um negócio muito rentável no Brasil**. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br>. Acesso em 08 mai. 2015.

populações atingidas, as desapropriações de terras, a destruição das últimas reservas de mata nativa são os argumentos do MAB que visam desmistificar o conceito de desenvolvimento sustentável e energia limpa. A análise de conjuntura do setor hidrelétrico pelo MAB evidencia as contradições nas relações público/privadas entre empreiteiras e o Estado e no contexto das relações capitalistas de indenização dos atingidos.

Em 1995, a Eletrobrás consolidou as *Diretrizes para Elaboração de Projeto Básico de Usinas Hidrelétricas*. O documento tinha por finalidade esclarecer o processo de licenciamento das hidrelétricas, desde o modelo de licitação, levantamentos de campo, tipos de equipamentos utilizados, análise financeira do empreendimento, estudos básicos sobre as comunidades onde o empreendimento seria construído e estudos ambientais (ex: topografia e geologia).

O documento é incisivo em relatar que as empreiteiras devem considerar “o controle e o acompanhamento das questões ambientais durante o processo de implantação e as diretrizes para a continuidade das ações na fase de operação”. A consequência desse tratamento deve ser a obtenção de uma série de licenças, consideradas pelas Diretrizes como etapas dos empreendimentos: Licença Prévia (LP), Licença de Instalação (LI), e Licença de Operação (LO)¹⁷², essa última conseguida após a construção da usina, acompanhada da outorga para utilização da água com a finalidade específica de geração de energia elétrica¹⁷³.

A necessidade cada vez maior de produção de energia elétrica se evidenciou de maneira intensa a partir da crise energética de 2001, um fenômeno que ficou conhecido como “apagão”, motivado pela falta de planejamento do setor de produção energética e pela ausência de investimentos na geração e distribuição de energia durante as duas gestões do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ao investigar o “apagão”, Jean Pierre Leroy, filósofo e mestre em Educação, considerou

172 Segundo o portal da Aneel: “De acordo com a legislação vigente, a LP deve ser solicitada na fase de planejamento da implantação, alteração ou ampliação do empreendimento. Essa licença não autoriza a instalação do projeto, apenas aprova sua viabilidade ambiental e autoriza sua localização e concepção tecnológica. Além disso, estabelece as condições a serem consideradas nas fases subsequentes do projeto. A LI autoriza o início da obra ou instalação do empreendimento, enquanto a LO deve ser solicitada antes de sua entrada em operação, pois é essa licença que autoriza o início de seu funcionamento comercial”. Eletrobrás. **Diretrizes para Elaboração de Projeto Básico de Usinas Hidrelétricas**. 1995.

173Idem. p 31.

as posturas de FHC como neoliberais. A sua atuação no setor energético cumpriu a regra. Como em outros setores o presidente aceitou os desígnios do mercado mundial e a agenda do Fundo Monetário Internacional (FMI), renunciando a uma política de desenvolvimento no setor energético com soberania nacional e popular¹⁷⁴.

No campo dos especialistas em produção energética, essa problemática promoveu a internalização da antiga reflexão: A substituição progressiva de formas de produção de energia elétrica não-renováveis, ou seja, provenientes de combustíveis fósseis extremamente poluentes, por formas alternativas de produção de energia elétrica, ou seja, as chamadas “tecnologias limpas e renováveis”. As Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH's) se apresentariam como mais uma alternativa viável sendo que já vinham sendo disseminados projetos dessas barragens.

As PCH's foram o primeiro padrão energético empregado no Brasil. Um dos principais motivos dos técnicos resgataram essa como uma alternativa para produção energética se devia ao fato de que os grandes rios cada vez menos comportavam e comportam receber Usinas Hidrelétricas de grande porte.

Em termos mundiais, essas pequenas às vezes minúsculas barragens¹⁷⁵ são consideradas uma importante solução alternativa de energia renovável com baixo impacto ambiental e com baixo custo para o estado diferente das grandes usinas. Resumindo, uma série de pequenas barragens em um mesmo rio gerariam a mesma quantidade de eletricidade que um grande empreendimento com um custo menor, mas com a mesma intensidade de impacto para o meio ambiente e para a população vizinha do projeto hidrelétrico.

Ainda assim, na década do “apagão”, baseadas nas *Diretrizes para Estudos e Projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas* lançadas em 2000 pela Eletrobrás. A legislação em vigor alterou o conceito de PCH's, estendendo sua capacidade máxima de 10 MW para 30 MW. Nos últimos anos, essa alteração tem gerado conflitos com o MAB. As PCH's brasileiras são maiores que o padrão internacional. Dessa feita, o aumento da produção de energia faz com que as barragens tenham

174 *apud* BERMANN, C. **Energia no Brasil: Para que? Para quem?** São Paulo: Editora Livraria da Física, FASE, 2001.

175 Minúsculas quando comparadas às grandes hidrelétricas.

porte maior, o que atinge uma quantidade maior de famílias à margem dos rios¹⁷⁶.

A barragem de São João produzirá aproximadamente 62 MW enquanto a barragem de Cachoeirinha produzirá em média 42 MW, portanto, ambas apesar de não se encaixarem como projetos de PCH's não estão distantes desse conceito.

Há trinta anos atrás, surgiu a informação da construção de uma barragem, era para ser uma Pequena Central próxima da cachoeira do Roncador (figura 11). Uma década depois, em 1999, aconteceram os primeiros contatos dos moradores de Clevelândia e Honório Serpa com o MAB. Nessa oportunidade os representantes da direção nacional formaram um Grupo de Base junto nas comunidades atingidas denominado *Comissão dos Atingidos pelas Barragens São João e Cachoeirinha*. O objetivo do Movimento era informar os demais moradores da construção do complexo hidrelétrico e orientá-los dos procedimentos cabíveis perante o processo. O episódio em questão demonstra que a organicidade do MAB possibilitou o repasse de uma informação interna da ANEEL dois anos antes do leilão. Isso evidencia o vazamento de informações no interior da entidade responsável pelo setor energético no país¹⁷⁷.

Segundo o coordenador da Comissão, Ciro Carletto, nessa época vieram “os cara lá de Cascavel e o Hélio Meca¹⁷⁸ que veio e fizeram uma reunião pra explicá comé que nós fazia pra se defendê dessas empresa”. As atuações do MAB apesar de parecidas com as do MST, possuem uma organização distinta. Identificado pelo sociólogo Eduardo Luís Zen como um movimento social menos estudado pelas ciências sociais humanas, o Movimento dos Atingidos por Barragens adquiriu “seu

176 ELETROBRÁS. **Diretrizes para estudos e projetos de pequenas centrais hidrelétricas**, 2000. Entre as PCH's existem muralhas de 40 metros e outras caseiras que produzem energia para até três domicílios e possuem muralhas de dois metros. CLEMENTE, op. cit.

177 Informações extraídas da entrevista com Ciro Carletto realizada em 05 de julho de 2014.

178 Hélio Meca atualmente é membro da coordenação do MAB, uma de suas principais lideranças. Na década de 1980, foi atingido pela UHE de Itá quando passou a participar da Comissão Regional dos Atingidos por Barragens (CRAB), naquela oportunidade essa entidade levantou a bandeira de luta: “Terra por terra”, ou seja, “a indenização não poderia ser qualquer coisa, deveria garantir a permanência na terra”. Hoje, as frentes de luta onde Meca atua reivindicam o conceito de “atingido” perante os processos de instalação das hidrelétricas. Essa luta por reconhecimento não se resume a presença do “atingido” no texto, mas ao seu reconhecimento enquanto participante de um processo complexo de mudança social, no caso o de um empreendimento que altera sua condição de morador e trabalhador em um devido lugar que o pertence. O reassentamento coletivo de Santa Inês, em Chopinzinho-PR, onde reside é uma das conquistas históricas da CRAB. CARLETTO, Ciro. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 20/01/2015. Clevelândia-PR. Áudio Digital. 44min.**

reconhecimento e legitimidade perante a sociedade e o Estado (...) de acordo com a quantidade de pessoas que mobiliza e envolve em suas atividades. Estes aspectos se refletem numa cultura política que valoriza as lutas locais e concretas” que visa denunciar a máquina burocrática do estado que atua em favor das empreiteiras¹⁷⁹.

Sua articulação não se deriva de uma institucionalização, nem por possuir estatutos ou algum tipo de registro, além de não ter filiados ou sócios. A organicidade promove o conhecimento mútuo e a troca de experiências por meio de viagens, como a citada pelo morador do Vale do Chopim.

O objetivo da frente de massas Hélio Meca e do agricultor Ciro Carletto – agora coordenador de um grupo de 29 famílias - era “informar o povo”, ir de casa em casa e levar as notícias das hidrelétricas nas comunidades atingidas. O “Fusquinha” de Carletto, citado por Laco, ficou conhecido por fazer “várias corridas” nas estradas vicinais a fim de aproximar a população com o MAB. Como esse expressou, ainda: “Carletto não deixa baxo. O Carletto não dormia, só telefone e avisá, corria com o Fusquinha pra lá e pra cá, ele gastava (risos)”¹⁸⁰.

A frente de massas de Hélio Meca com os ribeirinhos do rio Chopim foi um encaminhamento do 4º Congresso Nacional do MAB de 1999. A resolução recomendou que a principal instância da atuação como movimento social deveria passar a ser os *grupos de base*. A horizontalidade da sua organização em âmbito nacional, foi lembrada por Zen onde as lideranças:

Deveriam ser escolhidas nos grupos pelo conjunto das famílias, que por sua vez formariam uma coordenação local, enviando representantes a uma coordenação regional que por fim, enviaria representantes à coordenação nacional do MAB¹⁸¹.

As corridas mencionadas por Laco junto aos militantes do MAB e as primeiras reuniões nas comunidades produzem pertencimentos com a categoria atingidos. Categoria até então desconhecida por grande parte dos moradores e com a qual passaram a se familiarizar. Sobretudo, para os agricultores, a militância se constituiu

179 ZEN, E. L. **Movimentos sociais e a questão de classe: Um olhar sobre o Movimento dos Atingidos por Barragens** (Dissertação de Mestrado). Brasília: UFF, 2007, p. 54.

180 KERBER, Arlindo. op. cit.

181 ZEN, op. cit., p. 74

como uma mudança drástica nos seus modos de vida, uma mudança cultural muito intensa.

No caso de participação do MAB, é interessante realçar que ninguém se ausenta de seus afazeres particulares para participar de movimentos sociais apenas por questões culturais. As condições de sobrevivência no campo ameaçadas pela inundação das águas do lago da barragem explica a participação do indivíduo atingido no movimento social.

O processo de identificação, sobretudo, não acontece apenas no imaginário dos militantes. O indivíduo alimenta sua identidade nas marchas que percorrem dezenas de quilômetros sob sol forte ou sob forte chuva, no trabalho coletivo para erguer uma cozinha comunitária, no enfrentamento direto com a polícia recebendo tiros de bala de borracha - nas cacetadas levadas e arriscando ser preso -, nas ocupações arriscadas de canteiros de obras de usinas durante a madrugada, na arquitetura revolucionária de um barraco de lona que acolhe os companheiros e na voz dos trabalhadores que gritam as mesmas palavras de ordem. Nas palavras de Zen, a base da identificação do militante com MAB acontece a partir de suas relações de trabalho:

O mais importante é observar que indivíduos integram o MAB porque vêem-se na iminência de perderem sua fonte de sustento, sua forma de trabalho, seu meio de conseguir comida para si e sua família¹⁸².

Enquanto Carletto ia se forjando como militante, em âmbito nacional, os atos do MAB oportunizavam uma série de debates com o governo. A militância dos navegantes com o MAB não se restringiu a localidade ou ao âmbito regional. As relações de força, presentes na luta social pela terra num contexto nacional, podem ser sentidas no seu depoimento oral mais precisamente na lembrança de um ato em Brasília ainda em 2003. Na ocasião onde os representantes do MAB entregaram a Carta da Terra ao recém-empossado presidente Luís Inácio Lula da Silva. Assim, lembrou o militante:

Ciro Carletto: Lá na ANEEL nós fomo reivindicá mais barato a luz elétrica

182 ZEN, op. cit., p. 58.

pra nós, daí no Congresso nós levemo a Carta da Terra, pro pequeno agricultor com condição de ele pagá, fomo em 120 pessoa no Congresso Nacional. Só que o Lula não apareceu, foi loguinho que ele ganhô. Diz que iam pagá. Só que às veiz entra propina no meio, como entrô po Fernando Henrique entrô po Lula tameim e nós fiquemo na boa (ironizando). Má que nós fizemo o manifesto fizemo, ainda assim quando cheguei na porta fui o primero, dois negão má desse tamanho anssim (gesto de altura com a mão) parecia uns guarda-ropa os sigurança, pensei: Agora tô feito né!? (risos). Vinha vindo duas muié (do MAB) eu parei. As mulher entraro. Cada um pegô uma e daí largaro. Daí veio aquela multidão assim, 16 ônibus, 50 cabeça cada (aproximadamente 800 pessoas). Aquilo tampô, tampô! Aí eles soltaro as muié e trancaro a porta de vidro. Chegô um cara de Chopinzinho e um do Serrano Baxo aqui, chutaro a porta embaxo. Debuiô tudo! Daí entraro tudo aquele diabedo e os funcionário correro tudo! Daí eu olhava por cima do balcão, aquilo tramando de polícia. Não dexaro entrá as polícia. Daí acertaro de im conversá oito pessoa com o chefe, eles garraro e queriam (enquanto isso) que nós saísse pra fora: Negativo! Se eles descê de lá e tá combinado nós sai senão não, nós tinha comida e forro (pra dormir). Daí um cara garrô, desceu de lá: Nã, tá tudo certo! -Então vamo limpá, dexá tudo certo. E ajeitemo e daí não sei que que deu¹⁸³...

O empoderamento do militante fica perceptível na sua fala: “tampô de gente”, “debuiô tudo a porta”, “daí entraram tudo aquele diabedo e os funcionários correram”. Carletto ainda complementa que no ato de resistência não saíam do prédio: “nós tínhamos comida e forro”. Os movimentos sociais de luta pela terra, como o MST sob o lema “Ocupar, Resistir e Produzir”, se utilizam da estratégia de ocupação de latifúndios para conquistar a terra. Por outro lado, a ocupação de prédios públicos tem o sentido de conquistar suas reivindicações na cidade, como ficou perceptível na fala do militante.

Apesar da ameaça iminente, sentida e imaginada pelo indivíduo que olha para o rio e vê no pensamento a imensa barragem, fica perceptível na fala do antes agricultor e agora militante a identificação de si para os outros companheiros. A sua proximidade com os amigos e vizinhos reforça seu sentimento de pertença para com o lugar e, sobretudo, para com o MAB. Os medos e as aspirações dos atingidos incorporam-se a uma coletividade expressando os valores do movimento social que passam a ser os seus também.

O militante relata acontecimentos dos quais poderia ter certo receio de relevar, isso por tais atos serem taxados pela mídia como atos de “vandalismo”. Contudo, segundo Zen, a necessidade das ocupações mais diretas acontece pela falta de

183 Ciro Carletto. op. cit.

negociação e por conta do setor elétrico não conseguir ou não desejar compreender a resistência dos atingidos contra as barragens:

No fundo, para o setor elétrico, os atingidos que se insurgem contra as hidrelétricas não passam de “irracionais”, pois resistem à racionalidade imanente do desejo de desenvolvimento embutido nas barragens. (...) Desse modo, as hipóteses formuladas pelo setor elétrico para entender a resistência das populações ribeirinhas giram em torno da cultura, lugar da presença de um “radicalismo verde” e da aversão ao progresso: “gente que não gosta de trabalhar”, “preguiçosos”, “vândalos”, pessoas detentoras de uma cultura do atraso¹⁸⁴.

O relato de Carletto enaltece a participação nessa manifestação dos mesmos movimentos sociais que participaram da entrega da Carta da Terra. Por sua vez, essa pode ser considerada uma manifestação sem atos diretos contra prédios. A diferença está no tratamento dos representantes do governo federal que receberam o documento assinado. A categoria “vândalo” é taxada pelos mesmos meios de comunicação que são financiados pelas empreiteiras do setor hidrelétrico gerando medo nos seus telespectadores. A indústria cultural do medo criada pela grande mídia culpabiliza os movimentos sociais pelos problemas sociais, inclusive pela questão da terra, chamando seus integrantes de “invasores”.

Na realidade, uma manifestação também pode ser entendida como uma contradição do sistema capitalista. Os movimentos sociais ocupam as ruas, prédios públicos, obras, terras, em suma, o campo e a cidade com suas bandeiras de luta exigindo o cumprimento da legalidade. Uma mobilização muitas vezes acontece porque uma empresa estrangeira está infringindo a lei no Brasil. Isso para não dizer que isso acontece em todas as mobilizações dos movimentos nacionais de norte a sul do país.

O MST e o MAB repudiam o termo “invasão” em seus atos e assumem fazer ocupações onde os seus integrantes têm por interesse denunciar essas empresas para a opinião pública. As suas intervenções, consideradas pelos movimentos sociais legítimas e necessárias, são a expressão do direito do povo brasileiro em se manifestar exigindo o cumprimento da justiça¹⁸⁵. O resultado de suas atuações

184 ZEN, op. cit. p. 84.

185 Jornal do MAB. op. cit.

constitui uma série de documentos que são referência para sua organização.

A Carta da Terra, referida na entrevista, é um documento assinado e atualizado a cada ano desde 1997 por um conjunto de movimentos sociais e entidades internacionais ligadas ao meio ambiente. O documento que a cada ano se reconstrói é uma análise de conjuntura focando a proteção ambiental e, os direitos humanos como valores interdependentes e inseparáveis. O seu conteúdo apresenta a luta pela terra pelos grupos menos favorecidos em formato de denúncia do falso argumento de desenvolvimento sustentável representado no avanços de empresas estrangeiras na agricultura. Afim de divulgar o conteúdo da carta, os movimentos sociais e suas direções trabalham em jornadas de luta organizando-se em uma agenda conjunta de manifestações e atuações a nível nacional¹⁸⁶.

Diversas reuniões do MAB com representantes do governo federal foram realizadas focando a condição social dos atingidos, mas também a questão ambiental dos locais atingidos. Em razão disso, em 2006, o governo do presidente Lula (2003-2010) lançou o *Plano Nacional de Recursos Hídricos*. Quanto à implementação de instrumentos que visam à gestão integrada dos recursos hídricos, em especial, o documento orienta o “estabelecimento de mecanismos voltados para seu desenvolvimento sustentável”¹⁸⁷.

O conceito de desenvolvimento sustentável, nesse e em outros casos, apresenta-se como prerrogativa para a utilização da água. Os movimentos sociais criticam essa prerrogativa por privatizar o conhecimento, a eletricidade e os recursos naturais por meio de pesquisas científicas e empreendimentos financiados pelo governo federal e aproveitadas por empresas particulares. A exigência de licenças para a construção de hidrelétricas tem por finalidade exatamente justificar os empreendimentos apesar dos impactos ambientais e da resistência das populações ribeirinhas.

186 Comissão da Carta da Terra. **Carta da Terra**. 2014.

187 Brasil. **Plano Nacional de Recursos Hídricos**. Brasília, MMA, 2003. p. 44.

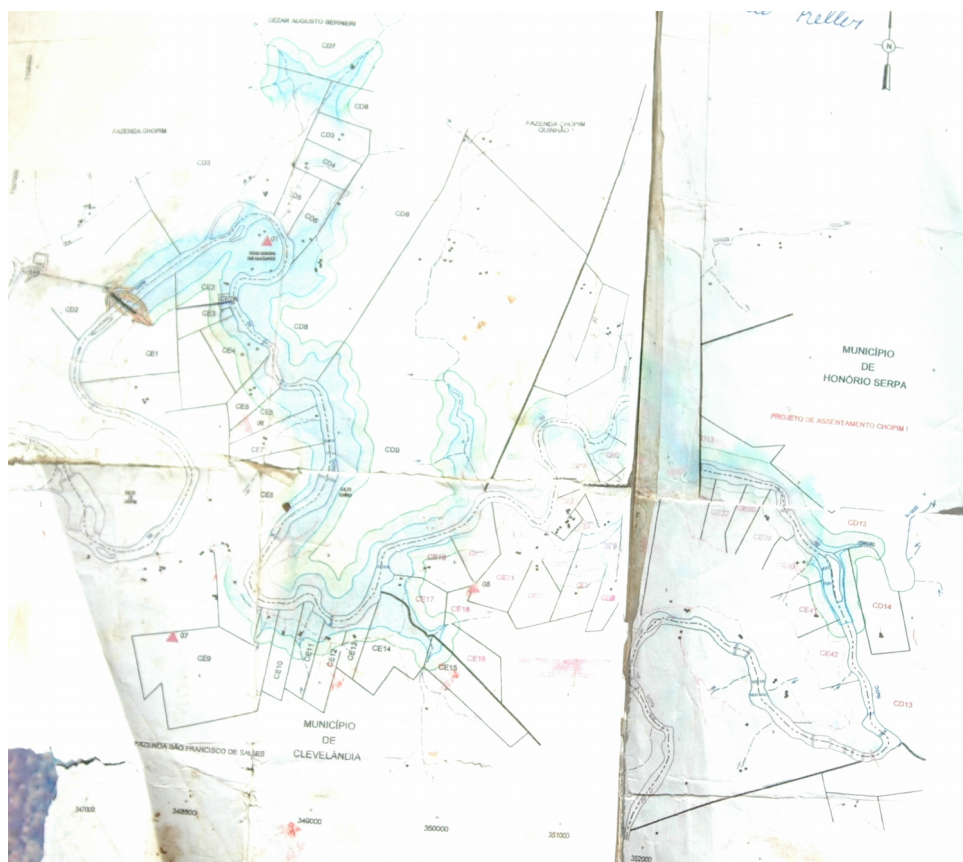


Figura 8: Mapa do impacto ambiental da UHE São João (Acervo Nelson Keller)

A Licença de Instalação, por exemplo, somente é concedida a empreiteira após a análise e verificação de viabilidade de uma obra que não provoque grande impacto ambiental. O artigo 1º. da Resolução 001/1986 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) estabelece o que é impacto ambiental:

Para efeito desta Resolução, considera-se impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam:

- I – a saúde, a segurança e o bem-estar da população;
- II – as atividades sociais e econômicas;
- III – a biota;
- IV – as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
- V – a qualidade dos recursos ambientais¹⁸⁸

As Diretrizes ressaltam a todo momento a preocupação com o meio ambiente. A comprovação de que os impactos ambientais não são significativos acontece a partir

188 Brasil. **CONAMA n.001/86**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br> Acesso em 09 mai. 2015.

da aprovação do Estudo de Impactos Ambientais (EIA) e do Relatório de Impactos Ambientais (RIMA), ambos os documentos devem ser aprovados pela entidade autárquica ambiental do estado do empreendimento. No caso do Paraná, essa entidade é o Instituto Ambiental do Paraná (IAP). O Estudo de Impacto Ambiental – UHE São João significa de forma objetiva o papel de cada documento no processo de concessão:

O Estudo de Impacto Ambiental - EIA é um relatório que compreende o levantamento de literatura científica e legal pertinente, trabalhos de campo, análises de laboratório e uma redação técnica que tem como objetivo oferecer os elementos necessários para que o órgão ambiental competente analise a viabilidade do projeto em relação ao meio ambiente. O Relatório de Impacto Ambiental – RIMA é um resumo do primeiro, em linguagem acessível à população que tem como meta esclarecer as vantagens e consequências ambientais do empreendimento. É o verdadeiro comunicador do EIA ao administrador do empreendimento e ao público¹⁸⁹.

O EIA e o RIMA devem ser produzidos por uma empresa especializada no assunto. Em 2008, com a intenção de adquirir tais licenças, a Chopim Energia contratou a companhia Consiliu para produzir tais documentos. Entre as resoluções do CONAMA n.001/86, o parágrafo único do artigo 9º estabelece que:

O RIMA deve ser apresentado de forma objetiva e adequado à sua compreensão. As informações devem ser traduzidas em linguagem acessível, ilustradas por mapas, cartas, quadros, gráficos e demais técnicas de comunicação visual, de modo que se possam entender as vantagens e desvantagens do projeto, bem como todas as consequências ambientais de sua implantação¹⁹⁰.

Por fim, o EIA São João enfatizou os programas ambientais e a previsão dos chamados resultados do empreendimento, supervalorizando o conceito de desenvolvimento sustentável utilizado na obra:

Ganhos ambientais significativos à região de inserção do empreendimento, visando adequá-lo às restrições legais e anseios da comunidade, de forma que sua implantação e operação, embora implicando alterações no meio ambiente, sejam as mais harmônicas possíveis com a preservação ambiental, caminhando em direção ao tão desejado desenvolvimento

189Consiliu. EIA, **Estudo de Impacto Ambiental de São João**, 2008.

190 CONAMA. op. cit.

sustentável¹⁹¹

Ao tratar a produção dos documentos de teor preservacionista, no caso EIA e RIMA, num primeiro momento, podemos entender que tais documentos estão descomprometidos com o empreendimento e de que existe validade irrestrita do discurso científico nesses documentos. Contudo, tanto esses documentos quanto a legislação vigente possuem uma historicidade que obedece a inúmeros interesses de agentes sociais dos mais diversos. O conceito de “desenvolvimento sustentável” aparece nesse documento a fim de defender o projeto hidrelétrico.

A legislação vigente também requer que a solicitação do Estudo de Impacto Ambiental necessita ser solicitado a empreiteira hidrelétrica para uma empresa especializada em meio ambiente, sendo que os custos são de responsabilidade da primeira. Por esse motivo, César Karpinski considera que esses estudos podem ser considerados um instrumento “tendencioso” que sempre afirmam a viabilidade da obra. A elaboração dos estudos ambientais passam de mera exigência legal e não dialogam “sobre a real situação do espaço físico, biológico e humano da região a ser atingida”¹⁹².

Em um processo social, o discurso de um documento se utiliza do acontecimento e se afirma como sendo o próprio acontecimento. E, realmente, o acontecimento somente é conhecido para alguns a partir de uma representação do acontecimento, seja de alguém que relatou uma desavença ou, por exemplo, um Boletim de Ocorrência. Todavia, com a utilização da história oral, os sentidos se enaltecem além do documento escrito. Cada documento deve ser, analisado segundo suas características intrínsecas, pois é forjado em meio a relações de força deixando indícios disso.

Carlo Ginzburg incentiva a avaliar as diversas interpretações sobre a realidade, pois cada uma dessas é intrinsecamente parcial e “depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si” e lembra que as fontes: “não são nem janelas

191 Consiliu. op. cit. p. 298.

192 KARPINSKI, C. **Hidrelétricas e Legislação Ambiental Brasileira nas Décadas de 1980-90**. PerCursos, v. 9, n. 2, p. p. 71-84, Florianópolis: UDESC, 2008. p. 9

escancaradas” nem mesmo “muros que obstruem a visão”. Longe da visão dos positivistas ou dos céticos, as fontes podem ser comparadas a “espelhos deformantes” sendo que “a análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento constitutivo”¹⁹³.

O documento ambiental camufla quem o redige, uma série de tratamentos procuram estabelecer o papel escrito como algo verdadeiro ou mesmo como verdade única e absoluta sobre um único acontecimento. Esses tratamentos resultam de instituições como um simples cartório que reconhece uma assinatura ou que lavra uma ata, por exemplo. O IAP reconheceu as três versões dos EIA's e dos RIMA's encomendadas primeiramente pela Enterpa em 2001 e 2002 e depois pela construtora Gerdau em 2008, fornecendo no último caso a Licença Prévia para o empreendimento.

Na primeira década dos anos 2000, o avanço dos movimentos sociais, o surgimento de novos atores sociais e a sequência de mobilizações intensificaram as discussões sobre as diretrizes da política energética do país e suas relações com a legislação ambiental. Em 2008 diferentes grupos sociais demonstraram poder de mobilização frente ao projeto da Usina de Belo Monte a partir do Encontro Xingu Vivo, realizado num ginásio na cidade de Altamira, no Pará.

A imensa barragem que desde o princípio até os dias atuais recebe a alcunha de empreendimento de “desenvolvimento sustentável” foi discutida por diversas entidades governamentais e não-governamentais, tribos indígenas de diversas etnias, movimento de mulheres, organizações de direitos humanos e ambientalistas, o Movimento dos Atingidos por Barragens, grupos religiosos e uma Comissão de Direitos Humanos assim como técnicos e representantes da Eletrobrás. Palavras de ordem como “Fora Belo Monstro” e “Não queremos a hidrelétrica Belo Monte” evidenciaram que grande parte dos participantes estava ali para discutir as consequências negativas e futuras na construção de Belo Monte. No segundo dia, o engenheiro da Eletrobrás, Paulo Fernando Resende, após apresentar os estudos sobre a grandiosa barragem e seu posicionamento favorável a construção, foi ferido no braço por um golpe de facão desferido por um indígena presente no encontro,

¹⁹³ GINZBURG, C. **Relações de força**: história, retórica, prova. Companhia das Letras, 2002. p. 43 e 44.

caiu no chão do ginásio, foi cercado por outros indígenas, a polícia precisou intervir e o técnico teve de ser retirado às pressas pois foi cercado e levado ao hospital¹⁹⁴.

Provavelmente o militante Xingu não observou o técnico a partir do seu crachá, mas sim como um inimigo em potencial, não interpretou os slides como uma exibição de dados, mas sim como uma declaração de guerra. Apesar da legislação preservacionista, os atores sociais atuam nas distintas localidades com suas diferentes experiências. As diferentes subjetividades atuam reinterpretando a realidade, muitas vezes, distantes dos holofotes e do vislumbre de uma propaganda veiculada por uma emissora de televisão financiada pelas grandes construtoras.

Todos esses sujeitos compartilham de uma dinâmica em transformação nessas relações de poder. Nos últimos anos, os governos dos presidentes Lula (2003-2008) e de sua sucessora Dilma Rousseff (2009-2015) afirmaram a intenção de colaborar para soluções da crise energética. Apesar de tal proposta, segundo o MAB, as ações tomadas por esses dois governos têm convertido o setor energético brasileiro em uma fonte rentável para investidores não somente do Brasil, mas, principalmente, de especuladores financeiros do mercado mundial.

No campo da eletricidade, Dourival Gonçalves Júnior denuncia que a produção energética das hidrelétricas está sendo vendida ao preço da produção térmica. Ora, a questão que o engenheiro coloca é: a energia das hidrelétricas não deveria ser mais barata para os consumidores por não ser poluente? Sob a sombra do conceito de “energia limpa”, as relações do Estado com as empreiteiras hidrelétricas têm transformado cada quilo de cimento, cada quilowatt produzido e distribuído em “mercadoria internacional”. Ambos os governos teriam assumido o compromisso de favorecer o padrão energético das hidrelétricas de forma a “assegurar a ‘atratividade’ dos investimentos em toda a cadeia” energética expulsando famílias de suas

194 “A Hidrelétrica Belo Monte está prevista pelo Programa de Aceleração do Crescimento— PAC do governo federal e já está em execução no rio Xingu. Esta hidrelétrica terá capacidade para gerar 11 mil megawatts de energia e demandará investimentos na ordem de 19 bilhões de reais. A usina é alvo de protestos de organizações ambientalistas, indígenas e ribeirinhas na região do Xingu. A polêmica chegou à Organização dos Estados Americanos (OEA), em 2011, através da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que exigiu do governo brasileiro esclarecimentos sobre o processo de licenciamento de Belo Monte, citando o potencial prejuízo da construção da obra aos direitos das comunidades tradicionais da bacia do rio Xingu”. ALVES, J. M. **Luta e resistência dos movimentos sociais à Hidrelétrica Belo Monte na Transamazônica-PA**. Em: Ideas v. 7, n. especial, p. 9-35, Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

terras¹⁹⁵.

A construção das UHE's Cachoeirinha e São João servirão eletricidade para a Rede Básica do Sistema Interligado Nacional (SIN), o maior sistema elétrico do mundo que recebe quilowatts de usinas do Brasil todo e roda em todas as regiões que justificativa sua a construção. Chega a ser irônico se referir a esse sistema, pois esse favorece que as empreiteiras ganhem “rios” de dinheiro¹⁹⁶.

Célio Bermann, assessor ambiental entre 2003 e 2004 do Ministério de Minas e Energia comandado por Dilma enquanto ministra de Lula, compara a política energética em nosso país com uma “caixa preta” comandada pelo senador José Sarney e seus “puxa-sacos” que ganham financeiramente com a construção das hidrelétricas. O pacto de governabilidade denominado por ele como “governo Dilma/Sarney” estaria favorecendo uma “aliança que mantém o círculo de interesses que sempre estiveram no nosso país. É a mesma turma que continua na área energética [desde a ditadura]. E isso é impressionante”, informa ele. Defendendo a ideia de que a população “não participa das decisões” da pasta energética, por fim ele justifica tal reação pois a população se sentiria: “calada e amordaçada” pela “síndrome do blecaute”, um clima de pânico generalizado pela “falácia” de um futuro “Apagão”¹⁹⁷.

A síndrome de blecaute se consolida como uma construção social frequentemente atualizada pelo Estado para justificar a construção de Usinas Hidrelétricas como São João e Cachoeirinha. Por outro lado, Bermann considera que a grande demanda de energia elétrica não vai para as residências, mas sim para as indústrias de grande porte que atuam na chamada “reprimarização da economia”:

Nós já tivemos uma época em que a economia dependia basicamente da produção de bens primários: café, açúcar e também alguns bens industriais primários. (...) Eu sempre chamo a atenção para o fato de que, do alumínio primário que o Brasil produz, 70% é exportado. E o alumínio consome muita energia. Para se pegar um barro vermelho, que é a bauxita, e transformá-la

195 MAB. op. cit.

196 Chopim Energia. **Informativo no. 07.**

197 Revista Época. **Belo Monte, nosso dinheiro e o bigode do Sarney: Entrevista de Célio Bermann concedida à jornalista Eliane Brum.** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com> . Acesso em: 21 jun 2015.

em alumínio, é preciso um processo de produção extremamente devastador sob o ponto de vista ambiental. (...) Estamos aumentando o consumo de energia a título de crescimento e desenvolvimento, e, numa atitude absolutamente ilógica, porque a gente exporta hoje a tonelada de alumínio a US\$ 1.450, US\$ 1.500 dólares. E, para se ter uma ideia, hoje falta esquadrias de alumínio no mercado interno, no mercado de construção brasileiro. O preço foi aumentado por indisponibilidade. Hoje, e fizemos um estudo recente sobre isso, é preciso importar esquadrias de alumínio porque a oferta no mercado interno é insuficiente. E, enquanto o Brasil exporta o alumínio por US\$ 1.450, US\$ 1.500, o preço da tonelada de esquadria importada é o dobro: cerca de US\$ 3 mil a tonelada¹⁹⁸.

A análise de Bermann denuncia as relações de força capitaneadas por trás do “bigode de Sarney” no governo e coloca o debate entre a produção e o consumo de energia elétrica em um terreno lamacento onde a população não participa. Enquanto as empreiteiras visam apenas o lucro, a personificação do consumidor de energia elétrica seria o telespectador da principal emissora de televisão. Sentado na poltrona, essa figura está distante de saber porque somos a 6ª energia elétrica mais cara do mundo, apesar da hidroeletricidade ser uma das fontes mais baratas para produzir energia¹⁹⁹. A hegemonia do setor hidrelétrico é um debate presente no discurso dos movimentos sociais, porém, encontra-se ausente na grande mídia que, ao mesmo tempo, apresenta os seus militantes que lutam na rua por direitos civis como vândalos.

No íterim de cada caso específico, a produção energética no Brasil está associada a uma situação mais estrutural onde os estudos sociais devem avançar. A condição fundamental das barragens está intrinsecamente incorporado a uma dicotomia existente entre os atingidos por barragens e o setor elétrico favorecido. Nas palavras de Zen, essa segunda categoria seria renomeada em diversas ocasiões como “indústria de barragens”²⁰⁰.

Em sua posição de analista da conjuntura hidrelétrica considera os agentes

198Idem.

199 MAB. op. cit.

200 A chamada “indústria barrageira” foi concebida pelo engenheiro mecânico Oswaldo Sevá como uma “expressão (...) ainda pouco utilizada no Brasil, embora muitos engenheiros das empresas de eletricidade, de construção civil e de fabricação de equipamentos eletromecânicos se considerem como “barrageiros”, expressão também usada por técnicos e peões dos canteiros de obras de hidrelétricas. Mas a identificação de um conglomerado de grupos capitalistas de setores conexos e interdependentes, pivotados pelo capital financeiro elétrico, é ainda uma noção incipiente, exceto na língua inglesa com a expressão “dam industry” usada por pesquisadores e no discurso ativista dos atingidos e dos ambientalistas” *apud* ZEN. op. cit. p. 92.

governamentais e as empresas envolvidas nos processos de planejamento, financiamento, construção e operação de usinas hidrelétricas e que por detrás da construção, da transmissão e distribuição de energia elétrica estão os “insumos necessários” da *indústria barrageira* (ex.: fabricantes de componentes de turbinas, cimento etc.) e “finalmente, as indústrias de exportação que utilizam grande quantidade de energia elétrica nos seus processos de produção” como fabricantes de ferro-gusa, celulose e alumínio²⁰¹.

A influência de grandes empresários que utilizam grande quantidade de energia elétrica nas decisões do setor elétrico descortina debates entre os especialistas no assunto. Nos bastidores dos conceitos de “energia limpa” e “desenvolvimento sustentável”, a síndrome de blecaute persiste como interesse das empresas que necessitam uma grande demanda de energia.

A produção de energia elétrica, inclusive, possibilita o noticiário arraigado de notícias que criminalizam os movimentos sociais, assim como “denúncias de corrupção” que encobrem as relações de poder por trás desses “escândalos”, todas criadas pelos políticos que estão no poder desde a ditadura.

Nesse sentido, muito além de Belo Monte, podemos nos remeter ao caso específico do Vale do Chopim. Energia para quê? Energia para quem? O grupo Maluf em São Paulo, apesar de acusado de lavagem de dinheiro em suas transações internacionais, pôde arrematar as UHE's São João e Cachoeirinha por meio da Enterpa em 2001. Essas foram legalmente transferidas em 2008 à empresa Gerdau conforme indica a Resolução Normativa nº 1.248, de 12 de fevereiro desse ano emitida pela ANEEL. A empresa realizou duas Audiências Públicas (AP's)²⁰², uma em Honório Serpa e outra em Clevelândia, e elaborou uma série de informativos procurando “esclarecer” os moradores sobre o processo de construção das usinas. Ambas receberam as Licenças Prévias em 2010 quando foram incluídas na segunda edição do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) “devido à urgência que o Brasil tem em dar especial atendimento à geração de energia,

201 Idem.

202 Procuradas entre os moradores e nas prefeituras de Clevelândia e Hornório Serpa, as atas das AP's não foram encontradas, misteriosamente sumiram.

insumo fundamental para o crescimento do país”²⁰³.

Em dia 11 de maio de 2011 aconteceu a posse de Jorge Gerdau na Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade. Durante a cerimônia a atual presidente Dilma Rousseff disse que a entidade comandada pelo diretor da empresa Gerdau representaria um: “salto em direção a crescimento sustentável e desenvolvimento sustentável” alavancando o PAC²⁰⁴.

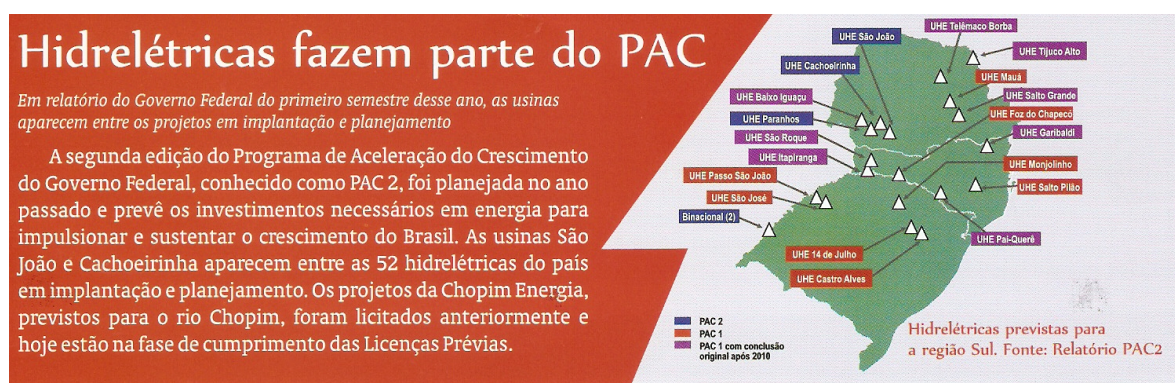


Figura 9: Informativo falando sobre o PAC (Chopim Energia. **Informativo no. 5**)

O pacto entre Estado e iniciativa privada no setor energético coloca a produção de eletricidade como um elemento de “utilidade pública”, enquanto promove a atratividade dos investimentos privados a tal setor. São João e Cachoeirinha são previstas nos informativos da Chopim Energia. A notícia “Hidrelétricas fazem parte do PAC” expõe do planejamento por detrás do complexo. O próprio programa de governo se apresenta como estratégia para conquistar a hegemonia das comunidades (figura 8).

O PAC segundo Armando Boito Jr. viria a compor o projeto político adotado por Dilma e Lula em seus governos. Denominado pelo cientista político e por outros especialistas no assunto como neodesenvolvimentismo o programa seria:

Um programa de política econômica e social que [buscaria] o crescimento econômico do capitalismo brasileiro com alguma transferência de renda, embora o faça sem romper com os limites dados pelo modelo econômico neoliberal ainda vigente no país. [Um programa com características como a]

203 ALEP. **Assembleia Legislativa do Paraná**. Disponível em: <http://al-pr.jusbrasil.com.br/>. Acesso em 15 Mai 2015.

204 BRASIL. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de instalação da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade**. Disponível em <http://www2.planalto.gov.br>. Acesso em 13 Jun 2015.

forte elevação da dotação orçamentária do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES) para financiamento das grandes empresas nacionais a uma taxa de juro favorecida ou subsidiada; (...) política externa de apoio às grandes empresas brasileiras ou instaladas no Brasil para exportação de mercadorias e de capitais; (...) incremento do investimento estatal em infraestrutura²⁰⁵.

Esse entre outros autores interpretam o neodesenvolvimentismo como um programa neoliberal disfarçado. O projeto, na realidade, financiaria grandes empreendimentos, favorecendo apenas o capital estrangeiro em detrimento da soberania nacional e dos interesses do povo brasileiro.

No caso da produção de energia elétrica, entre 2004 e 2012 a potência instalada no país saltou de 90 Giga Watts para 120 Giga Watts (GW). Conta Gonçalves Junior no portal do MAB que em março de 2004 foram institucionalizadas a lei 10.847 - criando a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) - e a lei 10.848 – que “regulariza” a comercialização internacional de energia elétrica, ambas:

Consolidaram um conjunto de medidas que solidificaram a elevada lucratividade da indústria em toda a cadeia e, além disso, reduziram os riscos dos investidores na geração, ao ancorar os novos empreendimentos com contratos de longo prazo [contratos com mais de 20 anos, como é o caso de São João e Cachoeirinha] (...). A eletricidade tem a tarifa definida pela ANEEL através de uma metodologia que assegura o preço internacional para a eletricidade. (...) [As grandes indústrias consumidoras de grande parte da energia] compram sua energia diretamente dos geradores, e dependendo da maneira que estão ligados no sistema de transporte de eletricidade do país, pagam “pedágio” pela transmissão e/ou “pedágio” pela distribuição. Esta foi a forma que arquitetaram para garantir aos setores capitalistas uma forma de poder comprar sua eletricidade abaixo do preço internacional (...). Vender eletricidade produzida em base hidráulica, ao preço da produção térmica, transformou esta cadeia produtiva em fonte de elevada lucratividade e de intensa disputa de muitos setores capitalistas²⁰⁶.

No caso específico, a empresa Gerdau, como multinacional, não estaria interessada portanto apenas na construção de hidrelétricas, mas principalmente na venda de cada quilowatt que possui um preço mais elevado que o preço internacional. Tanto o preço da energia hidrelétrica quanto o preço da energia térmica são muito caras. A conta de luz elevada é uma estratégia das empreiteiras

205 BOITO JR. A. **As bases políticas do neodesenvolvimentismo**. Em: Fórum Econômico da FGV / São Paulo.

206 MAB. op. cit.

para lucrarem com a produção de energia, não é só porque assistimos televisão demais ou deixamos a luz da varanda acesa.

Em 03 de junho de 2013, apesar do cenário de investimento e cerceamento do lucro, uma Ação Civil Pública foi movida pela Comissão dos Atingidos no Tribunal de Justiça do Paraná anulando as duas Audiências Públicas bem como as Licenças de Instalação. Embora os Estudos de Impactos Ambientais de Cachoeirinha e São João afirmarem terem respeitado as normas legais vigentes em território nacional, o processo solicita que sejam realizados novos estudos contemplando toda bacia do rio Chopim e não apenas os municípios de Clevelândia e Honório Serpa.

Ao todo o processo enumera 42 condicionantes ambientais que impedem o início das obras das usinas que compõem o complexo hidrelétrico. O descumprimento da determinação acarretaria em multa diária no valor de dez mil reais. A concessionária permanece recorrendo dessa Ação e prevê a construção de ambas as usinas até 2018²⁰⁷. Por fim, em 01º./01/2013, a presidente Dilma Rouseff vetou os projetos que previam a construção de ambas as hidrelétricas assim como outras nove usinas por todo Brasil²⁰⁸.

Desde a ditadura, os governos federais e as diversas gestões dos Ministérios do Meio Ambiente e de Minas e Energia defendem o setor hidrelétrico como produtor de “energia limpa”. Os movimentos sociais argumentam que as empresas do setor financiam corruptamente campanhas políticas e, exatamente por isso, a hidroeletricidade vem sendo escolhida como modelo energético empregado no Brasil. Nas palavras de Adriano Belisário, as empresas oriundas no setor hidrelétrico Odebrecht e Camargo Corrêa “ampararam-se no Estado para construir impérios” desde o regime militar. Sebastião Ferraz de Camargo, fundador da Camargo Corrêa & Cia Ltda, se formou na Escola Superior de Guerra – mesmo tendo o curso primário inconcluso - e ficou conhecido por financiar a repressão policial e a tortura de militantes de esquerda durante o regime de excessão. Juntamente com a OAS e a Andrade Gutierrez, “as quatro empresas [ligadas ao setor hidrelétrico] investiram

207 Tribunal de Justiça do Paraná. **Ação civil de improbidade administrativa N.º 1.050.979-6**. Disponível em: <http://jurisprudencia.s3.amazonaws.com>. Acesso em 10 mai 2014.

208 CTE. **Centro de Tecnologia em Edificações**. Disponível em: <http://site.cte.com.br>. Acesso em 30 dez 2014.

mais de R\$ 479 milhões em diversos comitês partidários e candidaturas pelo Brasil” entre 2002 e 2012²⁰⁹.

Ao invés de pensarmos que são as licitações que definem a construção da obra, Belisário incentiva a pensar que a constituição desse tipo de contrato público-privado apenas reafirma as relações obscuras entre empresários e políticos. A participação da Camargo Corrêa na construção de Itaipu, por exemplo, foi uma imposição ao governo de Ernesto Geisel, um pedido de seu parceiro de pescaria, o ditador paraguaio Alfredo Stroessner.

Ao lidar com a força da indústria barrageira financiadora de grande parte dos deputados e senadores o MAB protagoniza uma luta social intensa pela terra em favor da categoria socialmente desconhecida pela população. Apesar da influência dos movimentos sociais nos resta problematizar como se constituiu a organização dos militantes do movimento social em Navegantes.

O trabalho de campo, entre a historiografia na análise da memória e a etnografia no caminho de compreender as visões da paisagem, problematiza como o tempo das hidrelétricas influencia as temporalidades dos atingidos. O silêncio da sua voz está distante do campo. Muito além dos conflitos sociais pela produção de energia elétrica, fica perceptível que a distância entre campo e cidade torna o debate ausente. Voltando à imensa metrópole cinza, a publicidade iluminada de um cruzero ilude os transeuntes da metrópole acelerando o tempo, pois a viagem de fim de ano é vivida na expectativa do agora, você já não é você, você se tornou seu desejo do mundo.

A luz que impulsiona o marketing faz parafrasear Theodor Adorno, pois não são as mercadorias que são criadas para os sujeitos, mas os sujeitos que são criados para as mercadorias. Tais são as relações de consumo²¹⁰. E o mundo? No desenho da grande embarcação iluminada, o mundo do capital se tornou a cópia do próprio mundo. Na criação dos tempos, outras energias emanam em meio a sociedade além do corpo, nas vidas que reinterpretem a realidade. Voltando ao vale, atravessando o

209 BELISÁRIO, A. **Quatro irmãs: assim atua o capitalismo brasileiro**. Em: Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/quatro-irmas-assim-atua-capitalismo-brasileiro-8489.html> . Acesso em: 29 nov. 2015.

210 ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

rio no caíco, a luta continua, a alma viaja.

Partindo do local da entrevista para o espaço de Navegantes, o caderno de campo continua sendo preenchido abaixo da imensa Araucária solitário, ao lado das torres de alta tensão e em meio a uma imensa lavoura de soja...

Até que pela estrada aparece uma potente caminhonete 4x4 de propriedade de um dos maiores produtores de grãos na região praticamente sobrevoando a estrada com um adesivo da BASF: *“Você se alimentou bem hoje? Agradeça ao produtor rural!”*. Isso apesar do pesquisador não ter comido soja, milho, pinus ou eucalipto. Parado no acostamento de terra, sobre a moto, a reflexão novamente se interrompe por um trator gafanhoto pulverizando uma imensa lavoura, o odor insuportável do agrotóxico influencia a paisagem.

II.II “É de ficá bobo! O povo foi tudo embora, virô quiçaça”: A atualidade da comunidade Nossa Senhora dos Navegantes e os dilemas do abandono do campo.

Planilhas econômicas sobre o rendimento em grãos por hectare, tabelas de ganhos e perdas por lavoura, a busca excessiva por ganhos no campo, investimentos em massa, compra de bens e serviços produtivos resultam em volumes de negócio, lucro e participação no mercado... Toda materialidade de causa e consequência são fatores de sobrevivência humana causal incentivada pelas elites agrárias do Brasil. A natureza, da qual a agricultura depende, por outro lado, não é um fenômeno causal. Diferentes fenômenos, no plural, seguem a lógica de interdependência e de circularidade de um lugar. Tudo na paisagem está interligado enquanto o caíco corre contra o rio.

O Vale do Chopim se evidencia entre as imensas lavouras e os caminhões percorrendo as estradas vicinais. O olhar microscópico do pesquisador recebido na sede de cada morador, escutando as diversas realidades no mundo rural que também é uma paisagem da luta de classes. Aqui, torna-se relevante debater as condições de sobrevivência em Navegantes.

Nessa reflexão, o pesquisador é levado à próxima entrevista... E é meio dia,

melhor horário para encontrar o entrevistado em casa. Augusto Bach, 66 anos, que, apesar de não-atingido, é como o próprio denominou um antigo “morador das acosta do rio Pato Branco” que encontra o rio Chopim. O entrevistado de maneira inusitada e desconfiada, logo ele se prontificou de fazer a primeira pergunta: “Você não é da construtora?”. Sua narrativa materializou uma representação sobre a situação das comunidades rurais de Navegantes e das demais comunidades vizinhas:

Augusto Bach: *As comunidade aqui do interior tá ficando só o nome, que número de pessoa tá acabando né, cada vez tem menos. O jovem até fazê um segundo grau, daí cai fora... Vão zarpando daí. Também não tem o que eles fazê aqui né (olhos arregalados). Antigamente era mais muque pra plantá, dependia mais de pessoas, hoje o número de pessoas é mínimo, quem trabaia é a máquina não as pessoa, então que que o jovem fica fazendo aqui? Não tem o que ele fazê. Tu anda aqui nesses lugar é um casal de véio, uma tapera, duas tapera (apontando com as mãos), um casal de véio. E por aí vai, jovem é bem poquinho, é que as famia são mais pequena. Aqui no interior só se você tivé máquina ou uma leitaria, senão não sobrevive, só se tivé uma aposentadoria. Depende só da lavora pra sobrevivê não dá mais não²¹¹.*

Na imaginação cinéfila do historiador, um filme de *faroeste* se passa em sua mente logo depois da entrevista, só faltaram as bolas de feno passando. Apesar de influenciado por esse cenário fílmico, persiste aquele que analisa o tempo real e as interpretações sobre o tempo. Enquanto o questionamento se limitou à sua participação na comunidade, o desdobramento da narrativa evidencia uma realidade calamitosa do campo nas transformações do tempo.

A ausência dos jovens “que vão zarpando” para estudar na cidade pois ali “não tem o que eles fazerem”, a mecanização do campo sendo que o trabalho “antigamente era mais [no] muque quem trabalha é a máquina não as pessoas, então que que o jovem fica fazendo aqui?”. Por fim, sua conclusão: “só se você tivé máquina ou uma leitaria, senão não sobrevive” não está desprendida de sua experiência pessoal no campo²¹².

Bach contou que há anos atrás organizou um projeto de agroecologia²¹³ na

211 BACH, Augusto. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. Áudio Digital. 14/12/2014. 12min.**

212 Idem

213 Entendemos agroecologia como o manejo sustentável da agricultura, uma perspectiva de trabalho pela terra sem o uso de adubos químicos e agrotóxicos.

comunidade, visando o manejo sustentável da agricultura independente das corporações que vendem os pacotes fechados de agrotóxicos e sementes transgênicas. Durante anos persistiu numa pequena rede com outros moradores do Vale do Chopim, porém, sem subsídios nem assistência técnica do Estado. O projeto alternativo tornou-se insustentável para sustentar as famílias vindo a fracassar.

A sua interpretação especificamente na questão do abandono do campo por parte do jovem condiz com diversos teóricos que relacionam o problema à desestruturação da educação nas comunidades rurais. O EIA Cachoeirinha ao analisar o meio rural como possuidor dos menores índices de alfabetização indica que “diante deste fato, fica evidente que as deficiências expressas com relação à educação no Brasil ficam mais alarmantes quando se focaliza o meio rural” e complementa: “o principal centro de ensino desses municípios é a Unidade de Ensino Descentralizada - UNED – de Pato Branco do CEFET”. Todavia, vale destacar que apesar desses EIA's serem de 2008, o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) já havia sido extinto em 2005 para a criação da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)²¹⁴.

Sobre a saúde, o estudo relata: O número de leitos em Clevelândia é de 296, aproximadamente 4,5 leitos/mil habitantes. A Organização Mundial da Saúde - OMS recomenda que devam existir, no mínimo, 5 leitos hospitalares para cada mil habitantes. Esse recorte do documento corrobora com a fala de Dona Juraci: “Pra pobre aqui é um bico sem saída. Porque se fosse que tivesse um carro bão, tudo bem né. Má nós pagando um pra outro pra ih pra cidade, se ficá doente pior ainda!”²¹⁵.

Ao se referir aos aspectos econômicos, o EIA Cachoeirinha relatou que dentre as atividades produtivas desenvolvidas:

A agricultura (dentre as quais a da soja 60%, do milho 100%, feijão 87% e arroz 20%), se destaca, aparecendo em grande parte das propriedades (87%), sendo que apenas a soja, o milho e o feijão têm uma parte da sua produção destinada ao processo de comercialização. (...) O uso para a pecuária aparece em terceiro lugar (53%), sendo os rebanhos mais

214 Consilium. op. cit. p. 184 e 185

215 CARDOSO, Juraci. op. cit.

relevantes o bovino e suíno, ambos em 80% dos imóveis rurais em análise²¹⁶.

Outro atingido que é criador de gado, aqui chamado Lourival (anônimo), sem se referir aos problemas já citados, caracterizou as suas dificuldades de sobrevivência como associadas a sua idade e a seus problemas de saúde:

Lourival: Aqui tinha 84 família (apontando para a comunidade vizinha de Serrano Baixo). Não sei se tem 50. Ttodo mundo indo embora e eu também logo tô indo. Fiz uma cirurgia (...). Não posso fazê nada, vo ficá aí fazendo o que aí? Eu queria a barrage, pra ganhar um terra boa, daí vale dinheiro. Vendia né ou arrendava. Mas agora vai fazê o que com isso aqui com esse *perau*, só *pedra*, é só *pedra*! *Pedra, pedra, pedra*! Queria uma terra boa, não posso trabalha!²¹⁷

Apesar de desconsiderar as estimativas desse morador quanto a evasão das terras em Serrano Baixo, devemos levar em conta que essa é sentida profundamente por ele. As condições da paisagem, seus acidentes geográficos, enfatizados na repetição do morador: “pedra, pedra, pedra”, relata uma paisagem interpretada por ele como pouco atrativa. Além do tempo, sua interpretação se coloca nas condições de sobrevivência, sua experiência como criador de gado se coloca perante os obstáculos da natureza do espaço e não está dissociada da sua vontade de arrendar suas terras para ir morar na cidade.

O EIA analisa os “fatores” do abandono do campo associados a saúde e educação, porém cada morador interpreta a realidade de maneira distinta. Ao conversar com os moradores todos relataram que ao receberem a proposta de produzir grãos pelas cooperativas, o que aparece não é apenas uma possibilidade de sobrevivência, mas um pacote fechado com sementes patenteadas, insumos e agrotóxicos. Por esse motivo, é interessante problematizar: Quais são as condições de produção em Navegantes? Como as condições de produção influenciam a vida dos moradores? Como os ribeirinhos interpretam suas condições de produção? Quais os problemas sociais trazidos por esse modelo de produção? Como as condições de sobrevivência influenciam o tempo das UHE's Cachoeirinha e São

216 Consiliu, op. cit.p. 202.

217 Lourival (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

João?

Diversos teóricos acreditam que o processo de avanço do agronegócio no campo acarreta no seu abandono em massa. O processo é caracterizado pelo avanço do capitalismo no campo pois se comporta como uma forma de reorganização da produção agrícola sob a égide do mercado e pela esfera do capital financeiro. Os proprietários da terra no Brasil aplicam esse modelo caracterizado por uma reorganização da produção agrícola em áreas cada vez maiores onde se pratica o monocultivo; uso intensivo de máquinas agrícolas em escala cada vez maior, expulsando a mão de obra do campo; uso intensivo de agrotóxicos que acabam com a fertilidade natural dos solos e de seus micro-organismos, contaminando as águas e o ar e produzindo alimentos que geram consequências gravíssimas para a saúde da população; e utilização cada vez mais intensa de sementes transgênicas patenteadas, de propriedade das grandes empresas multinacionais²¹⁸.

A crítica ao modelo do agronegócio e suas relações com o estado se desenvolve a partir dos movimentos sociais. Além da agressão ao meio ambiente com a justificativa de almejar a maior taxa de lucro em menor tempo, o agronegócio é acusado de criar uma relação de dependência dos agricultores com o mercado²¹⁹.

Os agricultores atingidos participam de um sistema que controla os preços dos grãos e do leite internacionalmente que se reflete nas cooperativas que compram sua produção. A elite agrária do Brasil, representante do agronegócio, almeja maiores taxas de lucro para as multinacionais e financia a produção dos agricultores que acabam assumindo dívidas nos bancos. Muitos pequenos proprietários de Navegantes contam que diversos vizinhos que se utilizam de créditos para financiar a produção estariam endividados pela necessidade de compra de sementes e

218 As multinacionais que representam são conhecidas por, muitas vezes, atuar oferecendo pacotes agropecuários aos agricultores, ou seja, ao momento que um agricultor de Navegantes compra uma saca de de soja na CAMISC (Cooperativa Mista São Cristovão), por exemplo, indiretamente ele está comprando da Companhia Monsanto. A combinação da semente transgênica com a necessidade de utilização de agrotóxicos torna os agricultores dependentes dessas multinacionais, ficando totalmente atrelados aos seus interesses e tendo que entregar parte considerável de seus lucros a empresa. A Monsanto é a maior produtora de herbicidas do mundo, sua trajetória como indústria multinacional de agricultura e biotecnologia se envolve em uma série de ações criminosas de desenvolvimento de substâncias perigosas, e do acobertamento de informações científicas para mantê-las no mercado. FALCK, M. **O lado mais sujo da Monsanto**. Em: Outras Palavras. Disponível em: <http://outraspalavras.net>. Acesso em 19 Mar. 2015.

219 STÉDILE. op. cit.

agrotóxicos, financiamento de maquinários agrícolas, entre outros motivos.

Portanto, os avanços do agronegócio se incorporam a um projeto para a expulsão dos camponeses do meio rural. Ao momento que os bancos financiam a produção dos agricultores, esses últimos, por sua vez, tornam-se seus reféns, devendo enormes quantias para essas instituições financeiras de crédito e tornando-se dependentes do agronegócio.

Outra motivação para o abandono do campo está no “peso da idade”, um fator determinante para as condições de trabalho nas palavras de Juraci Cardoso. Após ter morado em vários lugares a atingida foi trabalhar na propriedade de outro antigo morador de Navegantes:

Juraci Cardoso: Sosseguemo mesmo quando fui morá na terra do Paulo, lá embaxo. Lá nós moremo 20 ano, daí quando nós saímo de lá ele deu aqui pra nós (uma quarta de terra). Era outra casinha, nós aumentemo, mas ele que deu o começo pra nós. Nós continuemo trabaiaando pra ele igual, dois ano. Agora a gente já não trabaia mais. Eu já pendurei as chuteira. Não consigo mais trabaia pos otros²²⁰.

Apesar de ter vivido de agregada, trabalhando a vida inteira “para os outros”, a conquista da terra relativamente aconteceu com a doação de seu compadre Paulo (aqui anônimo). Ainda assim, sua afirmação categórica: “eu já pendurei as chuteiras, não consigo mais trabalhar para os outros” passa a impressão das dificuldades causadas por sua idade agravadas pela situação de posseira²²¹.

Além dessas motivações, alguns moradores falaram da segurança. Em uma ocasião, Genésio fez um pedido muito prudente, solicitou anonimato devido ao teor da conversa. Ele relatou uma sequência de conflitos, inclusive entre famílias na linha Navegantes. Uma dessas desavenças desencadeou no que ele denominou “baderna na nossa comunidade”, quando um antigo morador (aqui discriminado) participou de uma festa de maneira um tanto inusitada:

Genésio: ele chegô ali provocô tudo da comunidade. Ninguém brigô com ele, tinha bastante gente lá da cidade e eles brigam bem né. O que que ele feiz? Ele chegô perto da porta do pavilhão, ergueu assim uma mesa “bow” (gesticulando, imitando o gesto de bater na mesa). Má dai avançaro! Má

220 CARDOSO, Juraci. op. cit.

221 Idem.

deu um *rolo de pau*, daí eu acarcava você, o outro vinha e cacetiava... Eu não tava lá. Eu vi que começô a passá carro um atrás do outro ali né: pronto ali fechô o pau²²².

O relato tem força. No *rolo de pau* cada palavra se constrói numa linguagem própria, uma narrativa de um ser comunitário preocupado com a segurança da comunidade. O sentimento se faz presente como se a cena do Faroeste retornasse para a imaginação. Um conflito imaginado, porém um acontecimento que existiu de fato e respinga sangue na memória do ribeirinho. Entre a sequência de conflitos, Genésio descreveu ainda outro onde o mesmo indivíduo havia participado apesar de não ter acontecido na comunidade:

Genésio: Era um salão de putaria, no meio do mato (longe da comunidade). Era um putedo... Salão do Barriga [era] o nome [do salão]. E lá era putaria e daí ele foi nesse baile (risos!) e esse piação tava junto (o mesmo do “rolo de pau”). (...) Daí no baile ele dizia pro primo dele anssim (sobre um terceiro): o pai desse daqui era muito fraquinho, não guento duas vintedoizinha (dois tiros de calibre 22). (...) Tinha um carrero, daí o cara disse: dá um cigarro. O cara pego o cigarro e o outro emprestô a faca pro outro e deu a caixa de fósforo, quando ele riscô o palito, o cara fica cego meio bêbado, ele “cram” [simulando uma facada no pescoço]. A faca bem a par do pescoço, na cravícola. Deu só um berro. Caiu morto, o que tinha matado o pai dele. Tavam junto na festa, *resolvero que nem o irmão dele feiz aqui no veinho*²²³.

Embora distante, o acontecimento é aproximado por meio do relato, pois envolveu indivíduos da comunidade. A trama alimentada por sentimentos de vingança, práticas de justicamento com as próprias mãos e desavenças entre famílias da comunidade retrata um fragmento sistema cultural de violência no campo. Logo que reproduziu esses “causos” ele comentou: “Isso aí é um inferno! Pois é o [compadre] disse: No verão [vamo] compra um 38 aí também, *caboco aí repiô* [arreprou], *tem que descê pau*, caquedo²²⁴ aí não dá pra facilitá”²²⁵.

A dimensão subjetiva do entrevistado é sua interpretação da realidade alojada e transformada por seus valores que reage aos acontecimentos a ponto de “descer pau”²²⁶. A interpretação do entrevistado perante a realidade, constituindo a narrativa

222 Genésio. **Data e local da entrevista discriminados.**

223 Idem.

224 Caquedo na linguagem comum de Navegantes seria o plural de caco, alguém que não possui escrúpulos.

225 Ibidem.

226 Ibid.

histórica, o faz um sujeito na história diante dos problemas. Os acontecimentos indesejados como o corte de madeira para criação de gado, o despejo de agrotóxicos e os “rolos de pau” são intrinsecamente sentidos na experiência dos navegantes da paisagem do Vale do Chopim.

Para Carletto o abandono do campo possui vários fatores. A comunidade Serrano Baixo possui um antigo assentamento na comunidade de Serrano Baixo composto por agricultores que foram atingidos pela Itaipu. O desfecho do assentamento segundo o militante do MAB aconteceu por diversos motivos:

Ciro Carletto: Eles abandonaro por motivo da evolução, alguns estudaro, daí não compensa trabalha na agricultura manual. Hoje é só máquina, os filho acabaram indo morá na cidade e tem muitos que deixaram o sítio lá ma teve muitos que venderam. Compraram uma casa na cidade e foram morá na cidade e muitos não venderam tá ali. Só vem os final de semana passeá. Tá abandonado tá e vai ficá pior, por causa da evolução do estudo. (...) Aqui atrás tinha uma casa, até meu irmão que comprô deles. Era a melhor casa que tinha aqui há 20, 30 ano atrás, uma mansão, porão de pedra, pipa, parreral, arvoredado, chiquerão, moinho de fubá, descascadô de arroiz, luz própria, nós nem tinha luz, eles tinham um dinamo lá. Hoje, você vai lá tá só as pedra onde que tava a casa. O resto é tudo lavora, onde não é lavora é potrero. Quem que dizia a 30 ano atrás que aquilo ali ia virá nisso? Ninguém dizia, era a melhor casa que tinha. Antigamente lavrava, grapiava e coisa e hoje é plantio direto²²⁷

Carletto demonstra a paisagem e as transformações dos cenários a partir de uma casa: “Quem que dizia há 30 anos atrás que aquilo ali ia virar nisso?”. A transtemporalidade, ou seja, a transformação de sua concepção de tempo, se relaciona com o sentimento de insegurança na localidade:

O povo já sabe que o agricultor tá bem estruturado (...), você pode tê o conforto que tem na cidade. Então o pilantra vem aí, sabe que é um casal de véio que tá aí, pode chegá e entrá, assaltá e pronto, então tá perigoso mesmo²²⁸.

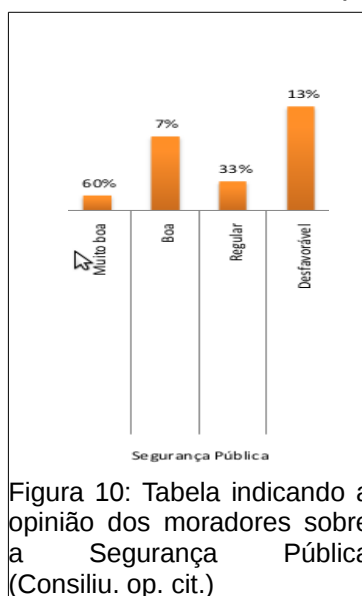
Por determinação da legislação, qualquer Estudo de Impacto Ambiental deve tratar da segurança pública nas comunidades atingidas, realizando uma análise quantitativa sobre o assunto. O EIA Cachoeirinha, que atinge a linha Navegantes, aproveitou para abordar a eventual divisão dos moradores quanto ao tema:

²²⁷ CARLETTO, Ciro. op. cit.

²²⁸ Idem.

Para uma parcela da população, o equivalente a 33%, as condições de segurança local são boas, no entanto para uma parcela de 13% foi considerada regular e ainda para outros 47% foi considerada desfavorável²²⁹.

Apesar de mencionada na tabela, a parcela da população que considera a segurança “Muito boa” é discriminada no texto do estudo, enquanto esse enfatiza aqueles que consideram a segurança “Desfavorável”. Por outro lado, enquanto o texto diz uma coisa, os a tabela diz outra (figura 9). Como pode se observar os índices enfatizam que 47% da população considera a segurança desfavorável, entretanto, os índices na tabela indicam apenas 13%. Observa-se que enquanto os índices indicam um número, a barra indica um tamanho que não corresponde a tal número. A falta de segurança pública foi apresentada pelos entrevistados como uma das principais motivações para o abandono do campo.



Os índices do censo de 2010 sobre a cidade de Clevelândia compactuam com a estimativa de esvaziamento do campo. Cerca de 86% dos seus moradores residiriam na cidade enquanto apenas 14% estariam no campo²³⁰. “O povo foi tudo embora”, o cenário desastroso em questão se constrói na representação alterada da voz de Nelson Keller:

229 Consiliu, op. cit. p. 209

230 IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 04 jun 2015.

Nelson Keller: Semana passada veio os advogado, fizeram uma reunião. Mas foi poca gente. O povo foi tudo embora, não tem mais estrada. Cara, é de ficá bobo, o povo foi tudo embora! Casa lá no Paiol Grande, só o cepo das casa ficô que era de concreto. Não tem estrada, buraco desse tamanho (um metro). Não tem como lidá. E daí, quem que planta arroz? Feijão? O preço lá embaxo. O milho pra quem que dá lucro. Cara que colhe 500 saco, eles plantam não conseguem. (...) Que que aconteceu? Os fio arrumaro serviço na cidade, abandonaro a terra. Tudo mundo na cidade. Tudo as terra abandonada, ali tem terra de 6, 7 alquere por 200 conto, 150. Eu fiquei apavorado cara! ²³¹

A situação das estradas citada acima também foi relatada pelo motorista Roberto Bach que ironiza que a estrada “é um asfalto (risos)”²³². As más condições viárias dificultam o escoamento da produção, o trânsito até a cidade e também a locomoção dos estudantes às escolas. Os momentos de ironia nas entrevistas convidam o entrevistador a compartilhar do riso e a participar da realidade vivida na comunidade.

²³¹KELLER, Nelson, op. cit.

²³²BACH, Roberto op. cit.



Figura 11: Notícia com fotografia das condições das estradas (Chopim Energia. **Informativo n. 9**).

O último informativo da Chopim Energia exhibe a paisagem cortada pela estrada em péssimas condições abaixo do título: Entenda o que deve acontecer após o recebimento da Licença de Instalação. A fotografia vem acompanhada das informações sobre o assunto: “as estradas (...) receberão melhorias para passagem de veículos pesados, grandes máquinas e equipamentos que serão utilizados na construção das hidrelétricas”²³³. A notícia do fato que não ocorreu é a promessa de algo que acontecerá (figura 10).

A estratégia utilizada pelo informativo não precisa evidenciar a “buraqueira” e as valetas que dificultam a locomoção dos moradores, pois os moradores sentem a situação vivida. O discurso do informativo transita do presente para o futuro ativando a imaginação do atingido. Na varanda de casa, tomando seu chimarrão lê o jornalzinho e se pergunta: “Como será a vida se essas usinas forem construídas? Então eles vão resolver o problema das estradas?”. Mas para que as melhorias aconteçam, o informativo esclarece: A Chopim Energia precisa receber a Licença de Instalação e por isso necessita do apoio dos moradores. Para tanto, os técnicos e

²³³ Chopim Energia. **Informativo n. 9**. Janeiro-Fevereiro-Março, 2013.

dirigentes da empreiteira estão cientes dos problemas da comunidade e é exatamente esse conhecimento que formula essas promessas.

O cenário desastroso de abandono descrito e interpretado por Keller condiz com as estatísticas do Incra. Entre, 2003 e 2010, as grandes propriedades passaram de 95 mil unidades para 127 mil unidades e a área controlada pelos seus proprietários passou de 182 milhões de hectares para 265 milhões em apenas oito anos²³⁴. O economista João Pedro Stédile, membro da coordenação nacional do Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MST) considera tais dados como uma evidência do projeto político de concentração da terra nas mãos dos grandes proprietários. Juntamente dos médios proprietários, os latifundiários representam os interesses agronegócio, controlam 85% das terras e “praticamente toda a produção de commodities”²³⁵.

A descrição apavorada da conjuntura local foi enfatizada quando Nelson Keller citou a reunião com os advogados de Pato Branco que teria por objetivo dar início a um processo judicial contra a COPEL e a Chopim Energia por “danos morais, percas, lucros incessantes”:

Nelson Keller: As capela nem o padre vai mais, não vai gente. Comunidade que nem Serrano Alto, Serrano Baxo, Paiol Grande, quero que você veja, *eu fiquei bobo!* (mãos na cabeça) Fui lá na CAMISC, lanchonete lá. Era cheio de gente, só um cara lá. Era duas família, um teve que ir pra cidade, não conseguia sobreviver da lanchonete. Oficina fechô! Borracharia fechô! Posto de gasolina fechô! *Mercado era cheio, agora só uns pingadinho.* Dentro da CAMISC, você não vê ninguém quase também, morreu! Essa terra [sua propriedade], na época da usina, deixei de vende por 2 milhões aqui! O cara que me dê um milhão eu dô na mão: É teu! Desvalorizô a terra, o povo foi embora... Desvalorizô por causa da usina e em tudo! O pequeno foi embora porque não compensa pra ele comprar trator, pulverizador... O que não arrendô²³⁶, foi embora! Os mais grande que pegaram essa terra,

234 **INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/>. Acesso em 06 Ago. 2015.

235 A commodity seria um produto padronizado para a agricultura com a única finalidade de ser uma mercadoria global. A soja transgênica, por exemplo, é uma semente globalizada, a mesma semente vendida para os agricultores no Brasil é vendida nos Estados Unidos, na China e na Rússia. Quem ganha com isso é o mercado que determina o preço. STÉDILE, J. P. **Tendências do capital na agricultura**. Em: STÉDILE, J. P.; ESTEVAM, D. (org.) *A questão agrária no Brasil: O debate na década de 2000*. São Paulo: Expressão popular, 2013.

236 Segundo o artigo 1º do Decreto **Nº 59.566, de 14 de novembro de 1966**: “O arrendamento e a parceria são contratos agrários que a lei reconhece, para o fim de posse ou uso temporário da terra, entre o proprietário, quem detenha a posse ou tenha a livre administração de um imóvel rural, e aquele que nela exerça qualquer atividade agrícola, pecuária, agro-industrial, extrativa ou mista”.

tão plantando. E assim mesmo tão questionando que esse movimentar das máquina gasta muito combustível, quase não compensa... Aquilo lá tá tudo abandonado! Todo mundo na cidade! Terra abandonada, virô quiçaça!²³⁷²³⁸.

A narrativa de Keller transita entre a atualidade e o passado, do mercado que antes era cheio, agora “só uns pingadinho”. Antes era a “época da usina”, cerca de 10 anos atrás, e hoje o esvaziamento é a paisagem dos tempos. O tempo discursivo, do ontem para o hoje, eis o cenário desastroso das comunidades desestruturadas. Mas os comparativos vão além do terreno da cooperativa e da situação das comunidades vizinhas, Keller sente a desvalorização das terras com receio de que aconteça com sua propriedade o mesmo que aconteceu com aquelas terras, que tudo vire “quiçaça”, que fique abandonado.

“Desvalorizou a terra, o povo foi embora... Desvalorizou por causa da usina e em tudo!”. Nesse sentido, as transformações no campo são sentidas pelos agricultores na desvalorização de suas terras, seja por conta dos avanços do agronegócio ou derivado do processo das usinas que, segundo Keller, desvalorizou as terras²³⁹.

Keller adiciona uma série de informações referentes a mecanização do campo, arrendamento, falta de infraestrutura saúde e educação, desemprego rural e o consequente abandono do campo a conjuntura agrícola de Navegantes.

Na questão social, retomando as palavras de Nelson Keller: “O que não arrendou [para o plantio de milho e soja transgênicos], foi embora!”, a perda de lucros, a venda do pequeno ao grande e o eventual abandono do campo, decorrentes das UHE's, também se refletiu nas palavras dos representantes do MAB. O manifesto da Comissão dos Atingidos pelas Usinas São João e Cachoeirinha em seu teor parece se preocupar com a produção agrícola do lugar: “A região inundada gera uma renda aproximadamente de 2,7 milhões de reais por ano de produtos da agropecuária”²⁴⁰.

A citação se comporta como uma evidência de que a construção das usinas amanhã estão atreladas condições de sobrevivência dos ribeirinhos hoje. As comunidades desestruturadas deflagram a ausência de suporte por parte do Estado e a consequente relação de dependência com o agronegócio capitaneado pelos

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em 22 Mar. 2015.

237 Na linguagem comum de Navegantes, quiçaça é um matagal, uma terra que virou mato.

238 KELLER, Nelson. op. cit.

239 Idem.

240 Rádio Progresso. op. cit.

bancos e pelo oligopólio das sementes e dos insumos agrícolas que não possibilitam outra alternativa de sobrevivência aos proprietários rurais.

Além das estruturas fundiárias e de produção agrícola, totalmente transformadas nas últimas décadas, o discurso dos ribeirinhos reinterpreta a realidade pelas mudanças nas relações econômicas. A nova forma de comportamento das pessoas, agora e cada vez mais, ditada pelo consumo influencia a dinâmica de abandono do campo. “Tudo na cidade”, essa narrativa pessimista e desastrosa do atingido incorporada de capelas fechadas, da falência de serviços e na diminuição do ritmo das comunidades extrapola o cenário de esvaziamento para um novo sistema cultural que transforma as relações sociais em valores de consumo. A contradição exposta está no fato que a modernização do campo influencia o cenário de expulsão do agricultor.

As evidências nas vozes submergidas pelas estatísticas evidenciam ruídos que permeiam as estruturas sociais. A vida transita além dos números, dos índices quantitativos. Em outra intensidade, os discursos sobre o esvaziamento do campo também podem ser sentidos.

Os problemas sociais vividos nas comunidades são analisados no Estudo de Impacto Ambiental da UHE São João. O documento ainda ressalva sua expectativa “que não aconteçam grandes alterações nos modos de organização social e política da população residente nos municípios (...) do empreendimento, caso não aconteçam fatos novos na região”[sic!]²⁴¹.

Ao inferir que tais fatos novos seriam as hidrelétricas, podemos considerar que as condições de experiência dos moradores são influenciadas pela empresa. Além do informativo que relata a melhoria das estradas, os técnicos da empresa teriam feito promessas de que seriam melhoradas as condições de vida dos agricultores com a construção das hidrelétricas.

A história como mestra da vida, para Koselleck, se articula como uma previsão do futuro feita por empresas capitalistas que influenciam sujeitos e comunidades. A imaginação desses sujeitos influenciados acelera o tempo imaginando o empreendimento e a melhoria nas condições de sobrevivência dos ribeirinhos²⁴².

241 Consiliu. op cit. p. 217.

242 KOSELLECK. op. cit.

Empoderados de suas experiências, os moradores influenciados pela construtora Gerdau em suas concepções de tempo. Como eles reinterpretem seu passado? E mais ainda, como eles enxergam o seu futuro?

II.III: “A novela das barragens”: A atuação das companhias hidrelétricas e a concepção do tempo dos atingidos.

“Um dos meus professores mais queridos, um arruaceiro intelectual e escritor de extraordinária coragem, sempre dizia que era preciso vivenciar um local, usar ‘o arquivo dos pés’”
(Simon Schama)²⁴³

O pesquisador percorria a mata fechada... Há mais de dois quilômetros já se escutava o barulho incessante de quedas d'água: O Roncador. As vozes se tornam parte do ouvido do pesquisador. A erosão das rochas que se desmaterializam como camadas de um ser real tematizavam o que era o rio: passado, presente e futuro.

Cada momento é único. O poder da criação entre as vozes que seriam esquecidas são captadas e materializadas no papel. Mas eis o momento de escutar o rio, conhecer um desconhecido, encontrar um outro Eu, oculto, escondido, mas que nesses minutos aflora de dentro para fora. A liberdade está no conhecimento, no momento da entrevista os diplomas e títulos por si só pendurados na parede se tornam meros papéis.

Ainda assim, na paisagem que se redesenha a cada segundo, quem é o escritor? Entre os relatos assinados de maneira autoral e os relatos com pseudônimos, a transcendência do ego do pesquisador vai além da ultrapassagem de suas carências e vaidades. A relação que se estabelece na entrevista tem que ser uma relação de confiança que produz entendimento a partir do processo relatado pelo entrevistado e organizado pelo historiador.

O aprendizado com as fontes ultrapassa inclusive a ética profissional. Assim como o chimarrão servido, o pesquisador é convidado para adentrar a casa do morador com suas técnicas. Os saberes influenciam os sentidos do tempo e o próprio tempo é constituído pelos pensamentos que se transformam rapidamente da

243 SCHAMMA. op. cit p. 17.

felicidade para a tristeza, da raiva para o amor. Nessa reflexão, o caminhante deixa o Roncador para trás.



Figura 12: Catarata do Roncador

Contudo, vai junto do pesquisador nas recordações que se transformam. Para o entrevistado, a família ausente na casa e presente na narrativa seriam elementos do seu sentimento com o vivido. E eis que o paraíso não foi um destino, o paraíso está associado ao sentimento, a forma como você pertence a algum lugar, as relações que você cria, o pertencimento em que você se envolve. O encontro com o lugar, o simples momento na memória transforma o silêncio e eterniza o paraíso a cada lembrança. O Roncador ruge no Vale do Chopim. O mito da paisagem não faz dele mais uma de suas cachoeiras. A paisagem se evidencia em uma catarata que atravessa o rio. A eternidade do próprio tempo se relativiza entre acontecimentos selecionados, descartados e esquecidos na memória. Dona Juraci produz a própria concepção do tempo ao se referir a sua história de vida: “nossa história é rolando”. Suas “andanças” até chegar no Vale do Chopim antecederam a notícia da construção das usinas há trinta anos atrás.

A sua narrativa revelou uma informação sobre aquelas quedas d'água: “Primero era no Roncadô que era pra saí essa usina, daí do Roncadô passô pra cá. Tuda vida era pá saí essa usina”²⁴⁴. A duração do tempo das barragens se alarga à décadas anteriores ao início da concessão São João/Cachoeirinha.

Em 2001, a diretoria da Enterpa S.A. assinou o Contrato de Concessão de Uso

²⁴⁴ CARDOSO, Juraci. op. cit.

de Bem Público para Geração de Energia no Complexo Energético Cachoeirinha-São João com a ANEEL que tinha por “prazo de 35 (trinta e cinco) anos, contado a partir da data de sua assinatura”. A empresa teria “liberdade na direção de seus negócios, incluindo medidas relativas a investimentos, pessoal, material e tecnologia, observadas as prescrições deste Contrato”. O contrato regularizava também o valor do quilowatt pago para a empresa e os termos da fiscalização técnica realizados pela entidade federal²⁴⁵.



Figura 13: Ao centro, parecida com um olho, a ilha do Carletto no Vale do Chopim.

O contrato que “regularizava” a operação, a comercialização da energia produzida no complexo e o pagamento de R\$ 1.600.000,00 anual a União pelo “uso do bem público” (hum milhão e seiscentos mil reais) durante doze anos. O valor foi estipulado no lance do leilão feito pela ANEEL.

Ao tratar os “aproveitamentos hidrelétricos” e a forma como seriam geridos, o contrato se refere ao lugar como um “bem público” pertencente a União sem ali se referir a população das comunidades atingidas. Especificamente na subcláusula

²⁴⁵ ANEEL. **Contrato de concessão de n. 16/2002 AHE Complexo São João/Cachoeirinha.** Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 jan 2015.

terceira da cláusula sétima que trata dos “encargos da concessionária e condições de exploração dos aproveitamentos hidrelétricos” declara que: “A descoberta de materiais ou objetos estranhos à obra (...) por serem de propriedade da UNIÃO” (em letras garrafais). Enquanto isso, o contrato cita os moradores apenas uma vez, quando estipula que esses juntamente dos “representantes legais dos municípios” devem ser informados num prazo de 90 dias sobre a construção do complexo, sendo que as áreas onde esses habitam serão “*beneficiadas pelos Aproveitamentos Hidrelétricos*”. Nenhuma cláusula especifica quando e como devem ser realizados os contatos com os moradores, mas que a liberação, “junto aos proprietários, das áreas de terra necessárias” deve ocorrer de maneira “amigável”. O contrato não especifica quando ou como devem ser realizadas as indenizações aos moradores, nem sequer estipula um conceito de atingido em sua abordagem. Por fim, vem a previsão do despejo em tom de ameaça caso as negociações não surtam efeito favorável a construtora: “após esgotadas todas as tratativas amigáveis, caso solicitada, a ANEEL promoverá, na forma da legislação e regulamentação específica, a declaração de utilidade pública desses terrenos e benfeitorias”²⁴⁶.

Por esse motivo, os despejos da ditadura civil-militar e após o período de abertura política foram contados pelos militantes do MAB aos moradores de Navegantes e, por sua vez, imaginados pelos ribeirinhos. De certa forma, a memória da tal ditadura das barragens foi produzida com os navegantes.

Em 2008, como já citado, a licitação foi vendida para a Gerdau S.A. sendo que os direitos e deveres outorgados no contrato foram transferidos. Da parte da construtora, diversas foram as tentativas de aproximação com os moradores afim de “solucionar as dúvidas” quanto ao projeto do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha. Entre essas, não podemos descartar o papel dos informativos difundidos entre dezembro de 2010 e janeiro de 2012 para os moradores que a Chopim Energia considerava como “abrangidos” pelo empreendimento:

Este informativo tem uma função muito importante: levar ao conhecimento dos moradores de Honório Serpa, Clevelândia e Pato Branco, informações sobre as Usinas Hidrelétricas de São João e Cachoeirinha. (...) O trabalho da Chopim Energia, empreendedora das usinas, é realizado sempre com a

246Idem.

premissa de que a transparência e a informação são os melhores argumentos para uma relação de credibilidade. Relação esta, que queremos ter com o povo hospitaleiro do sudoeste Paranaense²⁴⁷.

O recorte do editorial do primeiro informativo da empreiteira Chopim Energia permite perceber a sua apresentação como produtora energia elétrica. A divulgação de informações sobre o projeto, seus supostos efeitos e planejamento os ditos “cuidados” que deveriam ser tomados com o “meio ambiente” eram frequentemente referidos naqueles periódicos²⁴⁸.

A Gerdau, desde o princípio, planejou e moldou sua aparência simpática e amigável, tanto que criou uma espécie filial denominada então Chopim Energia. A razão social da empresa, repleta de erros gramaticais e de concordância, a autorrepresentação do seu papel social, apresenta a finalidade do complexo e de seu capital total (R\$ 19.400.000,00):

Construir e manter as propriedades das usinas hidroelétricas São João e Cachoeirinha(UHE São João UHE Cachoeirinha) podendo inclusive arrendá-las;b) a geração, comercialização e transmissão de energia elétrica; c) prestar serviços de assistência técnica no campo de suas atividades; d) participar de outras sociedades como sócia ou acionista,desde que estas sociedades estejam de alguma forma ligadas à construção eou exploração das UHE's São João e Cachoeirinha, ou para fins fiscais conforme estabelecido na legislação aplicável, ou ainda como investimento temporário na administração de recursos financeiros da própria sociedade [sic!]²⁴⁹.

O documento também negligencia a presença dos moradores ou qualquer conceito de atingido ou os tratamentos aos mesmos. A União admite a preocupação em atender a demanda por energia, enquanto a companhia Chopim Energia visa a produção e a comercialização dessa energia com finalidade no lucro. Em abril de 2012, em um de seus informativos, a companhia Gerdau procurou explicar como funciona a Rede Básica do Sistema Interligado Nacional (SIN):

Para onde será transmitida a energia gerada nas hidrelétricas?
A energia gerada pelas usinas hidrelétricas São João e Cachoeirinha será disponibilizada no Sistema Interligado Nacional (SIN), controlado pelo Operador Nacional do Sistema (ONS). Este sistema é considerado o maior

247 Chopim Energia. **Informativo no. 01.**

248 Idem.

249 Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio. **Certidão simplificada da Chopim Energia S.A.** 2007. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 dez 2014.

do mundo e conta com a participação de empresas de todo país, trabalhando de forma integrada. Isso significa que a energia elétrica gerada por usinas localizadas em diversas regiões do país pode viajar centenas de quilômetros em linhas de transmissão até o local do consumo, por exemplo: residências, estabelecimentos comerciais, estruturas públicas e indústrias²⁵⁰.

Na realidade, a criação dos informativos surtiu importância no objetivo de ocultar e camuflar acontecimentos desagradáveis em outras barragens. Além da violação dos direitos humanos e da legislação ambiental, o cotidiano de construção de uma barragem pode se efetivar como um processo bastante conturbado. Nelson Keller, que trabalhou na construção de nove barragens, contou sobre uma revolta dos operários acontecida na Usina Hidrelétrica de Foz da Areia:

Nelson Keller: Aquela vez que deu aquela revolta, acho que morreu quase uns 30. Aquela vez foi o seguinte, fizeram uma festa pros peão, levaram muito chopp e poca comida. E eles tinham que completa uma concretage lá e eles prometeram um churrasco e levaram não sei quantos barril de chopp. Poca carne. Linguicinha e pão e os cara ficaram com fome. Chegaram no alojamento, perguntaram: não fizeram churrasco? Mas por quê? Quebraram tudo! E daí foram jogando lá de cima, ônibus, carro nosso que era locado. Pegaram um trator. Derrubaram a delegacia. Soltaram os preso, escritório, tudo. Cara do céu, que lugar mais mardito! (mãos à cabeça). O sol nascia 4 hora da tarde. A poeira do britador. Aquela neblina, cara do céu! Quando fui transferido de lá dei graças a Deus!²⁵¹

A função dos informativos seria apagar incêndios, às vezes literalmente, pois o discurso dessas publicações procura beneficiar o processo das Usinas Hidrelétricas em detrimento dos problemas sociais causados pela sua construção. A ação de camuflar os acontecimentos ou encobri-los em favor do “esclarecimento das dúvidas” dos moradores é o principal objetivo desses materiais. A estratégia de omitir e negar as contradições existentes no projeto de construção de uma barragem também foram apontadas na ação direta dos técnicos da empresa Gerdau. Carletto conta mais sobre a atuação dos funcionários da empresa:

Ciro Carletto: A empresa falava que era mil maravilha. Iam fazê posto de

250 Chopim Energia. **Informativo no. 07.**

251 Com o desvio do rio, como as escavações eram profundas, o trabalho de Keller era em um grande buraco, por isso o sol nascia às 16:00 e logo desaparecia. A Usina Hidrelétrica Governador Bento Munhoz da Rocha Netto possui capacidade de 1.676 MW de potência. Está localizada no rio Iguaçu, no município de Pinhão. É a maior barragem da Copel. KELLER Nelson. op. cit.

saúde, ia tê assistência... Falaro até que molhavam aqui na minha residência com caminhão-pipa pra não fazê poeira na minha casa... Isso eles falarom, que era mil maravilha. Falavam que davam total assistência e ia sê um benefício demais de bão pro município. Faziam a maior propagando pra você entrá na deles. Pra você fazê o acordo pra saí a hidrelétrica. Eram tipo uns político, pior que uns político, na verdade²⁵².

“Pior que políticos”, dessa maneira o militante reconheceu a atuação da Chopim Energia nas comunidades, a tentativa de convencimento tinha por única finalidade conquistar a comunidade para construir a hidrelétrica. Juntamente da sua temporalidade, a companhia projeta para o futuro técnicas e ações em um território combinado com seu discurso, sua intenção visivelmente era conquistar a hegemonia das comunidades por meio da persuasão aos moradores atingidos. Por outro lado, todo discurso é passível de produção, circulação e consumo. Com suas palavras, Carletto procura dismantelar a Gerdau em suas ações desmistificando as promessas da empreiteira, como se sua resistência às mil maravilhas as desmaterializasse na sua realidade²⁵³.

Os Estudos de Impactos Ambientais da UHE's Cachoeirinha e São João, de 2008, na realidade, são atualizações de outros dois Estudos de 2001 e 2002, dizendo complementar diversos itens que não foram contemplados nos EIA's anteriores. Alguns desses estão diretamente ligados a situação dos moradores do lugar: Geração de expectativa e inquietude na população direta e indiretamente afetada pelo empreendimento; e Alteração da organização social e política existente²⁵⁴.

252 CARLETTO, Ciro. **Entrevista concedida a Roberto Pocaí e Débora Oliveira. 07/11/2015. Vídeo e Áudio Digital, 38min.**

253 Inspirado em: SANTOS, op. cit.

254 Consilium, op. cit.



Figura 14: Caixa de sugestões (Chopim Energia. Informativo n. 09).

Quanto ao primeiro aspecto, o próprio Estudo concorda com o informativo que o estado de intranquilidade “ocorre em função de carência de comunicação e disponibilização de informações sobre o empreendimento, principalmente junto aos proprietários rurais”. Dois escritórios foram abertos, um em Pato Branco, o outro em Clevelândia. Diversas foram as estratégias para solucionar as dúvidas dos atingidos, uma dessas foi a criação de uma caixa com a seguinte legenda: “Deposite aqui sua dúvida ou sugestão com telefone, e e-mail, endereço, que retornaremos” e com um mascote da empresa. Bem vestido, sorridente e de aparência jovial, esse personagem podia ser encontrado junto da caixa em locais públicos como a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, o Sindicato Rural e a Cooperativa.

Dos oito informativos expedidos e distribuídos pela Chopim Energia, os últimos três carregam consigo a seção “O morador pergunta a Chopim responde”. A proposta da seção é fiel ao seu título, entretanto, praticamente todas as perguntas dos moradores e as repostas da companhia se direcionam a questão das indenizações. Perguntas como: “Como vai funcionar a indenização?”; “Será feita a mesma proposta para todos os moradores?”; “Para aqueles moradores que pretendem receber com outra terra a sua indenização, a Chopim já adquiriu alguma propriedade?”; “Por que as negociações e a divulgação dos valores de indenização só irão acontecer a pós a emissão da Licença de instalação?”. As perguntas, muitas vezes, são acompanhadas de respostas inconclusas por parte da companhia, como no caso dessa última:

A Chopim apresentou ao IAP, em 10 de fevereiro de 2012, o Projeto Básico Ambiental PBA, que propõe as atividades como indenização dos moradores que a empresa irá desenvolver. Esse projeto foi analisado pelo Instituto, juntamente com o pedido de LI e, por determinação legislativa, a Chopim só poderá colocar o projeto em prática após a emissão da LI, que autoriza a empresa a construir os empreendimentos e aprova o programa de remanejamento da população rural, *podendo assim ser iniciada a negociação com os abrangidos*²⁵⁵.

A partir de uma pesquisa minuciosa na legislação ambiental, no conjunto de leis da ANEEL e da Eletrobrás não fora encontrado nenhum artigo que indica que as empresas não podem fazer um orçamento nem antecipar um valor pelas propriedades adquiridas antes da Licença de Instalação. A estratégia de prorrogar o preço dos lotes é contrariada por diversos moradores de Navegantes, especialmente os membros da Comissão. Por outro lado, as especulações são muitas. Laurindo (solicitando anonimato), vai além, afirmando que a empresa vai pagar “bem” e que segundo os técnicos existe uma “lei” específica sobre indenizações:

Muita gente não conhece a lei, mas é 30%, se o valor hoje é 100 mil o alqueire, eles têm que te pagá até 130, eles têm que te pagá 30% acima porque eles tão te pedindo pra você saí. Poca gente sabe disso: 'pode pedí 130 mil, não arrede o pé, que eles já sabem que a lei é essa' (simulando a fala de um técnico)²⁵⁶.

Outra investigação na legislação ambiental brasileira e nos bancos de dados da ANEEL e da Eletrobrás não possibilitaram encontrar nenhum artigo sequer que determine que a empreiteira deva pagar algum valor acima do valor da terra atingida. A especulação é o argumento de autodefesa do atingido que se originou na conversa com um técnico. A valorização da terra nem sempre acontece por sentimento de ganância, mas como uma projeção do morador que pensa na família.

As especulações não colocam os atingidos na situação de inocentes enquanto as companhias hidrelétricas seriam perversas. Por outro lado, cabe indicar que tais especulações e promessas se assentam entre as brechas de um conjunto de leis ambientais genéricas que pouco ou nada estipulam quanto ao tratamento das

255 Chopim Energia. **Informativo no. 09**

256 Laurindo (anônimo). **Data da entrevista discriminada**

companhias aos atingidos. Outra motivação para as especulações são as suas condições de sobrevivência, as quais eles almejam melhorar com a indenização. Por falar nisso, quem determina o valor da terra? A justiça? Na maioria das vezes, a própria empresa estipula uma carta de crédito com o valor de cada propriedade, isso é considerado definitivo pelos juízes. A batida do martelo é seguida da ação de despejo²⁵⁷.

“Quando e como será a indenização?” Perguntas consideradas simples, mas que deixam uma série de outros questionamentos aos moradores e, inclusive, se tornam terreno fértil para as especulações no terreno nebuloso do futuro. Sebastião Borba, 62 anos vividos em Navegantes foi encontrado na casa do primo Valdevino Moraes de Andrade, popular Vино como esse se apresentou ou “Abeia” apenas para os mais íntimos. Ao oferecer um chimarrão na varanda de sua casa, ele relatou: “eu nasci e me criei nesse lugar. Ele também né (sinal com a cabeça em direção ao primo). Nós semo da mema idade, dos pioneiro, mais véio do lugar”. Em entrevista seu Tião, primo de vizinho de Vино, contou indignado que ligou no escritório da empresa:

Sebastião Borba: Eu liguei lá, ninguém atendeu.

Roberto Pocai: Você ligô lá, você pediu o quê?

SB: Pra pedi se ia saí a barrage... *Eu pra mim que essas barrage aí, tá parecendo uma novela. É novela!* (voz alterada) *Eu tava com oito anos comecô esse negócio de usina aí, tô com 62 ano e tá na mesma. Então acho que quem tá correndo atrás disso aí tá perdendo tempo (risos) Tu ia plantá um pé de abóbora não vai plantá mais: “vai sai a usina, eu vô perde, eles não vão pagá o que vale”. Tem muita gente aí que queria fazê potrero não vai fazê mais, fazê o potrero pra daí amanhã desmanchá, então essa novela aí não é de hoje, isso aí faz anos e vai continuá assim.*

(...)

Valdevino Moraes: *A gente se vê meio parado, se sai ou não sai, que que vai fazê e eles não falam a verdade pra gente. Só falam o que eles tem na cabeça pra vê se a gente engole alguma coisa. A gente vê que não é assim*²⁵⁸.

A “novela das barragens” para Sebastião exprime a concepção do tempo alongado das barragens que se transformaram de realidade em ficção. Isso por

257 MAB. op. cit.

258 BORBA, Sebastião; MORAES, Valdevino Moraes. op. cit.

conta da demora na construção. A história de vida do atingido se confunde com o roteiro da novela na sua arte de contar.

O prolongamento da duração se constitui no clima de indecisão sentido em sua fala, no momento em que declara que não tem interesse em fazer benfeitorias na sua propriedade por acreditar que iria ser prejudicado iria “sair perdendo”²⁵⁹. Uma novela televisiva, o comparativo aqui, na realidade, vai se reconstruindo conforme a população vai reagindo. Não poderíamos pensar o mesmo das barragens? A empresa não estaria reconstruindo suas estratégias conforme os navegantes vão reagindo ao processo de construção?

Ficção ou realidade, o relato acima ressalta que a companhia está faltando com a verdade por conta das promessas e da demora em sair a usina. Ou seja, como tudo está “meio parado” eles “só falam o que eles tem na cabeça pra vê se a gente engole alguma coisa”. A “verdade” mais uma vez é reivindicada na fala de resistência dos navegantes, criando a ideia de outra lógica binária ficção/realidade, verdade/mentira. A relação tensa com a longa duração também foi citada por ele ao falar da última reunião com os advogados de Pato Branco:

Valdevino Moraes: O Nelson Keller veio aí com advogado querendo entrá na justiça procurá os direito de tá *esperando tudo esses ano*, fizeram uma reunião, perdê tempo. Na verdade não perdemo nada de não saí a barrage. Eles pediram mil real de entrada, mil real aqui na roça. Ninguém vai tê mil real na casa. Isso aí contaram, que eu nem fui na reunião ²⁶⁰.

Questões em aberto. “Perder” ou não com as barragens, a projeção de futuro dos atravessa a história de vida dos moradores, pois além de um espaço de experiência, existe neles um horizonte de expectativa. Para Reinhardt Koselleck, futuro e passado estão presentes: “Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado”²⁶¹.

No caso, o horizonte de expectativa é observado numa relação conturbada entre o tempo presente e o tempo futuro, uma relação conflituosa provocada pela demora

259 Idem.

260 Idem.

261 KOSELLECK. op. cit. p. 311

na construção das usinas. Nelson Keller interpretou o futuro com nervosismo:

Não veio ninguém dizê: Tá assim, assim, assim a coisa! (alteração da voz com nervosismo, mexendo as mãos) Ninguém explica nada! Que nem eu aqui, não arrumei mais nada, não pintei a casa, tem a casa pra reformá, galpão caindo, vira tapera! A maioria tá esperando, esperando, esperando²⁶².

A inconclusão das barragens e evidencia a fragilidade e a limitação do tempo presente. O que é o presente? Não seria algo que passa a todo instante. Passado e futuro o que seriam? Senão algo que ficou para trás ou inacessível. O tempo no formato como conhecemos é o antes e o depois pensado no presente e emoldurado em cada concepção de tempo. Tal abstração na relação dos tempos constituem as barragens como a contradição da duração, simplesmente uma novela sem data marcada para se encerrar.

As entrevistas, os diferentes tempos discursivos em si, possibilitam compreender como cada tempo histórico fora pensado. Apesar de o futuro ser contemplado assim, ele é intensamente refletido na fala dos moradores. Segundo Cézar Karpinski, a construção de uma hidrelétrica divide diferentes concepções de tempo fazendo “emergir uma multiplicidade de tempos e espaços”, pois o “‘antes’ e o ‘depois’ da construção são permeados pelo ‘agora’ da reconstituição”, sendo que “as dicotomias Rio-Lago, Terra-Água, Serras-Superfície, Barulho-Silêncio, Passado-Presente passam a ser percebidas no dia-a-dia da população atingida”. Apesar de inexistir o “agora da reconstituição”, pois as barragens ainda não foram construídas, a fala dos navegantes apresentam tal lógica binária persiste não somente no passado, mas, sobretudo, perante o futuro²⁶³.

A interpretação da novela das barragens na voz de Tião enaltece a coexistência de temporalidades hegemônicas e não hegemônicas, ou hegemônicas. Ao momento que se projetavam as estratégias de intervenção na comunidade, os técnicos da companhia hidrelétrica estavam buscando a hegemonização, ou seja,

262 KELLER, Nelson, op. cit.

263 KARPINSKI, C. **Sobre as águas da memória: Relações de poder e subjetividades durante a implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001)**. Dissertação (Mestrado em História) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. p. 2.

exercendo ação sobre as temporalidades não hegemônicas²⁶⁴.

Entre o estado, os movimentos sociais e as empreiteiras, é importante ressaltar que a relação espaço-tempo se constitui entre as diferentes concepções de território que se forjam a partir de diferentes agentes que atuam sobre o espaço. O local e o global passam a conviver a partir da necessidade de produção de eletricidade. A convivência no processo das UHE's São João e Cachoeirinha seria denominada por Milton Santos como o tempo do lugar, incorporado das diversas temporalidades na localidade²⁶⁵.

A tensão não para na mente. Os atingidos relembram o tempo recente e suas controvérsias. Darci Guerra, 65 anos, foi encontrado em sua casa junto de sua esposa Nair Dognaroto e se referiu ao processo das UHE'S como "lenga-lenga". Sobre a reunião com os advogados, comentou como essa situação tem influenciado as pessoas em seu cotidiano de trabalho nas localidades:

Darci Guerra: O Nelso esses dia trouxe os advogado de Beltrão dizendo que nós temo um direito de pedi uma indenização por dano moral: "Tudo esses ano prometido que ia ser construída a barrage não construíram e a gente não pôde faze mais nada". Não! O contrário. Ninguém disse que não era pra fazê, que quando os cara começaram disseram: "Não, até o dia que fazerem um cadastro na propriedade". A partir do momento que fosse cadastrado e indenizado, aí pra frente sim! O que você construísse ou o que tivesse perdia, mas até o momento do acerto, da indenização. Então parô quem quis, eu pensei: *"isso aí tá uma lenga lenga, sai, não sai, então nós vamo trabaiaando, vamo investindo"*²⁶⁶.

As dúvidas de Darci simbolizam o questionamento no final da entrevista: "Agora eu pergunto pra você, como é que tá o troço?". O processo das barragens é um processo de dúvidas. Ao invés de acreditarmos que alguns atingidos são bem informados enquanto outros são mal informados, devemos entender que os moradores foram informados pela empreiteira de maneira diferente. Nelson Keller logo respondeu quando solicitado seu nome e idade: "Nelson Antonio Keller, 6.2. De maldade e luta! Nove barragem!". É importante ressaltar que além de trabalhar para a COPEL em Salto Caxias, ele prestou serviços para mais oito Usinas Hidrelétricas.

264 SANTOS, M. op. cit, p. 29

265 Idem, p. 58.

266 DOGNAROTTO, Nair; GUERRA, Darci. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. 02/02/2015. Áudio Digital. 56Min.**

Como ele acompanhou o processo hidrelétrico em outras localidades, por que ele está com receio de não ser devidamente indenizado?²⁶⁷

O futuro convive com a atualidade. A expectativa é perceptível, inclusive, em Roberto Bach. Apesar do fato de suas terras não serem alagadas no futuro, ele se define como atingido. Na presença de Ciro Carletto, revelou seu posicionamento a partir da Audiência Pública na comunidade Paiol de Telha com os técnicos da Chopim Energia:

Roberto Bach: Sobre a usina, nós soubemo sobre o Carletto e o Nelson Keller que começaro a traze o povo da barrage. Começaro a traze o pessoal do MAB e daí eles viero e falaro pra nós. Fizero uma reunião nós participemo e fiquemo sabendo da barrage, dai essa *fulia da barrage sai não sai, e daí o...* [alterando o tom de voz] Na verdade eles tinham que vim contá pra gente, conversá ca gente, os próprio né. Tivemo duas reunião lá no Paiol de Telha não sei como é que é nome do home, agora não me lembro...

Ciro Carletto: O coiso, o...

RB: O dono daí...

CC: O gerente da empresa Gerdau, o Abílio Braga...

RB: *Só que ele dexo tudo mundo, sabe, na mão. Nós levemo o povo lá, só que daí teve pergunta que ele não sobe nem respondê. Ele mostro um mapa lá, mostro uma região que era povo assentado, na verdade ele mentiu!* (mudando o tom de voz) Que era a terra da mãe do Carletto que é aqui em cima, dai ele passo foi passando na televisão, daí o Carletto que morava ali mando ele volta pá trás e falô [em nome da Comissão]: "Aí você tá mentindo"... Que não era assentamento, daí nós fiquemo ofendido porque mostrando onde eles tinham feito assentamento na verdade era tudo mentira. *Ele só veio menti pra nós! E o povo não gosta de mentira. Nós semo pobre aqui, má gostemo da verdade...* (...) Tinha acho que umas 600 pessoa. Ele mentiu, fez esse papel de safado²⁶⁸.

A indignação de Roberto, ao versar sobre a Audiência, muda a sintonia da entrevista, de um diálogo calmo para uma conversa com clima mais tenso. Mentira e verdade aparecem no discurso e, além de atingido, o pobre se autorrepresenta como questão de classe: "Nós semo pobre aqui, má gostemo da verdade".

Por trás do relato de indignação, nos bastidores dos eventos existe uma série de significados e valores que afloram em sua narrativa. Sua "pobreza" naquele

267 KELLER, Nelson. op. cit.

268 Roberto Bach. op. cit.

“pedacinho de nada”, entre suas criações de gado e galinha, se reverte na narrativa como sua bagagem cultural. A condição de pobreza no seu “pedacinho de nada” está curiosamente inserido em um esquema milionário entre a empreiteira hidrelétrica e o Estado. Mas aqui não está em jogo apenas os cifrões, sua simples fala reflete um complexo jogo de interpretações.

Na trama, o atingido que não desejava participar do esquema, luta para existir e, sobretudo, luta para ser, para sua verdade ser escutada contrapondo a “mentira”. O elemento constitutivo de sua identidade é a subjetividade, a forma como compreende sua condição de sobrevivência e experiência, a forma como ele enquanto jogador se enxerga no processo e no lugar onde vive.

Ao se referir sobre a mesma audiência, Lourival (anônimo) comentou: “Fizero Audiência Pública, só por-ca-ri-a!” (falando pausadamente)²⁶⁹. Sobre o episódio, Augustinho disse que juntamente com demais atingidos “viraram a mesa” durante a fala dos representantes da empresa Gerdau. Darci revelou que os técnicos confundiram os ribeirinhos ao invés de esclarecê-los:

Darci Guerra: Foi feito duas Audiência Pública. Daí foi trazido o próprio Abílio Braga da empresa Gerdau coisa e tal, daí ninguém esclarecia nada, dexô mais confuso ainda. Houve um bate-boca, segundo uns alegam que o IAP não liberô, governo do estado não queria liberá. *Eles dexaram a gente sem sabê o que tá acontecendo de verdade, um fala uma coisa otô fala outra*²⁷⁰.

Na fala de Augustinho, uma visão de classe participa da voz do morador em seu emponderamento: “nós viramos a mesa”. Contra os atingidos, na sua interpretação, surgiu um inimigo comum, a Gerdau, que deixou todos confusos em meio ao processo hidrelétrico²⁷¹.

As Audiências Públicas estavam previstas no contrato de concessão, especificamente a Cláusula Décima Quarta que orienta o “modo amigável de solução de divergências e foro do contrato” e se prevê a finalidade de ambos os encontros: “Resguardado o interesse público, na hipótese de divergência na

269 Lourival (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

270 GUERRA, Darci. op. cit.

271 SANTINI, Augustinho; PEREIRA, Edson. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. 05/03/2015. 38min. Áudio Digital.**

interpretação ou execução de dispositivos do presente Contrato, a Concessionária poderá solicitar às áreas organizacionais da ANEEL afeta ao assunto, a realização de audiências com a finalidade de harmonizar os entendimentos, conforme procedimento aplicável”²⁷². Portanto, na realidade, a “finalidade de harmonizar os entendimentos” indica que as Audiências Públicas foram a principal oportunidade da empreitira esclarecer as dúvidas dos ribeirinhos, algo que na fala dos mesmos não aconteceu.

O gerente da empresa Gerdau, aqui referido como “mentiroso” demonstrou não ter conhecimento do lugar e, por isso, logo foi confrontado pelos militantes da Comissão em plena Audiência Pública gerando o tal “bate-boca”. O desconhecimento de Abílio Braga pelo lugar confere com o desconhecimento dos seus moradores pelo gerente da empresa Gerdau, pois ambos, tanto o Carletto quanto Bach demoraram lembrar o seu nome. O episódio resumido na descrição de Darci: “eles dexaram a gente sem sabê o que tá *acontecendo de verdade*”²⁷³ contrasta-se com o que vinha sendo relatado nos informativos da Chopim Energia: “Reuniões esclarecem dúvidas” e “Chopim visita abrangidos das usinas”²⁷⁴.

“O MAB somos nós”. Augustinho Santini, 53 anos, 40 anos como morador no Vale do Chopim, foi encontrado na beira do rio, em sua propriedade, juntamente com seu compadre mergulhador e bombeiro Edson Pereira. Na ocasião estavam tirando galhos do fundo do rio para poder pescar. Ali, Augustinho contou que sua terra será totalmente alagada pelo espelho d'água das barragens. Ao se afirmar como atingido, questionou o que ele denominou “sistema das usinas” e defendeu a atuação do Movimento dos Atingidos por Barragens:

Augustinho Santini: O MAB é um movimento dos atingidos por barragens, aqueles que já foram atingidos, tamo tudo junto né, ele não é contra a barragem, ele é contra o sistema que eles fazem.

Roberto Pocai: Mas o que seria esse sistema?

AS: O sistema da firma [Gerdau], diz que queriam ganhá a licença de instalação primero, pra daí começá a fazê o cantero, começá a trabalha, pra

272 ANEEL. **Contrato de concessão de n. 16/2002 AHE Complexo São João/Cachoeirinha**. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 jan 2015.

273 GUERRA, Darci. op. cit.

274 Chopim Energia. **Informativos n. 03**.

depois começá a indenizá o pessoal. *Comé que você vai chegá na minha terra, construí uma casa aqui pra depois vim vê se eu te vendo a terra?* (...) Eles mesmo nunca falaram o valor. Eles se baseavam no imposto da terra, parece que 12 mil o hectare, mas aquele já tá defasado. O MAB orientô nós a ficá firme, defendê o que é nosso, dizendo que não quero a barragem, mas pra fazê a pressão. Mas se chegasse ao valor real, indenizando tudo mundo, não deixando ninguém de fora²⁷⁵.

“Ficar firme, defender o que é nosso”, esse trecho mostra o pertencimento ao seu patrimônio como estratégia de resistência na porta de sua casa: *“Como é que você vai chegar na minha terra, construir uma casa aqui pra depois vim ver se te vendo a terra?”*²⁷⁶. Vio também expôs suas convicções nas orientações do Movimento, especialmente baseadas na lembrança do dia em que conheceram um assentamento da Eletrosul, conquistado pelo MAB:

Valdevino Moraes: Eles tem experiência que eles foram atingido por barrage, não sei aonde que é o lugar. *Que nem o lugar onde eles se colocaram* (assentamento da Eletrosul), *que nem tem nós fomo numa reunião o lugar onde eles tem o assentamento deles. Um terreno melhor não percisa. Então a experiência foi deles se unirem e trabalharem junto.* (...) E aqui na nossa região tem aqueles que são a favor do MAB e os que são contra. Eu não puxo pra lado nenhum deles, contando que a gente pegue os direito que é merecido²⁷⁷.

Para Carletto, a viagem até o assentamento da Eletrosul mudou o cenário da luta pela terra no Vale do Chopim. Pois, os atingidos adotaram a reivindicação do MAB, que era “terra por terra”:

Ciro Carletto: “O direito de vocês é im vê um assentamento pra vocês vê o que vocês podem ganhá”, isso disse o pessoal do MAB. Aí nós peguemo dois ônibus e uma Besta, enxemo de gente! Fumo lá vê, aí o pessoal... 80% decidiu que queria terra, daí a Gerdau falô que não dava terra só pagava. (...) Eles tão lutando. Eles tão fuçando (Gerdau), mas agora o pessoal tão orientado. Com as dica do MAB o povo foi vê com o próprio olho. Daí muda a coisa [sorrindo]. 60% do povo acredita vendo. Não adianta você fizê pra ele. Esse pessoal que nós fomo vê lá da Eletrosul era um pessoal que trabalhava pros fazendero de roçá nas fazenda, na colheita ou de fazê cerca... Eles levaram deiz ano, ma conseguiram cinco alqueire de terra, terra mecanizada! Casa, galpão, poço artesiano... A comunidade prontinha! O dinheiro que eles aprontaram na comunidade sobró pra comprá três trator e eles tem a associação. Que eles vêm (empresas) e faiz cabeça da gente antes de tê uma noção e a pessoa entrá na deles. Tem que tê uma

275 SANTINI, op. cit.

276 Idem.

277 MORAES, Valdevino. Op. Cit.

peessoa que saiba. Então foi isso que nós peguemo uma aulinha com eles (riso)²⁷⁸.

Nas palavras de Carletto, a antiga bandeira do MAB “terra por terra”. Todavia, a adoção da reivindicação histórica do Movimento não é uma transferência, ela acontece com suas palavras. “O povo foi ver com o próprio olho”, sua colocação implicaria na troca da terra, mas uma terra em condições de se plantar, com propriedades estruturadas e uma comunidade. Para o militante, a visão com o próprio olho incentivou os navegantes a não aceitar a proposta de pagamento pelas terras, mas sim terra por terra.

Em outras palavras, as conquistas somente são possíveis a partir de muita luta, pois o assentamento da Eletrosul levou dez anos para ser efetivado. De toda maneira, o sentido de reivindicar uma “terra boa” está em lutar pela sua permanência na terra. Darci comenta que além de não trocar terra por terra, as “propostas” de indenização da empresa não satisfaziam os atingidos:

Darci Guerra: Eles [Gerdau] nunca diziam quanto iam pagá das terra, primeiro eles diziam que iam esperá que o IAP liberasse a obra. Eles começavam os cantero, começavam a obra, daí eles iam indenizando do foz ao nascente. *Nóis brigava por uma indenização, todos primeiro pra depois começa a obra.* Por isso que eles não davam os valor. Daí a gente começou a levantá valores daí foi feito os cadastro, foi feito um monte de reunião. Foi enviado documento pro promotor, foi enviado documento pra própria empresa dizendo: “Nóis queremos é tanto!”. Depois saiu no jornal dizendo o quanto eles queriam pagá, o valor que eles queriam indenizá dava pra pagá o transporte da mudança. *Eles tavam querendo se baseá no cadastro, por exemplo, você faz um ITR²⁷⁹, um DARF²⁸⁰, você joga baratinho. (...) No começo, o pessoal do Movimento dizia: “Nóis temo que tá unido, temo que trabalha num objetivo só”²⁸¹.*

As colocações de Darci e Augustinho quanto aos valores das indenizações mostram como o ato de “jogar baratinho” o valor da terra na hora de cadastrar o Imposto da Propriedade Territorial Rural pôde ter prejudicado as negociações para

278 CARLETTTO, Ciro. op. cit.

279 O Imposto sobre a propriedade territorial rural (ITR) é um imposto brasileiro federal, previsto no art.153, VI, da Constituição Federal destinado a proprietários de imóveis fora da cidade. O cálculo do valor do imposto é proporcional ao valor da terra declarado sem qualquer benfeitoria (INCRA, op. cit).

280 O Documento de Arrecadação de Receitas Federais (DARF) é o boleto utilizado para pagamento de tributos administrados pela Receita Federal do Brasil (Idem).

281 GUERRA, Darci. op. cit.

os atingidos. Vale lembrar o que Augustinho falou em meio a sua entrevista: “O MAB orientou nós (...) dizendo que não quero a barragem, mas pra fazer a pressão” e complementou “o Movimento nunca falou que, supondo se eu tô no Movimento, eu não posso ser a favor [da construção das usinas]”²⁸².

As estratégias de negociação por parte dos atingidos extrapolam o próprio conceito de “atingido”. A categoria “atingido” produz a imagem de um ser oprimido, ou até mesmo de alguém incapaz de fazer algo por si mesmo, não tem como resistir ao “sistema das usinas”. Entretanto, Augustinho ao valorizar a sua terra evidencia que os atingidos possuem estratégias de resistência. A identidade do atingido vai se forjando ao momento que ele se insere na luta pela terra junto de um grupo social.

Ao instante que possuem interações com a cidade, as relações de forças no campo possuem qualidades específicas. O avanço do agronegócio produz o desemprego rural, os desempregados vão habitar bairros da periferia e favelas das cidades. Raymond Williams interpreta a realidade a partir dos conflitos e as relações dos diferentes grupos sociais. Toda cultura emergente vai se produzindo em meio a uma cultura dominante já existente, o fazer-se de uma nova classe sempre se insere como:

fuente de una práctica cultural emergente, aunque mientras como clase todavía se halla relativamente subordinada, siempre es susceptible de ser desigual y con seguridad es incompleta, ya que la nueva práctica no es de modo alguno un proceso aislado²⁸³.

Por trás do vislumbre da paisagem, o cenário de produção agrícola instiga a interpretar que todo processo de dominação, por outro lado também se constitui como um processo de resistência. Ao instante que nada está concluído e cada segundo é constitutivo, cada grupo social se constitui com uma cultura distinta. O processo de dominação é um processo relativo, até por permitir a organização de um grupo social como os atingidos por barragens que antes eram agricultores.

Nos últimos 17 anos, o tempo de ambas as Usinas Hidrelétricas oportunizou o fazer-se dos atingidos por barragens no Vale do Chopim. O tempo é o único fator

282 SANTINI, Augustinho. op. cit.

283 WILLIAMS, R. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1980.

determinante da realidade, todavia está em transformação. Portanto as relações entre dominante e emergente, hegemônico e resistente são constantes. Como se estivessem presentes ou mesmo presos a um tabuleiro de um jogo, desafiam a própria experiência, nem sempre perdendo, nem sempre estão vencendo, mas sempre aprendendo a jogar.

A organização do MAB acontecia por suas orientações aos navegantes. A Comissão dos Atingidos deveria “ficar firme” e “trabalhar num objetivo só”. Constantemente no tempo, a organicidade dos movimentos sociais almejam e partilham um antigo princípio reproduzido por Vino: “A união faz a força”, que complementou “agora se não se unir não adianta”²⁸⁴.

Apesar dos atingidos parecerem um grupo homogêneo na perspectiva de organização, diversas são as condições de experiência nas comunidades atingidas, como declara o próprio Darci:

os pequeno já é mais difícil, porque tem meiero, tem proprietário e eles (Gerdau) já não querem se envolvê com meiero, arrendatário, posseiro, coisa assim. Eles querem só o proprietário e o Movimento é desse lado, eles querem ajudá todo mundo²⁸⁵.

Já Augustinho relatou: “tá morando aqui, tá vivendo aqui, não interessa se tu tem propriedade ou não. Tu tá ganhando. Tu tem que sê indenizado e eles não queriam isso”²⁸⁶. As afirmações coincidem com as estimativas do MAB, pois durante o processo de construção de uma Usina Hidrelétrica apenas 30% dos atingidos são indenizados, os outros 70% não são proprietários e, por isso, não recebem absolutamente nada. Nos trechos acima, a união dos ribeirinhos está além da propriedade, além das fronteiras, além das cercas que os dividem materialmente.

A questão agrária dos atingidos no Brasil está além da propriedade da terra, constituída juridicamente no documento de posse da terra. A construção de uma Usina Hidrelétrica ignora o uso e o cultivo da terra por parte de outras condições de experiência. Virando a mesa, a reivindicação do Movimento é que todos os

284 MORAES, Valdevino. op. cit.

285 GUERRA, Darci. op. cit.

286 Entre os entrevistados de Navegantes, todos se afirmaram como proprietários da terra. Funcionários, caseiros, posseiros e agregados são realidades encontradas nas demais comunidades (Idem).

moradores das localidades atingidas sejam indenizados, pois todos são atingidos. O cultivo e a posse da terra são elementos que criam os vínculos do trabalhador com a terra, esses vínculos são ignorados pelas empreiteiras e pelo estado²⁸⁷.

Nesse sentido, as narrativas exibem além de acontecimentos... Valores, sentimentos e significados na luta pela terra emanam de laços invisíveis entre os trabalhadores. O território de atuação do Movimento pode ser identificado como uma outra comunidade imaginária mas real. Todo território, ainda assim, tem um limite e o território dos movimentos sociais transcende a paisagem para sua organização no âmbito nacional.

O “Prognóstico Ambiental com o empreendimento” dos EIA's seria um capítulo afim de “prever” os “impactos ambientais e sociais” do empreendimento sobre a região, pelo menos a intenção era convencer a sociedade de sua capacidade de previsão. Esse capítulo, tem um item que se refere a situação dos moradores nas comunidades atingidas denominado “Alteração da organização social e política existente”. Indiretamente, essa passagem está falando da atuação do Movimento dos Atingidos por Barragens na região. Um fato que já vinha acontecendo antes mesmo da constituição do EIA.

Esse item de “impacto” especificamente considera que a alteração da organização social e política existente poderia “ocorrer em virtude da confirmação ou frustração de expectativas das mais variadas naturezas, implicando num progressivo fortalecimento ou eventual enfraquecimento, substituição ou mesmo alternância de lideranças locais e regionais”²⁸⁸.

O Estudo, em si, apesar de considerar a natureza desse impacto como “positiva”, revela também esse como “reversível”, de “baixa relevância” e enumera três medidas para resolvê-lo: -Programa de remanejamento da população rural; -Programa de apoio e desenvolvimento dos municípios; -Programa de Educação e Comunicação Social. Mas se é um impacto “positivo” e de “baixa relevância” então por que existe a necessidade de ser revertido ou até mesmo resolvido?

A primeira medida que ali aparece de maneira indireta foi descrita de forma clara por Darci que junto de sua esposa revelou as estratégias da Chopim Energia para

287 apud ZEN. op. cit.

288 Consiliu. op. cit. p. 217.

desmantelar a organização do MAB. Em outras palavras, a empreiteira tinha por objetivo conquistar a hegemonia na comunidade de maneira a convencer os atingidos sobre os benefícios das barragens:

Darci Guerra: Por isso que houve uma divisão, veja bem como tem pessoas traidoras. O pessoal do Movimento sempre dizia: “Daqui a pouco vai chegá advogado, vai chegar corretoras ofertando terra pra vocês e daquele jeito e de fato aconteceu”. Uns loco aí que faziam parte de comissão. Viviam sempre nos escritório da Chopim Energia. Era quem tinha contato todo dia com esse pessoal, os demais não. Os demais teve gente que chutô eles, atropelaram. [Outros] comiam, puxando saco, onde que foram vê umas terra. Mas já tudo combinado com a corretora assim: “Se vocês adquirirem essa área de terra, pra vocês da comissão eu vô dá tanto” e esses cara se abriram [falaram] pra um, pra otro, onde que um calção: *“Não! O direito é de todos, aqui ninguém vai pegá um centavo de ninguém”*²⁸⁹.

A simulação “onde que um calção” reflete como os valores do Movimento foram incorporados por alguns moradores atingidos a ponto do clima ficar tenso, pois “o direito é de todos, aqui ninguém vai pegá um centavo de ninguém”. Apesar de falar em quantia, sua referência não se direciona restritamente a valores materiais. As palavras emitidas no discurso se evidenciam como a honra e a moral se constituem como valores na sua fala. “Não é só por causa do dinheiro”, tais valores, como disse Darci, evidenciam além de sofrer influência das bandeiras de luta do Movimento dos Atingidos por Barragens, ele criou valores em sua experiência como atingido. Isto é, os valores forjados no seu discurso são elementos de sua identidade como instrumentos da luta pela terra perante o avanço das hidrelétricas²⁹⁰.

Em outro sentido, a articulação da Comissão com suas orientações aos atingidos identifica as fronteiras de atuação do MAB, pois alguns moradores receberam ofertas indiretas da empresa Gerdau para trocar de terra. A performance do Movimento dos Atingidos por Barragens aconteceu com alguns moradores, em alguns lugares e por algum tempo, sua unidade foi relativa.

A companhia Gerdau, por sua vez, projetava sua hegemonização na comunidade. As estratégias de desarticulação do MAB não se evidenciam nos documentos da empresa, por outro lado, os moradores as citam veementemente em

289 GUERRA, Darci. op. cit.

290 Idem.

diversas ocasiões. A principal delas estava em criar expectativas de uma “boa” indenização. Mais uma vez, Laurindo cita leis inexistentes:

Laurindo: Que nem o cara me falô, só que achei muita mordomia, se você quisé trocá de terra: “se tu tiver um conhecido teu que tivé 10 alqueire de terra lá perto de Pato Branco, você sabe que ele quer vendê, por exemplo, e tu tem 10 alqueire também, eles são obrigado a te dá esses 10 alqueire de terra”. Daí eu falei: “-E a diferença?”. Daí que ele não soube me respondê. Mas enfim ele achô que se *a minha vale 1 milhão e a dele 2 milhão, ele achô que eu não tenho que emendá 1 centavo, eles têm que me dá os 10 lá pelos 10 aqui* (gesticulando com uma faca sobre a mesa). Ele disse: “eles que querem te tirá você de lá”. Ele também me falô que há uma lei, hoje aqui dá 22 km de Pato Branco, o mais longe de um povoado é 11 km que a lei não permite²⁹¹

Mais uma vez, ao investigar as leis ambientais nos bancos de dados da ANEEL e da Eletrobrás, nenhum artigo procedeu com o que o atingido diz ter ouvido dos técnicos. Por trás de Laurindo falam os técnicos, sua voz, diferente de outros atingidos, intercede em favor da relação que manteve com os representantes da empresa Gerdau. Sua proximidade, até por ser constituída de uma relação dentro de sua casa se apresenta como intensa, sobretudo, ao ponto de emprestar as promessas da empresa. A estratégia de narrativa, cercada de promessas e especulações, dialoga com o roteiro da “novela das barragens” com a intenção de interferir nos seus próximos capítulos.

“Que nem o cara me falou”, o relato não se constrói ingenuamente. O narrador narra por outrem, reproduzindo a palavra do técnico como um compromisso que fora firmado na soleira da sua casa, pois isso que ela é, um compromisso. Assim também se comporta a entrevista, outro compromisso, firmado, gravado e autorizado onde ele oportunizou para reproduzir a palavra do representante da Chopim Energia.

O enredo da novela constantemente se transforma. Outro atingido em especial, Lourival (anônimo) foi encontrado na estrada puxando pasto para os seus cavalos, logo após descobrir os objetivos da pesquisa, ele logo questionou o pesquisador: “Mas você não é do MAB?”, logo após negar isso a ele, Lourival logo emendou: “Não, porque se você for do MAB você pode pegá tua moto e se arrancá daqui” . Na ocasião da entrevista quando interrogado diretamente quanto ao seu

291 Laurindo. op. cit.

posicionamento esse acabou respondendo de maneira exaltada:

Roberto Pocai: Você não era contra a usina uma vez?

Lourival: Mas contra? (levantando o tom de voz) Sempre fui a favor, sempre fui, sempre vô sê, se o cara me pagá! Agora se o cara vié aqui: “ó Zé, você vai tê que im embora sem nada, só com a capa do zóio”, daí eu vô brigá. *Se me pagarem mais ou menos o que vale ó tchau!* (acenando em direção a propriedade dos vizinhos) *Nóis fomo vê as terra ali em Mariópolis.* Terra plaininha que nem isso aqui ó, um pedaço tinha 110 alqueire, outro 140, outro cento e não sei quanto. Três área só dum dono. *Falei pro [meu vizinho que é do MAB]: “vocês brigaram aí contra, agora óia aí ó, o MAB vai dá terra pra vocês? Agora fiquem aí nesse perau de pedra pro resto da tua vida”. Ir contra uma coisa que vocês iam ganhá uns troco, se colocá melhor. A empresa só falô que iam pagá bem, nunca falo que não vão pagá nada e não falô preço também*²⁹².

A interrogativa do pesquisador manifesta a dúvida quanto ao posicionamento do atingido, pois segundo informado por terceiros, Lourival foi favorável ao MAB até um certo momento. A eventual desilusão com o MAB aconteceu por uma frustração. O ribeirinho tinha esperança na construção das hidrelétricas, pois iria trocar sua terra com um especulador imobiliário aliado à companhia Gerdau.

O prolongamento de duração do processo hidrelétrico possibilita que na lógica binária *Presente-Futuro* elementos aparentemente opostos possam conviver no mesmo discurso. Entre o rio hoje e o lago amanhã, a preocupação de uns com o alagamento destoa das águas que correm no velho Chopim e convive com a vontade de outros em sair do campo.

Uma Ação Judicial movida pelo MAB impossibilitou até o momento a construção das barragens. O episódio soa como um divisor de águas na comunidade, o que vem gerando uma relação tensa entre os próprios moradores. Algo observado na expressão: “agora fiquem nesse perau de pedra”. A referência ao terreno acidentado não se direciona necessariamente a estética do lugar, mas está associada às suas condições de trabalho agravadas por seus problemas de saúde: “Perau de pedra e *eu não posso trabalha*, que que vai fazê home? Não é granja, nós ia ganhá uma terra plaina, *por causa duns demonho que vieram aí só incomodá! Barraram tudo!*”²⁹³.

292 Lourival. op. cit

293Idem.

A fala do entrevistado se referia a Ação Civil Pública N.º 1.050.979-6, “da Vara Única da Comarca de Clevelândia, em que figuram como agravante MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ e agravados CHOPIM ENERGIA S.A. e INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (IAP)”²⁹⁴.

Por ironia, a pressão do Movimento dos Atingidos por Barragens e a interferência jurídica dos seus advogados, a Ação acabou “barrando” as barragens. O que fica no ar no aqui e no agora é a evidência de que todo documento escrito tem relação com os diversos saberes dos atingidos que compartilham os mesmos episódios.

II.IV. As hidrelétricas de “papel” e a “arapuca” das barragens: As relações dos saberes atingidos com os documentos escritos.

“Futuro de 'Hidrelétricas de papel' ainda é incerto. (...) O futuro de 11 usinas hidrelétricas chegou a um momento decisivo. Todas essas usinas estão há dez anos ou mais tentando sair do papel, gerando prejuízos milionários às empresas que arremataram suas concessões (Portal Andrade & Canellas – transmissão e distribuição de energia elétrica)”²⁹⁵.

Seria o desfecho da História? Assim como as diversas interpretações da realidade impossibilitam uma única origem da história, se torna difícil prever em meio a disputa pela memória qual seria o desfecho das UHE's São João e Cachoeirinha. Nesse momento, a interpretação das lembranças recentes possibilita compreender os saberes dos moradores atingidos pelo processo das hidrelétricas. Os valores emitidos no discurso na diversidade de narrativas além de expressar as memórias dos ribeirinhos, expressa também seus saberes atingidos pelas hidrelétricas mesmo antes de sua construção. Seja um tratado internacional ou um bilhete, o discurso possui autoria de alguém que interpreta a realidade.

Um simples papel? Eis o que poderia ser a tal Ação Civil Pública do MAB. No entanto, tramitando no Ministério Público, essa somente pode indicar uma coisa. A Chopim Energia, juntamente da Consiliu Engenharia, considerava as alterações da organização social e política das comunidades atingidas como algo “reversível” e de

²⁹⁴ Tribunal... op. cit.

²⁹⁵ Disponível em: http://www.andradecanellas.com.br/default.asp?id_materia=11709 . Acesso em 12 Mai 2015

“baixa relevância”. Na realidade, a companhia hidrelétrica subestimou a atuação do MAB e acabou sendo surpreendida pela organicidade dos ribeirinhos.

A ação de resposta do MAB foi categórica, uma Ação, mas não qualquer ação, tanto que essa tem de ser aqui referida com “A” maiúsculo. Mas por outro lado, a reação da Comissão dos Atingidos por Barragens no Vale do Chopim significaria o fim da possibilidade de construção das UHE's São João Cachoeirinha?

O tempo seria a resposta para tal indagação. No movimento da história, o tempo do complexo hidrelétrico, aliás, é considerado por entrevistados como “parado” no momento como a própria Marilei Kerber relatou: “agora faz uns quantos anos que tá tudo parado. Uns quatro ano, pessoal [da Gedau] sumiram”²⁹⁶ ou mesmo Vино: “parô tudo, tá tudo meio parado. Não se vê fala mais nada”²⁹⁷.

Por outro lado, se a documentação está parada, ou mesmo tramitando vagarosamente no Tribunal de Justiça, por outro lado, as narrativas dos navegantes fluem constantemente como as águas do próprio Chopim. Entre as falas dos atingidos, se alguns comemoram a Ação, outros sentem as feridas do tempo por trás do acontecimento. Por detrás dos diferentes posicionamentos, diversas estéticas se confundem nos discursos, como é o caso de Lourival:

Lourival: *Acabaram com a nossa barragem... (...) Barraram tudo, fizeram lá essas reunião, 200, 300 pessoa, chegavam caquelas folha pra você assiná, você ia lê tudo aquilo lá, um barulhão, pegava e assinava, vai sabê o que que assinô. Foi pará na mão do juiz, o juiz barrô tudo, tá até hoje na mão do juiz. A EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), a prefeitura e o MAB, três órgão vagabundo. Prefeitura de Clevelândia não vale nada! (voz exaltada) Não tem prefeito não tem bosta nenhuma lá dentro fui lá dentro da prefeitura e falei pra ele: “votei pra você, fiz campanha, mas to com vergonha, um prefeito desse tipo aí”. Mas um traia que não vale nada, que nem pensei: “um piá novo vai fazê”. (...) Lá no Paiol Grande eles atropelaram o MAB de lá, achavam que tavam só enrolando. Lá no Paiol Grande que deu feio. Mandaram que se sumisse, nunca mais pisaram lá, as mulher levantaram de pé e meteram a boca! O cara puxô dum papel: “que que vocês são? São esmoleiro”, que o cara falô [representando o MAB] que eles faziam isso aí e não ganhavam nada, mas diz que disse, disse... E as mulher meteram a boca”²⁹⁸.*

Segundo Walter Benjamin, a arte de contar histórias, encarnada na troca de

296 KERBER, Marilei. op. cit.

297 MORAES, Valdevino. op. cit.

298 Lourival. op. cit.

experiências, torna-se cada vez mais rara em detrimento da cultura escrita com o desenvolvimento das práticas capitalistas. A narrativa como prática social parte de alguém. Além de seu posicionamento, sua estética ao emitir o discurso o diferencia dos demais, seja bravejando sobre o acontecimento ou comemorando. A cada entrevista se reduzem as fronteiras entre a voz do entrevistado e a imaginação do entrevistador²⁹⁹.

A subjetividade de Lourival com os acontecimentos insufla sentimentos negativos quando recorda do MAB, da prefeitura, da EMATER e chega a enunciar ofensas. De forma inusitada, Portelli estimula a observar na oralidade menos eventos e mais significados: “a importância do testemunho oral pode se situar não na sua aderência ao fato, mas de preferência no seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir”. A aproximação de Lourival ao acontecimento passado quando relata “vai sabê o que assinô” relata sua frustração por ter assinado a ata que embasaria a Ação Civil. Parafraseando o linguista italiano, essa passagem permite compreender que a história oral conta menos o que o ele fez, mas o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez³⁰⁰.

O historiador participa da imaginação do narrador que faz ressurgir a barragem que nunca existiu. Um outro sentimento de pertença se configura aqui com um tom depreciativo a paisagem: “é só pedra” em detrimento do pertencimento com as UHE's São João e Cachoeirinha em tom de lamento: “acabaram a nossa barragem”. Na estética do discurso, sua voz exaltada descortina o conteúdo emocional do relato, cercado de arrependimentos por ter, segundo ele, perdido “a chance melhor da vida” onde “não souberam aproveitar”³⁰¹.

Ao contar sobre seu arrependimento o entrevistado simulou uma desavença com um vizinho dizendo: “Ir contra uma coisa que vocês iam ganhá uns troco, se colocá melhor”³⁰². O gosto amargo das lembranças, associado ao seu problema de saúde e,

299 BENJAMIN, W.; ROUANET, S. P. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

300 PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Em: Projeto História – Cultura e Representação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. SP: Educ. Fevereiro/1997. p. 32

301 Idem.

302 Lourival. op. cit.

especialmente, à falta de compreensão da própria dor emite a percepção de como a memória individual está associada a todos os sentidos.

Para cada ribeirinho os valores são diferentes. Além dos significados, Lourival se refere a Ação Civil que procedeu de outras medidas legais movimentadas pela Comissão. O enfrentamento judicial se concebeu entre as formas de pressão a atuação da Chopim Energia, impossibilitando sua hegemonia nas comunidades atingidas. Entre essas um *Interditum Prohibitorium*³⁰³ onde os funcionários da empresa Gerdau não poderiam se aproximar 50 metros das propriedades dos atingidos. Segundo Nelson Keller:

Nelson Keller: A Gerdau diz que seis meis fazia a usina (...). Daí essas reunião do MAB, MAB, MAB, uns era a favor [do MAB]. Daí já começaram que não vão pagar nada e o MAB foi fez umas comissão pra lá, fez comissão pra cá e os cara se empolgaram. Que que o MAB fez? Trouxe um advogado. O advogado pegou a questão fez o tal de Interditum Proibitorium e a Gerdau não podia fazer levantamento mais e só começava a usina após pagar nós. Indenização antes de começar a usina. E foi e foi e foi, interditaram daqui, interditaram de lá³⁰⁴.

Keller em seu jeito de contar retrata a medida cautelar lançada pelos advogados da Comissão que em 2010 determinava que os técnicos da empreiteira não podiam se aproximar das propriedades rurais dos atingidos. A medida judicial surtiu efeito, mas antes de estar determinada no papel essa já parecia uma tendência entre os moradores atingidos durante o processo de constituição dos Estudos de Impacto Ambiental. Outra orientação do MAB foi para que os ribeirinhos não assinassem o questionário de perfil sócio-econômico das propriedades rurais atingidas pelo empreendimento. Apesar de terem aplicado o questionário em ¼ das propriedades rurais, “em virtude tanto de algumas delas estar fechadas, *quanto da recusa de indivíduos em respondê-los*”, ambos os Estudos argumentaram que “a amostra de 25% pode ser considerada representativa da população atingida sendo este um

303 “O Interdito Proibitório é uma ação judicial que visa repelir algum tipo de ameaça à posse de determinado possuidor. Pode-se dizer que se classifica como uma forma de defesa indireta. Essa ação terá cabimento quando houver contra o possuidor a ameaça de turbacão (perturbação) ou esbulho (ofensa efetiva que impede o exercício da posse). O possuidor não pode simplesmente desconfiar que será ameaçado, mas deverá ser comprovado um justo receio, bem explicado e evidente (...). O objetivo dessa ação é afastar a ameaça que vem sofrendo o possuidor através de mandado judicial” (Disponível em: <http://www.jurisway.org.br> . Acesso em 18 Mai 2015).

304 KELLER, Nelson. op. cit.

percentual normalmente utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em suas pesquisas estatísticas”³⁰⁵.

Com essa medida de afastamento movimentada em 2010, a Comissão e o Movimento fizeram uma recomendação aos moradores em especial: Não assinar nenhum documento. Esse documento precisamente era o próprio questionário que fazia uma estimativa dos levantamentos físico e topográfico das propriedades atingidas, por conta da marcação de cotas de alugamento, as benfeitorias nas propriedades, produção agrícola e pecuária, a mão-de-obra. O informativo da Chopim Energia de Janeiro de 2011: “a maioria das famílias (...) participaram do cadastramento socioeconômico”³⁰⁶, entretanto, moradores como Augustinho Santini se posicionaram favoráveis às recomendações do MAB:

Roberto Pocai: O MAB orientô vocês também a não assiná nada...

Augustinho Santini: Comé que você vai assiná um negócio que tu não sabe que que vai acontecê? O nosso objetivo era assiná se tivesse uma reunião numa comunidade com todo mundo, *que nem eles pegavam de um por um metia o 'bafo' deles e o cara assinava, aí era sujeira*³⁰⁷.

Mais uma vez, Augustinho devolve a questão do pesquisador com outro questionamento. A estética do seu discurso possui tal estratégia ao relatar sua história de vida perante o processo. Sua fala categórica e direta relata a chamada “sujeira” que estava para acontecer se o MAB não intervisse. Defendendo o movimento social, ele acusa os técnicos a “pegarem de um por um” para meterem o seu “bafo”. Em outras palavras, ele denunciou a companhia por faltar com a verdade e vencer os atingidos com promessas³⁰⁸.

A simplicidade de sua narrativa, por um lado, se constitui de uma linguagem comum do seu lugar perante o processo histórico que está vivendo. Mas, por outro lado, sua narrativa evidencia a complexidade de relações que as promessas da empresa Gerdau constituem, denunciando que os próprios vizinhos incorporam o seu discurso como seu. Segundo Carletto, os coordenadores da Comissão dos

305 Consiliu. op. cit. p. 199

306 Chopim Energia. **Informativo no. 02.**

307 SANTINI, Augustinho. op. cit.

308 op. cit.

Atingidos foram convidados a participar de uma reunião no escritório da Chopim Energia:

Ciro Carletto: Daí [simulando o técnico falando]: vocês vão lá e façam, levam isso aqui daí vocês preenche se é o casal, ou se é viúvo, filho, cunhado, sogro, faz tudo um cadastro. Daí nós falemo: -Não, mas cada um tem que fazê tem que tê o cadastro dele. -Não, pode ponhá no mesmo cadastro de vocês, se ele mora com vocês. *Daí nós descobrimo que eles tavam golpeando nós* que daí chegava na hora eles iam indenizá só o proprietário, não os que tavam vivendo na propriedade dele³⁰⁹.

A fala desse ribeirinho já expõe a relação de desconfiança dos atingidos com a empreiteira. Para o militante do MAB, por meio da papelada a empresa estava “golpeando” os atingidos para indenizar apenas os proprietários. A medida jurídica, na realidade, não visava proteger tanto os proprietários quanto os agregados que viviam nas propriedades rurais atingidas. Para alguns atingidos como Laurindo (anônimo), por outro lado, o acerto deveria ser feito apenas com proprietários:

Laurindo: Que daí vendo os dois lado a gente já começa a balançar comé que é a verdade. O MAB dizia assim: “que se vocês tem compadre de vocês, primo de vocês que não tem emprego, não tem terra, chamem pra beira do rio. Fizemo os cara pagá terra! Ali eu já achei erro. Daí não pode. Porque na verdade a empresa só tem o dever de pagá pra quem mora ali, quem é dono de terra. A gente viu como irregularidade, que o MAB seria quase igual o MST. Eles fazem muita confusão dá pra assim dizê. O povo acreditavam muito no que eles falavam porque eles jogavam muito pesado: “Se vocês dexarem, eles vem aqui começam a trabalha, e não pagam mais, mandam vocês se arrancá e fecham e a água bate”. Mas hoje existe lei!³¹⁰

Laurindo após citar leis inexistentes oriundas dos técnicos, se utilizou do argumento da “verdade” para expor uma das estratégias da frente de massa do MAB em multiplicar sua base para pressionar as empreiteiras “fazendo movimento”. As atuações do movimento social de luta pela terra aparecem de maneira pejorativa em sua narrativa em uma estética de discurso ofensiva, principalmente quando comparadas às do MST. Nesse trecho fica perceptível a influência dos meios de comunicação sobre a sua interpretação, já que a criminalização dos movimentos sociais é um elemento presente na mídia.

309 CARLETTO, Ciro. op. cit.

310 Laurindo. op. cit.

Na passagem: “Porque na verdade a empresa só tem o dever de pagar pra quem mora ali”, fica evidente que Laurindo foi influenciado pelos técnicos em contrapartida do movimento social que tinha por objetivo a indenização de todos os trabalhadores rurais. Por proximidade, os representantes das empresas emprestaram sua “verdade” a Laurindo, em controvérsia do MAB, pois “eles fazem muita confusão (...), o povo acreditava muito no que eles falavam porque eles jogavam muito pesado”. A sua postura não se direciona no entendimento das organizações de luta no campo, em sua narrativa ele culpabiliza o MAB pelo conflito de interesses no processo das barragens, o MST pelos conflitos de terra contra latifundiários, como se antes da existência dos movimentos sociais esses conflitos já não existissem³¹¹.

Ao utilizar o seu conceito próprio de verdade emprestado dos técnicos, Laurindo conduz as narrativas de maneira a atingir o MAB que, segundo ele, possuía como estratégia “aumentar os fatos”, “jogando pesado” com os demais atingidos que desconheciam a “verdade”. Analisando essa e as demais narrativas, fica perceptível que o MAB orientou essas estratégias, que, entretanto, não chegaram a ser utilizadas pelos membros Comissão.

O MAB interferiu na temporalidade dos atingidos, sobretudo, no tempo das UHE's São João e Cachoeirinha, no enredo da novela das barragens. A sua rede de informações foi organizada nas memórias dos seus membros que reinterpretem os acontecimentos das antigas usinas que os atingiram.

A direção executiva forma narrativas carregadas de uma estética “assustadora” ou realista perante os fatos? Se essa estética é exagerada ou está no nível das lembranças das ações de despejo, o MAB possuía por objetivo intervir nas comunidades atingidas modelando a ilusão e procurando desmentir as “promessas” da indústria barrageira.

Mauricio Neira recomenda a problematização em torno de quem fala: “La pregunta que subyace (...) es quién habla por los subalternos cuando ellos – aparentemente – hablan”³¹². A narrativa de Laurindo, em particular, substancialmente se constrói como um relato de autodefesa. As lembranças de sua aproximação com

311 Idem.

312 NEIRA, M. A. **Voces subalternas e historia oral**. Em: Encuentro Internacional de Historia Oral “Oralidad y Archivos de la Memoria”, 2005, p. 15

a empreiteira são elementos de sua autoafirmação como pessoa “esclarecida” entre as que “entendem o que é uma verdade, uma mentira”:

Laurindo: O pessoal do MAB clariô. Tão ali pra informá. Mas vejo que eles são muito... eles não vê a história verdadeira pra dizê pro povo. Isso que acho um erro (...). O MAB foi muito bom sim, no começo, vinha alertá nós, só que daí eles começaram a pôr coisa na cabeça do povo. Eu não, pessoas que entendem o que é uma verdade, uma mentira. A gente nem liga, dexamo que os cara falam nem damo bola. *Mas aquela pessoa bem coitadinha, que nem esses rapaiz que eu falei ali, tavam depressivo, não dormiam de noite, pressão alta, baixa e tal, eles ouvem falá em barragem ficam doente! Chegam a ter pesadelo!*³¹³

As memórias são produzidas e resignificadas. O passado não é mais o que era. Essas reflexões são lembradas durante a entrevista. De forma muito serena e calma, o entrevistado esforça sua memória que além de seletiva se apresenta como intencional quando relembra: “O pessoal do MAB clariou. Tão ali pra informar. Mas vejo que eles são muito... eles não veem a história verdadeira pra dizer pro povo”³¹⁴.

O discurso do MAB, para ele, surtiu efeito nas pessoas tidas como “coitadinhas”. Na sua concepção, a condição social está associada às decisões dos atingidos, pois eles são influenciados pela falta de “verdade” do MAB, tanto que quando “ouvem falar em barragem ficam doente! Chegam a ter pesadelo!”. O pesadelo é uma imaginação do futuro porém real no presente do atingido que acorda apavorado. Uma mentira para uns, uma preocupação para outros. A doença pode ser depressão de uns, mas a paranoia dos outros. A visão de um entrevistado constrói todo um aparato de defesa perante a “mentira”, mas onde estaria a verdade?

A “verdade” de Laurindo não pode ser encontrada nas cartilhas do MAB, nem nos cadastros da empresa Gerdau, a sua concepção de “verdade” está no espaço da sua memória no que ele deseja lembrar para projetar no seu horizonte de expectativa. A favor dos técnicos e contrariando o MAB, ele favorece a proximidade que obteve com os representantes da indústria barrageira. Tal “verdade” não se restringe aos eventos passados para justificar a sua decisão, mas sim em ir a favor dos técnicos com a finalidade de ser indenizado.

A narrativa que justificaria sua indenização, muito além de reproduzir uma única

313 Laurindo. op. cit.

314 Idem.

verdade que serve para ele e para todos, é um saber constituído na oralidade, um saber que se projeta na vontade de uma vida melhor. Se as promessas dos técnicos serão cumpridas pela indústria barrageira apenas o tempo poderá dizer.

Ariosvaldo (outro anônimo) também associa o posicionamento contrário dos moradores com sua condição sócio-econômica: “a maioria é meeiro, mora na terra dos otôs (...) o MAB fez uma lavagem cerebral nos cara (mexendo com o dedo na testa)” e que “tem meia dúzia que é do MAB, não querem (as barragens), mas parecem que são burro”. Logo o pesquisador pergunta diretamente: “Mas quem é do MAB aqui em Navegantes?” Ele logo apontou para a propriedade de um vizinho: “Esse ali é um (exaltado), esse ali é doente, se você falá mau do MAB ele te mata na hora! (risos) (...) E tem otôs doente ali (...). Eles cartilharam o povo”³¹⁵.

Mais uma vez, os ânimos se alteram no prolongamento da fala e o “culpado” foi o MAB por ter “cartilhado” o povo e ter acabado com a barragem. O anonimato do entrevistado e a discriminação do seu vizinho na narrativa é estratégica. A intenção é evitar que a pesquisa aqui apresentada altere ainda mais os ânimos do lugar, gerando mais conflitos. O objetivo da pesquisa é contribuir com a discussão gerando entendimento e evidenciando, sim, a existência de conflitos silenciosos entre os diversos posicionamentos.

A postura ética se compromete com a confiança depositada pelos moradores, evita conflitos e defende os companheiros da comunidade, principalmente, de um eventual processo jurídico da empreiteira. Contudo, ainda, a força dos advogados da empresa Gerdau pode coagir os moradores, mas não muda os fatos. Fica a evidência de que o silêncio quanto às indenizações prejudicou a atuação da empresa que foi processada e que as promessas geraram especulações de alguns e revolta de outros.

Em outra sintonia, nenhum dos entrevistados favoráveis ao MAB se posicionaram contra o projeto hidrelétrico. Sintetizando isso, Vito se refere quanto aos desdobramentos do processo das UHE's da seguinte maneira: “Não é que seja contra. Mas se querem construí que construam. Mas desde que eles venham e paguem o justo pra gente, que assentem a gente, que a gente qué outro terreno, a

315 Ariosvaldo (anônimo). **Data e local da entrevista discriminados.**

gente vive da terra”. Ele ainda complementa com fala firme seu posicionamento favorável ao MAB:

Eu acho que do jeito que eles falam na reunião tá certo. Que eles [também] não são contra a barragem, o que eles querem é que faça acerto com nós. Desde que seja o acerto digno o que vale, que pague em dinheiro. Mas nós queremos assentamento!³¹⁶.

Vale lembrar um trecho já citado da fala de Augustinho: “Você não precisa ser contra o movimento pra ser a favor da barragem contanto que eles façam o certo, te pague bem. (...) O MAB orientô nós (...) *dizendo que não quero a barragem, mas pra fazê a pressão*”³¹⁷.

O saber atingido constituído por Vino está articulado ao desejo de permanência na terra que se projeta, novamente, na lembrança da visita ao assentamento e na projeção de futuro, no desejo de querer ser assentado. Assim como Augustinho e a necessidade de pressão para valorizar a terra. Os saberes constituídos na luta pela terra são os instrumentos da luta pela terra.

Sobre os cadastros socioeconômico das propriedades e sobre a ata da reunião que se consolidou na Ação Civil contra a Gerdau, Lourival em tom indignado logo mudou de assunto expondo seu arrependimento e acabou se referindo depreciativamente aos militantes do MAB:

Lourival: O cara não me faz assiná mais nada! Nós assinemo papel! Não sei quantos! Só se incomodamo! Chegue aí com o dinheiro pra vê se fica um aí! *Os cara falam com a boca, mas o coração é outra coisa*. Isso aí é maior bobera! Se for assim então não dá pra vendê por dinheiro nenhum! Nem por um milhão de real!³¹⁸.

Esse trecho pesado se desdobra na representação de Darci sobre o mesmo assunto: “Bem no começo um ou outro falava: 'eu não quero, eu não quero', brigando pra não saí a barragem, mas diziam isso, como é que diz, com a boca, *mas com o coração dizia o contrário*”³¹⁹. A mente organiza um pensamento para ser

316 MORAES, Valdevino. op. cit.

317 SANTINI, Augustinho. op. cit.

318 Lourival. op. cit.

319 GUERRA, Darci. op. cit.

emitido, o coração sente outra coisa e se omite.

Coração e mente? Existe divisão? Existe separação? Assim como Vito que articula seu pensamento, reivindica ser assentado e projeta isso no amanhã, Lourival e Darci refletem sobre o que é dito e o que é mentalizado. A “mentira”, ou omissão, em não querer vender a terra emerge novamente como mais uma estratégia para a negociação da terra, isto é, a mente mente.

Tal estratégia para valorizar a indenização em muito lembra o caso em que Carletto comentou dos antigos moradores de Videira. Simulando a fala dos antigos vizinhos do pai e do avô que tinham terra e não queriam vender. Elucida-se que na relação do Estado com as empreiteiras, os atingidos que seriam o ponto mais fraco adotam estratégias a partir de seus saberes atingidos.

Ainda assim, a estratégia de resistência de ir “xinxando a terra” foi partilhada frente ao “sistema das usinas”. As formas de atuação foram alimentadas pelo MAB nas estratégias de negociação adotadas, constituídas no decorrer da luta, contudo, são oriundas do seu saber tradicional no pertencimento com o lugar e com sua linguagem comum.

O ato de proferir algo com a boca enquanto com “o coração é outra coisa” demonstra a relação do dito pelo não-dito. Não se proferem apenas discursos distintos entre os atingidos. O discurso de um atingido se transforma estrategicamente a cada instante no tempo das barragens. O que foi relatado na entrevista não foi relatado perante a empreiteira Gerdau. Do pensamento para a palavra emanada, a luta vai no mesmo sentido: valorizar a terra para negociá-la por um preço melhor.

Sobre o discurso de Lourival paira a impressão de que é o sentimento de pertencimento com a terra que torna impossível fazer um cálculo sobre o seu valor: “se for assim então não dá pra vender por dinheiro nenhum! Nem por um milhão de reais!”³²⁰. Do coração até a boca, a pertença relativiza o valor em dinheiro por meio da relação pessoal que o sujeito tem com o lugar.

O sentimento de pertencer se elucida na ameaça pelo impacto ambiental da construção das UHE's São João e Cachoeirinha, um evento futuro imaginado no

320 Laurindo. op. cit.

presente. Sobre o “sistema das usinas”, Laco citou casos exteriores ao Vale do Chopim que interferiram no seu posicionamento:

Arlindo Kerber: Eu passei no escritório, tinha umas mulher que vieram aqui umas veiz. Nós comentamos assim: Você tá de acordo com a Chopim Energia? Eu falei assim: -Uma vez eu tava, agora eu não tô mais de acordo de confiá nos cara quando aconteceu, não sei aonde, *Belo Monte, que parece que a empresa já tinha começado e não tava indenizando ou queriam dá 30 mil o alqueire só, valia 60 mil, queriam dá só 30.* (...) Daí elas mesma disseram assim: -Pior que isso aí foi uma injustiça e *até nós agora comé que nós vamo confiá nos nosso diretor que vem (...).* Se tem esses problema aqui pertinho, então o povo não pode confiá mesmo. Ela disse. Então esses cara lá estragaram pra todo mundo, agora quem que vai confiar...

Roberto Pocai: Essa do Belo Monte você foi atrás, de pesquisá, de sabê...

AK: Eu não fui atrás de nada. Não fui vê preço. *Mas a gente ouviu comentário pelo rádio e informação do povo...* E pelo rádio eles tavam falando que a empresa tava pagando muito poco. Que era uma poca vergonha o preço que eles tavam querendo pagá pelas terra. Daí o povo se revoltaram. Se reuniram aí vários lugar foram lá e mandaram pára a construção até eles resolverem pagá um preço justo. Por isso que isso aí acaba estragando o plano de muita gente ³²¹.

Laco evidencia a flutuação de informações de Belo Monte até o Vale do Chopim, essas são fornecidas pelo rádio e sua decisão. O projeto da hidrelétrica é considerado por intelectuais, militantes de organizações não-governamentais, pelos movimentos sociais – principalmente o MAB e o MST – como a obra mais controversa do PAC. Eliane Brum, escritora e jornalista, parafraseia a filósofa alemã Hannah Arendt, “Belo Monte é um mundo em que tudo é possível”, pois “a morte cultural dos indígenas é naturalizada por parte dos brasileiros como foi o genocídio judeu por parte da sociedade alemã”³²².

O posicionamento dos movimentos sociais perante Belo Monte se contempla com a simulação da conversa de Laco com as comunicadoras da empresa Gerdau. As comunicadoras adotaram a estratégia de não entrar em embate com os moradores, por isso não se posicionaram defendendo a monstruosidade de Belo Monte. Por outro lado, toda obra hidrelétrica, em sua grandiosidade, possui uma pluralidade de

321 KERBER, Arlindo. op. cit.

322 Revista Época. **Belo Monte: a anatomia de um etnocídio. Entrevista com a procuradora da República Thaís Santi.** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com> . Acesso em: 21 jun 2015.

versões, argumentos e, sobretudo, posicionamentos controversos. A passagem em evidência além de demonstrar os embates entre movimentos sociais, estado e empreiteiras, uma diversidade de visões de mundo se construiu entre os representantes da empresa Gerdau.

Em nenhum momento da entrevista, Laco se posicionou a favor ou contra o projeto de São João e Cachoeirinha. E ainda argumentou que “se sair, se a gente se sair bem não importa né” e que “tem bastante gente por ali que diz: ‘eu não quero que saia’”. Ele reitera o argumento de outros atingidos entre a boca e o coração: “Por causa dessa desconfiança de que eles não pagam, mas por trás eles andam esperando dia por dia pra que saia né, eles só dizem que não querem pois tem medo de ser trapaceado”. Sua esposa Marilei, por outro lado, ao ser estimulada a falar, logo se posicionou contrária a construção das barragens:

Roberto Pocai: Se você quiser participar, falá alguma coisa...

Arlindo Kerber: Que nem a Marilei, ela já tem a ideia dela, também se você, *porque até um tempo você diria que não né...*

Marilei Kerber: Ah, eu não sô muito a favor dessa barrage não, fico preocupada, de repente não vão pagá bem, se é pra empatá o dinheiro daí não vale a pena...

Apesar do posicionamento de Laco, em cima do muro, ou em cima da barragem, não podemos deixar de considerar que entre a família também existem posicionamentos adversos. A partir do convite para a entrevista, Laco, enquanto marido, entreviu, procurando deduzir que Marilei havia mudado de opinião a partir do tempo. Todavia, a própria se posicionou contrária a construção, isso a partir de sua preocupação, sobretudo, imaginando a barragem no lado de cima de sua casa:

Arlindo Kerber: No caso, a nossa questão é essa. Um paredão do lado da cada aqui eu não fico. Que nem falaram: “estorá até não tem pobrema” (não vai acontecer). Mas daí quem vai dormi de noite numa poca de chuarada, trovão aí? Eu não vô dormí. Minha família não vai dormi. Daí tê que pegá meu carro ir posar fora e mesmo que fosse de dia. De chegá a estourá aquilo lá. “Ah mas isso não tem problema estorá não”, o cara falô. Como que não? Se já...

Marilei Kerber: *Já estorô várias!* (arregalando os olhos, complementou a fala

do marido e entrou dentro da casa)³²³.

Marilei Kerber em poucas palavras evidencia a preocupação do casal. Considerando o rompimento a barragem de Ponte Serrada, Santa Catarina, provocado pelo excesso de chuvas em junho de 2014, meses antes da entrevista³²⁴. Esse trecho demonstra que a adversidade de posicionamentos e opiniões não acontece apenas na comunidade, como também no casal.

As rodas de chimarrão, o encontro com os vizinhos após a missa, as prosas nos churrascos de fim de semana, o momento entre marido e mulher, são oportunidades de exposição de opiniões. Sobretudo no último caso, são oportunidades também de cerceamento de opiniões, onde o marido impõe sua opinião e silencia a opinião da companheira, inclusive no momento da entrevista. Isso fica evidente, pois apesar do convite para que a família fale na entrevista, apenas duas mulheres se expuseram.

Laurindo contou que ficou sabendo que a esposa de um dos militantes do MAB de outra comunidade questionou sua participação no Movimento dizendo: “que que você ganha atrás disso aí? Porque você fica correndo uma semana inteira”. O cerceamento de opinião e a resistência em participar das ações do MAB, portanto, também acontece por parte de algumas mulheres.

As condições de sobrevivência e experiência de cada família, aliás, dialogam com a concepção do valor da terra, torna-se interessante frisar que esse assunto os informativos da Chopim Energia apenas adiavam. Como diz o seu informativo: “por determinação legislativa, a Chopim só poderá colocar o projeto em prática após a emissão da [Licença de Instalação] (...) podendo assim ser iniciada a negociação com os abrangidos”. Perante essa afirmação, o saber dos atingidos vai se constituindo na resistência ao avanço das hidrelétricas sobre sua terra, como é o

323 Idem.

324 Segundo informações do próprio MAB, em junho de 2014, cerca de 300 famílias tiveram suas casas alagadas após a abertura das comportas da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, localizada em Capitão Leônidas Marques, no Paraná: “Devido ao aumento do nível do Rio Iguaçu provocado pelas chuvas, a usina decidiu abrir todas as 14 comportas na noite do último domingo (08), alagando áreas dos municípios de Capanema, Nova Prata, Realeza, e as cidades da região do Baixo Iguaçu, sem nenhum tipo de aviso prévio”. Casas foram levadas com a correnteza, animais ficaram pendurados nas árvores destruídas, rodovias foram destruídas, as ensacadeiras que desviavam o rio Iguaçu para a construção da Usina Hidrelétrica do Baixo Iguaçu foram rompidas e uma rachadura comprometeu a estrutura da barragem de Salto Caxias. Especialistas vieram do exterior para conter o dano na estrutura. Ver mais em: UHE de Salto Caxias abre comportas e provoca destruição no PR. Disponível em: Portal do MAB. op. cit. Acesso em 19 Jan 2014.

caso de Augustinho Santini, já relatado aqui: “Como é que você vai chegá na minha terra, construir uma casa aqui pra depois vim ver se te vendo a terra?”³²⁵.

Os valores constituídos nos saberes atingidos não contestam as barragens em si, mas sim suas etapas, como o próprio Augustinho denunciou: “o sistema da firma, diz que queriam ganhar a licença de instalação primeiro, pra daí começar a fazer o canteiro, começar a trabalhar, pra depois começar a indenizar o pessoal”³²⁶.

Concomitante a isso, Darci explica a pressão sobre os técnicos para descobrirem o valor da terra: “Foi enviado documento pra própria empresa dizendo: 'Nós queremos tanto [da terra]!'. Depois saiu no jornal o quanto eles queriam pagar. O valor que eles queriam indenizar dava pra pagar [apenas] o transporte da mudança³²⁷”. Sendo exagero ou não, os atingidos pressionaram os técnicos e fez a Gerdau reagir. O valor ínfimo pago pelas terras fez com que os atingidos se organizassem em assembleia para construir a Ação Civil Pública contra o avanço da Chopim Energia.

O discurso como a transcendência dos tempos vai e volta do ontem para o hoje e parte para o amanhã como uma espiral nas narrativas dos ribeirinhos. A proposta apresentada no jornal é desconsiderada pelos navegantes, algo lembrado no seu discurso de resistência. As experiências discursivas das entrevistas revelam a relação da oralidade com a escrita. Parafraseando ou ironizando Friederich Engels e Karl Marx na frase: “tudo que é sólido se desmancha no ar”, poderíamos dizer que tudo que é escrito se desmancha na voz e tudo que é falado se desmancha no ouvido. Tais narrativas, aliás, são as mesmas fontes orais utilizadas no item anterior, mas que agora são revistas e transcendem outros debates no item atual³²⁸.

O saber constituído aqui é o saber atingido que se incorpora ao navegante e na valorização da sua terra perante o avanço das barragens. A questão do aprendizado nas práticas está no tempo, vivido na relação dos atingidos com a paisagem do Vale do Chopim.

325 SANTINI, Augustinho. Op. cit.

326 Idem.

327 O exemplar do jornal local, o Diário do Sudoeste, que fala dos valores da terra não fora encontrado.

328 MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Alfa-Ômega.

Desde a produção de grãos em uma análise de solo, da criação de animais, na criação de um potreiro, persiste a relação do ser humano com a intemporalidade da terra. De certa forma, os tempos geológicos, geomorfológicos e biológicos são sentidos no tempo humano exercido aqui nas narrativas humanas. Nelson Keller andava pela velha estrada da comunidade com seus cachorros e relatava sua experiência em trabalhar na construção das hidrelétricas até que foi interrompeu seu relato em um barranco: “ó, esse barro aqui bem na bera da estrada [argila branca]. Esse barro tem um valor, sabia? Esse é o melhor barro pra fazê forno pra pizzeria, fazê carvão, o cara queria vim tirá aqui, esse barro não racha”. Isso depois de contar das pedras que retiraram de sua propriedade para fazer estradas de calçamento: “eles quebravam duas carga de pedra por dia, começavam 7 hora da manhã: Tow! Tow! Tow! Até eu aprendi a quebrá. É uma arte!” e das ametistas, pedras preciosas que encontrava no meio do mato³²⁹.

Embora não possua o conhecimento técnico sobre as pedras preciosas ou sobre a argila, o homem do campo interage com o tempo geológico em elementos que para ele tem valor aqui incalculável. O saber atingido não é analisado nos EIA's e a forma de sobrevivência aparece de forma depreciativa por afetar a “biodiversidade”³³⁰. Tal representação não se baseia em dados nem estatísticas, apenas em afirmações. Quando questionado sobre esse assunto, Carletto lembrou uma conversa com os técnicos:

Ciro Carletto: Eles (da empresa Gerdau) vem aqui sabe o que que eles dizem? Que aqui é um buraco: que que o cara qué vim morá num buraco desse? Mas em plaino eles não fazem hidrelétrica: esse buraco é feito pra vocês ganhá dinheiro. Que se não tem buraco comé que vai enxê de água pra faze, pra tocá a hidrelétrica? Esse é que nós temo, esse é um buraco preparado pra vocês, que tá pronto, vocês querem é de graça mas. Mas eu *casco o buchedo*, eu digo memo. Quando eu vô nessas reunião³³¹.

Esse recorte da entrevista, assim como o imenso Angico mencionado, possuem algo em comum. Uma simples árvore como elemento da paisagem parece algo estático e parado, porém, em sua narrativa, essa se mobiliza mediando a sua luta

329 KELLER, Nelson. op. cit.

330 EIA. op. cit.

331 CARLETTO, Ciro. op. cit.

pela terra. “Eu casco no buchedo”, ao comparar o ato de reivindicar seus direitos com o ato de sacrificar, carnear e limpar um animal para a alimentação, Carletto se utiliza de uma linguagem própria, uma linguagem que não foi exportada do MAB, uma linguagem de sua experiência como homem do campo.

Utilizando Carlos Castañeda como inspiração, os conhecimentos específicos dos povos ribeirinhos de Navegantes devem ser examinados: “em termos [que eles mesmos os compreendam]; e só nesses termos é que poderiam tornar-se evidentes e convincentes”³³². Com isso, a exorcização de qualquer caretice academicista, a narrativa abre a percepção do entrevistador para os universos onde transita o entrevistado.

Na linguagem comum de Navegantes e na condição de militante do MAB, Carletto defende a participação do movimento social na comunidade e compara a atuação das indústrias barrageiras com uma arapuca para capturar passarinhos:

Ciro Carletto: Que se não tem o MAB aqui pra nós, nós tava que nem numa arapuca onde tu arma ali o coitado do passarinho chega e vai pegá o milho e pof! [imitando a arapuca com as mãos] Essas empresa, [indústria barrageira] normalmente, é isso aí! A pessoa normalmente nunca entrô nisso daí. Então ele não sabe de nada e daí vai na boa fé. Se não fosse o MAB, pra isso, nós tava no fundo do poço, isso aí já tava construído [apontando com a mão em direção ao rio]. Aqui nos 11 município da bacia do rio Chopim eu fui em todas as reunião. Isso pra passá uma informação pros nosso atingido. Eu e meu cunhado, nós coordenava um grupo de 29 família e eu era o que saia pra pegá as informação. Então o MAB pra nós foi excelente!³³³

Apontando para o rio, imaginando o futuro indesejado, Carletto faz um balanço de sua luta enquanto coordenador do seu grupo de famílias, demonstrando inclusive um sentimento de pertença com eles: “os nossos atingidos”. Isto é, o grupo de 29 famílias entre Navegantes e Serrano Baixo. Na sua linguagem própria e comum do lugar, ele enfrenta a indústria barrageira em sua simplicidade. Seus valores e sentidos exercem essa simplicidade no discurso nada parecida com a dos companheiros de “boa fé” que poderiam estar presos na arapuca. À beira do rio,

332 A viagem enteógena com cogumelos e cáctus vai além na troca de experiências com Don Juan. CASTAÑEDA, C. **Erva do diabo: As experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Dom Juan**. Rio de Janeiro: Record. Disponível em: <http://api.ning.com/> . Acesso em 07 jul 2014.p. 9

333 CARLETTTO, Ciro. op. cit.

com a ilha de fundo, ele imagina o cenário catastrófico proporcionado pela inocência das pessoas e pela ausência do MAB, um destino distinto do atual onde os atingidos aceitariam os desígnios das empreiteiras e todos acabariam parando no “fundo do poço”.

O trabalho de formação de um militante, ou, no caso específico, o processo de fazer-se de Carletto no MAB demonstra a importância das viagens como um processo de troca de experiências e conhecimento mútuo. Relembrando isso, a entrevista se torna o grande momento para o entrevistado. Como perceptível acima, é nela que o entrevistado se empondera, se defende e se apresenta como articulador de um discurso de resistência frente às barragens. E nesse processo, como um meio de dialogar com o entrevistador, a valorização do lugar e o sentimento de pertença passa do invisível da sua voz para a visibilidade dos elementos da paisagem:

Ciro Carletto: Eu disse [numa reunião com os técnicos da empresa Gerdaul]: óie, eu fui em vários lugar nesse Brasil de atrás de... Em reunião anssim e fui e conheci... Digo: único lugar que tá mais apreservado é esse rio aqui ó. Que o povo preservô as mata nativa na verada. Que que adianto nós segurá até agora aquelas mata nativa preservando? Agora vocês vem aqui acabam cuma hidrelétrica. Tira tudo a mata que nós dexemo e vão fica sem. Que que adianto?³³⁴

O pertencimento na paisagem por parte do militante se torna um instrumento de luta, uma verdadeira arma contra os interesses da companhia:

Ciro Carletto: Se nois precisemo não temo, não imo tê (a mata preservada). Daí ele falo: Nã, se sai essa hidrelétrica nói já peguemo lá no norte do Paraná nós compremo uma área que é pá dexá lá que é pá reserva anssim. Eu disse (alterando o tom de voz): -Que que adianta dexa lá que nói temo aqui? Eu disse: Nós temo que preservá aqui ó!³³⁵

“Nós temos que preservar aqui”. Que fazer? Do alto do morro donde falava, a simulação do conflito com o representante da companhia. Um teatro se encena na entrevista diante do jogo ele apresenta suas armas e suas estratégias como também o que ele se vê como relevante na luta pela terra diante da paisagem do Vale do

334 Idem.

335 Ibidem.

Chopim. Carletto assume uma militância orgânica que reconhece os seus interesses na constituição do saber atingido, a figura do seu inimigo em potencial e a paisagem como sendo seu instrumento de luta.

Ao se referir especificamente aos Estudos de Impactos Ambientais, C  zar Karpinski indicou que as principais críticas na análise relativa ao tema “dizem respeito ao seu caráter extremamente técnico e científico” presente na escrita. A sua linguagem tecnicista “dificulta o entendimento e oculta graves problemas ambientais” não relevando diversos aspectos da vida social e comunitária das populações ribeirinhas atingidas e conspirando com a crença irrestrita de que “só a ciência [acadêmica] é capaz de fornecer informações e soluções”. O academicismo dos estudos barra o saber local das populações ribeirinhas, ocultando a existência de relações políticas por det  r  s dos seus levantamentos de dados presentes em tais Estudos³³⁶.

No que tange a discussão dos saberes, Sandra Cureau, Vice-Procuradora Geral da República e diretora da Escola de Direito Ambiental da Associação Brasileira dos Membros do Ministério Público de Meio Ambiente, reconhece que a construção de grandes obras, como as usinas hidrelétricas acaba acarretando sérias ameaças que não se restringem ao impacto ambiental. Para a especialista no assunto, os EIA's ocultam a “destruição do patrimônio cultural” em seus relatórios seja “dos modos de viver, criar e fazer das comunidades afetadas pelo empreendimento”. O impacto social afeta as redes intercomunit  rias, atingindo seu universo social, econômico e cultural constituído entre vizinhos que além do pertencimento do lugar, possuem pertencimento com suas práticas no lugar:

São adotados critérios que não levam em conta os modos como os grupos sociais classificam e delimitam seus ambientes ou territórios. (...) Os Estudos de Impacto Ambiental devem considerar, efetivamente, as relações entre a sociedade e os recursos ambientais, que são relações socioculturais por definição, e que não devem ser reduzidas aos vínculos puramente econ  micos, no sentido utilitário, em detrimento dos vínculos de natureza simbólica e afetiva³³⁷.

336 KARPINSKI, C. op. cit. 2008. p. 10.

337 CUREAU, S. **Os impactos socioculturais decorrentes da construção de usinas hidrelétricas no Brasil**. Em: MAIA, L. C... op. cit. p. 207.

A enfermeira Aniely Coneglian Santos também questionou os procedimentos e a validade desses estudos:

Como medir, quantificar os valores naturais, as plantas nativas, pertencentes a cada quintal de casa? (...) A população local planta para o sustento, e também estabelece relações sociais, onde ocorrem trocas, diálogos e a possibilidade de uma boa convivência com a vizinhança. [As perdas irreparáveis resultam] em danos irreparáveis, (...) há um valor simbólico insubstituível relacionado ao meio ambiente natural e aos bens que ajudaram a construir diversas gerações que ali viviam³³⁸.

A ausência de qualquer referência aos saberes locais também se coloca como um fato presente nos EIA's Cachoeirinha e São João, como se tais saberes inexistissem. O silenciamento do grupo social atingido tem por intenção afogar tais conhecimentos, como se fossem submersos sob as águas represadas de uma barragem. Ainda assim, frisemos que assim como a cultura oral dos atingidos, toda cultura escrita também possui alguma tendência de classe. Em detrimento disso, os índices mostram a generalização dos ribeirinhos, tratando-os como se todos fossem a mesma coisa e cada um deles um mero número a mais em suas estatísticas quantitativas, fixas e frias das tabelas e das porcentagens. A presente análise desmistifica o argumento de “neutralidade e imparcialidade” produzidos em meio às relações de força e de capital onde se forjam os projetos das UHE's São João e Cachoeirinha.

No conflito de interesses que a barragem produz, a história de vida corresponde a representação cultural materializada como narrativa no papel e se comporta como uma autodefesa de si como sujeito e da comunidade a qual ele se sente pertencente. Portelli orienta, mais uma vez, denominando essa mística de *cultura política*, onde todas as relações de sociabilidade integram e transformam constantemente as identidades dos moradores³³⁹. As memórias não são iguais, mas possuem pontos de referência em comum onde se partilham valores, costumes,

338 SANTOS, A. C. **Percepção das famílias do processo de realocação decorrente da Instalação da Usina Hidrelétrica de Baguari no Município de Periquito – MG**. Disponível em: <http://www.ecsbarragens.ufpa.br/site/cd/ARQUIVOS/GT9-38-23-20101115204435.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2015.

339 PORTELLI, A. **O que faz da história oral diferente**. Em: Projeto História. Vol. 14. São Paulo: PUC, 1997.

significados e criando comunidades de sentido que vão muito além dos laços sanguíneos. A paisagem, o rio, a lavoura... Transcendendo tais elementos, a construção da represa e a criação Comissão dos Atingidos ressignificam os diferentes sentimentos de pertencimento nos navegantes.

A conversa com o processo histórico vivido pelo entrevistado e sentido na sua alma é a energia que emana em rede entre seus semelhantes às margens do rio Chopim, aqui atingidos por barragens. A questão é: qual é o passado que cada um recupera?

O cruzamento de fontes orais com as fontes escritas, um exercício no desenvolvimento artesanal e artístico das metodologias compostas no trabalho de pesquisa transmite a relação conturbada que as companhias hidrelétricas construíram com alguns dos atingidos. Ao comentar sobre os Estudos de Impacto Ambiental encomendados em 2001 e 2002, Vino possibilitou intensificar esse debate:

Valdevino Moraes: O levantamento que eles fizeram dizia que a terra aqui não produz nada (alterando o tom de voz). Não tem madeira de lei. Não tem isso, não tem aquilo. *Então eles não entendem nada do negócio de terra nem de madeira, aí o tipo de madeira de árvore você procurá tem. A terra aqui não dá se não prantá, tudo que se prantá produz. É só cuidá né...* Falaram que não tinha nada, terra fraca, só dava aqueles vassorão não sei se você conhece, não tinha peixe. *Claro, os peixe eles não vão enxergá, eles tão por cima d'água, os peixe tão lá no fundo* (risos). *É porque daí eles só vêem o lado deles, já pensô?* (arregalando os olhos) Tem grapia, pinheiro, angico, tudo quanto é tipo de madeira, os cara falam lá no papel lá que aqui não tinha madeira de lei. *Eles tão botando só o que eles querem no papel né e a gente pra saí daqui já...* ³⁴⁰

Os trechos em evidência demonstram que em menos de um minuto, os ânimos se alteram e muito a partir do relato do acontecimento, do bravejamento ao humor e do próprio humor para a seriedade. A cultura oral em evidência é inspirada na cultura braçal do trabalho, ambas não se opõem no discurso. A cultura da terra ironiza a *papelada* dos Estudos de Impacto Ambiental, na voz do agricultor e na sua condição de produtor de feijão e milho em uma pequena propriedade: “a terra aqui não dá se não plantar, tudo que se prantar produz, é só *cuidar né...*”. A narrativa

340 MORAES, Valdevino. op. cit.

humorada e indignada do atingido questiona a neutralidade do documento escrito: “É porque daí eles só vêem o lado deles, já pensou?”. O papel aceita tudo para Vino, principalmente nas relações de força onde se forjam tais documentos, os peixes e as árvores são elementos usados para ironizar o trabalho dos técnicos: “eles tão botando só o que eles querem no papel né e a gente pra saí daqui já”. Com isso, Vino não se sente atingido pela barragem em si, mas sim, por todo processo, desde os levantamentos feitos há mais de 10 anos.

Carletto lembrou uma reunião dos técnicos da Chopim Energia com alunos e pais na Escola São Roque, há uns 10 quilômetros da comunidade de Nossa Senhora de Navegantes:

Ciro Carletto: Daí eles gararro e convidaro tudo mundo, mas só foi três pai, o resto só os aluno. Chegemo lá, primera coisa que eles perguntaram foi que hora eles levantavam pra vim na aula, 5 hora: imagine vocês levantá e não tê energia pra tomá um banho na água fria, tem que tirá leite no escuro, sem ordenhadeira e coisa e tá faltando energia. Nós precisemo da hidrelétrica e tal e aqui é um lugar pra coisa. Daí eu pedi pra eles, quando eles terminaro de falá: -escuita aqui, vocês acham que precisa de energia. Não sô contra! Claro que precisa! *Mas tem que sê bem organizado as coisa*, desse tipo nós não aceitemo. (...) Fizero levantamento das árvore nativa que tem aqui, lugar mais preservado na bera desse rio é aqui. Vocês botaro só nove tipo de árvore. Tudo porcaria e uma que não tem mais que é o cedro. E o resto é árvore que só vai ajudá a empresa e o IAP quando for pra liberá (...)

Roberto Pocai: Mas como assim, que tipo de árvore?

CC: Árvore de menos qualidade e não serve nem pra lenha. Leiteiro, xaxim, açoita, carrapicho, sapopema, guaçatunga, maria-preta, canela amarela, canela guaicá, cedro, ponharo mais duas só, mas tudo que não vale nada. Falei ali e lá no IAP numa reunião em Curitiba. Porque aquilo era uma capoeira não tinha árvore nenhuma. *Esqueceram até do símbolo do Paraná que é a Araucária, pinheiro produzindo pinhão que foi plantado aqui*. O chefe do IAP falô que enquanto não tá certo isso daí ele não assinava. Eles fizero pros aluno. Mas pra pressioná os pai!³⁴¹

Mais uma vez a narrativa de Ciro não tem por finalidade desconstruir a justificativa da construção das UHE's: “vocês acham que precisa de energia, não sou contra, claro que precisa”, por outro lado, “tem que ser bem organizadas as coisas”. Mas em sua fala percebe-se que ele se sentiu ofendido em sua identidade como morador do lugar, a ofensa também foi sentida em sua condição de paranaense:

341 CARLETTO, Ciro. op. cit.

“Esqueceram até do símbolo do Paraná que é a Araucária, pinheiro produzindo pinhão que foi plantado aqui”. Utilizando o argumento ambientalista de preservação e reflorestamento em defesa do ele considera como seu, pois o “lugar mais preservado na beira desse rio é aqui”³⁴².

Antes de comprarmos a versão do entrevistado inquestionavelmente de maneira integral, devemos considerar sua cosmovisão, a forma como constrói sua percepção de mundo, sobretudo, relativizando a narrativa em um ponto específico. Não existem árvores de maior ou menor qualidade, todos os seres vivos em um ecossistema têm uma finalidade. Entretanto, para o ser humano, muitas vezes, somente se tornam importantes as árvores que possuem valor comercial e que podem ser utilizadas como matéria-prima, seja na construção de residências ou de móveis.

Isso não é algo somente presente na narrativa de Carletto, que era madeireiro, mas principalmente na constituição dos EIA's que se utilizaram dessa cosmovisão voltada a agregar valor somente ao que pode ser utilizado como produto dentro modo de produção capitalista, por sinal compactuando com uma lógica nada ambientalista do Vale do Chopim. Torna-se importante frisar nesse momento que apesar de colaborar com tal perspectiva, esses estudos foram aprovados pelo Instituto Ambiental do Paraná.

A reunião com o “chefe” do IAP em Curitiba, citada por Carletto, foi citada também por Vito onde ele destacou que todos foram recebidos e “muito bem” por sinal deixando, segundo ele, garantidos os direitos dos atingidos:

Valdevino Moraes: Eu lembro que quando nós fomos em Curitiba que o chefe do IAP recebeu nós lá, muito bem até. E ele garantiu pra nós que enquanto eles não cumpri com os 42 item que tem no papel pra construir a barragem, diz que não sai a barragem. Até pediu *se queria que desse uma foia assinada* garantindo que se eles não cumprisse os itens não saia. Mas daí não pegamos ³⁴².

Entre as 42 condicionantes ambientais está a exigência de novos EIA's e novos RIMA's, ou seja, seria a quarta vez que esses documentos seriam construídos afim de viabilizar judicialmente o parque hidrelétrico. O gesto simples de abrir mão do

³⁴²Idem.

³⁴² MORAES, Valdevino. op. cit.

documento assinado pelo representante do IAP poderia passar despercebido: “até pediu se queria que desse uma folha assinada garantindo que se eles não cumprisse com os itens não saia. Mas daí não pegamos”. A palavra teria mais valor naquele momento para eles, tal é a relação das diferentes oralidades com a narrativa escrita.

Uma ata de uma associação, um boletim de ocorrência, um documento paroquial... Qualquer documento escrito possui seus antecedentes na oralidade. Jacques Le Goff acredita que uma característica interessante de uma sociedade predominantemente oral, qualquer processo de transição para a cultura escrita introjetada na memória coletiva ocasiona a melhor oportunidade para domínio das recordações que constituem narrativas históricas dominantes. As relações de força onde se desenvolvem o fato histórico evidenciam que esse antes de um objeto dado e acabado, é uma construção social, um elemento manipulado por uma documentação que, por outro lado, também “não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento”³⁴³.

Controlar o passado é controlar o futuro. Ainda assim, o processo de hegemonização da empresa Gerdau deixa reminiscências, tal como um muro de taipa onde nasce musgo, as narrativas orais resistem como instrumento de luta nas histórias de vida do Vale do Chopim. Apesar do poder que a palavra escrita possa simbolizar, voltemos a frisar, toda narrativa escrita é oriunda da oralidade, antes de materializada no papel, toda palavra é emitida ao ser falada ou mesmo pensada. E eis que toda tradição da narrativa oral assim como toda narrativa escrita, cada palavra, cada sinal gráfico estão relacionados a um processo de luta do seu narrador para ser lido e escutado. Para o pesquisador, resta aceitar o conselho do historiador pós-colonialista Mauricio Neira em articular a história oral com a pretensão de que: “los subalternos hablen por sí mismos”³⁴⁴.

Indiferente do posicionamento favorável ou contrário a construção do complexo hidrelétrico São João-Cachoeirinha, a narrativa está viva nas condições de experiência de quem a emite. Recordemos o discurso de Dona Juraci: “Ah... eu no

343 LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

344 NEIRA, M. op. cit. p. 16.

meu pensamento, gostaria que Deus ajudasse que saísse a usina pra nós sairmos daqui porque aqui estamos num bico sem saída, nesse lugar!”³⁴⁵. Seu posicionamento não se associa a decisão de “aceitar a barragem” por ser favorável a barragem simplesmente, ela aceita a barragem nas condições de experiência onde sobrevive. A narradora observa na construção das hidrelétricas a oportunidade de abandonar o campo com seu marido buscando melhores condições de sobrevivência.

Ambos ansiosos em abandonar o campo, por não enxergarem ali condições favoráveis de sobrevivência, contudo, não terão suas terras indenizadas pela companhia hidrelétrica, suas terras estão localizadas abaixo da futura parede da UHE São João e não serão alagadas. Um detalhe não comentado pela companhia pois ambos desconhecem sua situação, mas, ainda assim se consideram atingidos. Apesar de seu posicionamento, após revelar que o primeiro projeto de construção de barragem era para ser no Roncador, Juraci declara desacreditar na construção de São João e Cachoeirinha “tuda vida era pá saí essa usina, té hoje não saiu, quase 30 ano, não sei se essa usina sai, eu não acredito”³⁴⁶.

Além de Juraci e Pedro, outras propriedades de outros entrevistados não serão indenizadas, o casal Maria Albrecht Ruzza e José Donato Ruzza quando questionados sobre as atuais UHE's respondem desacreditando na construção do complexo hidrelétrico:

Maria Albrecht Ruzza: Qual usina? Dessas de agora? *Será que vai saí?*

José Ruzza: Em tudo esses ano que já ouvi falá eu não acredito que vai saí essas usina, porque tudo tempo que já faz que era pra já tá saindo...

MAR: *Má o teu pai* (cutucando José) *era vivo e ele dizia que só acreditava vendo* (risos). Quando começô essa história que iam fazê essas usina, ia alagá até quase no São José.

JR: A primeira história começô dizendo que ia até lá na ponte do rio Pato Branco, daí eles foro diminuindo. Ia começa lá pra baxo da barra ali, uma barrage que ia alagá tudo aqui pra cima, depois foram diminuindo, ali na São José (ambas construídas pela COPEL). *Essa usina memo não vai saí fácil porque eles não te dizem que que eles vão te pagá de indenização,*

345 CARDOSO, Juraci Nande, op. cit.

346 Idem

*eles só querem colocá a usina...*³⁴⁷

Além da dúvida quanto a construção das Usinas Hidrelétricas, as narrativas de José, Maria e Juraci possuem muito mais coisas em comum. Muito antes de ser arrematado em 2001, o projeto de uma Usina Hidrelétrica já fazia parte do imaginário dos moradores do Vale do Chopim, condicionando sua experiência a frustrações e expectativas que acabaram não sendo alcançadas. O reconhecimento do processo na fala dos atingidos deixa perceptível um alargamento do tempo das Usinas Hidrelétricas no Vale do Chopim de 30 anos atrás para a atualidade.

O tempo presente do qual falamos se apresenta como especificidade diante das demais pesquisas no diversos campos dos estudos sociais que abordam os atingidos por barragens. Mas muito além do presente, os atingidos vivenciam o acontecimento antes do acontecimento, a análise da relação dos tempos se remete a algo sem lembrança, porém, a algo imaginado e intensamente vivido na comunidade. Um passado celebrado, um presente conturbado e um futuro desejado, por exemplo, requerem complexas escolhas em diversos níveis, sejam esses particulares, familiar ou comunitário. O espaço de experiência ligada ao horizonte de expectativas condiciona pensamentos e atividades no tempo presente. A mente e o coração são provocadas a pensar e sentir o futuro, desejando ou mesmo sofrendo acontecimentos por antecipação.

Muito além dos muros às vezes impenetráveis das Universidades, o potencial científico de uma pesquisa histórica deve se equiparar a uma caixa de ressonância que recebe e emite as vozes das pessoas no teatro da memória. O tempo presente compartilhado nos causos fortalece a troca de saberes e experiências com os ribeirinhos. Um detalhe antes imperceptível, mas que se transcende no simples olhar para a profundidade da paisagem e no silêncio em meio ao Roncador. A pesquisa interatua com o trabalho ético como um horizonte comum entre o historiador e o sujeito histórico que fala³⁴⁸.

A proximidade com os entrevistados sussura fatos observáveis, mas que muitas vezes não são audíveis. A interpretação da condição de sobrevivência no tempo real

347 RUZZA, Maria Albrecht... op.cit.

348 Inspirado em: SAMUEL, R. op. cit

cria as narrações com enredos elaborados, batalhas épicas, movimentos de luta na voz do trabalhador rural à maneira do entrevistado. Além do manejo da terra, outro trabalho, o trabalho de pesquisa artesanalmente manejado pelo historiador vai da conversa ao livro, da leitura à observação. Além de José, Maria e Juraci, o rio presente dialoga com o tempo de Carletto que também mora abaixo do paredão da hidrelétrica.

O tempo presente do rio aproveitado para o seu recanto se apresenta a Carletto contrapondo o futuro da seca. A ilha um dia deixará de existir, o rio que ali corre perderá aproximadamente 70% do seu volume ou mais, secando a margem direita (figura 12). Apesar dos proprietários dos recantos Carletto e Ruzza não serem indenizados, eles se autodenominam como atingidos, pois a seca ameaça a frequência de público nos recantos.

O entrevistado cria a própria história de vida na prosa com o historiador que é convidado a rever e reviver acontecimentos com outros significados vividos pelos indivíduos que contam seus causos. À partir de uma nova percepção, da sua nova percepção, o agricultor se transforma em narrador e o seu emponderamento como militante de um movimento social possui sentido para sua experiência.

Se a batalha contra os técnicos que desvalorizaram sua terra foi contada com ousadia, a interpretação se projeta para o futuro vivido intensamente no momento presente. A arte de contar o caso valoriza a paisagem enquanto militante mas principalmente como residente do lugar. A evidência de elementos ficcionais que persistem nas narrativas evidenciam inclusive que a ficção se torna realidade para quem conta. Mas o que seriam as barragens, senão capítulos de uma ficção que se tornou a realidade para os atingidos por barragens de Navegantes?

A realidade não está nos outdoors, mas no olhar de quem conta algo inacreditável. O impossível se torna possível para Carletto e por isso a militância em um movimento social possui sentido. A questão agrária dos atingidos no Brasil analisada pelo MAB e por estudiosos aborda a problemática gerada dos atingidos que não serão indenizados. Segundo o próprio Zen:

Soma-se a isso, um grande número de grupos sociais que embora não residam nas áreas diretamente alagadas, são também atingidos pelas

barragens. Destes grupos, destacamos principalmente as pessoas ribeirinhas que residem abaixo do barramento da hidrelétrica, que sofrem com a diminuição da qualidade da água e colapso dos recursos pesqueiros, devido à interrupção da piracema e possibilidade de reprodução dos peixes. Além dos moradores de jusante, temos a montante, os pescadores, extrativistas e mineradores, completamente ignorados; os pequenos comerciantes e prestadores de serviços, que vão a falência pela saída dos seus antigos fregueses; os balseiros; os caminhoneiros que transportam o leite e a produção dos pequenos agricultores; os professores das escolas que fecham; as famílias moradoras das comunidades remanescentes não alagadas, que tem sua vida desestruturada; os habitantes das áreas que recebem o grande afluxo de operários e migrantes em busca de emprego na usina, que sofrem com o colapso de serviços públicos de saúde e educação, com a escassez de habitações, além da rede de distribuição de produtos de consumo, inflacionada pelo afluxo repentino de grande contingente populacional. Enfim, um número grande de trabalhadores que perdem seu trabalho, sua fonte de sustento com a construção de barragens e assim como os trabalhadores não-proprietários da área alagada, não recebem qualquer reparação³⁴⁹.

A situação de colapso econômico que atingirá a região, especialmente aos não-proprietários, aparece de outra maneira um tanto camuflada na voz dos atingidos que de algum modo foram cooptados pela Gerdau. Laurindo considera que a “empresa só tem o dever de pagar pra quem mora ali, quem é dono da terra”³⁵⁰. O silenciamento da situação catastrófica se justifica para ele pela “confusão” feita pelo MAB ao orientar os ribeirinhos não-proprietários a lutarem pela terra. Nesse sentido, influenciada pelos meios de comunicação, a interpretação do atingido sugere que os movimentos sociais são culpados pelos conflitos com a polícia e, portanto, pela questão agrária no Brasil.

A composição das hidrelétricas como parte do cenário do rio Chopim extrapola a realidade para a relação do “dito pelo não dito”. Algo sentido na expectativa de Juraci em ser indenizada. A atingida que clama a Deus para a barragem seja erigida afim de sair daquele “bico sem saída” contrasta da situação de sobrevivência de outros moradores. Mas do outro lado do rio “o papo muda”. Diferente de Nossa Senhora de Navegantes, Honório Serpa possui outras características no tamanho nas propriedades rurais atingidas pelo empreendimento hidrelétrico (figura 7). Dário (anônimo) revelou: “É que nem aqui do outro lado [do rio], (...) os grandes fazendeiros ali fizeram tipo um 'sindicato'. Pra eles se saísse no outro dia a barrage

349 ZEN. op. cit.

350 Laurindo. op. cit.

eles já tinham o projeto deles, o programa deles pra acertá [e receber as indenizações]”³⁵¹.

As reticências são estratégias, os grandes privilegiados pela negociação antecipada aqui são discriminados. Vandir (outro anônimo) confirmou essa informação também citando os fazendeiros, sua relação de amizade com um deles possibilitou saber sobre outro tipo de negociação do outro lado do rio:

Vandir: Que nem Honório Serpa (apontando para o outro lado do rio), Deusolivre! É uma briga! Era com menos família atingida. Você tirando duas, três família que era 20 alqueires (...), o resto aqui é só fazenda até o término da barragem (com grandes extensões de terra] (...). Que nem o Aroldo (anônimo), ele, Deusolivre! Quer que saia que saia porque ele tem 280 alqueire, a terra dele vai ser indenizada 10 alqueires, *ele queria que fosse indenizada toda fazenda porque ele tá com um problema sério e queria compra uma fazenda fora*³⁵².

A intensidade do debate constitui novos personagens fora dos limites da pesquisa, mas demonstra a diferença de tratamento, dos “pequenos” para os “grandes”. A opção por indenizações individuais enquanto tendência atual entre o setor hidrelétrico é um assunto que muitas vezes passa despercebido. Cureau argumenta que os os empreendedores hidrelétricos têm optado por indenizações individuais, ao invés de remanejamento coletivo para locais que permitam aos grupos atingidos reproduzir suas vidas nos mesmos moldes anteriores, com a manutenção de seus laços sociais, de seus modos de sobrevivência e de seus valores culturais”. As indenizações individuais e a participação dos corretores imobiliários nas negociações são interpretadas nas narrativas como estratégias da empresa Gerdau para desarticular o MAB na região³⁵³.

Além dos fazendeiros de Honório Serpa, Vandir se utiliza da narrativa para denunciar as forças políticas que estavam “enchendo os bolços” para se posicionarem favoráveis a construção das barragens. Em detrimento desses casos, os representantes de entidades, organizações estatais e sindicatos que estavam a favor dos militantes do MAB foram transferidos ou até mesmo demitidos de seus cargos:

351 Dário (anônimo). **Data e local da entrevista discriminados.**

352 Vandir (anônimo). **Data e local da entrevista discriminados.**

353 CUREAU. op. cit.

Vandir: Por exemplo, Clevelândia, a CAMISC, muitos comerciante a favor nosso, os únicos que eram contra eram os político, prefeito, vereador que eles tavam enxendo e iam enxe mais ainda o borço também. Uma que iam ser pocos beneficiado em Clevelândia. A empresa ia investí poco em Clevelândia, que é uma cidade pequena, mais longe, com menos acesso! Não iam investi lá. Iam investi em Pato Branco. Tinha uma época, o sindicato, a própria igreja, nós tinha a EMATER, os comerciante, a secretária do Meio Ambiente tava dando força pra nós. Bom, *a secretária foi transferida, o prefeito mandô embora pra Curitiba, o próprio pessoal da EMATER foi transferido pra Salto do Lontra*. Permanece o escritório em Clevelândia, mas quem dava força pra nós foram pra Salto do Lontra. Deixo nós, *os atingido desamparado*. O próprio sindicato era um agricultor com terreno que era pra ser atingido. Daí não sei se molharam a mão dele, ele se afastô, a CRESOL, pessoal tavam nos apoiando, pararam de apoiá nós também.

Roberto Pocai: E os prefeitos, vereadores, o que diziam?

D: Diziam que eram a favor, porque se sai essa obra eles tinham os acerto deles. Porque hoje na verdade você pode vê, o político você molhô a mão dele é o que ele qué. Agora fazê alguma coisa pra sociedade não faz. Mas prejudicá ele pode te prejudicá³⁵⁴.

O sentimento de insegurança dos “pequenos” atingidos por estarem “desamparados” destoa dos privilégios dados aos “grandes” conspira com sua visão da classe política desacreditada: “o político você molhou a mão dele é o que ele quer, agora fazer alguma coisa pra sociedade não faz, mas prejudicar ele pode te prejudicar”³⁵⁵. Na sua representação, por “baixo dos panos”, nos bastidores da política, as perseguições às entidades que apoiavam os atingidos evidenciam as relações de força contidas no processo das UHE's São João e Cachoeirinha.

Sobre o assunto, Bermann apontou o que está em “jogo” quando se fala da apropriação do dinheiro público durante a construção de hidrelétricas. Ele abordou a utilização de recursos para obras públicas durante esse processo:

O que está em jogo é a utilização do dinheiro público e especialmente o espaço de cinco, seis anos em que o empreendimento será construído. É neste momento que se fatura. É na construção o momento onde corre o dinheiro. É quando prefeitos, vereadores, governadores são comprados e essa situação é mantida. (...) É a escolinha ou o posto de saúde que eventualmente aquele vereador, aquele prefeito vai dizer: “É obra minha!”. É isso que está em jogo. É dessa forma que a cultura política se estabelece

354 Idem.

355 Ibidem.

hoje no nosso país³⁵⁶.

Sobre a questão dos “ganhos por fora dos políticos”, apesar de Carletto argumentar quatro anos depois sobre a aprovação das Usinas pelo Legislativo do Paraná dizendo que achava difícil que essa acontecesse, o Projeto de Lei no. 16.988 foi assinado pelo desgovernador Beto Richa e pelos deputados da Assembleia Legislativa do Paraná no dia 05 de dezembro de 2011:

Ciro Carletto: são 52 deputado pelo Paraná, então imagine quanto eles não vão mordê pra assiná um projeto desse a favor, de certo eles pediram uma propina muito grande, é uma empresa grande porque aqui no país ela tem mais 15 país que ela tem siderúrgica... Isso aí envolve muito dinheiro, se a renda [suborno] não é grande eles não fazem ³⁵⁷.

A pesquisa, apesar de abordar o assunto, não colabora para a acusação de corrupção na prefeitura ou mesmo entre os vereadores. O posicionamento favorável a construção poderia se justificar pelo recebimento da compensação financeira (royalties), do “ICMS ecológico” e demais recursos repassados aos municípios atingidos³⁵⁸. Contudo, para os entrevistados a motivação política para a construção estaria na corrupção velada pela grande parede da barragem que contém as águas e as negociações escusas por baixo dos panos.

As reuniões entre a companhia Chopim Energia e as demais autoridades por vezes foram interrompidas pelos militantes da Comissão dos Atingidos, segundo Laurindo: “o Carletto que é líder do MAB, o Carletto reunia quatro, cinco e: *'Vamo lá! Eles não podem fazê a reunião, nós tem que tá participando junto'*. Essas bagunça aconteceu em vários lugar (risos)”³⁵⁹. A passagem evidencia mais uma estratégia organizada pelo MAB para desarticular os interesses da companhia. Na presença dos atingidos, propostas de propina seriam mais difíceis de acontecer.

356 Revista Época. Entrevista com Célio Berman. op. cit.

357 CARLETTO, Ciro. op. cit.

358 Segundo o EIA Cachoeirinha: “O ICMS Ecológico é um benefício financeiro destinado aos municípios que tomem atitudes protetivas em relação ao meio ambiente. Este benefício é dado na forma do envio de recursos do ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços a estes municípios. Todo município brasileiro tem o direito de receber parte dos recursos tributários arrecadados pela União e pelo Estado, as chamadas transferências constitucionais”. Consiliu, op. cit. p. 46 e 47.

359 Laurindo. op. cit.

Outras manifestações aconteceram. Darci citou uma que durou um “meio dia” em Pato Branco, onde os agricultores levaram facões, enxadas e foices para simbolizar a luta no campo e reivindicando que a Chopim Energia informasse o valor das terras. Segundo ele, os comerciantes questionaram a atividade da Comissão dos Atingidos: “Que que essa *colonada* vem fazê aí atrapalhando o comércio no centro?”³⁶⁰. Apesar do avanço das mobilizações dos movimentos sociais com a intenção de serem ouvidos pela população em geral, na voz do agricultor ele sente o preconceito contra o produtor rural organizado. A partir da interpretação da fala do entrevistado, o avanço das lutas sociais não convenceu alguns comerciantes da capital “política” do sudoeste do Paraná como um avanço para as questões sociais, mas sim, apenas como uma “colonada atrapalhando” o comércio.

Além dos homens públicos, Darci enfatizou a ganância produzida pela indenização: “Nossa, na época o povo vinham com conversa que iam ficá rico”, assim como Maria Ruzza que relatou que “tem gente que qué ficá rico!”³⁶¹. Vito também disse que alguns moradores “pensam até que vão ficá rico se sai essa barragem, mas não é bem assim as coisa”³⁶². Edson Antonio Pereira, bombeiro e mergulhador profissional, 42 anos, entrevistado junto com Augustinho foi questionado quanto a seu posicionamento perante o processo:

Roberto Pocai: E você é a favor da barragem?

Edson Pereira: Claro, eu vivo disso (risos), tenho a empresa de mergulho, que presta serviço em barragem, faço limpeza. (...) Eu comprei [uma terra ali em cima] mas pra lazer, na expectativa que daí se alagá vô tê minha chacinha pra olhá o lago. (...) Ninguém é contra, única coisa que querem um pagamento justo né. Algumas pessoa exageram, por exemplo, essa árvore é de estimação eu quero 10 mil por essa árvore, *tem um cara aqui pra baxo que tem um pé de cedro, ele qué 120 mil por causa do pé de cedro, ele plantô, viu crescê*. Daí se não tivesse barragem, um cara viesse oferecesse 80 mil o alqueire, ele venderia, agora por causa da barragem por causa daquele pé de cedro ele qué 120 mil³⁶³.

A narrativa do presente é o projeto de vida no futuro. Isso muito além do projeto da construção das barragens, pois sim, uma diversidade de projetos se intercalam e

360 GUERRA, Darci. op. cit.

361 Idem

362 MORAES, Valdevino. op. cit.

363 SANTINI, Augustinho; PEREIRA, Edson. op. cit.

entram em embate na própria construção da narrativa. Edson procura desconsiderar a valorização da terra por parte dos demais agricultores. O entrevistado pensa na frente e procura interferir com seu ponto de vista na entrevista:

Edson Pereira: *Economicamente pra região, uma usina é muito boa! Todos os lugares que a gente acompanha só evolui, porque pruma construção a mão-de-obra é quase toda local, gerando emprego e o salário duma usina é mais alto que o salário de um comércio...*

Augustinho Santini: Até que tá construindo, *depois vira tudo tapera* (risos). Onde fica fora, os cara dum barzinho, um mercadinho...

EP: Não aí é que você se engana!

AS: Mas nós fumo vê!

EP: É que às vezes eles mostram o que querem também né, o pessoal saiu dali pruma coisa melhor. A usina sempre vai tê um número mínimo de funcionários, essa barragem aqui vai tê um mínimo de 30, 40 funcionário trabalhando, fixo. Vai ter uma rotatividade de pessoal pra fazer manutenção de 30 pessoas. *O pessoal monta um restaurante, hotel... O cara que tem um mínimo de inteligência se sai bem.* Sócio-econômico, a usina só traz vantagem. Claro que eles vão ganhá dinheiro. Mas que nem você tem a vida aqui. Ir prum lugar estranho é complicado, perde o valor sentimental. É diferente você fala com quem é contra, que as vezes o cara só pensa nele, não pensa no geral. Eu falei pro Carletto. Mas ele: "Ah vai secá a água". Eu falei: "*Vai, mas faz um hotel, um resort, um hotel-fazenda ali ó, um restaurante em cima daquela ilha*".

AS: *A gente é contra o sistema deles!*³⁶⁴

Enquanto Augustinho reitera seu posicionamento contra o "sistema das usinas", Edson, por sua vez, defende esse "sistema" com o que ele chamou de "benefícios sócioeconômicos" para a região onde "*o cara que tem um mínimo de inteligência se sai bem*". Seu raciocínio legitima o discurso liberal onde o pobre é culpado pela pobreza. Além disso, seu depoimento e de outros entrevistados expõe um pertencimento com o lugar transformado num futuro, sobretudo, visando lucro. Isso fica bem evidente no seu conselho para Caletto: "*mas faz um hotel, um resort, um hotel-fazenda ali ó, um restaurante em cima daquela ilha*"³⁶⁵.

O caso da terra de R\$ 120.000,00 o alqueire demonstra que a supervalorização das áreas cultiváveis se associa ao fato de que o produtor não quer vender a terra.

364Idem.

365 PEREIRA, Edson. op. cit.

Fato é que em detrimento da valorização das matas de reflorestamento, a elaboração do preço das terras não valoriza as matas nativas.

Um caso que exemplifica isso está na narrativa de um agricultor que tinha contato com o MAB. Vandir assumiu que derrubou um “mato” pra fazer “lavoura”, segundo ele: “ano passado de brabo [decidi]: “vamô derrubá mais, vamo derrubá o resto”, nós pensamo assim”. A devastação visa a produção: “nóis compramo terra pra nós produzí, nós não compramo terra pra cria grilo”. A metáfora na fala adota um sentido e, logo após, tal revelação ele explicou que sabe que a empresa vai indenizar melhor as terras cultiváveis:

Vandir: [Eles explicaram que a proposta de indenização ia variar] dependendo da propriedade. Se tivesse por exemplo benfeitorias, não tivesse terra produtiva é um valor. Terra com capim, pasto era outro. Terra dobrada era outro valor. Eles diziam seus valores e nós tava brigando por um valor igualitário, igual a todo mundo, quem tem terra de lavoura, que produz é um valor. Mas quem tem seu capim, de reserva, é o mesmo valor. Até melhor porque quanto mais encosta mais água segura. Então a gente queria que tudo fosse indenizado como terras produtivas. (...) *A mata ciliar eles diziam que iam indenizá. Daí eles iam pagá tudo e a gente podia aproveitá a maderá*³⁶⁶.

As condições de produção em Navegantes colocam a atuação do MAB na região perante uma contradição. A defesa dos recursos naturais pelo movimento social se esvazia na voz do atingido, sua aproximação do MAB se confunde com o agronegócio. A contradição, ainda assim, é criada pela própria empreiteira que desvaloriza as propriedades com mata nativa. Aqui os valores são distintos, não são os valores de pertencimento com a paisagem, mas para a sua propriedade da terra.

Para ele, não se compra uma terra para produzir grilo. Lutar com o MAB por uma indenização igualitária não impede o agricultor anônimo de praticar desmatamento. Eis a evidência que além de grãos, são produzidos diversos valores na terra. A contradição exhibe a complexidade de relações das quais os atingidos pertencem. O pertencimento com a paisagem, aliás, por isso se evidencia como algo complexo, diferente a cada atingido. E luta apesar das contradições avança na memória.

A constatação sobre a mata ciliar: “daí eles iam pagá tudo e a gente podia aproveitá a maderá” denuncia sua intenção de tirar as madeiras após receber a

366 Vandir. op. cit.

indenização. A orientação, segundo ele, partiu de um técnico da empresa Gerdau. Diretamente ou indiretamente, a construtora incentiva a derrubada das matas até a formação do espelho d'água. Sobre os diferentes tipos de indenização, Ciro Carletto contou:

Ciro Carletto: Você tem que prová a produção e o tamanho de área. Eles tem tudo mapeado, eu vi lá os cara mostrar lá pá nós... (...) Sabe que a Chopim Energia, ela mapeô tudo por cima anssim, sabe? E mostrô quanto tem de mata nativa, quanto tem de potrero, quanto tem de vage que é lavora e quanto que tem de ladera. *Eles fincam na gente, sabem mais do que nós que semo dono do terreno.* (...) Tipo assim, o rio e daí aquelas encosta uma verada de mato, do lado é potrero daí... *só uma veradinha de lavora, dai não sei se é 25, 35% de toda bacia do rio Chopim que dá lavora, o resto é tudo potrero e mato e capoera, então eles consideraro que esses tipo de terra não tem valor nenhum de produção!* Ma você tá morando lá!³⁶⁷

Apesar dos EIA's condenarem a sobrevivência dos atingidos como “um exemplo típico de como a ocupação antrópica desordenada afeta a diversidade biológica de certa região”³⁶⁸, a representação de Carletto denuncia a contradição da construção das hidrelétricas. A racionalidade das indenizações, diferenciando os tipos de terras como base para as indenizações, favorece a devastação das matas nativas e ciliares tanto para expansão da produção como para receber uma indenização ainda maior por “áreas cultiváveis”.

“Eles fincam na gente, sabem mais do que nós que semo dono do terreno”, Carletto interpreta as imagens via satélite como um tipo de conhecimento das empreiteiras ou mesmo algum tipo de espionagem ou até mesmo a invasão de sua terra. A empresa “fincando” neles se comportaria como uma forma de apropriação privada da terra onde essa adquire mais conhecimento sobre cada alqueire atingido do que os próprios proprietários da terra³⁶⁹.

Existe algo no mundo que não tenha um preço? Roberto Bach relativiza essa questão. A vida sossegada no mato é comparada com a vida na cidade como “uma liberdade a mais”. A comparação dos tempos da cidade e do campo é um elemento presente de sua narração: “Aqui no mato tu sai, vai num vizinho tomá um chimarrão,

367 CARLETTO, Ciro. op. cit.

368 EIA Cachoeirinha. op. cit. p. 100.

369 CARLETTO, Ciro. op. cit.

vai pra cá e pra lá, aqui eu crio ternero, dai eu saio trato os bicho, sorto pra vê a bichada... No meu serviço eu tenho as hora às veiz a tarde tô em casa, numa firma tu tem que cumpri hora”. Fugindo da cidade e da linha de produção de uma fábrica, eis as vantagens do campo: “vai uma conta a mais, você pega e vende dois, três ternero e paga”. Enquanto seu filho brincava num balanço de pneu, ele reiterou o que ele considera mais valioso em sua propriedade:

Roberto Bach: tenho 20 ternero, a minha família, minha esposa é daqui, comé que vai tirá eu daqui jogá lá no município de Palmas? Dá quantos quilômetro de lá aqui? Dá uns 80 km, eu vo sai um domingo de lá, arriscando minha vida na BR lá pá vim visitá ali. Hoje a vida gente é a coisa mais preciosa que tem né... Então eles compra um pedaço de terra aqui e assentá nós aqui, que a terra seja boa não dá nada. (...) Gostaria que se fosse pra ele fazê a barrage, eles tinha que vim senta cos próprio né. Que nem eu aqui, só tenho um pedacinho, aqui, já dá uma parte de terra. Mas eu tenho uma famía, uma moradia, tenho umas criaçãozinha. Eu tenho onde morá³⁷⁰.

Apesar de morar no que chamou de “pedacinho de nada”, Roberto defende seu patrimônio onde ele e sua família tem uma moradia. Relembrando a Audiência Pública no Paiol Grande ele se referiu ao processo das UHE's São João e Cachoeirinha de forma bem peculiar: “Daí essa *fulia da barrage* sai não sai (...), então na verdade ele [Abílio Braga] tinha que chegá e fazê uma reunião na própria comunidade, ninguém vai pulá no cara, porque ninguém é loco”. Esse trecho, assim como Darci que perguntou: “como é que tá o troço?”, demonstra que diversos moradores não têm conhecimento da situação das Usinas Hidrelétricas. A “*fulia das barragens*”, referindo-se a construção e ao não-esclarecimento das condições e dos direitos dos atingidos, é ridicularizado assim como os próprios atingidos sentem que não são levados a sério pelos representantes da empresa Gerdau³⁷¹.

Mas entre os moradores, Nelson Keller, tendo contato direto com os técnicos da COPEL contou:

Agora como era 35 ano [de contrato] que eles iam explorá o rio, passô 13, fica 22, vai se torná inviável o investimento, daí o *nó da encrensa*, o custo benefício ia empatá, ou eles querem vendê o projeto pelo que eu sei, eles

370 BACH, Roberto. op. cit.

371 Idem.

tão tentando renegociá com a ANEEL pra que eles consigam os 35 ano³⁷².

O tal “nó da encrenca” na “fulia das barragens” é considerado por Keller como o desfecho das barragens pela inviabilidade dos investimentos. Isso, parcialmente procede, a partir de Andrade & Canellas. Segundo o portal, a Gerdau solicitou que o prazo que se iniciou em 2001 fosse reconsiderado e zerado em 2015, pedido que a ANEEL negou: “o investimento nas duas usinas é estimado em mais de R\$ 450 milhões”³⁷³.

Em entrevista, Gilberto Carvalho, ministro da Secretaria Geral do governo Lula contou que atendia os movimentos sociais em seu gabinete e acompanhou a “história específica” das duas barragens. A partir de sua experiência diagnosticou que a produção de energia elétrica fica em segundo plano:

Gilberto Carvalho: Vivi nesses 12 anos um diálogo com o MAB, um movimento que eu considero da maior importância no país (...) que lutou e luta para que as barragens não deixem um legado de tragédia e de morte para as pessoas atingidas e que não destrua a natureza, buscando alternativas para a produção de energia. (...) Porque muita hidrelétrica começou a ser construída simplesmente pra dá lucro pro investidor e isso de fato acabou criando um monte de obra sem sentido. Apesar de tudo, o governo Dilma vive muitas contradições, como é Belo Monte, como uma série de outras hidrelétricas que foram realizadas. Essa contradição existe. (...) É possível se produzir energia sem deixar esse rastro, as pessoas não tem que pagar o preço! (...) A gente tem conseguido isso graças, insisto, à resistência do povo! (...) Nós tivemos tensões imensas com os investidores. Que o investidor só quer saber de construir e no preço máximo de energia! Mas construí não significa não cumpri com as obrigações que as cláusulas ambientais e sociais determinavam, então cada hidrelétrica é uma guerra!³⁷⁴

Enquanto os investidores pensam no lucro, os atingidos pagam o preço. Eis a contradição da produção energética. O palco de guerra montado entre investidores e governo deveria ter como desafio, segundo ele, evitar o legado de “tragédia e morte” viabilizando alternativas para a produção de energia elétrica que gerem o mínimo de

372 KELLER, Nelson. op. cit.

373 O portal ainda considera que essa paralisação desse e de mais nove projetos ocorre por conta de uma mudança no marco regulatório das usinas: “Antes de 2004, ganhava o leilão de uma hidrelétrica quem oferecesse o maior ágio sobre o valor mínimo de outorga estipulado pelo governo, ou seja, quem pagasse mais pela taxa de UBP [taxa de uso do bem público]. Depois, conforme modelo desenhado pela então ministra Dilma Rousseff, o critério passou a ser a menor tarifa proposta na disputa”. Portal Andrade Canellas. op. cit.

374 CARVALHO, Gilberto. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho durante a 14ª. Jornada de Agroecologia. Irati-PR. 23/07/2015. Áudio Digital.**

impacto ambiental. O veto de Dilma a São João e Cachoeirinha e outras nove hidrelétricas, segundo ele, teria incomodado os investidores³⁷⁵.

Cada vez mais também é recorrente a participação das empreiteiras hidrelétricas em esquemas de corrupção. Em 2010, a Odebrecht foi acusada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) de intimidar a concorrência no processo de construção da Hidrelétrica de Santo Antônio e Jirau. Recentemente também, a construtora está sendo investigada pela operação Lava-Jato em oito contratos com a Petrobrás. O Tribunal de Contas de União já iniciou uma investigação sobre os recursos públicos na construção de Belo Monte³⁷⁶.

Em 2009, a operação Castelo de Areia abalou a Camargo Corrêa. A acusação era de a empresa cometer crimes financeiros e lavagem de dinheiro da empresa. As investigações caem inclusive sobre Michel Temer, atual presidente interino em exercício e diversos partidos. Segundo Belisário, “a investigação causou embaraços tanto ao governo Lula como à oposição”³⁷⁷.

Em 16 de maio de 2016, o presidente da companhia Gerdau, André Gerdau, foi indiciado pela operação Zelotes. Além de investigada por sonegar impostos, persiste a suspeita de a companhia teria comprado decisões no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, órgão do Ministério da Fazenda que julga recursos de grandes empresas a multas aplicadas pela Receita³⁷⁸.

O veto da presidenta Dilma em 01º. de janeiro 2013 não precedeu de nenhuma

375 Idem.

376 “O nome do caso, “Lava Jato”, decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. (...) Em um cenário normal, empreiteiras concorreriam entre si, em licitações, para conseguir os contratos da Petrobras, e a estatal contrataria a empresa que aceitasse fazer a obra pelo menor preço. Neste caso, as empreiteiras se cartelizaram em um “clube” para substituir uma concorrência real por uma concorrência aparente. Os preços oferecidos à Petrobras eram calculados e ajustados em reuniões secretas nas quais se definia quem ganharia o contrato e qual seria o preço, inflado em benefício privado e em prejuízo dos cofres da estatal. O cartel tinha até um regulamento, que simulava regras de um campeonato de futebol, para definir como as obras seriam distribuídas. Para disfarçar o crime, o registro escrito da distribuição de obras era feito, por vezes, como se fosse a distribuição de prêmios de um bingo”. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso> . Acesso em 22 jan 2014.

377 BELISÁRIO. op. cit.

378 A operação Zelotes foi deflagrada em março de 2015 para desarticular esquema de compra de decisões no Conselho por grandes empresas. A companhia Gerdau “teria tentado anular débitos que chegam a R\$ 1,5 bilhão (...) por meio de contratos com escritórios de advocacia e de consultoria, os quais agiram de maneira ilícita manipulando o andamento do processo”. Disponível em: <http://estadao.com.br> . Acesso em 17 Mai de 2016.

justificativa. Um ano depois, 2014, foi o “grande ano” da Copa do Mundo no Brasil onde os investimentos no evento chegaram a R\$ 33 bilhões, em contrapartida, cerca de 7.200 pessoas foram desalojadas somente no Rio de Janeiro. Se os navegantes não foram despejados, por outro lado, comunidades, bairros inteiros e até a aldeia Maracanã foram destruídos para construção de estacionamentos, residenciais, hotéis e demais empreendimentos imobiliários³⁷⁹.

A companhia Odebrecht se ausentou do setor barrageiro nesses dois anos e se assumiu como maior beneficiada com os recursos investidos em obras da Copa e das Olimpíadas de 2016. A companhia atualmente lidera o setor de construção civil no país e se destaca no cenário internacional³⁸⁰.

Os gastos com a “grande” Copa teriam impossibilitado outras obras em parceria com a iniciativa privada, financiadas pelo BNDES, como é caso das barragens São João e Cachoeirinha. A informação expõe a complexidade de diversas instituições que se interrelacionam debatendo à distância a sobrevivência das populações atingidas, os impactos ambientais ou simplesmente esquecendo esses “detalhes”.

Para Nelson Keller, muito além da conjuntura hidrelétrica envolvida em esquemas de corrupção, a razão da inoperância das UHE's Cachoeirinha e São João está associada a motivos espirituais. Ao fim da entrevista, após ser perguntado sobre a probabilidade das hidrelétricas no Chopim, ele contou um caso de um vidente que abandonou sua terra pois havia previsto que assombrações impossibilitariam a efetivação do projeto:

Nelson Keller: Aqui era passagem de jesuíta, cara. Então, 13 ano atrás logo que ia saí a usina, um cara que lidava com vaca de leite, a família do cara resolveu de ir embora daí (...). Digo: Você vai embora agora que vai saí a usina? Daí ele contou que foi vê um cara espírita, faz previsão e é vidente e ele falô também ia sê indenizado. Mas diz que ele ia embora também porque não ia saí...

Roberto Pocai: O vidente disse que não ia saí...

NK: É... E daí o cara falô que não vai saí, não sei o quê, *que passo os jesuíta e enterraram junto com um tesouro uma cabeça dum bode, então o dia que encontrá essa cabeça de bode que sai a usina, enquanto não*

379 Dados extraídos de um dossiê com a quantidade de famílias já removidas ou ameaçadas pelas obras. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/>. Acesso em 18 de Mai de 2015.

380 BELISÁRIO. op. cit.

encontrá... Mas largue mão dessas bobage... Ó o sabiá, ocê qué vê o sabiá brabo, avançaram na choca esses dia, mataro seis, sete pintinho, qué vê ele avançá em nós! Eles avança em nós! E as graia no meu zovo ali, bá! Come tudo o zovo³⁸¹.

O relato interrompido pelos sabiás e pelos jacus incorpora novos elementos conforme andamos pela sua terra. Exibindo a presença de animais, a natureza se incorpora no seu discurso e na sua terra. Perante a “invasão” das gralhas comendo os ovos e o sabiá que atacou a galinha fica o questionamento: Existe dono da terra? Além da escritura de posse, o tempo de vida dos animais, muito anterior a vinda do homem, questiona a propriedade da terra.

“Mas largue mão dessas bobagens”, Keller era descrente. Assim se depara com o caso dos jesuítas e de um “cabrito dourado” enterrado no Vale do Chopim e com a transcendência do relato, isto é, da descrença ao convencimento:

Nelson Keller: Um cabrito banhado com ouro... Aí eu fui num vidente que morreu, pros lado dos espírita esse vidente, fomo lá em Faxinal dos Guedes e o home me fala a mesma coisa. Doze anos depois, faz uns dois ano: Não garanto que saia. Isso que tava o fervo aqui pra frente [movimentação dos técnicos da Chopim Energia]. Segundo ele, é passagem de jesuíta e eles enterraram tesouro e deixaram fantasma cuidando. Depois que tomei aquele raio ali, fui lá mexe lá embaxo [se acidentou com uma moto-serra], daí finquei a capelinha [de São Expedito] agora não tem mais problema. (...) Vai lá no Carletto, no Ruzza, pede lá onde ia sê a otra usina. Os jesuíta lá trancaram taméim, o fanstasmão!³⁸²

O relato se transcende a partir de outros acontecimentos que transformam o fio da narrativa: “depois que tomei aquele raio ali, fui lá mexer lá embaixo, daí finquei a capelinha agora não tem mais problema”. O misticismo possui história, incorporado na narrativa do ribeirinho se transforma no “desfecho” da história. De repente, a inoperância da Usina Hidrelétrica do Chopim, há mais de 50 anos, tem uma justificativa e, sobretudo, justifica a inoperância das atuais Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha³⁸³.

Independente de verificar a “verdadeira” história, a caminhada etno-historiográfica verifica a narrativa do morador e como esse se convence do que está

381 KELLER, Nelson. op. cit.

382 Idem.

383 Ibidem.

relatando. Nelson, independente de seu misticismo, se apresentou favorável às UHE's no início da entrevista e, incrivelmente, ao MAB até certo ponto:

Nelson Keller: Eu fui com o MAB pra que eles pra que eles [Gerdau] indenizem o pessoal. Senão eles vem ai põe utilidade pública e pagam o que querem (...) Salto Santiago³⁸⁴ lá, era regime militar não tinha. Ia lá dava o que queria, tocava o cara de lá e tchau. Só que o MAB [no Vale do Chopim] foi além das conta. Que que o MAB é? Uma ONG (Organização Não-Governamental), que que ONG vive? Doação. Pra ganhá doação tem que forçá, forçá, forçá, pra pressioná, agora o MAB ele froxa e daí ganha dinheiro, é uma ONG, enquanto não tivé serviço, não apertá as parte não sai dinheiro. Ê rapá, andei ano militando com esse caboco³⁸⁵.

A frustração desqualifica o trabalho do movimento social que “recebe doações” e advém do mesmo lugar de não terem sido iniciadas as obras das UHE's. Na realidade, no julgamento de Keller, o MAB foi “além da conta” e foi o “culpado” pela impossibilidade das barragens. O entrevistado almeja o futuro e por orientação de seus amigos técnicos da COPEL, Keller revela que tinha outra intenção na construção das hidrelétricas: “faço esse loteamento [nas minhas terras] e ganho dinheiro da companhia”³⁸⁶.

A passagem se complementa em outro trecho da entrevista: “eu sô loco mas não sô bobo!”. Apesar do fato de ter favorecido a atuação do MAB e de ser favorável às Usinas Hidrelétricas parecer contraditório, ele evidencia a estratégia do Estado: “Eu fui com o MAB pra que indenizem o pessoal. Senão eles [Estado] vem ai põe utilidade pública e a companhia paga o que qué”. A “ditadura das barragens” retorna ao relato, pois presencia o tempo das UHE's São João e Cachoeirinha, expondo o receio dos moradores com a possibilidade de despejo³⁸⁷.

384 A Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (potência de 1.420 MW), localizada no Rio Iguaçu mais precisamente no município de Saudade do Iguaçu, construída na década de 1970, teve sua primeira unidade de operação ativada no ano de 1980. Foi privatizada durante o governo FHC, sendo repassada a empresa SUEZ. Segundo uma nota de 14 de março de 2013 no portal do MAB: “A barragem de Salto Santiago (...) deixou um rastro de insatisfações nas famílias que tiveram suas áreas alagadas. Até hoje existem famílias que afirmam não terem recebido as devidas indenizações das suas terra e benfeitorias, por exemplo, os moradores de Rio Bonito de Iguaçu, Dirceu Darise e Elizabete de Anhaia, afirmam que a situação dos moradores atingidos pelo lago é sempre de tensão e insatisfação com ameaça constante da perda das terras” (Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br> . Acesso em 04 jul 2015).

385 KELLER, Nelson. op. cit.

386 Idem.

387 Ibidem.

O que está por trás do entrevistado quando ele fala? Nelson Keller em sua experiência como antigo encarregado da COPEL, sua “militância” no MAB, sua visão de mundo mística não pode ser apontado como sujeito contraditório. Seria irrisório apenas indicar isso, pois todo o processo de construção das barragens pode ser considerado contraditório. As narrativas se expõem isso na promessa do loteamento, nas leis inexistentes, nas especulações de especuladores imobiliários, entre outros. Situações criadas pela própria empreiteira para dividir a comunidade e dismantelar a organicidade do movimento social.

Nos bastidores da paisagem, por detrás do vislumbre, abrimos nossas mentes para um aprendizado que está muito além das aparências. Os navegantes estão envolvidos em uma complexidade de relações sociais que interferem na experiência individual e coletiva da comunidade. No processo de construção da narrativa, o entrevistado forja a própria identidade com referência ao ontem, ao hoje e ao amanhã. O tempo das UHE's São João e Cachoeirinha possibilitou as entrevistas onde as testemunhas oculares transmutaram o campo de experiência a partir de seu horizonte de expectativa no tempo discursivo.

A referência ao acontecimento futuro evidencia as barragens não apenas no futuro. Tanto no discurso como no imaginário as hidrelétricas estão presentes na narrativa dos navegantes. O complexo hidrelétrico São João e Cachoeirinha perpassa diversos posicionamentos favoráveis e controversos em sua construção, mas que variam segundo suas condições de experiência. A memória sensível e o futuro desejado se aproximam como algo observado no distante horizonte, mas vivido no aqui e no agora. Mas, no presente em questão, são apenas os moradores que se sentem atingidos pelas barragens?

CAPÍTULO III

Tempo é arte! A nova era no Vale do Chopim

“Veio lá do fundo um disco voador grande, fico aqui em cima ó. Má pense a nave, de noite. Era quase meia noite. Dêe luz! Luz! Luz! Tava assando churrasco. Se mandemo pra dentro de casa, foi de repiá! Ele parô em cima cara. Uma época tava aparecendo bastante sabe?! Daí passô que ele só fez: fiiuuuu! Sumiu. Amarelo, largava luz azul, esverdeado. Meu irmão loco de medo, pega o carro e sai. Pensei que tavam robando quase que dei uma foçada no meio do para-brisa: mas como que não avisa home? Eles vão te pega na estrada [risos]. Falei. Daí uma noite, frio, os cachorro virado no diabo na piscina, qualquer coisinha eles vem aí, a mesma luz ali em cima do rio. Tinha só 3 bala na Winchester: Vô lá! A muié: - Não vá porque é perigoso. Má um frio!” (Nelson Keller)³⁸⁸.

O relato da aparição de um disco voador é um caso interessante. Mas afinal, o que isso tem a ver com as Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha? Escutar um caso desses abala nossos preconceitos, quando um acontecimento vivido é relatado, diversos casos do passado emergem no fio do relato demonstrando que muito do que estava desacreditado aflora no terreno fértil do possível.

As entrevistas a seguir possuem procedências diferentes das anteriores: Visitantes, turistas, esportistas, frequentadores... apesar de não serem moradores de Navegantes, tratam do mesmo assunto, a paisagem do Vale do Chopim. A tipologia de fonte oral é diferente, mas o destinatário é o mesmo. Isto é, o ouvido do entrevistador que encontrou no Ruzza um local de trabalho e de conflitos, agora se encontra com um local de lazer.

Do outro lado, a cidade de Pato Branco avançava, em suas calçadas assentadas, ruas asfaltadas, postes iluminando o escuro da noite agora era apenas onde estavam penduradas as bandeirinhas, automóveis interditados não chegavam até a Igreja Matriz São Pedro e se acumulavam nos estacionamentos “de bico” da Avenida Tupi. A população se concentrava para ver o desfile daquele 7 de setembro de 1968 em meios aos primeiros prédios que faziam sombra na praça Getúlio Vargas. Os militares estavam no poder, por isso o patriotismo “andava meio reforçado”, o comércio fechado contrastava com o ritmo dos dias de semana, as fanfarras tocavam empolgadamente, os estudantes das escolas marchavam e faziam

388 KELLER, Nelson. **Entrevista concedida a Roberto Pocai e Débora Oliveira. 07/11/2015. Vídeo e Áudio Digital, 28min.**

referência à bandeira nacional, mas alguns cabeludos “espertos” fugiam do desfile em “bolinho”³⁸⁹.

Na sequência de histórias do seu livro “Pato Branco: A velha paixão”, Rudi Bodanese articula suas memórias com sentimentos em uma linguagem acessível e coloquial, dando a impressão de como se estivesse contando uma porção de causos sentado em uma mesa de bar. A pacata cidade do interior passou a contrastar com o avanço da urbanização; emergia a “capital do sudoeste do Paraná”, título repetido por décadas nos palanques políticos. Juntamente das mudanças no cenário da cidade, uma série de personagens apareciam nas ruas da cidade e agora aparecem nas páginas do livro. As lembranças “apaixonadas” de um passado presente, rejuvenescem-se na “nostalgia” e funcionam como ponto de ligação das gerações de 1970 e 1980.

Entre os anos 1970 e 1980, diversos acampamentos aconteceram no Ruzza e foram lembrados pelos entrevistados. Com a intenção de “resgatar” a memória dessas gerações, Rudi lançou o livro onde ao invés de refazer o passado, ele acaba o “reinventando”: “Que dizer de tentar refazer o passado? Que beira à farsa, dirá um ajuizado! Mas fato é que memória cristaliza paixões, sonhos não envelhecem e nostalgia rejuvenesce”³⁹⁰.

“Prosseguimos rebuscando palco”, os cenários e personagens principais “resgatam” na “memória afetiva” as “apaixonadas vivências pato-branquenses e seus queridos atores”³⁹¹. As fotos anexadas em cada história proporcionam a proximidade do passado deles com o presente do leitor por meio da imaginação, causos sem início, meio, fim, sem cronologia estabelecida, sem ordem nos fatos, mas que se articulam com a nostalgia de um tempo que para eles merece ser lembrado e contado. Como os visitantes relembram dos antigos acampamentos nos locais de lazer do Vale do Chopim?

As histórias que fluem no livro e na voz daqueles jovens que hoje já não são tão

389 Bolinho, na linguagem comum do Paraná, seria um pequeno grupo. Síntese do relato de Rudi Bodanese em seu livro. BODANESE, R. **Pato Branco: Geração 1970**. Pato Branco: Imprepel, 2008.

390 O estilo poético descomprometido com a linearidade do contexto histórico é a estética dessa obra de Bodanese. A entrevista com ele se impossibilitou no tempo, mas uma conversa em uma noite permitiu captar a atmosfera de seu trabalho (Idem, p. 45).

391 Ibidem, p. 33.

jovens fizeram emergir a necessidade de entender o que o Ruzza simboliza para eles. Por isso, a intenção desse capítulo é interpretar como as memórias dos visitantes do Vale do Chopim são atingidas pela futura construção das barragens.

III.I “Pensou de ir pro Ruzza era maluco”: Memórias do Chopim pelas gerações de 1970 e 1980

“Gosto daqui, do sertão, desses postes de ferro que teimam em subir, dos barulhos estranhos. Gosto daqui, do careta que diz que não vai que pode cair, dos barulhos estranhos. Quero ir pra serra, ser gente, ser fera, quero ser bicho do mato!” (trecho de “Bicho do mato”, Som Nosso de Cada Dia)³⁹².

“Vira poeira, vira fogueira, vira poeira, fogo fogueira. Vira o chão, vira fogueira. Vira o chão, vira poeira de carvão” (trecho de “Queimada” de O Terço)³⁹³.

“Adeus Sete Quedas, Adeus Guaíra, teu canto de agonia, meu filho não ouvirá” (trecho de “Adeus Sete Quedas” da banda Blindagem)³⁹⁴.

Cabeludos, carros potentes, amassos no banco de trás, caçadas, boemia, futebol, rádio, fotografia, brigas em bailes e até trocas de revistas em quadrinhos na fila do Cine Avenida... Os mesmos “malandros” que ocupavam os cenários urbanos poderiam ser encontrados acampando no interior das estruturas da antiga usina do Ruzza nos fins de semana utilizadas como abrigo para a chuva. As lembranças de tempos idos, desses jovens “bichos grilos”, que hoje já não são jovens, se encarregam da tarefa de contar histórias, lembrar da fogueira acesa, da barraca erguida, das tardes na cachoeira...

O trecho em evidência do *rock n’roll psicodélico* do *Som Nosso de Cada Dia* tocava quando o vinil da banda encontrava com a agulha do aparelho. O cabeludo que cantava que queria ser “bicho do mato” não seria visto apenas na cidade. Entre 1970 e 1980, diversos acampamentos aconteceram no Ruzza e foram lembrados pelos entrevistados. A primeira lembrança sobre esses momentos, aliás, partiu do próprio José Donato Ruzza, o Zézinho:

392 Manolito, Pedrinho, Pedrão, Marcinha. **Bicho do mato**. Disco: Snegs. Progressive Rock, faixa 02.

393 O Terço. **Queimada**. Disco: Criaturas da noite. EMI, faixa 12.

394 RODRIGUES, Ivo. **Adeus sete quedas**. Disco: Cara coroa, faixa 04.

José Ruzza: O compadre Palito foi um dos primeiro que começaram a vim mais. Vinham fazê as maluquice ali na beira do rio (risos), eles vinham cuma Toyota faziam trilha no meio do potrero pra lá e pra cá ca Toyota (risos). Na década de 1970 que daí foi onde começaram daí a vim. Daí começaram a vim os primeiro, daí começaram a espia um pro outro que eles podiam vim. As peça da usina tavam ali ainda, só que daí eles já tinham levado uma parte³⁹⁵.

“Memoráveis, memoráveis, memoráveis”, enfatizava Mário José Tagliari, menos conhecido pelo nome do que pelo apelido, Palito. Além da cena da Toyota, com seu chapéu branco, ele foi um dos organizadores de três festivais que aconteceram no lugar, segundo ele, todos “inesquecíveis”³⁹⁶. Dezenas de bandas da região dividiram o mesmo palco no alto da caçamba de um caminhão Mercedes que atravessou a estrada que “nem cascalhada era”. A estrada embarrada é o que mais lembram os protagonistas desse festival “tava tudo puro barro”, lembra o proprietário Zézinho daquela forte chuva de 1989³⁹⁷.

Izamara de Bortoli, da geração de 1980, lembrou o festival como mais uma aventura entre tantas que aconteceram nas cachoeiras do Ruzza: “o palco era num caminhão (sorrindo), choveu pra caramba no primeiro! Só lama! (Mãos no rosto) Não tinha nem como saí de dentro do carro, o pessoal ia cantá vinha uma bomba d’água parava tudo, recolhia instrumento, o pessoal foi muito guerreiro pra fazer essas coisas lá! Levar todo material, montar... E só foi maluco!”³⁹⁸.

A primeira edição do festival Rock n’Ruzza, “o som das águas”, sob a organização de “figuras” como Ivo Cabelo, Remo Rigon e Palito foi lembrada por Maria Albecht Ruzza pela pouca frequência de público. Segundo ela: “não deu muito porque choveu”³⁹⁹. Palito mesmo contou que a escolha do Ruzza como sede do festival foi pelo fato do lugar ser um “QG [Quartel General] da galera do *rock n’roll* de Pato Branco”. Articulando na entrevista o que o mesmo denominou um “simples esboço” da “sua galera”, Palito contou que o festival não foi grande mesmo, foi mais um encontro de simples amigos. A amizade e a simplicidade se apresentam como

395 RUZZA, José. op. cit.

396 TAGLIARI, Mário José. **Entrevista concedida a Roberto Poci. Pato Branco-PR. 06/11/2015. Áudio Digital. 15min.**

397 Idem.

398 BORTOLI, Izamara de. **Entrevista concedida a Roberto Poci. Francisco Beltrão-PR. 05/11/2015. Áudio Digital. 52min.**

399 RUZZA, Maria. op. cit

presentes na sua fala desmistificando o evento como sendo um acontecimento de magnitude: “Nós fizemos uma amizade, a partir de simples acampamentos, eu criei um vínculo com a família Ruzza, um vínculo muito grande, aliás todos nossos amigos criaram e participavam desse vínculo (gesto de juntar as mãos)”⁴⁰⁰.

De uma fonte a outra, o espaço do grande Chopim se revela no espaço real existente e no espaço das narrativas. A curiosidade move a história até outros personagens anônimos dessa e de outras histórias presentes no livro de Rudi. Entre eles, um tal “taura” que varou a noite:

A noite trouxe a lua, a fogueira e vários litros da 'marvada'. E tem outra: “da meia noite pra frente um taura⁴⁰¹ desses não dorme mais”. Mas foi lá pelas 6 da manhã, quando a natureza desenhava uma beleza idílica, que se juntou num capão de árvores próximas um bando 'passarinhada', num crescente alvoroço, um congresso de aves⁴⁰².

O texto relembra uma das frases reproduzidas por um daqueles jovens no sereno da noite. A descrição humorada dos companheiros que se utilizavam da “marvada”, da cachaça para evitar o sono e para ver o sol nascer adquire uma tonalidade bucólica nas palavras do conhecido fotógrafo de Pato Branco.

Raymond Williams afirma que a natureza, ou melhor, as ideias sobre a natureza, na realidade, possuem uma quantidade extraordinária de história humana. Para ele, na descrição humana, a natureza não existe por si só, o que existem são representações sobre a natureza. A natureza como algo não-humano, intocável, selvagem, inóspito, inocente, pacífico, quieto... Sobretudo, parte das visões sobre a natureza a separa do ser humano, o ser que a descreve⁴⁰³.

Entre ideia, visão e voz, o olhar fotográfico e discursivo passado ao papel se instrumentaliza a experiência pessoal que admira a passarinhada como um acontecimento. Andorinhas, araucárias e as águas... Os elementos da natureza como um conjunto em terceira pessoa que se desenhava aparece na obra de Bodanese de maneira nostálgica. O caso do visitante, na perspectiva multifacetada de turista, fotógrafo, observador como um todo revela que a natureza a partir do seu

400 TAGLIARI, Mário. op. cit.

401 Na linguagem comum da região, um “taura” é um rapaz de meia idade.

402 BODANESE, op. cit. p. 55

403 WILLIAMS, R. **Culture and materialism: selected essays**. Verso, 2005.

olhar. Da voz, de uma pintura ou mesmo de sua lente fotográfica, parte a representação da natureza.

Sentado no morro como observador, como primeira, ele comunga da natureza como terceira pessoa. Rudi enquanto homem daqui admira a paisagem de lá como se analisasse um quadro na parede de uma exposição de arte. Dos amigos embriagados à passarinhada, a lembrança humorada da visão embriagada se transcende no discurso. A narrativa em transformação é a estética do tempo, uma visão peculiar da natureza, uma representação levada ao papel escrito pela lembrança.

Antes de simplificar a natureza, a leitura possibilita a compreensão de uma complexidade de significados. Apesar do aparente distanciamento da natureza, como observador, Bodanese juntamente das gerações de 1970 e 1980 se confundem com a paisagem. A concepção de geração, aliás, está presente na fala dos entrevistados, especialmente quando Izamara conta que conheceu o Ruzza em 1982:

Izamara de Bortoli: Eu venho duma família muito tradicional inclusive que preserva a própria natureza. Meu avô sempre foi muito disso, a gente cresceu indo pro mato nos levava todo final de semana em lugares assim. Mas daí ia toda família. (...) [O Ruzza era um lugar que] a gente costumava ir lá, lugar que eu não conhecia até então. Foi lá que eu comecei a conhecê os maluco (risos), tenho saudade até hoje. Foi uma época que muita coisa começou a acontecê em Pato Branco, começou por esse pessoal e depois veio a minha geração. A minha era uma geração logo após a do Rudi⁴⁰⁴.

A ideia da preservação da natureza pelo avô, aparentemente resgatada e relembrada na memória feminina, substancialmente condiz com o papel da lembrança e o ato de lembrar. Segundo Pollak, no presente, a lembrança do passado acontece como memória que é constituída, mas que também é seletiva: “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”⁴⁰⁵. Um relato qualquer não pode ser considerado um simples *relato de resgate* ou *fiel* de uma geração, de uma família, ou de uma época. Um relato se comporta como um discurso contra o silêncio, uma fala em meio ao silêncio. No fio da memória, uma narrativa se faz

404 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

405 POLLAK. op. cit. p. 203.

discurso que engana o tempo, o mesmo tempo que por sua vez dilui as lembranças e impacta a memória, a mesma memória que não é eterna e que sofre a ação do tempo.

Em meio à narrativa da própria concepção de “família tradicional” naquela “cidadezinha pacata de interior”, a narradora faz emergir as gerações de 1970 e 1980 como gerações de “malucos”. Na fala de Izamara, ambas as gerações compartilharam do mesmo lugar: “tenho saudade até hoje, foi uma época que muita coisa começou a acontecer em Pato Branco”⁴⁰⁶. Palito conta que ficou conhecido por levar muitas pessoas conhecerem o Ruzza:

Palito: Eu era o mais novo no início, depois fui levando as turmas mais novas. Daí se tornou assim o QG da galera (Quartel General). Um lugar muito bom de ficá, as cachoeiras são lindas, era tudo de bom. Tanto que nós já tínhamos o nosso canto desenhado. Nos ferro das turbina nós fazíamos o acampamento e aí a gente começô a conviver com a família do Pedro⁴⁰⁷.

Palito, sem querer, faz indagar: o que é uma geração? Assim como o acampamento estava desenhado na paisagem, a geração se desenha no sentido da palavra. O ato de gerar é usado como referência a um conjunto de seres coetâneos, isto é, que têm a mesma idade e se reconhecem no lugar. Sobretudo, uma geração em seu ato de gerar é uma geração de pessoas no tempo e que, por isso, compartilham e experimentam o mesmo processo histórico em suas diferentes condições de sobrevivência e identidade. Nesse sentido, a relação do tempo individual com o tempo social acontece na dimensão da experiência histórica sincronizada entre os dois tempos.

A dimensão da experiência coletiva memorada, seja na obra, seja na conversa com os entrevistados, inscreve ambas as gerações na mesma época. Zygmunt Bauman analisa uma geração e sua duração como algo relativo:

As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas (...) Assim como os conceitos de “nação” ou “classe”, o termo geração é uma expressão “performativa” (que cria uma entidade

406 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

407 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

para nomeá-la) - uma chamada ou convocação para uma batalha nas fileiras do imaginário, ou mais precisamente postulado, da comunidade⁴⁰⁸.

Os causos de Bodanese são alamedas da memória que conduzem ao seu pertencimento compartilhado com uma comunidade imaginada e vivida. As diferenças entre as gerações de 1970 e 1980 se esvaem na sua obra, ambas estão unidas nas fileiras do imaginário dos entrevistados no período da ditadura⁴⁰⁹. A memória associativa do passado foi analisada por Luisa Passerini que reflete sobre as imagens simbólicas da juventude:

O jovem como conceito simbólico revela-se o concentrado das angústias da sociedade – do desemprego ao sentido de inutilidade da vida –, mas torna-se também o modelo de futuro, portanto, ameaça e esperança. Acentua-se a sua fragilidade, enquanto depositário de valores que a sociedade não soube realizar e que o colocam numa posição de fronteira e de crítica, mais ou menos egoísta, da existência. Os jovens de carne e osso introjetam essas imagens, com um processo iniciado no período entre as duas guerras e levado a cabo no segundo pós-guerra⁴¹⁰.

Não obstante, a modernização das sociedades a partir de 1950 culminou no aumento da cultura juvenil interpretada na diversidade de imagens constituídas, desde a loucura da utopia até a degeneração social e a rebeldia. Em Pato Branco, a memória das gerações posteriores a esse contexto favorece a perspectiva de sua imagem independente das demais gerações, relatados por Izamara como malucos, eis a imagem simbólica da juventude nas palavras e na lente de Bodanese.

A utopia, portanto, estava na capacidade da juventude de repensar o mundo. As palavras entremeadas pelo sorriso condizem com a lembrança nostálgica. Ambas as gerações não são iguais mas coexistiram em uma época onde segundo a entrevistada “muito coisa começou a acontecer”. O sonho de um outro futuro se comporta como uma revelação de outros tempos, seu sorriso denuncia. Izamara se sente jovem no espírito da memória, uma juventude que ressurge na entrevista:

408 BAUMAN, Z. **Between us, the generations** Em: LARROSA, J. (ed). On generations. On coexistence between generations, Barcelona: Fundació Viure i Convivre, pp. 365-376. 2007. [tradução nossa]. p. 373.

409 BODANESE. op. cit.

410 PASSERINI, L. **A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens – a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950**. Em: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Caude (Orgs). História dos jovens 2: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 351.

Izamara de Bortoli: Foi a época em que a cultura veio pra Pato Branco, as primeiras peças de teatro. Foi um aprendizado bacana (...). Eu já tinha uns primos que foram estudar fora que já era malucos, nos idos de 1977/1978 veio o skate pra cidade. A gente ia junto no clube, fazia natação. Treinava todo dia no time de vôlei e daí final de semana ia acampá e tal. Tava tudo interligado porque eram as mesmas pessoas que tavam fazendo essas coisas em termos culturais... o Rudi que tinha uma cabeça muito aberta, muito voltada pra cultura. (...) Apesar de serem todos malucos, tinham uma visão diferente. Não era só do tradicionalismo, a gente queria cultura! [gesto das mãos espalmadas levemente sobre na mesa]. Na época o governo era a ditadura, muitas coisas não podiam ser ditas, a gente tinha aquele medo assim sabe. Mas a gente tinha outro conhecimento. Tudo que ia contra o governo a gente tava envolvido⁴¹¹.

A resistência ao tradicionalismo revela a sua interpretação de lutas políticas e culturais do período. A sua vivência no tempo sofre a influência da memória social da ditadura, em outras palavras, da forma como a sociedade brasileira lida com seu recente passado ditatorial. Uma característica para a época, aliás, não somente para o Brasil, foi o protagonismo das forças militares nos regimes de exceção em toda América Latina.

Cultura e política se confundem na narrativa pois a ditadura não foi somente militar. A ditadura foi militar e civil por ter sido encabeçada por parcelas da sociedade que apoiaram o golpe e se beneficiaram do regime. As elites romperam a legalidade democrática estrategicamente. No processo de construção da memória social recente, em diversas ocasiões, o esquecimento voluntário do protagonismo burguês culmina em distorções dos fatos, isso também ocorre de maneira estratégica. A fala de Izamara, contudo, evidencia o processo de disputa pela memória⁴¹².

No viés de análise da historiadora Laura Bristot, o Brasil não tinha uma juventude consolidada homogeneamente. Entre protestos e tiros, o que existiu naquele passado e é rememorado hoje são exatamente imagens simbólicas daquela juventude, ou juventudes:

Os estudos, o imaginário e a memória da ditadura civil-militar no Brasil são povoados de discursos de resistência e revolução que trazem à tona

411 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

412 Inspirado em: BRISTOT, L. P. **Quem faz revolução? Discursos sobre juventude na Ação Popular e Ação Libertadora Nacional durante a ditadura.** Em: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. p. 1

imagens de juventude: jovens rebeldes nas passeatas de 1968, jovens comprometidos com a revolução na luta armada, jovens revolucionando costumes e as artes na Tropicália⁴¹³.

O teatro, o clube e os acampamentos são cenários e personagens principais da memória afetiva em Izamara e no livro de Rudi. As fotos anexadas em cada história proporcionam a proximidade do passado deles com o presente do leitor. No palco do Chopim, a transcendência temporal no espaço e a transcendência espacial no tempo comunga dos “malucos” da cidade que reivindicavam a cultura como um elemento de sobrevivência importante no meio social. Pois “apesar de serem todos malucos, tinham visão diferente, não era só do tradicionalismo, a gente queria cultura!”. Contudo, na fala da entrevistada fica perceptível a reivindicação não de qualquer “cultura”, mas uma cultura emergente em Pato Branco, a cultura do *rock n'roll*⁴¹⁴.

Para Williams, a tradição deve ser refletida não como algo que passou, mas uma versão do passado usada para se ratificar no presente, uma tradição intencionalmente seletiva ligada aos valores de uma instituição que visa excluir a versão histórica de outros grupos. Por esse motivo, a organização social possui uma relação residual entre o dominante e o emergente e a análise de uma época deve reconhecer as suas relações dinâmicas. Para ele, não existem rupturas ao término de cada época, mas no interior de cada época e não somente em cada época mas



Figura 15: Cartaz do III Rock n'Ruzza (Acervo Nelson Keller)

413 Idem.

414 BODANESE. op. cit.

em qualquer setor seja esse religioso, econômico, político, entre outras⁴¹⁵. A bombacha, o lenço, as botas são elementos que se encontram com o cabelo comprido, a calça rasgada e os óculos escuro, o vinil do Gaúcho da Fronteira é trocado. A agulha agora tocava Beatles no último volume. “*Come together right now over me!*”⁴¹⁶

Para não incomodar as irmãs do colégio Nossa Senhora das Graças, o som alto foi tocado no mato, o rock n'roll ascendeu como cultura no cenário residual de Pato Branco. Falando nisso, um episódio envolvendo a conhecida banda da época, a Tropa Santa, em um baile na Costa do Chopim foi relatado de maneira inusitada no livro de Rudi Bodanese:

E agora pintou o Tropa Santa, uns catarinas⁴¹⁷ do litoral que aportaram por aqui em busca de algum trocado. Quando a coisa não tá boa, logo vão dizendo: -Maresia, meu! Entre um boteco e outro, um malaco e outro, ficaram amigos do Kali Bet, que tem uma kombi e até leva o Tropa para performances na região. Essa aconteceu com eles na Costa do Chopin. Quando o Kali atracou a kombi e dela saiu aquela 'pá de louco', uns magrinho, cabeludos, óculos escuros e calça boca de sino, tudo bicho grilo – a turma da diretoria do pavilhão logo gritou: - pode pará, que o matinê foi suspenso!!! Acharam que fosse banda de gaúcho, de Santa Maria, tchê⁴¹⁸.

“O matinê foi suspenso”, não era a banda de Santa Maria, do Rio Grande do Sul. A relação de estranhamento com os cabelos compridos, as calças boca de sino, os óculos escuros desses “bichos grilos” não se restringia ao ambiente urbano, a “pá de loucos” ocupou espaço no bailão. Os “bichos grilos” aparecem na narrativa humorada do fotógrafo como uma ameaça a ordem estabelecida ou por ironia mesmo como uma queimação de filme nas palavras do fotógrafo. Izamara conta rindo da divisão social existente no Recanto do Ruzza entre as “pessoas normais”, os “caretas”⁴¹⁹ e os “malucos” que frequentavam o lugar:

Izamara de Bortoli: Só ia maluco! *Pensava de ir pro Ruzza, as pessoas*

415 WILLIAMS. 1980. op. cit.

416 O Gaúcho da Fronteira um cantor nativista do Rio Grande do Sul. LENNON, John. **Come together**. Disco: Abbey Road. EMI, faixa 01.

417 Na linguagem comum dos paranaenses um “catarina” é alguém proveniente de Santa Catarina.

418 BODANESE. op. cit. p. 44.

419 Na linguagem comum para os malucos da época, careta era alguém que tinha a cabeça fechada para novas ideias.

pensavam: “é maluco”. As “pessoas normais” [gesto de aspas com a mão] não ficavam ali onde ficavam os maluco. Elas ficavam do outro lado, lá no rio Pato Branco. A gente combinava de ir todo mundo junto, quem tinha veículo ia, quem não tinha ia na carona mesmo, e acho que é assim até hoje, mas foi um tempo muito bom!⁴²⁰

A discriminação figurada em olhares tortos, fofocas, preconceito enrustido era um elemento de desdobramento da cidade no mato⁴²¹. A aparência dos malucos e a discriminação das “pessoas normais” compactuam com a sua vontade de independência, o que criou o outro espaço onde eles se sentiam à vontade para praticar suas “maluquices”.

Apesar da discriminação social e espacial em evidência nas suas palavras, a cultura dos malucos emergia como uma cultura de amizade como um elemento de organização. Sobre tal aspecto, Palito relatou o lugar em suas características, ressaltando o fato de ser isolado e maravilhoso, e a importância de “curtir o lugar” de maneira organizada:

Palito: Eu cheguei ao cúmulo de ter um acampamento fixo. Eu não desmachava ele. Eu saía na segunda voltava na outra sexta, passava o fim de semana, eu acampava 10 dias, 15 dias, finais de ano. Ali aconteceu de tudo, foi maravilhoso, onde aconteceu os namoro, as saídas de carnaval saindo daqui nós ia pô Ruzza, saía de baile ia pô Ruzza, fazia as fogueira, as noites de viola (...). *Era mato, era maravilhoso, era isolado, tinha de tudo.* Era a galera mais do *rock n'roll*, lá sempre foi várias e várias famílias, só que cada um tinha o seu canto. Aí tinha o canto do Palito, daí tinha o restante dos local pro acampamento, puxei luz, água... Meus acampamento tinha luz, nós levava som, freezer, tinha acampamento que nós ficava dez dias né, tchê... Com criança, os filho nasceram, levava no Ruzza desde bebê, bebê de Moisés né, tchê. Até hoje eles vão lá⁴²².

Os namoros, as rodas de viola e, conseqüentemente, as famílias dos malucos... Conforme o tempo ia passando, incrivelmente alguns malucos e malucas iam se encontrando e constituindo suas famílias malucas. O Ruzza aparece nas narrativas como um lugar de memória onde muita coisa marcante aconteceu. O canto do Palito é enfatizado como espaço de lazer da galera do *rock n'roll*, a resistência dos

420 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

421 Para entender a relação de um lugar ao outro, podemos utilizar o exemplo do desdobramento da ignorância da burguesa para as Universidades. Devemos relevar o processo de aburguesamento das estruturas acadêmicas ou academicistas aceito e não combatido por muitos intelectuais gabaritados.

422 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

malucos da cidade no campo, onde poderiam exercer sua cultura alternativa.

Ao abordar o Ruzza como local de lazer, Izamara também ressalta seu pertencimento ao lugar, narrando os acampamentos junto ao rio como eventos onde prevalecia o encontro das gerações e o compartilhamento da cultura:

Izamara de Bortoli: A nossa geração trouxe muita cultura pra Pato Branco, outra linha de pensamento. Meus primos foram estudá em Porto Alegre. Eu era menina. Mas apesar disso tava sempre disposta a ouví falá das histórias do Woodstock, os novos discos, as bandas, Led Zeppelin, Deep Purple... Daí eu comentava com meus amigos, todo mundo ia atrás, foi um lance cultural, inclusive o lance da maconha... E não era nada vulgar como hoje, era a pura abertura da percepção! Daí começavam a conversá, filosofá em volta da fogueira, surgia muita coisa bacana, tudo surgia de encontros assim, a pista de skate demorou mas surgiu dali. A gente contribuiu pra isso, acho isso muito massa!⁴²³

A construção da narrativa de Izamara insere o seu pertencimento ao Canto do Palito e especialmente ao Ruzza. O “lance da maconha”, no formato como aparece no decorrer da entrevista, contribui para percebermos a territorialização do uso de entorpecentes no Ruzza mas como algo que aconteceu naturalmente⁴²⁴. A abertura da percepção aparece na entrevista como algo cotidiano, aparentemente, fumar um baseado era o ritual para escutar a sinfonia *Kashmir* do Led Zeppelin e depois colocar o vinil onde Jim Morrison caminha cantando “Pessoas são estranhas, quando você é estranho”⁴²⁵.

O preconceito oculta a solidariedade de uma roda de baseado em volta da fogueira onde alguns conversam, outros filosofam, outros viajam. A maconha fortalece a prática cultural de compartilhar o acampamento e seus elementos. A solidariedade está na primeira atitude de um maconheiro após fumar o baseado. Ele passa o baseado para o próximo da roda. Molhado de saliva ou demorado, todos na roda podem fumar, careta na roda não será expulso. A maconha relativiza as práticas sociais com o discurso dos seus usuários e relativiza também a memória.

423 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

424 A naturalidade com que tratamos do assunto foi permitida pela entrevistada. Ainda assim, esses trechos não procuram tratar a cultura canábica como algo generalizado pelos jovens de nenhuma geração. Aliás, fica evidente que essa era e é perseguida, inclusive, pelos proprietários dos locais de lazer no Vale do Chopim.

425 PAGE, Jimmy. **Kashmir**. Disco: Physical Graffiti, faixa 06; MORRISON, Jim. **People are strange**. Disco: People are strange. Sony, faixa 01.

Presente, passado e futuro se confundem e a paranoia é uma luta dos neurônios, por isso é considerada uma erva para não ser misturada com álcool. Quem chapa fica muito louco e entende o baseado como a base da sua superestrutura⁴²⁶.

Por trás do baseado aceso se esfumaceava toda uma produção de sentido para os maconheiros que acampavam no Chopim. A criminalização da maconha objetiva calar as conversas nas rodas de baseado, precisamos compreender o preconceito por parte considerável da sociedade, a ponto da erva ser criminalizada pela lei. Apesar da guerra às drogas, o consumo só aumenta⁴²⁷. O sorriso entre os lábios de Izamara logo se fecha para a seriedade, ela relembra com infelicidade de não ter podido ir para a despedida das Sete Quedas em Guaíra-PR, quando da construção da UHE de Itaipu. Diferente do preconceito, a lamentação não oculta os conflitos com a polícia:

Izamara de Bortoli: Uma perda muito grande foi Sete Quedas, nessa região muitas pessoas iam lá, um pessoal foi na despedida das Setes Quedas antes de ser alagado reuniu um pessoal de Pato Branco que foi lá. Tive um amigo meu que ofereceu um baseado pro cara e o cara era um policial, sabe?! Aí o policial fez esse do baseado pagar uns apoios no acampamento, bem tenso. Eu fiz de tudo pra ir, mas não consegui, só foi maluco e não consegui carona. Era um policial que tava pro meio cuidando, sabe, à paisana⁴²⁸.

As relações entre a polícia e os malucos, portanto, poderiam se reverter em uma ameaça aos últimos. O próprio Rudi conta dos enfrentamentos noturnos dos jovens membros do time de futebol d'Os Bocas com a 5ª. Divisão de Guarda Urbana do Paraná na década de 1970:

A tal turma, acostumada a pintar e bordar nas noites patobranquenses, agora se viu às voltas com um problemão: foi instalada aqui a 5ª. Divisão de Guarda Urbana do Paraná, para patrulhar as ruas da cidade no seu período noturno, bem na hora que os namorados da madrugada gostam de fazer das suas por aí. (...) Depois de despistar os guardas, os "Bocas", escondidos atrás dos prédios junto à praça, no centro, gritavam os mesmos:

- "Atrás do banco tem um" e "olha a bombinha!!!"

Ou,

426 SACRISTÁN, Igor Domingo. **Prohibición de drogas, un experimento fracasado**. 2009.

427 Idem.

428 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

- “venha me pegá, seu guarda”.

Estes, em posição de combate, com seus cacetetes de madeira na mão, armavam a maior correria, querendo dar uma sova em quem pegassem.

Entre presos e feridos, todos se safavam ilesos. (...) A “malandragem” essa se desfalcando de alguns de seus ídolos, inclusive com a perda, por morte natural, de alguns bares da noite⁴²⁹.

Ler a página inteira do causo e chegar num final desses somente propõe ao leitor uma reação, muitas gargalhadas. A lembrança bucólica é construída na estética das “sovas” noturnas perante as tragédias que poderiam acontecer e não foram relatadas. As cenas tensas das fugas da malandragem no meio da noite transcendem para o humor no desfecho do causo, na tal “perda natural” dos bares da noite.

Da cidade para o rio, os cenários são diferentes mas a opressão se faz presente. Muito além da perda das Setes Quedas escutada no vinil do Blindagem⁴³⁰, o relato tenso de Izamara coloca que apesar do cenário da beleza das cachoeiras a luta continuava. Após contar que seu avô recebeu Leonel Brizola⁴³¹ em sua casa durante a campanha presidencial de 1989 e dizer que “tudo que ia contra o governo a gente tava envolvido”, ela lembra um antigo amigo anônimo que desejava se tornar guerrilheiro: “Eu tinha um amigo... Olha só, porque além dele tê traficado 'drogas' (aspas com as mãos), ele queria traficá armas, fazê comércio de armas também. Ele foi na Colômbia, Venezuela, Bolívia, lugares assim. Até o momento que *ele tava tão alucinado que ele foi embora do Brasil pra não ser preso*”⁴³².

Apesar do momentos de nostalgia na entrevista, outras lembranças

429 BODANESE. op. cit. p. 67

430 Segundo Mazzarolo, a imersão de Sete Quedas seria o mínimo que se exigiria para a construção de Itaipu. A “monumental beleza natural que jaz sob o lago” é descrita na sua obra e poderia ser interpretada como mero sentimentalismo senão fosse a sua análise sobre os impactos sociais da hidrelétrica e as lutas sociais dos atingidos da cidade da tal paisagem monumental: “Guaíra foi a cidade que mais sofreu em matéria de perdas em investimentos físicos. Perdeu a condição de pólo turístico internacional em consequência da submersão de Sete Quedas e do Parque Nacional adjacente. Perdeu ainda boa parte de sua área urbana, o porto de transporte fluvial, estaleiros, olarias, uma pequena hidrelétrica, uma reserva de camping, hotéis e restaurantes que atendiam turistas, um porto de extração de areia, consideráveis trechos de vias urbanas pavimentadas, boa parte do sistema de saneamento básico...” (MAZZAROLLO. op. cit. p. 15 e p. 33).

431 Leonel de Moura Brizola foi um político gaúcho, eleito governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Foi candidato a presidente em 1989 e presidente da Internacional Socialista.

432 Idem.

reascenderam tensões do passado daquele contexto em sua memória. Aliás, a própria memória se divide entre sentimentos, entre o humor e a coragem de lutar por direitos civis na época caçados. Na perspectiva de Marcelo Ridenti, as gerações pós-1968 herdaram as lutas pela resistência contra a Guerra do Vietnã no mundo, do Tropicalismo no Brasil e das lutas contra os regimes ditatoriais na América Latina. Para o sociólogo, tais gerações deixaram o grande legado deixado do inconformismo perante a ordem estabelecida⁴³³.

O inconformismo é a grande herança de Izamara advinda que ela tem de sua geração. Seu relato da memória de ontem é um relato de autodefesa de hoje: “inclusive o lance da maconha... E não era nada vulgar como hoje, era a pura abertura da percepção!”. Além da comparação, aliás, as reticências são estratégicas aqui, pois indicam que ela interrompeu o relato para uma ressalva. O que está em jogo não é mais aquele passado, mas a rememoração no presente. Segundo ela, a vulgaridade está no comportamento atual, diferente da abertura da percepção possível pela “maconha natural”:

Izamara de Bortoli: Uma vez eu guardei em casa. Sabe aqueles vidros antigos de compota que tem aquele lacre assim? Meu! Um vidro daquele cheio pra macerá com mel. Ficou meses guardado sem mexê aquilo daí diziam que se usasse aquilo até os olhos ficavam cor de mel (risos). Meu... Pense que maluca, guardar em casa. Naquela época quando compravam não era pouco como é hoje, compravam um tijolo assim! [gesto de representação de um tijolo com as mãos]. Era muito mais pura! Não tinha adição de outras substâncias como é hoje, era pura, tirava assim os camarões inteiros, era lindo de vê⁴³⁴

Além da evidência da prática cultural de fumar um baseado, o caso não restringe o hábito ao acampamento. A maconha mobilizava toda uma rede de contatos com quem tinha a substância natural, estipulando quantidade e qualidade, assim como técnicas de armazenamento e formas de distribuição. Apesar do estranhamento quanto a cultura canábica, assim como um festival, a maconha também demandava organização.

A maconha, obviamente, não aparece na obra de Rudi. Sua participação na

433 RIDENTI, M. **1968 na mira**. Em: AZEVEDO, R. de. Teoria e debate. Revista bimestral da Fundação Perseu Abramo. Maio de 2008. São Paulo: Editora Perseu Abramo.

434 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

história de várias pessoas deixam as rodas de baseado *in off*, mas a censura social que influencia nesse silêncio não silencia os conflitos daquela época, mesmo que essas não sejam baseadas no uso de substâncias.

O estranhamento social perante aqueles jovens e seu inconformismo foi descrito pelo fotógrafo muito além dos recantos. Na realidade, os relatos orais evidenciam que a ameaça dos malucos à ordem estabelecida não estava nas rodas de violão, nos amassos com as “moçoilas” e em fumar maconha entre as pedras do cachoeirão do Ruzza. O desdobramento do campo para a cidade faz surtir o entendimento da disputa por hegemonia. O inconformismo não se restringia aos cenários de acampamentos. Izamara, mesmo, contou que participou junto daqueles amigos de uma greve na extinta FACICON (Faculdade Integrada de Contabilidade) quando estudava no curso de Administração:

Izamara de Bortoli: Fizemos greve na época, saímos na capa do jornal carregando faixa, reivindicando o ensino gratuito, na época existia o DOPES (Delegacia de Ordem Social e Política), né?! Meu pai falou: “você é maluca, foto tua na capa do jornal, se o DOPES te pega?” Eu falei: “-Meu, pode ser que eu não usufrua, mas pode ser que mais tarde um filho meu, um neto usufrua”. E é o que aconteceu, todo esse pessoal fez parte da história de Pato Branco⁴³⁵.

Esse trecho da entrevista demonstra que a ameaça que os jovens provocavam estava na sua resistência a ordem estabelecida. Izamara acredita que sua geração contribuiu para a cultura de Pato Branco compactuando com a necessidade de transformações sociais.

A “cultura” com aspas, ou cultura sem aspas como todo um modo de vida. Mas se tudo é cultura então a cultura não existe? Fato é que cultura é todo um sistema de significados de um grupo social. Para Williams essa se comporta como a afirmação de um grupo social perante a própria sociedade. Quando falamos de sociedade não podemos restringir a vida social a uma cultura, no singular. A sociedade em seu funcionamento se compõe de uma infinidade de culturas⁴³⁶.

A cultura canábica do passado, por exemplo, se manifesta em uma fala de resistência sobre um lugar de resistência e que resiste ao tempo. Outro

435 BORTOLI, Izamara de. op. cit

436 WILLIAMS. 1980. op. cit.

desdobramento, do passado ao presente, evidenciando a luta por hegemonia. Toda cultura, aliás, é um instrumento de luta. A linguagem, inclusive, surte como um elemento de resistência seja no convite direto a um amigo para fumar um baseado ou na formação de uma roda de baseado, onde fica estipulado discursivamente que um fuma após o outro. Seja a vontade de filosofar chapado em volta de uma fogueira ou a vontade de reproduzir esse evento décadas depois, a emissão de uma narrativa canábica resistiu ao tempo.

A voz e a escrita se confundem com os significados que se constituem na realidade social. O livro de Rudi Bodanese e sua escrita oriunda da oralidade se comporta de tal maneira. Em seu livro, ele relembrou outro causo, só que agora na ilha do Carletto:

Das divertidas histórias do Rio Chopim, na propriedade do seu Ruzza, há 18 quilômetros da cidade (considerado por nós como o mais belo local da região), não demorou pra que algum abnegado desbravador (sempre acompanhado de um moçoila) percebesse outro belo lugar, logo acima do Ruzza.

É o Recanto do Carletto, propriedade que antecede às cachoeiras do Ruzza. Ali, as águas do Chopim circundam a ilha que abriga o acampamento. A travessia é feita de caíco, mas uns mais ousados, fazem-na nadando.

E foi num sábado de aventura por lá que, em 4 amigos, ouvíamos as histórias do governo Lupion, contadas pelo Carleto, quando este chamou a nossa atenção para umas nuvens escuras que se armavam acima dumas coxilhas ao sul, dizendo: - “vai descacá água!...”

Segue nosso “far nhete” por ali, até que a coisa aumentou e ele: - “vocês façam o que entenderem. Eu vou recolhe a criação na estrevaria, porque vai debuliá água!”

Foi vendo aquela passeata de nuvens sobre a gente, correria de criação e um burrichó que seguidamente erguia o focinho, orneando tenazmente pro céu, que um dos nossos falou: **“vamo embora, que pelo jeito vai chove de cachorro bebê água em pé!!!”**

E como diz a gauchada se mandamo a la cria⁴³⁷.

437 BODANESE, op. cit. p. 61

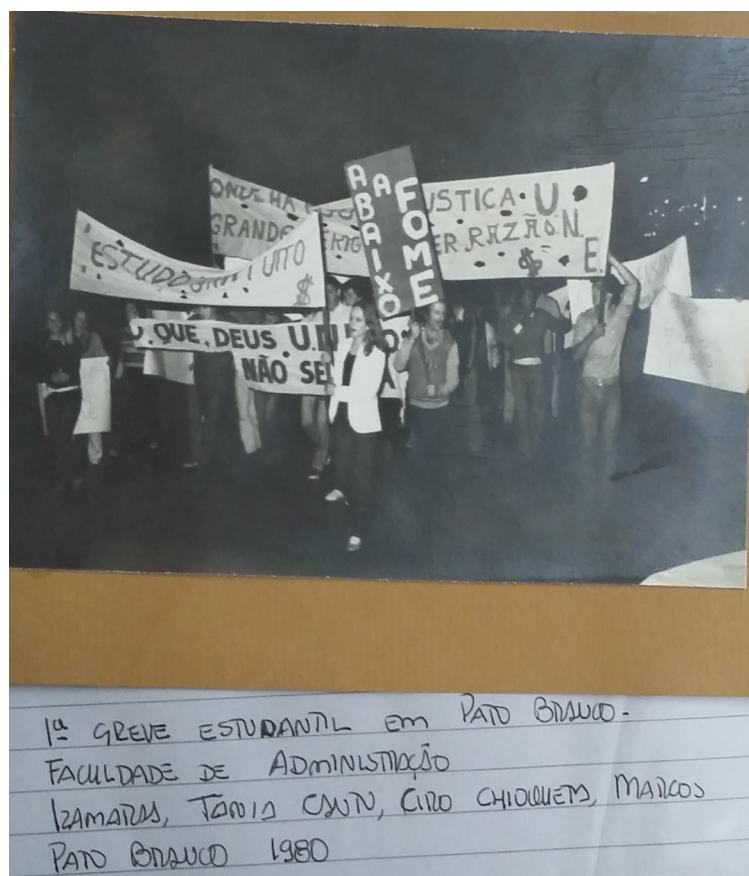


Figura 16: Fotografia da greve na FACICON (Acervo Izamara de Bortoli)

O abnegado desbravador “acompanhado de uma moçoila”, o burro orneando para a chuva, a passeata de nuvens... Um cenário cotidiano contemplado em qualquer dia de chuva por Carletto se torna extraordinário para Rudi. Os termos coloquiais incorporados na escrita: “vai descascá água”, “vai chocê de cachorro bebê água em pé”, “se mandamo a la cria” proferidos pelos bicho grilos e emprestados de Carletto demonstram que apesar da cultura dos malucos se afirmar como uma cultura emergente, essa não estava isolada, mas em relação constante com aquele mundo do campo e com os proprietários dos recantos.

Os namoros são lembrados pelos entrevistados e por Rudi em sua obra. Ainda assim, Izamara lembra que os encontros amorosos possuíam linhas divisórias. Dessa vez, não era a sociedade, nem os caretas do acampamento vizinho, as mulheres daquele tempo tinham uma relação direta e moral com suas famílias:

Izamara de Bortoli: Haviam poucas meninas, poucas mulheres assim.

Porque os pais não permitiam que as meninas saíssem com aquela piazada, entende?! Meu pai um dia me viu com uma mochila e uma sacola em cima da mesa, umas coisas pra acampá, eu nunca tinha ido acampá, ele chegô e falô assim: “Onde é que você vai com tudo isso?”, eu falei: “-vô acampá”. Ele: “-Aonde e com quem?”⁴³⁸

Aonde e com quem? A precaução do pai em proteger a filha, mas permitindo ela acampar, contrasta com muitos pais que não permitiam que suas filhas saíssem e, muito menos, acampassem com aquela piazada. Os valores familiares e morais, esses últimos buscando fortalecer os primeiros, por mais rígidos que foram vizinhavam os valores dos malucos que acabavam conhecendo as filhas de família.

A lembrança de sua juventude feminina e “maluca”, contudo, não está isolada na fala de Izamara, pois vinha de uma família tradicional. O cenário montado, ou, digamos, o acampamento montado, era um universo de acontecimentos. Na construção da entrevista, a narrativa emergente de uma mulher que viveu aquela época e se empondera a partir disso, da sua geração:

Izamara de Bortoli: Aí quando eu comentei que nós íamos ao Ruzza, eu não tinha muito conhecimento. Aí o meu pai começou a contá a história de que lá na época do Lupion era pra ser construída uma usina porque meu pai apesar de não ter muito estudo, ele tinha conhecimento da região, então foi massa! Eu fiquei mais curiosa ainda pra conhecê o lugar, fiquei encantada. Um lugar que eu frequentei muito, agora vou pouco por tá morando aqui, distância e tal. Mas era todo final de semana praticamente. Montávamos as barracas. Chovia e a gente aproveitava do mesmo jeito, foi ali que tipo, primeiro baseado, tudo aconteceu ali, foi muito bom!⁴³⁹

Após sua curiosidade intensa em conhecer o lugar, o encontro com o Ruzza simbolizou seu encantamento com a natureza e com as amizades que se formavam de acampamento em acampamento. A memória, marcada por lembranças do “primeiro baseado”, demonstra o quanto o lugar era importante para aquelas gerações.

A voz feminina de Izamara, à medida que se emite se faz com ousadia, algo que procura contruir sua versão sobre aquela juventude daquele momento histórico. A ousadia, aliás, é uma característica da sua voz feminina assim como explica o fato da palavra “característica” ser feminina. O fato é que entre os entrevistados a única

438 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

439 Idem.

que assumiu ter usado maconha no passado é uma mulher.

Maconha, *rock n'roll*, filosofias, namoros e churrascos podem se articular na memória como elementos de um cenário vivido. A seletividade da memória emerge no momento que a lembrança do primeiro baseado que se privilegia perante as demais recordações. Nos causos de Izamara, o mais importante não era a maconha nem o rock n'roll, mas a lembrança dos proprietários do antigo Recanto do Ruzza:

Izamara de Bortoli: Foi um conhecimento fanstático! O mais bacana de tudo era chegá lá sentá com o velho Ruzza e a dona Luiza. Não tinha como não sentá na varanda, tomá um chimarrão ficá ouvindo as histórias. Havia muita história, até de fantasma, contava que quando tavam colhendo alguma coisa na lavoura eles viam certos vultos, quando iam pescá também, *viam figuras que não pareciam seres humanos*, imagina! As pessoas também viviam isoladas e no escuro porque não tinha energia também, era só lampião, vela, depois que foi a eletricidade pra lá...⁴⁴⁰.

Imagina! Imaginação, aliás, é o ponto de incidência que levava os malucos até a varanda. Sobretudo, o trecho em evidência relembra o uso de substâncias naturais para “abertura da percepção”, pois a “viagem” estava na troca de saberes com a família nativa do rio Chopim: “O tio Ruzza comentava que tinha umas luzes estranhas, uns seres que ele não sabia definí o que era: 'Eu vi um clarão em tal lugar'. A gente ficava ouvindo com o ouvido em pé. Era uma viagem, que tempo bom!”⁴⁴¹.

Seu Pedro não podia saber, mas muitos ali tomando chimarrão podiam estar chapados de maconha escutando seus causos. O “velho” católico, líder comunitário, conhecido por sua disciplina, era rígido no acampamento, mas não podia controlar tudo em sua terra.

Sobre a disciplina do acampamento, nem o historiador precisou interrogar. O filho de Zézinho, Donato Ruzza perguntou aos pais, puxando um causo ou de maneira a entrevistá-los junto do entrevistador oficial:

Donato Ruzza: E é verdade que eles [turistas] subiam nos pinheiro pra acendê vela em cima?

José Ruzza: Uma vez sabe que que aconteceu? O... Teve um deles, um que

440 Ibidem.

441 Ibid.

subiu num pinhero e fico lá em cima nos gaio do pinhero lá e daí teve um otro que pegô uma 12: pow! (risos). Não sabia que o otro tava lá em cima. Deu certo de dá embaxo do gaio, o otro desceu de lá que nem um trapo (risos). Daí pegaram ele levaram pra cidade, pensaram que tinham matado. Picaro tudo o gaio miudinho pra queima tudo no fogo porque o pai era enérgico com eles... Às veiz dava algum pitoco⁴⁴² porque faziam muita baderna...⁴⁴³

A questão é que o humor do causo está na quebra da história, uma coisa aconteceria, um tiro na árvore e, de repente, apareceu um maluco pendurado que acabou caindo. Se provavelmente ninguém estivesse sobre a árvore, o causo não seria tão engraçado. Ou pior, caso o rapaz sobre a árvore fosse alvejado a lembrança seria trágica. As armas também aparecem como elementos do fanstástico pelo fato de hoje não existir mais turistas armados nos recantos.

A lembrança dos visitantes trouxe à tona um causo onde os personagens são representados em terceira pessoa: “é verdade que eles subiam nos pinheiros”. Nesse caso, eles não são parte do nós, mas até onde vai a divisão entre visitantes e proprietários?

Os “pitocos” do seu Pedro ficaram conhecidos, essas chamadas de atenção eram seu exercícios no papel da disciplina no acampamento, como um pai sobre um filho na casa. O humor dessa história está no seu desfecho por ninguém ter saído ferido e também na lembrança, por ser algo passado, provavelmente quando descobriu Pedro Ruzza não reagiu com humor.

E, no fim da entrevista de Izamara, ela faz uma revelação: “Fui madrinha do casamento da Maria e do Zé”. Assim como o próprio Palito comentou: “Eu criei um vínculo com a família Ruzza, um vínculo muito grande”. Após enfatizar isso, ele complementou: “aliás, uma família totalmente receptiva e eles são de uma idoneidade, de uma pureza que tu não acha em qualquer lugar. Então dessa amizade criou-se padrinho de casamento, padrinho de filho, compadres”⁴⁴⁴.

Tal “idoneidade” e “pureza” que não se acha em “qualquer lugar” revela que as relações de amizade ultrapassam fronteiras contituídas por cercas e pela cobrança da entrada no recanto. O convite para ser padrinho de Donato, ser compadre da

442 Na linguagem própria de Navegantes, um “pitoco” seria uma chamada de atenção.

443 RUZZA, Donato; RUZZA, José. op. cit.

444 BORTOLI, Izamara de. op. cit. TAGLIARI, Mário José. op. cit.

família, incentiva a ideia de que os visitantes acabaram se tornando parte da família Ruzza. Muito além dos laços sanguíneos, os costumes de um grupo de malucos no Recanto do Ruzza se partilham seus valores e seus significados.

Mas muito além dos relatos dos malucos, outros “seres estranhos” foram vistos. Dessa vez, os acontecimentos na lavoura do velho Ruzza condizem com os relatos de Objetos Voadores Não-Identificados (OVNI's) de Nelson Keller. Tais relatos exigiram do pesquisador uma reentrevista com o antigo proprietário do Recanto do Faro que em mais uma detalhou o encontro com seres de outros planetas:

Nelson Keller: Já tinha acontecido umas quantas aparição, tava no rádio falando, fomo pescá, nós tava em quatro. De repente veio aquela bola de fogo na nossa frente. Nos pinhero, ela emitia luz azul, meia vermelha, meia amarela... Todo mundo se assustô, meu irmão correu pra dentro de casa, aquilo numa velocidade incrível. Daí ali onde ela posô, *as arvre que têm tá lá pra cê vê os tronco, morreu tuda, tá lá os tronco. Eu te mostro! O Laco aqui vizinho, achô bem perto do exo da barrage um queimadão assim. Uns 10 metro e um furo no chão, grosso assim (sinal de círculo com as mãos). Daí você vê e fica com medo, vai lá se metê cos loco? (risos) Que daí quando você vê uma coisa começa a acreditar*⁴⁴⁵.

Os relatos do “fantástico”, aparentemente nada a ver com o acontecimento das barragens, surgem em meio às entrevistas. Uma velocidade incrível, bolas de fogo, luzes azuis, vermelhas e amareladas, seres estranhos em meio a lavoura. E o objetivo é levar o entrevistador lá para ver, comprovando o que está sendo contado. Na realidade, comparativamente falando, os discos voadores e os alienígenas descritos com riqueza de detalhes tornam-se mais reais nas entrevistas do que as próprias Usinas Hidrelétricas São João e Cachoeirinha.

A memória do fantástico surge e as barragens desaparecem por mais de meia hora das entrevistas. Um assunto puxa o outro e depois de tantos causos, as barragens não aparecem mais diretamente no discurso dos visitantes, mas será que essas desaparecem? Nas histórias de vida de cada participante, os sentimentos compactuam das suas concepções de tempo, seja no orgulho por sua participação da história, o medo do pai que contrasta sua coragem e sua visão de legado: “pode ser que mais tarde um filho meu, um neto usufrua”⁴⁴⁶.

445 KELLER, Nelson. op. cit.

446 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

O legado é como uma herança cultural e, nesse caso, ocupa espaço nos acampamentos do Ruzza, pois além de malucos eles constituíram famílias a partir desses momentos. Ainda assim, uma reivindicação finaliza seu discurso:

Izamara de Bortoli: Ensinei minha filha a nadar lá no Ruzza. (...) Minha filha com dois meses foi acampar lá, uma semana antes de ter a Camila eu fui até a parte de cima da cachoeira, perto do Carletto, pelas pedras a gente subiu lá. (...) Foi um aprendizado bacana que depois passei pra minha filha e meu neto que já é um chapado desde cedo. Então, que essa cultura permaneça⁴⁴⁷.

A permanência da cultura de ir para o mato é relevante para Izamara. Diretamente falando, a memória do lugar empondera Izamara para que a cultura que ela reivindica permaneça, inclusive no neto “chapado desde cedo”. Indiretamente, sua colocação enfrenta as barragens que ameaça a sua cultura. O trecho permanece na memória escrita e une os familiares apesar de separados, como se a filha e o neto estivessem próximos apesar de morarem distantes.

Nos recantos do Ruzza e do Carletto se constituíram e se constituem práticas culturais que iam e vão além do cotidiano de trabalho. A quebra do cotidiano, a busca do lazer revertido na fuga para esses lugares era naturalizado e coloca a própria natureza como um cenário de desdobramento da cidade, uma cidade que estranhava a prática desses malucos, uma cidade onde eles pareciam não ter espaço. Por isso, as lembranças daquelas gerações conquistam tempo e espaço no Vale do Chopim, as memórias daquelas gerações se sentem pertencentes ao lugar, assim como o lugar pertence a eles por meio das suas lembranças.

Em 1985, o Recanto do Ruzza conheceu Alceu Valença⁴⁴⁸, um dos idealizadores junto de Palito do festival Estação da Luz de 1994. O encontro do músico com o lugar foi durante os dez dias que ele ficou em Pato Branco e no Chopim. Tancredo Neves⁴⁴⁹ havia morrido, o presidente é menos lembrado por Palito do que a sua relação com o cantor popular:

447 Idem.

448 Alceu Paiva Valença é um cantor e compositor brasileiro conhecido por suas músicas *Anunciação*, *Tropicana* e a própria *Estação da Luz*.

449 Tancredo Neves, primeiro presidente eleito após a ditadura faleceu 21 de abril de 1985. Ele foi eleito no congresso fechado por voto indireto.

Palito: Existiu uma parada até 1994 quando eu fiz o Estação da Luz. Daí eu me afastei de tudo. Até ali eu trazia três quatro shows por ano, 1994 foi o divisor de águas, que ali abalô a gente(...). Tivemos um monte de problemas com amigos principalmente... Quando ele fez essa música ele ficô uns 10 dias aqui em Pato Branco, em 1985, quando morreu o Tancredo, ele suspendeu todos os shows. Ele fez o show aqui domingo e ele suspendeu a turnê. Ele fico aqui dez dia, fomos umas duas, três vezes lá pro Ruzza. Lá era muito bom, ár, água, árvores, hoje eu não sei comé que tá⁴⁵⁰.

As eventuais reticências indicam a pausa do relato motivada pela lembrança de acontecimentos não tão agradáveis que envolviam a organização do festival. A omissão de acusar alguém demonstra que apesar de estar resolvido com o presente, Palito sente o passado presente. A sua voz transcende o relato para a sua relação de pertencimento com o lugar, sobretudo, nos elementos da paisagem e na aproximação dos Ruzza com sua turma, muita nostalgia e muita saudade rola por sua narrativa.

A troca na sua narrativa entre o vai e volta do passado ao presente, ao futuro é a troca cultural do conhecimento empírico, da vivência do lugar e dos saberes adquiridos. Entre as gerações de 1970 e 1980, um tempo e uma época constituem visões de mundo onde o pertencimento do lugar e as histórias de vida parecem inseparáveis e fluem na cachoeira do Ruzza. Contudo ainda, com a formação de novas famílias de malucos, o itinerário dos recantos e o lazer constituído como prática do Vale do Chopim não se finda entre essas gerações.



Figura 17: Acampamento no Ruzza, geração de 1980, ao fundo as estruturas da antiga barragem (Acervo Izamara de Bortoli)

450 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

III.II. “Com um pé no mato e outro na cidade”: As gerações atuais, o festival Êxodus e o Sincronário da Paz.

“you know where you goin’,
you know where you from,
you livin’ in Babylon,
you are goin’ to the father’s land.
Exodus, movement of Jáh people”⁴⁵¹
(trecho de Exodus de Bob Marley)

A caminhada até a terra prometida aparece no trecho da canção como um chamado. Por meio dos pais, herdando a cultura de “ir para o mato”, as gerações atuais que ouviram esse chamado, escutaram essa canção à beira do rio, o que simbolizou muito na ideologia de um festival no Recanto do Ruzza. O objetivo dessa parte do trabalho é analisar como as gerações atuais se incorporam aos locais de lazer do Vale do Chopim.

Os batuques na madrugada, a grimpá acende o fogo, o barulho da lenha estralando, grilos e sapos participam da sinfonia de um *reggae roots*. Na voz e violão, Celso Ferraz Bet, 28 anos, biólogo e agrônomo. Conhecido como cultivador de cogumelos shiitake e por realizar uma pesquisa com fungos no mesmo lugar onde toca seu violão. A ilha do Carletto foi considerada por ele como um “santuário ecológico” pela variedade de espécies não somente do reino fungi, como também das aves, plantas e outras espécies.

Celsinho, assim conhecido por todos em Pato Branco, também foi o principal organizador das três edições do festival *Êxodus*, com o lema “*Movement of Jáh People*”:

Celso Ferraz Bet: o Êxodus foi um marco pois tinha ideologia de trazê o pessoal pro campo, pra passá o fim de semana, pra tá interagindo, valorizando o espaço da natureza, juntamos o *rock n’roll* com a música eletrônica. Tinha bebida alcóolica até em excesso (risos), na inocência, a juventude, a gente jovem, empolgado. Mas não aconteceu nada de mal, um pouco da mensagem foi passada⁴⁵².

451 “Você sabe onde você está indo/você sabe daonde você é/você vive na Babilônia/você está indo para a terra do pai/Êxodo, movimento do povo de Jáh (Deus)”. MARLEY, Robert Iniesta. **Exodus**. Sony, 1984, faixa 11.

452 BET, Celso Ferraz; SANTOS, Marcelo dos. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. Honório Serpa-PR. 09/11/2015. Áudio Digital. 147min.**

Para Celsinho, a ideologia do festival estava muito além do cartaz de uma festa, pois era a essência além da aparência, incorporada na batida do *reggae*, da distorção do *rock n'roll psicodélico*, como nos *bpm's*⁴⁵³ que varavam a noite tendo como pano de fundo a paisagem do Vale do Chopim. A música não parava e a narrativa não tem pausa. A primeira edição do festival aconteceu em 2010 e se concebeu como uma herança vinda das gerações anteriores, do pessoal das antigas:

Celsinho: A gente fez o evento no Ruzza, porque lá antigamente rolava os *rock n'roll* do pessoal das antiga mesmo. A música eletrônica tava iniciando (...) O objetivo era o pessoal ir pra beira do rio, isso eu também achava importante, porque se o pessoal da cidade fica só na cidade também não tem um conhecimento do que tá acontecendo no campo, daí o pessoal ir pro campo favorece que o lugar se mantenha. (...) Daí eu sempre com aquele um pé lá na cidade, outro na beira do rio⁴⁵⁴.

A música associada a ida ao mato segundo Celsinho favorece a existência do lugar, contudo, na sua fala existe todo um sentido para tudo isso que vai além do turismo. A fala às vezes corrida, às vezes calma do entrevistado quanto às condições de sobrevivência no campo incorpora a preocupação com o planeta.

A lembrança do tempo dos festivais em sua memória recente possui sentido na sincronia com a *frequência natural*. Outro festival que incorporou a ideia de um outro tempo foi o *Tempo é Arte*, inspirado no *Movimento Mundial de Paz e Mudança ao Sincronário das 13 Luas*, ou simplesmente, o *Sincronário da Paz* que aconteceu em Coronel Vivida-PR:

Esclarecimento

O Movimento Mundial de Paz e de Mudança para o Calendário de 13 Luas de 28 Dias é um movimento que trabalha pela paz mundial e para isso tem uma estratégia clara, que não deve ser confundida. Essa estratégia consiste em substituir o calendário gregoriano [de 12 meses], pelo calendário de 13 luas. (...)

(...)

Ativamos eventos que promovem a expansão da consciência humana e da conexão que todos temos com a biosfera. Ensinamos a Ciência do Tempo, através do Calendário de 13 Luas - o Calendário da Paz - como uma forma de entender a confusão e disparidades do nosso estilo de vida moderno.

453 Bpm na música eletrônica é a sigla de batidas por minuto.

454 Idem.

Nossos Objetivos:

- Reeducar para uma conduta de paz entre as pessoas e para com o meio ambiente;
- Divulgar o Sincronário natural e ecológico de 13 Luas e o conhecimento da Lei do Tempo: T(E)= Arte;
- Promover o resgate da arte de viver no planeta Terra;
- Promover o dia Mundial da Cultura e da Paz (25 de julho de todos os anos);
- Estabelecer e fortalecer grupos bioregionais de regeneração da Biosfera⁴⁵⁵.

O *Sincronário da Paz* baseado na Lei do Tempo, reconhece a existência de 13 luas ao invés de 12, cada uma contendo 28 dias mais o dia fora do tempo que é 25 de julho, marcado como um dia de comemoração da paz mundial e da convivência dos povos. Sobretudo, a convicção dessa transição se baseia no tempo, ou melhor, em uma concepção do tempo. Sobre o festival, o próprio Celso esclarece que a ideia partiu de uma outra paisagem, o morro do Divisor:

Celsinho: A gente foi pro morro Divisor em 2012 no dia fora do tempo (25 de julho de 2012), fomos fazer as leituras do Sincronário (...). Ali foi plantada uma semente do Tempo é Arte! Daí em 2013 aconteceu de vez o evento com DJ de fora, cobrança de ingresso associado com a música eletrônica. Daí em 2014 começou a ter um equilíbrio, mas a música eletrônica sempre disparando na frente. Algumas pessoas não tanto estudando. Esse último teve mais cultura, espiritualidade, mas assim, *a música eletrônica tá disparada na frente daí acontece o desequilíbrio, por conta do consumo de álcool*, daí não tá de acordo com a frequência natural. Mas vamos ver pra frente, ter mais cultura, porque onde há cultura há paz, e onde há paz há cultura, como diz o Sincronário, tem que ter o equilíbrio, tem o dia, tem a noite, tem o sol, tem a lua⁴⁵⁶.

A narrativa de Celsinho oportuniza um balanço dos últimos festivais. Com a música eletrônica “disparando na frente” e cada vez mais as pessoas se voltando para o estudo da *Lei do Tempo*. O consumo de álcool, apesar de não aparecer na fala do organizador como algo condenável, é interpretado como algo que proporciona “desequilíbrio” com a frequência natural. O lema da bandeira da paz, “onde há cultura há paz, e onde há paz há cultura”, se complementa na entrevista como um encaminhamento prático da ideologia do festival:

455 Disponível em: <http://www.sincronariodapaz.org> . Acesso em 26 nov. 2015.

456 BET, Celso... op. cit.

Celsinho: Algumas pessoas não sabem dividir o som com outra cultura. Assim: *Ligô o som tem que esguelá*, tem que tocá até o outro dia sem pará. Róba o espaço dos vizinho, das pessoas que vivem lá. Tem que se liberta da babilônia de vez, desliga da tomada. Se tivesse som alto aqui não dava pra nós conversá, tinha que se distancia. Precisamo fortalecê os laço, fortalecê as amizade, daí todo mundo ganha, o conhecimento aflora porque a troca de saberes é importante!⁴⁵⁷

A crítica ou a autocrítica se refere ao som alto. Atitudes como essas para Celsinho, são atitudes de “apego” das pessoas com a “babilônia” simbolizada na altitude do som. Em contrapartida, após uma segunda edição no Carletto, a proposta de troca de saberes se apresenta como forma de organização da 3ª. Edição do Êxodus que aconteceu mais uma vez no Ruzza, para ele, um “lugar sagrado”:

Celsinho: Nesse último a gente conseguiu trabalhar a questão da agroecologia, fizemos composteira no evento. A questão da família que tem que ser valorizada e hoje em dia as pessoas não valorizam as pessoas que tão no campo, passam por cima muitas vezes. Preferem pagá o DJ do que pagá a família que tá cedendo o espaço, isso é uma discrepância⁴⁵⁸.

A discrepância, da qual Celsinho se refere destoa com a 3ª. edição do festival Êxodus que visava atingir os objetivos do Sincronário da Paz, no sentido de estar em sintonia com a *frequência natural*. Dessa maneira, o Ruzza como lugar da memória é para ele lugar do conhecimento e da troca de saberes. O cenário em que acredita seguir o ritmo do tempo natural que atualmente está ameaçado:

Celsinho: Na época da faculdade fiquei sabendo das possíveis construções das usinas e todo esse processo, só que eu não tinha o pensamento das pessoas. Eu pensava na natureza, não no próximo. Daí nessa busca, vi a possibilidade de pesquisar na Biologia pra ver se na beira do rio tinha algumas espécies de fungos. Consegui identificá várias espécies que não haviam sido encontradas no Paraná. Espécies endêmicas encontradas só no Chopim, tô falando só do reino fungi. Imagina as plantas, aves, animais que proporcionam o equilíbrio do ecossistema⁴⁵⁹.

Celso assume que sua pesquisa tinha um foco ambiental não social, algo que com o andamento da pesquisa ele contornou de maneira a realizar a discussão com a importância dos cogumelos para o ecossistema do Vale do Chopim. A identificação

457 Idem.

458 Ibidem.

459 Ibid.

de espécies fungi, não-feita na elaboração dos Estudos de Impacto Ambiental, registrou uma infinidade de espécies, sendo entre elas *Fomes fasciatus*, *Ganoderma perzonatum*, *Nigroporus vinosus*, *Phellinus rhytiphloeus*, *Polyporus philippinensis* e *Trametes cingulata*, espécies encontradas pela primeira vez no Paraná. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Celso Ferraz Bet, de organizador de eventos e visitante dos recantos passou a especialista da variedade fungi e sua importância para o meio ambiente:

A grande variedade de interações entre fungos e outros seres vivos, bem como com os componentes abióticos, fazem dos fungos um grupo de organismos chave na regulação dos processos dos ecossistemas. Os fungos são importantes na condução e controle mineral e ciclagem de energia dentro dos ecossistemas e influenciam diretamente na composição de outros organismos dentro dos ecossistemas. Um pré-requisito essencial para a análise da estrutura e do funcionamento de um ecossistema é a informação sobre diversidade, bem como da biomassa e produtividade, dos organismos que regem os processos básicos nele existentes [sem grifos no original]⁴⁶⁰.

Ambas as fontes, entrevista e TCC, mesmo que originadas na mesma pessoa, vem de lugares diferentes mas partem para a mesma finalidade, a contribuição com a vida, seja essa ambiental ou, indiretamente falando, a própria vida social. Ambas as vidas são uma vida somente interligadas nas entrelinhas da estética do seu discurso.

De uma conversa gravada para a escrita formal, de entrevistado a estudioso de fungos, Celsinho demonstra a fragilidade dos Estudos de Impacto Ambiental em não considerar os fungos. No caso específico do Vale do Chopim, os EIA's desconsideram uma série de espécies endêmicas para sua biodiversidade e que estão ameaçadas pela construção das UHE's São João e Cachoeirinha.

Por fim, Celsinho faz uma revelação interessante sobre os objetivos ocultos de sua pesquisa ao falar do alagamento do Vale do Chopim que afeta o equilíbrio do lugar:

460 BET, C. F. **Levantamento preliminar de fungos poliporóides (Polyporales e Hymenochaetales) Decompositores de Madeira em uma área de floresta ombrófila mista na região sudoeste do Paraná.** Trabalho de Conclusão de Curso (Biologia). Pato Branco: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 11.

Celsinho: Imagina o potencial natural que tem esse lugar. O equilíbrio que vai ser afetado por esse alagamento. Eu queria contribuir um pouco com essa pesquisa com algum argumento pras usina não serem construídas. No meu entendimento não existia a necessidade da usina ser construída aqui por ter outras energias renováveis, solar, eólica e pela economia da energia das pessoas. Daí comecei a percebê o atentado não só contra a natureza mas contra as próprias pessoas que moram ali⁴⁶¹.

A sensibilidade por trás do papel impresso e encadernado numa xerocadora e entregue a uma banca se revela. Muitas vezes, algo que não poderia ser tratado no TCC pela frieza do estilo acadêmico que se constrói do outro lado de um abismo perante a sociedade mas que se expõe na batalha contra as hidrelétricas. O conhecimento se apresenta como uma bandeira de luta, uma possibilidade, uma utopia do entrevistado que sonha reverter São João e Cachoeirinha como fato consumado.

O posicionamento de Celsinho deixa paira como na atmosfera do lugar. Aliás, o



Figura 18: Arte do Festival Êxodus por Rodrigo Mello Campos

461 BET, Celso Ferraz. op. cit.

Vale do Chopim se transforma na sua narrativa, passa de um local de lazer para um local de trabalhos e estudos científicos. Quando aponta o avanço das hidrelétricas como um atentado, seu direcionamento não se restringe ao meio natural, mas também ao presente das comunidades atingidas por tais empreendimentos e pelos visitantes. As barracas armadas, a cantoria da viola em volta da fogueira, o palco montado e o encontro dos rios se enaltecem no cartaz do festival como elementos um convite especial a interagir com o lugar (figura 17).

Convidados selecionados para todas as edições, o objetivo era que ninguém ficasse “podre de loco” e destruísse o festival. O 3º. Êxodus foi marcado por uma seleção ainda mais especial, os participantes fariam uma vivência. Celsinho não especificou no trecho anterior, mas a “valorização da família” se deveu ao fato dessa edição se propor solidária⁴⁶².

Zézinho necessita uma cirurgia na perna, por isso, todo dinheiro arrecadado com a entrada e com a venda de bebidas foi revertido para a família. A organização do festival não proibiu o consumo de “gole”, de bebidas alcoólicas, mas também não se envolveu na comercialização. O argumento era quanto ao lixo que seria produzido e quanto a perturbação da frequência natural. Mas a família “lavou a baia” de vender cervejas e uma pinga artesanal produzida por um vizinho. Dona Maria ficou conhecida pelo seu queijo feito das vacas que pastam no recanto. A piazada se divertiu quando o burro orneou⁴⁶³.

Além da solidariedade, o evento teve como foco a agroecologia, o desenvolvimento sustentável da agricultura. Durante o evento, todos os resíduos orgânicos da cozinha foram despejados em uma composteira e misturados ao capim e aos estercos dos animais do recanto. O manejo da composteira constituiu uma oficina de troca de saberes entre os visitantes do lugar e a família Ruzza.

O trabalho, a pesquisa, o lazer de Celsinho e das gerações atuais, assumidos no discurso como “seus” são simbolizados pela bandeira da paz hasteada no Ruzza durante o festival. A troca de saberes entre Celsinho e os Ruzza se estabelece como elemento de equilíbrio da convivência dos povos. A imaginação é da bandeira da paz tremulando no ritmo da frequência natural. Mas a percepção se amplia para o

462 Idem.

463 Ibidem.

embate direto com o que segundo ele atinge o compartilhamento das culturas, ou seja, as UHE's São João e Cachoeirinha.

O conflito de interesses se expande dos moradores para os visitantes contra um inimigo em comum, as barragens que serão construídas. Sim, pois os Ruzza não serão indenizados, mas refletem que sentirão os impactos das barragens⁴⁶⁴. A fala de Celsinho se apresenta como a própria matéria orgânica da composteira, algo que se associa e onde ambos, atingido e visitante convergem em um objetivo comum. O embate em sua fala, a luta para que as barragens não sejam construídas as apresenta como um episódio de intriga, mas não sem sentido pois o visitante também se sente atingido. Ele que mora na babilônia e por trabalhar no campo sente a frequência natural e a sua perturbação na cidade. Por ironia, alguns amigos com quem ele possui um projeto de criação de hortas urbanas o apelidaram de “Aborígene de Prédio”.

Celsinho em sua contradição ilusória demonstra que a versão real está na construção das barragens, faz isso com o argumento da necessidade de outras fontes de energia renováveis. As gerações vivem o lugar na sua fala, o complexo hidrelétrico é um projeto de ameaça aos moradores mas, sobretudo, a sua família.

Assim como para o filho de um morador antigo da comunidade, Celsinho se sente herdeiro do lugar. Apesar de morar na cidade, seu pertencimento com o lugar vem do pai, o falecido Celso Bet, conhecido Xuá:

Celsinho: Na verdade, também sempre vim da cidade, nasci e cresci na cidade. Um certo ponto, era adolescente eu já ia com meus pais ir pro rio Chopim. Era um hábito dos meus pais de ir pro rio em busca do lazer, um tinha carro, Kombi, iam dando carona, faziam churrasco, caçada. Começou a criá espaços pra recantos. Uma das propriedades que se destacô foi o Ruzza, começou a receber esse pessoal do carnaval. *Desciam pro rio porque tinham um pouco mais de liberdade*. Na minha época que eu organizei acampamentos o pessoal se separô. Daí eu comecei a ir com meu pai, pescá, fazê um assado e voltava pra cidade. Meu vô também que incentivô!⁴⁶⁵

A cultura de “descer pro rio” e “ir para o mato” em busca de uma “liberdade a

464 José e Maria Ruzza falam muito sobre o assoreamento do rio pois sentem as mudanças do tempo no Vale do Chopim. RUZZA, José Donato; RUZZA, Maria Albrecht. op. cit.

465 BET, Celso Ferraz. op. cit.

mais” motivada pelo desdobramento, nesse caso se apresenta como uma herança deixada de pai para filho. A visão de natureza de Celsinho transcende a morte do pai ao dialogar com a visão das gerações anteriores e com elementos novos como outros estilos de música, artesanato e o trabalho na terra. A sua jornada em buscar na natureza uma cultura alternativa que não tem espaço na cidade relativiza a existência de fronteiras entre gerações e entre proprietários dos recantos. Seu posicionamento coloca o compartilhamento do lugar como mais um argumento contra a construção das UHE's São João e Cachoeirinha.

O trabalho do Êxodus, apesar de concentrar na imagem pessoal de Celsinho, transcende o seu ego, pois ele reconhece o trabalho coletivo com seus amigos para a organização de cada edição do festival. A roda de capoeira foi organizada por Jackson Caxias, Paulo Proêncio e Lucas Pasquali, o *Sequência* e possibilita a ideia de unidade no formato circular onde todos somos um (figura 18). Apesar de não se organizar com o MAB, Celsinho possui um amigo que organizou festivais com ele e é membro do movimento social. Ambos foram entrevistados na comunidade vizinha da Barra do Gigante.



Figura 19: Roda de capoeira no festival Êxodus

III.III - “O remo foi dado na minha mão”: No vale do Gigante, a luta continua!

“Aí eu soube que o Movimento tinha um representante, o Carlos André Reis, em Honório Serpa. Daí ele que me falou mesmo que se saísse a barragem, se eu tiver apoiado e se a gente lutá em grupo... Porque principalmente na água se a gente remando, a gente tem que remar junto, em união. Então o remo foi dado na minha mão. Virei militante porque líder a gente não tem mesmo, eu represento eles. Chamei ele para conversá com o pessoal. Quando cheguei fiquei seis meses pra entrar sem contato, sem nada, até porque eu quis um desligamento e não dava bola pra isso mesmo. Precisei senti o que era aqui e vê que a gente luta também é pela cidade. Porque quem vai pagá o maior preço é a cidade”. (Marcelo do MAB, 33 anos)⁴⁶⁶.

Por detrás dos grandes morros, passando pela Volta do Gigante, União do Gigante, chegamos à Barra do Gigante, logo abaixo da estrada se observa a imponência do rio Gigante que encontra o rio Chopim. Gigante segundo o entrevistado teria esse nome por aumentar muito rápido com a maré da noite. Ao fim da tarde é possível ver o desenvolvimento da pororoca antes de uma cachoeira.

Todas as comunidades citadas e tantas outras serão atingidas por mais uma hidrelétrica vizinha a Navegantes, outra barragem sem data marcada, mas que já atinge o imaginário dos trabalhadores rurais que ali vivem. Essa parte do trabalho tem por intenção analisar a luta contra o avanço das barragens na comunidade Barra do Gigante e como os membros da comunidade participam do movimento dos festivais de música eletrônica.

Marcelo dos Santos, o Marcelo do MAB, nos recebeu junto a Celsinho com a finalidade de contar sobre os festivais que ajudou a organizar. Além dessa finalidade, o entrevistado denunciou o avanço das barragens sobre sua comunidade em tom de indignação:

Marcelo do MAB: Tudo começou com boatos. Cada tempo eles soltam boatos pra acelerá o povo, pra irem embora. Porque a maioria é tudo de idade. Os corretores vieram de vários lugares querendo comprá as terra a troco de banana. Comprá gado. Eles te dizem que você não vai ganhá nada e pagam metade do que a terra vale (...). Os corretores participavam das comunidades, iam até na missa (...). Fui na prefeitura, tanto prefeito e como outros nomes disseram que eu aqui já tava tudo embaixo d'água. Gigante não existia mais e eu disse: como isso, né? Eu tô lá, falaram assim, na lata! Falaram, falaram que era melhor ir pra cidade, falaram: “sai, você é jovem,

466 SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

*faze o quê? Profissão tem tudo aí na cidade, abandone o sítio*⁴⁶⁷.

A participação de especuladores imobiliários ligados às empreiteiras hidrelétricas em missas e na paróquia para Marcelo se convertia na estratégia para “acelerar” o povo. Na realidade, a voz corrobora com a de outros atingidos de Navegantes nesse aspecto, os boatos aceleram o tempo. Um vizinho fofoqueiro também perderia no pacto entre o estado e a iniciativa privada contra a permanência no campo. Quem ganha, segundo o militante, são os políticos. O avanço da cooptação das autoridades chega ao ponto deles se referirem a Barra do Gigante como se ela não existisse mais e estivesse debaixo d'água. Sua concepção incorpora as promessas como se essas patrocinassem os sonhos dos políticos, como se os gabinetes fossem privatizados e como se a ideologia fosse consumida no mercado das legendas de partido.

A política de Marcelo foge dos gabinetes e se reflete na permanência no campo. O militante do MAB atua em sua fala como alguém que reivindica o seu lugar e a luta para poder produzir alimentos agroecológicos de maneira independente. Nessa perspectiva, assim como o combate contra o avanço das hidrelétricas, a agroecologia se coloca como mais uma bandeira de luta:

Marcelo do MAB: A agroecologia é um aprendizado que vem dos outros, *se a gente tivesse tempo a gente ia ver o feijãozinho do seu João, a pipoca do seu Fontana, o quiabo da dona Florinda*. É sementes eu trouxe da minha sacola da vida, a sacola das sementes, a semente é vida! Todo dia escuto a gralha gritar, ela vem me avisar, todo dia planto uma semente seguindo a lua, seguindo a sincronidade do tempo porque nós mesmos viemos de uma semente... Semente crioula! Porque a semente adulterada e transgênica não tem o mesmo princípio ativo. A couve posso fazer chá, refogada, cozida, mas uma com adubação química não tem o mesmo princípio ativo, perde no mínimo 30% fora o que vem junto, as substâncias, as doenças, uma praguinha⁴⁶⁸.

O pertencimento tem seu território e seu fruto. Pipoca, quiabo, feijão passam de alimentos a símbolos de uma luta pela permanência na terra. A luta pela vida em sincronia com a frequência natural se alinha com o calendário biodinâmico seguindo a lua e as sementes agroecológicas. O brado de resistência da semente crioula no

467 Idem.

468 Ibidem.

Vale do Gigante em meio ao avanço dos transgênicos se faz pelo princípio da saúde e na defesa da natureza.

A atuação desse militante com os movimentos sociais demonstra que a luta contra as barragens, além de se constituir como uma luta pela terra, faz incindir a luta pela transformação da sociedade. A experiência se possibilita pelo compartilhamento de seus saberes com o Movimento dos Atingidos por Barragens e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra:

Marcelo do MAB: Comecei a curtir me mobilizar quando vim pra cá, porque daí percebi que posso ter tudo e posso não ter nada. A primeira marcha foi com o MST, que me deu um choque (2011). Me deu vontade de lutar pelo estudo, pela água, pelo meio ambiente. Comecei a me perguntar: “por que tô pensando no próximo?”. O ser humano não é imortal! Por isso tem que ter um sentido. (...) Tem criança que tá na escola. Só ouviram falar de agrotóxico com o sistema Agrinho, que tem que usar veneno pra tudo. Fizemos uma mobilização em Cascavel, na frente do Núcleo de Educação queimamos muitos exemplares desse Agrinho. Isso porque foi de lá que saiu esse material que favorece as empresas de agrotóxico⁴⁶⁹.

No íntimo de uma marcha, a mística dos movimentos sociais se apresenta como uma apresentação artística que incorpora uma história, normalmente com uma música de fundo, como é o Canto dos rios de Jelson Oliveira: “ó rio Chopim eu vim para gritar, gritar, gritar, que eu quero a terra livre, toda água desaguar”⁴⁷⁰. Toda atividade dentro de uma marcha cria os sentimentos de identidade para quem assiste e incorpora a mística.

O Agrinho é um programa de ensino adotado pelo governo do Estado do Paraná e patrocinado por empresas representantes do agronegócio como a DawAgroSciences, a Du Pont, entre outras que objetivam difundir o uso dos agrotóxicos. Segundo o Boletim da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo:

O Programa Agrinho é travestido de um programa de educação ambiental e ensina as crianças do campo a usarem os pesticidas. Isto acontece dentro de uma farsa: aparentemente as crianças estão participando de um programa de educação ambiental no qual se aborda a questão da saúde, meio ambiente e até cidadania. Na verdade, elas são educadas para

469 Ibid.

470 OLIVEIRA, Jelson. **Canto dos rios**. Disco: Energia em movimento. Studio do Oda, faixa 08.

consumirem e aplicar os agrotóxicos na agricultura⁴⁷¹.

Em abril de 2014, o Ministério Público do Paraná elaborou um parecer contrário a utilização desse “material pedagógico” nas escolas do campo no estado. Ao invés de um ato de vandalismo, a mobilização onde os exemplares do Agrinho foram queimados foi interpretada como o cumprimento da medida legal por parte dos militantes. Para Marcelo, a atuação dos movimentos sociais seria uma política real realizada na rua. A mística por trás da marcha é o próprio Movimento, a energia incorporada pelo militante como seu sangue, sua força perante as grandes corporações agrícolas que ele quer queimadas como os materiais em chamas, a resistência do corpo na mística perante a resistência da companhia Gerdau que ganha dinheiro a cada quilowatt.

Apesar de contar que ficou meses sem querer ter contato com os vizinhos (epígrafe III.III), a perspectiva de lutar pelo seu lugar. O estudo do meio ambiente proporcionou o “choque” em sua vida, o sentido da luta que continua e tem tanto as barragens como os agrotóxicos como inimigos. Sua denúncia a cartilha Agrinho utilizada nas escolas rurais para incentivar o uso dos agrotóxicos desde a infância se respalda na defesa de uma educação independente dos interesses privados do agronegócio.

A luta pela preservação da natureza simbolizada na agroecologia também se fundamenta como uma busca da frequência natural, chamada por ele de “sincronicidade com o tempo cósmico”. Além do MAB, Marcelo também segue o *Sincronário da Paz*:

Marcelo do MAB: Primeira vez que ouvi fala do tal Sincronário da Paz foi uma coisa de loco. O Daniel Novacoscki, um DJ, esse cara conheci ele por outros amigos. Mas pela fala dos outros a gente nunca ouve coisa boa, pensei: “esse cara é loco”, daí convidei ele pro Gigante, fazer uma festinha, daí ele veio tocá, chamô todo mundo e disse: “eu vô tocá hoje, mas se caso saí da sincronia, eu pego minhas coisa e vô embora” (risos). E eu: “que que é essa sincronia que ele qué?” (...) *Foi a primera vez que vi o cara loco (risos). Daí que ele falô: “vô tocá só mais essa”, um outro gritô: “-Um cara caiu dentro do rio!” outro gritô: “-os boi tão pulando a cerca”. Foi coisa de loco, começô a dá o caos, um com a moto dentro do rio, era cedo, todo mundo lúcido. O tempo enfeiô, não era tarde ainda, nem 22:00 horas, começô as boiada gritá, som tal, diz que tinha um “zzz” fora do normal. Daí*

471 Boletim da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo. Número 1. Julho de 2015.

vi que o cara tinha mesmo caído no rio e quando voltei só vi o Daniel com as duas parte da controladora na mão porque ele quebrô a controladora na árvore. Ele viu que não ia mais dá certo então ele quebrô pra não tocá mais. Meu padastro tava nessa festa, deitado de madrugada no pasto. Ninguém bebeu muito, mas parece que o pessoal tava tudo meio desnorteado. Daí ele me explico desse Sincronário⁴⁷².

O “cara loco”, o pessoal desnorteado, um caindo dentro do rio, os bois pulando a cerca, o caos gerado pela ausência de sincronicidade serviu de aprendizado para entender o que era a sincronicidade que tanto o amigo falava. A sincronia com o tempo cósmico se apresenta como um alinhamento do tempo humano em convergência com o tempo natural em sua fala.

A experiência Celsinho e Marcelo no aprendizado de organização de festivais com música eletrônica os levou a conquistar um amadurecimento a cada evento. As memórias do lazer interagem com as memórias de resistência do campo na sua procedência, no seu pertencimento e no seu sentido. E, nesse sentido, Marcelo relembra que precisou “sentir o lugar”, se desligar da cidade e lutar pelo campo e pela cidade. Comparando os tempos, o passado na cidade e o hoje no campo, a sincronicidade se apresenta no discurso como resposta para a sua transformação:

Marcelo do MAB: Naquela época eu não via como hoje. Só queria ganhá dinheiro e corrê. Nada tava em sincronia. Mas hoje não vejo mais assim. Tudo tá em sincronia e eu vejo isso na natureza. Você sente isso nas pessoa, tipo um scanner, sentir as pessoa, energia. Eu acredito nessa tal energia, daí que vim sentir que as pessoas tavam vindo, uma visita, alguém precisa dum abraço, duma conversa. Essa tal sincronia não é uma religião, mas é a busca de um vínculo com a natureza. O que pra muitos passa despercebido, pois a gente fica só em volta do relógio, calendário gregoriano, pagamento de impostos, etc⁴⁷³.

O apontamento do calendário gregoriano como regulador do pagamento de impostos apresenta o Sincronário como solução para compreender e viver a frequência natural. Nesses caminhos, de festival em festival, Celsinho e Marcelo traçam a sincronicidade como uma estratégia a ser seguida, principalmente no respeito com os lugares da natureza, ou seja, os recantos.

Ambos participaram do movimento Farm que junto deles idealizou as duas

472 SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

473 Idem.

primeiras edições do *Êxodus* e todas as três edições do *Tempo é Arte!* O movimento ficou conhecido nacionalmente por colocar as cidades sedes dos seus festivais no calendário nacional e internacional da música eletrônica. Apesar da organização coletiva, Celsinho recuou até o Ruzza e avaliou sua experiência com a chamada equipe dos Aborígenes. A equipe avançou no conhecimento da agroecologia e fundou o Instituto Aborígene, criando hortas e inspirados no contato com a natureza por meio dos recantos.

III.IV. A pedagogia da luta: Um manual de sobrevivência para acampamentos no Vale do Chopim?

“Prezado usuário, quem escreve é o proprietário. O que deve fazer no recanto, cortar lenha somente no piso para quebrar o mesmo, se faltar lenha queimar as cadeiras e os outros instrumentos. Se caso achar lenha e for comprida e não couber na churrasqueira, quebre o lado da mesma. Se beber brigue com todos inclusive contigo mesmo, ao sair deixe tudo sujo e jogado, conforme a tua personalidade e por último não pague o proprietário. Abraço” (Aviso colocado no Recanto do Faro, de propriedade de Nelson Keller)

“Hoje eu tenho ido muito pouco no Ruzza porque ali meio que degradaram o lugar ali. Os cara vão levar o lixo deles, sujam. Eu fiz dois três mutirões. Uma época lá eu tirei um caminhão de lixo de dentro do rio lá e hoje eu não sei comê que tá porque hoje dá muita tristeza. Nós fazíamos os acampamentos nós só não recolhíamos a cinza da fogueira. O resto nós fazíamos. A pessoa devia ter consciência” (Palito)⁴⁷⁴.

“Um amigo aqui da outra comunidade me contou que há 50 anos atrás ele conheceu dona Luísa. Ele pegava o trajeto pelo rio à cavalo até Abelardo Luz. Simplesmente pra ele chegar lá, encostava na mão dela com a mãe dela no meio. As mãos dos dois no colo da mãe que ficava sentada no meio dos dois. Três dias de viagem, levava uma marmita de feijão, além disso, a única coisa que alimentava ele nessa viagem era o que tem no poteiro dele, o cogumelo. Via aquelas coisa bonita no pasto, saciava a fome e dava força pra ele. O cara me conta com uma calma, uma paz, uma tranquilidade” (Marcelo do MAB)⁴⁷⁵.

O olhar sobre os morros, a mata densa, o barulho das águas, as gaivotas sobrevoando o rio... Muitas vezes, a representação bucólica camufla com o verde da natureza à beira da estrada toda luta pela terra oculta capão adentro. Seja a mata derrubada, as queimadas frequentes, o lixo na beira da estrada, entre outros, a confluência dos elementos indesejados podem ser invisibilizados ao turista que vê

474 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

475 SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

beleza até no deserto verde da lavoura envenenada ou na plantação massiva de pinus.

O aviso inscrito em versão bem humorada e irônica como um mantra denuncia os problemas enfrentados pelo proprietário. Alcoolismo, desorganização, imundície, calote⁴⁷⁶ são alguns dos problemas enfrentados pelo organizador que se refere aos mesmos como reflexo da personalidade dos seus autores. Essa parte da dissertação analisa as narrativas sobre os acampamentos e os eventos, sobretudo, reconhecendo a relação dos visitantes com os recantos e seus proprietários.

Na churrasqueira quebrada um aviso: “quebraram a churrasqueira 15 vezes, use assim mesmo”. No armário: “*aqui bebo, como, canto, brigo e choro, sai estresse*”. Na pia: “*Economize água*”. No banheiro: “*Som até 23 horas, senão corto a luz, ESCUTEM O RIO!*”. Os avisos no Recanto do Faro são representações da disciplina do acampamento. Contudo, os avisos não se referem ao que as pessoas fazem, mas sim ao que elas não fazem e deveriam fazer. A consciência de desligar ou abaixar o som alto depende de cada visitante, mas o aviso denuncia que essa não é uma atitude comum. As orientações procedem de uma série de episódios relatados por Keller:

Nelson Keller: Quando eu cortei uma árvore, ela fico caída pra lá ó. Fui lá cortei o gaio de baxo assim ó. Não me veio a árvore em cima de mim. Daí fui melhorando, me recuperando. O pé tava desse tamanho. Rolo por cima de mim. A motosserra foi pará lá no portão [20 metros], pensei: “Pronto, morri agora”. Fui me recuperando e levantei. Tem um espírito ali, as melhor pedra pra calçamento tem aí, os cara desistiro, foro lá no galpão dormi, de noite, ouviu uns grito de rato, caiu um troço em cima deles, diz que uma baguá duma urutu, com rato em cima dele, não largô o rato, mataram! Má urutu home! (mostrando seu comprimento com os braços bem abertos). Se te pegá, tá morto! (...). Daí fiz a capela do santo Expedito ali, nunca mais teve esses pobrema. Antes de faze a capela ali, veio uns caboco ali. Fizeram tipo um saravá, o nome do cara era... ele tem um negócio de... ele é meio viado, o diabo. Tem um negócio de costura. Ele é estilista tipo o Clodovil, assim, sabe? Daí fui no otro dia, fui lá, do lado do rio, tinha uma carta rasgada, vela, champãhe e o nome dele James. No final do ano passado veio uma família acampá aí, saio daqui 7 hora vo vê quem que morreu. Esse cachorro preto latindo (apontou para o cachorro), um caboco lá na água. Corri lá, uma piazão novo, o nome dele James. Daí gritei pra muié: *Chame o SAMU e acenda uma vela pro santo Expedito*. Fiz massage, enfermeira fez boca a boca, fizemo vomitá. SAMU levô 25 minuto pra chegá. Piá sobreviveu, tá vivo. James, o mesmo nome do outro. *Então acredite se não tem poder esses demonho né?! Mas agora fiz a capelinha pro santo Expedito, ele me*

476 Caloteiro é quem não paga o que deve, nesse caso, o caloteiro não pagou a diária do recanto.

*protegê ca espada e tudo. Mas isso pra vocês não interessa*⁴⁷⁷.

Um caso puxa o outro e o trecho acima despertou a complexidade de relações entre proprietários, trabalhadores e visitantes existentes nos recantos antes das barragens. Para Paul Veyne, a complexidade tem um sentido na história: “A história seleciona, simplifica, organiza, faz resumir um século numa página”⁴⁷⁸. Em um sentido distinto, mas não oposto, apesar de normalmente uma entrevista oral não objetivar séculos, pois as pessoas não vivem tanto, o interlocutor acaba pulando de um caso para outro facilmente. O que fica em uma página de entrevista é o seu sentido. Aqui, Nelson direciona santo Expedito com sua espada a enfrentar os problemas do recanto.

A facilidade de criação de um sentido conduz a estética do discurso. Estética e sentido são possíveis pela memória, pela sua capacidade de lembrar mas também de sua condição humana de memorizar fatos de maneira seletiva. O entendimento do caso possibilita que não exista perda na memória, a transcrição enfrenta o esquecimento e torna o saravá lembrado após o caso da motosserra. Pois a memória é relacional, as lembranças aliás só criam relações a partir do trabalho da imaginação. A risada transmitida a partir da recordação do entrevistado em outros momentos se confunde com a seriedade da cara fechada ao falar da tragédia na paisagem, Nelson imagina a morte.

A realização da vida transcende o fim ao passar pela capela de santo Expedito e fazer uma referência. Quem narra evidencia relatos e se evidencia. O estranhamento de Nelson Keller quanto à sexualidade do visitante e quanto às suas práticas religiosas chega a ser depreciativo na estética do discurso. A referência oposta ao santo demonstra a linha tênue da relação entre visitantes que buscam o lazer e o proprietário que no mesmo espaço busca a sobrevivência. A criação de seu recanto, na sua condição de católico e heterossexual, não impede experiências com outras religiosidades. O caso do saravá aparece na narrativa com tom parecido com os discos voadores, como um relato do fantástico, onde as barragens

477 KELLER, Nelson. 16/12/2014 op. cit.

478 VEYNE, P. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed. da UNB, 1982. p. 14.

desaparecem.

O cuidado com o lugar aparece na voz de todos os entrevistados como fator presente na organização dos acampamentos. Na realidade, na sua perspectiva mais sentida com o lugar, Palito conta com tristeza a sua ausência que se contorce no sentimento (epígrafe III.IV). Os vestígios humanos indesejáveis, o lixo deixado no Ruzza, é algo que parece doer na narrativa do entrevistado. A lembrança disso, intensamente sentida na entrevista, se conecta com a sua solução dos mutirões de limpeza do leito do rio e do recanto como um todo. Eis mais uma evidência do pertencimento e comprometimento com o lugar.

Palito, lembrando a primeira ida ao Ruzza para fazer uma pescaria com seus amigos, conta que “o rio era maior, o fluxo de água era maior. O rio era mais fundo o Pato Branco era menos assoreado. Eram dois rios muito bons. Ali onde o Pato Branco desemboca era um poço. Hoje tá assoreado e faz quinze anos que não vô lá”. Embora estime o lugar e dele se sinta pertencente, a dor sentida pelo assoreamento do rio torna-se um dos motivos de Palito ter se ausentado do lugar⁴⁷⁹.

Quando perguntado das barragens, Zézinho comentou o motivo do assoreamento do Chopim ameaçado pelo desmatamento intenso cometido pelos grandes produtores rurais:

Zézinho: Olha, tem bastante desmatamento. Que daí ele diminui o volume d'água. O rio Chopim começa no Horizonte, lá por Palmas. E hoje já não tem tanto mato como tinha antigamente que a gente nota até pelo rio Pato Branco, diminuiu bastante a água dos rio hoje. As sangas diminuíram também. E ainda querem fazê usina (risos)⁴⁸⁰.

Utilizando da narrativa para denunciar o desmatamento, Ruzza com sua proximidade sente o rio e ironiza a construção das barragens. Marcelo também denuncia o desmatamento entre o rio Chopim e a nascente do rio Gigante: “tem um pessoal largando gado, tá bem depredado, bem fodinha. Pessoal tão acabando com a nascente”. O desmatamento e a apropriação da Área de Proteção Permanente do Chopim (APP do Chopim)⁴⁸¹ são pesadelos vividos por ele: “Eu já entrei pelo meio lá

479 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

480 RUZZA, José Donato. op. cit.

481 A APP do Chopim possui 440 hectares, está localizada entre o Vale do Chopim e o Vale do Gigante.

e tem clareira de terra, tem produtor largando a criação no meio do mato, criação vai abrindo a mata”. A mata densa na faixa fronteira da APP com as lavouras tranquiliza a visualização, mas a denúncia na narrativa tem o propósito de ser emitida e ecoada entre os vales⁴⁸².

Entre as diferentes narrativas, sejam esses provenientes de visitantes ou de moradores, as denúncias de desmatamento têm em comum o fato de serem direcionadas aos grandes proprietários da terra nos vales. O próprio Marcelo denuncia que a “maioria desses produtores já sabe que a barragem foi liberada. Por isso tão derrubando tudo”⁴⁸³. O avanço das barragens, portanto, não se dissocia dos problemas ambientais criados pelo agronegócio. Segundo o militante do MAB, ele e os demais pequenos proprietários foram instruídos disso pela própria organicidade do seu movimento social:

Marcelo do MAB: Tá visível que tem diferença na negociação dos grande pros pequeno, eles deixam entrá já! E outra, fomos na formação do MAB, tem pessoas estudadas, advogadas, eles tem estimativa, números de que uns ganham muito e a maioria ganha pouco. O menor espaço é o que incomoda, é onde tem gente, agora o restante tem gado, boi não fala se tá bom, se tá ruim (o boi mugiu). Não sei, né?! (risos)⁴⁸⁴.

Por ironia, o boi se manifestou. Assim como as barragens se associam ao desmatamento, a coincidência ou sincronicidade da narrativa encontra com um mugido no capão. Frequentando os recantos do Carletto e do Ruzza, Marcelo transporta sua narrativa dos acontecimentos para a entrevista com preocupação: “Esse rio e o Chopim, lá na altura do Carletto, eu vejo hoje que eles já diminuíram. Faz três ano que eu tô aqui você tem que vê a situação do meu barranco. Eu mostro onde ele tava e onde ele tá, têm lugares onde a cidade já tá chegando, tomando conta. Por isso o assoreamento”⁴⁸⁵.

Na voz de Marcelo, que também é estudante de Licenciatura do Campo, a densidade da discussão pula de um assunto para outro, do avanço do agronegócio para a preservação do lugar. Mas, para tanto, lembrado a infância, compara com

482 SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

483 Idem.

484 Idem.

485 Ibidem.

os conhecimentos atuais e a educação no campo são o sentido e a solução para a permanência do jovem no campo:

Marcelo do MAB: Penso que se naquela época (infância) a gente tivesse um estudo do campo, no campo e pro campo será que nós não taria na terra da família nessa vertente, criando vínculo com essa terra. Porque todo esse tempo que produzi na cidade foi lixo. Olha quanto tempo eu perdi. Nada mais do que eu fiz lá foi produzi lixo e o pior é o que tá por vim por frente! Tamo pra chegá na era da cápsula⁴⁸⁶.

Na vertente de viver e usufruir de uma “educação no campo, do campo e para o campo”, ou seja, a educação do campo se consolida como uma educação interna que respeite a comunidade, Marcelo interpreta a realidade vivida e dá sentido ao seu discurso como uma voz de resistência frente a hegemonia da babilônia que invade seu espaço⁴⁸⁷.

O incentivo a uma educação do jovem do campo para que permaneça no campo se associa a sua busca por uma sobrevivência independente que produza alimentos saudáveis. Por isso, Marcelo defende o estudo da agroecologia como a alternativa mais viável, incentivando o manejo sustentável da terra preservando as águas, o ar e o solo afim de constituir um vínculo com a terra independente do agronegócio.

O vínculo com a terra se apresentam na diferença de percepção da sua vida, vale relembrar a comparação: “Nada mais do que eu fiz lá foi produzir lixo [na cidade] e o pior é o que tá por vim por frente! Estamos pra chegar na era da cápsula”. A época se constitui na visão catastrófica do futuro indesejado, mas provável. Ele fala com o presente e com o futuro não se restringindo contra os remédios ou às drogas, mas à alimentação cada vez mais industrializada e menos orgânica.

Sua defesa da educação do campo no cotidiano do jovem é uma reivindicação frente às estatísticas que evidenciam o fechamento das escolas do campo. No Brasil, somente em 2014, 4.084 escolas foram fechadas no campo, o que deixou 85 mil jovens sem estudar. O MAB e o MST frequentemente denunciam o fechamento das escolas no meio rural com as palavras de ordem “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação no campo é direito e não esmola”. As novas gerações

486 Ibid.

487 SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

dos movimentos sociais debatem a educação do estado propondo planos político-pedagógicos com respeito a comunidade e incentivando a produção orgânica de alimentos, e não uma educação externa, que ignore a comunidade⁴⁸⁸.

A análise de conjuntura do jovem Marcelo se constitui como narrativa de combate contra a magnitude da babilônia. Os movimentos sociais que valorizam a permanência do jovem no campo pois a luta forjou seu semblante de militante. A máquina na conjuntura ficou conhecida na própria comunidade da Barra do Gigante:

Marcelo do MAB: Que sistema é esse? Que sistema cabuloso é esse? Que comanda tudo, essas grandes mentes que tiraram o colégio, colocaram ônibus pra levá as criança em outra escola, deram emprego pro pessoal na cidade. Pra levar o pessoal tem qualidade, se ligá pro prefeito eles vem correndo levá tua mudança. Agora, trazê, vim ajudá, trazê infra-estrutura, assistência técnica daí não. E isso não é só aqui. Porque o que o colégio ensina é pro mercado de trabalho, industrial, informático, nada vê com lidá, bota a mão na massa.

Celsinho: A criançada vai pra lá, não vão aprendê as coisas do campo, vão pra cidade aprendê as coisas da cidade⁴⁸⁹.

A situação das crianças do campo indo para as escolas da cidade ao invés de “botarem a mão na massa” preocupa os companheiros na sua prosa. Sobretudo, para Marcelo e Celsinho, os problemas sociais vividos no campo acabam acarretando no seu esvaziamento, desde a retirada das escolas do sucateamento da infra-estrutura para as comunidades rurais.

Os problemas sociais do campo também se encontram, para eles, com o avanço das barragens representados até o momento pelas autoridades e especuladores imobiliários. Por parte das autoridades, as hidrelétricas se apresentam como a solução para tais problemas. Resistindo a essa “solução”, os movimentos sociais se apresentam como mais uma escola que proporciona elementos para a análise da conjuntura existente.

As análises de conjuntura dos movimentos sociais e da música eletrônica, aliás, se incorporam na narrativa de ambos os entrevistados como sendo a pedagogia da luta. Os movimentos sociais se comportam como escolas de resistência frente ao

488 Boletim... op. cit.

489 BET, Celso Ferraz; SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

avanço da máquina, sendo essa representada nos interesses do agronegócio e das barrageiras. Carletto afirma isso em outras palavras, enquanto acusava as empreiteiras de armarem uma arapuca contra os moradores: “O MAB pra mim é a mesma coisa que uma professora, um professor teu. Que você entra sem sabê nem o que é o ABC e aí você vai pegando as dica. Que se não tem o MAB aqui pra nós, nós tava que nem numa arapuca”⁴⁹⁰.

Nos últimos anos, o foco do MAB, além da luta contra o avanço das barragens, acabou se destacando no campo da educação. Atualmente, o público-alvo das atividades de formação são os jovens. Segundo Zen, somente em 2005 o Movimento alfabetizou seis mil jovens e adultos e a cada vez mais está incentivando:

Um agressivo programa de formação política e educação popular [que] busca criar as condições para o surgimento e capacitação de novas lideranças pelo país. (...) A coordenação nacional do MAB se fortalece, ao mesmo tempo em que se dissemina diferentes grupos de trabalho a nível nacional, encarregados do processo de formação, organização e lutas, finanças, educação etc. (...) Convênios entre o MAB e entidades educacionais, propiciam a entrada de atingidos por barragens em cursos técnicos, de graduação e especialização, constituindo um quadro melhor qualificado de militantes⁴⁹¹.

Nesse aspecto, o MAB incorpora o processo de alfabetização e educação, projeto esse que foi abandonado pelo Estado e juntamente da formação do próprio movimento social que tem por objetivo construir poder popular. Além da influência dos movimentos sociais, o conhecimento empírico do Vale do Chopim faz dele um laboratório vivo a céu aberto.

Celso, Carletto, Marcelo e os Ruzza se assumem enquanto estudantes da escola da vida, uma escola de resistência encontrada no velho Chopim e no rio Gigante. Juntamente do estudo sentem as ameaças ao lugar por conta do seu sentimento de pertença. Nisso, perante os movimentos sociais, existe uma adaptação do discurso do MAB e do MST, mas também uma autenticidade no discurso. Por exemplo, quando Carletto se utiliza do conceito de arapuca para definir as estratégias da indústria barrageira para persuadir os atingidos de “boa fé”.

490 CARLETTO, Ciro. 07/11/2015. op. cit.

491 ZEN. op. cit. p. 76.

No sentido de compreender as gerações atuais e suas interações com o Chopim, a análise da narrativa dos militantes proporciona o próprio entendimento de uma geração sobre o lugar. Mas quando falamos de uma geração, imaginamos algo concreto, estável e uniforme. Contudo, ainda, quando Marcelo e Celso dialogam sobre o Sincronário da Paz, a impressão sobre o real se desloca do imaginado:

Marcelo do MAB: Os estudos do Sincronário são importantes nos festivais, mas muitos não tem consciência. Muitas vezes é só o que? A droga, o mal quisto da babilônia, a farmácia da babilônia, trazê um esgotão pra natureza.

Cesinho: Muitas drogas sintéticas permitem as pessoas enxergá a natureza com outra percepção, não podemos negá, mas muitas vezes a dose faz a pessoa se viciá e causá problema no organismo da pessoa, pode ser uma coisa natural, mas se você não souber usar pode se dá mal. Então o importante é consagrá tudo que você for colocá pra dentro de si, saber a origem daquilo, qual quantidade você tá podendo utilizá e a partir disso você tê um contato com a espiritualidade, com a natureza. Nas coisas naturais você pode confiá, mas na farmácia não pode confiá, porque muitas vezes o objetivo é só financeiro, a empresa que produz algo sintético ela tá querendo o retorno. *É bem diferente de você produzí algo natural, levá na feira, sabendo que aquilo tá fazendo bem pra pessoa não só materialmente mas energeticamente, é simples!*⁴⁹²

A preocupação com o uso de substâncias sintéticas como o *LSD* e o *ecstasy*⁴⁹³, condenado pela organização da maioria dos festivais, se assume na fala de Marcelo que se posiciona contra a “farmácia da babilônia”. A ideologia dos festivais, em outras palavras, deveria estar em equilíbrio com a natureza. Mais uma vez, a crítica à babilônia, a máquina gananciosa aparece no discurso, mais intensamente denunciando o objetivo restritamente financeiro dos laboratórios internacionais criam essas substâncias sintéticas. De maneira que o ideal, segundo Celso, seria evitar usar substâncias ou “consagrar” apenas substâncias naturais ao invés do álcool e substâncias sintéticas.

Apesar de abordar a utilização dessas substâncias, o biólogo não as incentiva e nem se afirma como usuário. Sua abordagem compactua com a visão de Izamara: “a verdadeira abertura da percepção” e, num sentido mais intenso, com a sua

492 BET, Celso Ferraz; SANTOS, Marcelo dos. op. cit.

493 O LSD, ácido lisérgico, foi criado pelo químico Albert Hofmann em 1943 e provoca sensações de extrema alegria e alterações temporais e visuais durante sua latência e. O MDMA, ecstasy, foi criado em 1912 na empresa Merck pelo químico Anton Köllisch e tem como efeitos a euforia e bem-estar, apesar de uma série de reações negativos serem constatadas. SACRISTÁN. op. cit.

utilização com consciência para um contato com a espiritualidade por meio da natureza. Sobre esse assunto, inclusive os proprietários do recanto do Ruzza não incentivaram a utilização de nenhuma substância e nem de bebidas alcoólicas, mas se manifestaram quanto a realidade do que acontece no seu local de lazer:

Maria Ruzza: Faz bastante fumaça lá pra cima (nos acampamentos), mas o que que eu vô dizê? (Risos). Vô fazê o que? Não é por uma fumaça que a gente vai atropelá eles, só se tiverem incomodando. Cada um faiz o que qué. Eles não incomodam.

Zézinho: Essas pessoa que usa assim, são mais amigo, mais compreensivo que outras pessoas que não usam. (...) Podem falá que é errado, mas só a gente que sabe que que passa aí? (risos) Eles não fumam na frente das criança... E não que seja liberado, se nós vê é outra coisa, mas a gente não vai atrás.

Donato Ruzza: Oh pai, não tinha uma vez que um cara bêbado jogô umas bala no fogo...

Z: Pfff, isso aí aconteceu uma porção de vez antigamente. Agora cortamo, não acontece mais. Não pode entrá com arma. Daí os outro tinham que corrê das bala (risos). Mas os que fumam não incomodam tanto. É cada um no seu canto e ninguém mexe com ninguém. Mais é os bêbado. Se o governo liberasse a maconha, dava menos bandidage, menos ladroage do que tá agora, por causa do tráfico... E você lembra aquela vez que queriam prendê o pessoal lá no recanto lá do outro lado do Chopim?⁴⁹⁴

A análise da família Ruzza é comparativa. Perpassando o seu espaço e investigando o uso de substâncias naturais como a maconha ele se posiciona em detrimento do álcool. De um ponto específico, o seu recanto, eles partem do humor de lembrar acontecimentos para uma discussão do contexto social.

O trecho revela que além dos problemas sociais, o entrevistado interpreta o tráfico como produto de uma sociedade desajustada pela desigualdade social. Exercendo liberdade de expressão se assume favorável à legalização da maconha, sua postura avança para a solução do problema social provocado pelo sistema capitalista.

O agricultor vive em meio às cercas e por isso é cheio de limites, o que impede que tudo que seja liberado. Assim Zézinho se condiciona na situação de cuidar do seu recanto e de saber dialogar com as diferentes situações. A busca de liberdade está ligada a disciplina do acampamento. A autoridade e a liberdade, a relação entre

494 RUZZA, José; RUZZA, Maria Albrecht. op. cit.

visitantes e proprietário vivencia a responsabilidade e a necessidade de equilíbrio de elementos distintos⁴⁹⁵.

Os limites da espontaneidade do visitante condizem com os limites da autoridade do proprietário evitando que o espaço do recanto se torne um espaço de libertinagem ou de autoritarismo. O desequilíbrio, cedendo vantagem a autoridade ou ao espontaneísmo, somente pode ser combatido com a auto-organização do espaço de lazer, um pacto pedagógico entre o visitante e o proprietário.

O uso de álcool e substâncias entorpecentes, o lixo em excesso, o som alto apresentam-se como um problema para ambos. Ambos, visitantes e proprietários, podem construir uma ideologia em conjunto mas com linguagens diferentes. A situação de batalha contra as práticas ilegais envolve a hegemonização entre o respeito e a harmonia com o lugar e o “esgotão” da babilônia. Nos bastidores da visão bucólica dos frequentadores sobre a paisagem do lugar persistem tensionamentos, portanto, visitantes e proprietários convivem com as contradições do autoritarismo e da libertinagem.

O conflito com a polícia lembrado por Zézinho aconteceu num recanto do outro lado do rio, o festival que ia acontecer foi cancelado, sendo que na proposta inicial era para ter ocorrido no Carletto. O cancelamento aconteceu por meio de uma intervenção policial. O episódio também foi lembrado por Celso:

Celsinho: O Carletto é o seguinte, foi pós-2012, daí a gente passô um dia no Carletto. Um lugar legal, bonito, só que existe a questão do perigo e o *Carletto é um cara muito responsável e até antigamente ele carçava nós como muleque por tá na beira do rio*⁴⁹⁶. (...) Daí acabô indo pra outro recanto. Mas daí teve muitas coisas. O evento acabô não sendo realizado e voltô pro Ruzza donde nunca devia ter saído (risos). Acontece muita teima, isso que acontece quando você organiza com pessoas. Cada um tem uma opinião. Daí a pessoa bate o pé, daí você cede pra deixar fluir. Mas na tua intuição sabe que não é o ideal. (...) Daí perdemos aquela equipe forte. Não foi organização foi desorganização. Tem o pessoal que quer fazer, mas não segue um padrão, não segue uma ordem. E o padrão o que que é? É 13:20! 13 luas de 28 dias⁴⁹⁷.

495 Idem.

496 Calçar ou carçar é linguagem comum do sudoeste do Paraná. Carleto carçou fulano podre de louco, o véio Ruzza deu um pitoco nos outros que estavam pitando um baseado, essas frases exemplificam exercícios de disciplina nos acampamentos representada na voz de um maluco.

497 BET, Celso. op. cit.

Sobre esse evento em particular, uma coisa tem que ficar clara, algo que na maioria das vezes fica obscuro nas delegacias. A condenação penal de usuários de substâncias camufla o fato que os traficantes, na maioria das vezes, não passam por investigação, julgamento e condenação. O usuário sendo levado na viatura, o usuário na delegacia, o usuário atrás das grades são cenas que não se camuflam no verde da natureza, mas no verde do dinheiro de quem compra a justiça. A contradição está aí. Para Igor Sacristán, a guerra às drogas é uma experiência fracassada por ser inútil para a sociedade pois o tráfico só aumenta⁴⁹⁸.

A organização de um festival e mesmo de um acampamento demanda o consentimento de um grupo. O coletivo é o que facilita a organização mas ao mesmo tempo existem os obstáculos: “acontece muita teima, isso que acontece quando você organiza com pessoas” pois “cada um tem sua opinião”, eis a dificuldade, lidar com as diversas visões de mundo para construir um objetivo só. A reivindicação pela organização acompanha a ideia de um novo tempo, Celsinho acredita que somos personagens de uma nova era no Vale do Chopim representada no Sincronário da Paz de 13 luas de 28 dias⁴⁹⁹.

A partir de uma visita até a ilha, Carletto ia contando sobre o processo das UHE's São João e Cachoeirinha até que interrompeu seu relato para contar sobre os problemas do acampamento. As barragens desaparecem por um instante. Além da visão bucólica do local ameaçado, os problemas existem e são enfrentados cotidianamente pelos proprietários em conjunto dos visitantes que também são prejudicados pelo som alto, alcoolismo, entre outros:

Ciro Carletto: Vô fazê mais uma churrasquera lá naquele canto, daí o cara se acampa aqui o outro se acampa lá (do outro lado da ilha). Apesar que muito perto assim não dá pra... Arrumam encrenca, às veiz tem um problema lá na cidade daí vem aqui descontá aí... Festa você pode fazê pra uma turminha assim tudo bem. Mas quando libera pra esses feidebook, ma vem de tudo lado já dá pobrema. Veio uns cara aí falando: Vamo fazê aí que dá dinheiro, eu cobro tanto você cobra tanto. Fazê uma zoera aí depois pra morre três, quatro, pra daí eu coisiá e daí tê que me incomodá. Assim já tá bão, vindo meus amigo aí já tá bão. Não é visá lucro⁵⁰⁰.

498 SACRISTÁN. op. cit.

499 Idem.

500 CARLETTO, Ciro. 20/01/2015. op. cit.

A partir da divisão social criada pelas churrasqueiras, sem querer ele deixou evidente que o motivo de impossibilitar a festa de música eletrônica em seu recanto tem sentido em evitar uma tragédia. O que é visto como uma solução para as festas pelos organizadores, ou seja, a divulgação, para Carletto é o problema, ou seja, a comunicação: “quando libera para o facebook, mas vem de tudo lado já dá pobrema”⁵⁰¹.

A perseguição policial sobre o movimento da música eletrônica foi abordada mais uma vez por Celso que se referiu à intervenção como algo que não aconteceu espontaneamente, como se os policiais fossem alienígenas. Segundo ele, alguns problemas de concordância com os demais organizadores aconteceram, pois “daí teve muitas coisas”. O ato de se reservar e omitir de não nomear essas coisas, curiosamente, é falar muita coisa mesmo, revelando que a intervenção foi motivada por contratempos e erros da própria organização.

Analisando a ideologia de um festival além do pano de fundo, essa se vitaliza em um espaço em disputa onde outras práticas não-incentivadas pelos organizadores do evento acabam acontecendo, como é o caso do consumo de entorpecentes. A ideologia seria um sistema de significados e valores projetados pelos interesses de uma classe ou grupo social específico seja no trabalho ou mesmo em um momento de lazer⁵⁰².

De toda forma, no cenário social de um espaço a ideologia de um grupo disputa a hegemonia com outras práticas sociais. Para Raymond Williams, a hegemonia perpassa as relações políticas e econômicas, passando pelas atividades de ócio e na vida privada e “constituye todo un cuerpo de prácticas y expectativas en relación con la totalidad de la vida: nuestros sentidos y dosis de energía, las percepciones definidas que tenemos de nosotros mismos y de nuestro mundo”⁵⁰³.

As doses de energia e a percepção do eu e do seu mundo acontece na organização de um festival quando um percebe o outro. Nesse aspecto, diretamente falando, Celsinho relembra Carletto como um “cara muito responsável” que “calçava”

501 Idem.

502 Inspirado em: WILLIAMS. op. cit.

503 Idem. p. 131.

eles quando “muleques” por estarem na beira do rio⁵⁰⁴.

A lembrança e sua produção de sentido é nivelada entre a preocupação de Carletto e a fala de Celso como elemento de responsabilidade onde um é parte do outro na narrativa oral. O caso das substâncias, por exemplo, não é considerado por Celsinho como um elemento negativo necessariamente. A utilização de sintéticos está além do bem e o mau, os problemas são as sequelas, a saúde do corpo e a necessidade de cura. A dose, o lugar e a motivação, o uso aparece no seu discurso sem julgamento e é encarado como um fato, algo que acontece, mas que somente pode ser evitado pelo próprio usuário e não pela polícia. Pois, apesar das inúmeras apreensões na região, o consumo só aumenta.

O uso de tais substâncias como prática cultural alternativa se desdobra da cidade para o campo, pois os entorpecentes sintéticos não brotaram do Ruzza ou do Carletto, esses dá pra se dizer que nunca brotaram mesmo. A prática cultural, aliás, cada vez mais industrializada estaria incorporada na era da cápsula, assim referida por Marcelo.

A crítica intensa à máquina capitalista da babilônia é apontada pelos problemas atuais, individuais e sociais que demandam soluções atuais. Após se referir ao desmatamento e demais impactos ambientais pré-barragens, Celsinho mescla mais uma vez a relação da natureza com o ser humano e a relação do campo com a cidade como sentidos para as soluções dos atuais problemas sociais:

Celsinho: Daí os eventos, os eventos. O pessoal ir pra beira do rio eu também achava importante. Porque se o pessoal da cidade fica só na cidade também não tem um conhecimento do que tá acontecendo no campo. Daí o pessoal ir pro campo favorece que o lugar se mantenha. É o caso do Carletto que é um cara que tá lutando pra mantê o seu espaço. Quanto mais pessoas forem lá, participarem, ajudarem, ele vai tá mantendo aquilo lá. Pois se ele for pra cidade, sair do campo, não tem pessoa, vai passá a máquina por cima⁵⁰⁵.

Os sentidos são sentidos na direção da fala e na direção do rio. A defesa do lugar se incorpora contra o avanço do capital no meio rural, tanto simbolizado nos transgênicos, nos agrotóxicos como nas barragens. A tal máquina que passaria por

504 BET, Celso Ferraz. op. cit.

505 BET, Celso Ferraz. op. cit.

cima do lugar e que faria Carletto privilegiar o agronegócio em detrimento às atividades no turismo. A paisagem prevista na voz dos narradores anuncia grandes transformações no espaço, a previsão da paisagem no futuro.

Portanto, a análise de conjuntura local acompanha a memória de acontecimentos como os eventos mas também do medo da perda do lugar num futuro próximo. Dessa forma, Marcelo e Celso não estão lutando contra os avanços tecnológicos e o comportamento do futuro, mas sim, se apropriando das alternativas tanto para a criação de eventos como para as condições de sobrevivência do campo:

Celsinho: Essa é a oportunidade! Tem tantas pessoas nesse mundo. Tem que buscá as semelhanças. Criar uma nova tribo, uma nova ou antiga tribo, não de forma a excluí ninguém. Mas vê quem tá na sintonia. Oportunizá novas coisas e aí vê se a gente se sente bem, em harmonia, sem discussão, envolvimento com dinheiro, prejuízo. Que é o que tem acontecido nessas última festa. O pessoal se organiza três mês na mesma coisa e ainda sai devendo, já viu se isso tem lógica? Não tá sendo sustentável. É o momento de se recolhe e avalia⁵⁰⁶.

O que está acontecendo? Celsinho e seu manual de sobrevivência no campo criado a partir de acampamentos estuda os encaminhamentos do que fazer, demonstrando a necessidade de diálogo para criação da nova tribo no lugar. Essa é a oportunidade, esse é o momento, o seu tempo, o tempo do aqui e do agora.

Intensificando sua visão pessoal compartilhada no coletivo, Celso critica a organização e os objetivos de outros festivais. A sua ideologia ou filosofia do aqui agora analisa a sustentabilidade como componente em detrimento da ganância, o sustentável como alternativa. O balanço no contexto da entrevista nos aproxima de Portelli que se refere a história oral como uma metodologia envolvida nos fatos, mas sobretudo uma oportunidade para o entrevistado de reinterpretar os acontecimentos vividos no passado:

Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o

506 BET, Celso Ferraz. op. cit.

fim mesmo do discurso⁵⁰⁷.

A filosofia do aqui e agora, sem estar preso ao passado mas refletindo sobre, de tal maneira, compõe a subjetividade do entrevistado. Seu argumento de atratividade com a da natureza e seus vínculos com as famílias atingidas motiva para narrar e o tal significado implícito desloca a identidade com o Vale do Chopim como um elemento de luta pela sobrevivência do lugar. Porém, em sua experiência com as dificuldades de organização de festivais em meio às “belezas do Chopim”, Palito expõe os perigos do próprio rio: “aquele rio é perigoso pra quem bebe! Eu cansei de tirá gente de lá afogada, salvei várias pessoas. (...) Morreu gente ali! Sim, morreu, mas morreram por negligência deles mesmos que não se cuidaram!”⁵⁰⁸.

Palito revela o motivo de sua desistência em ir pro Ruzza. De certa forma, as fatalidades são abordadas como sendo de responsabilidade dos próprios afogados, grande parte motivada pela falta de responsabilidade que compactua com excesso de negligência dos mesmos. Zézinho contou que ali aconteceram cinco mortes por afogamento, fato que não aconteceu mais nos últimos 20 anos. O proprietário sustentou que os bombeiros são cada vez mais rígidos com as normas de segurança, rigidez que ele defendeu em seu discurso. Sua esposa, por sua vez, sustentou que muitos casos de afogamento em recantos se devem ao consumo excessivo de álcool pelos “bêbados corajosos” invés dos maconheiros, pois “um pouco que tem gente que morre porque bebe também e daí acha que fica fácil nadá, né?”⁵⁰⁹. Keller contou de alguns casos no seu recanto, todos acontecimentos associados ao alcoolismo:

Nelson Keller: Esses tempo quase se afogô um, tirei. Esses dia me cai outro loco dentro do rio lá. Nem entrô na água, tava lá se bobiando em roda do rio caiu pra dentro. Sem nadá, não sabia nadá, atravessô o rio pro lado de lá. Daí queria se fincá de volta: Mas você não sabe nadá, home! (Reproduzindo sua conversa com o bêbado) E eu não vô te salvá, vai se fincá nesse cachoeirão aí, pare home! (risos). Vá tomá banho: Não pule, não pule! (apontando com o dedo) E ele bêbado, queria pulá! Faz o seguinte: você pega esse taquaral aí ó, lá embaixo o cara tem um caíco. Tiramo ele 20:30

507 PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Em: Tempo. Vol. 1, n. 2, 1996. ps. 56-72. p. 57.

508 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

509 RUZZA, José Donato; RUZZA, Maria Albrecht. op. cit.

pra cá. E a mulher dele só chorava: -Eu tenho 42 ano, três filho... E ele vai morrê, quem que vai sustentá que não vai tê aposentadoria (risos). Daí digo: -Qualquer coisa fique aí por casa, resolvemo o pobrema né! (risos)⁵¹⁰.

O desfecho sem tragédia permite a Keller ironizar a história. O ribeirinho em sua heterossexualidade fantasiou que avançou na provável viúva. A ficção do entrevistado se deforma na risada dos entrevistadores e voltam para o sorriso do atingido que mesmo com sua boca continua sua história de vida. A narrativas dos proprietários e de Palito incorporam um elemento interessante sobre os perigos do rio, não eram as águas que se tornavam perigosas para as pessoas, mas as pessoas que eram perigosas para a sobrevivência dos recantos. O cuidado dos proprietários com os bêbados se deve ao fato de não quererem tragédias em seus recantos e o eventualmente fechamento dos locais de lazer.

Assim, muito antes da ameaça da construção das barragens, as “belezas do Chopim” são interpretadas como ameaçadas pela negligência de uma minoria de frequentadores que não sabe se portar perante a força das águas e perante a cachaça, o corotinho, o conhaque, a cerveja, a vodka, o energético, entre outros. Pois hoje se tem o costume de misturar os goles, tomar um sobre o outro.

A visão de turismo introjetada no futuro acompanha o tempo das UHE's São João e Cachoeirinha e se apresenta como argumento positivo do EIA Cachoeirinha:

Especificamente com relação ao turismo, a implantação do empreendimento e os usos futuros dos reservatórios poderão representar uma potencialização do aproveitamento turístico dos atrativos já existentes nos municípios, representados principalmente pelas paisagens naturais que não serão afetadas pela formação do lago. (...) Estas áreas passarão a ter outro uso seja para abrigar o reservatório que viabilizará a futura geração de energia, ou para atividades de pesca, turismo e lazer que possam vir a se instalar às margens do rio.

A visão empreendedorista do turismo ofuscando o atual potencial de Navegantes para tal fim é compactuada por Edson Pereira. Vale a pena lembrar que o bombeiro contou que adquiriu uma área na comunidade vizinha:

Edson Pereira: Eu comprei [uma área] pra lazer, na expectativa que dai se alagá vô tê minha chacrinha pra olhá o lago. Eu falo que sô a favor por

510 KELLER, Nelson. 07/11/2015. op. cit.

causa do meu comércio (...). Economicamente pra região, uma usina é muito boa! Todos os lugares que a gente acompanha só evolui. Porque pruma construção a mão-de-obra é quase toda local. Gerando emprego e o salário duma usina é mais alto que o salário de um comércio (...). O cara que tem um mínimo de inteligência se sai bem (...). Eu falei pro Carletto. Mas ele: “Ah vai secá a água”, eu falei: “-Vai, mas faz um hotel, um resort, um hotel-fazenda ali ó, um restaurante em cima daquela ilha”⁵¹¹.

O olhar de Edson é direcionado ao futuro. A visão da paisagem e a visão empreendedora onde o sucesso econômico de cada negócio está ligado exclusivamente à inteligência de seu empreendedor. A simulação da conversa com Carletto enquadra a ilha a um único destino, um grande empreendimento turístico. Porém o próprio Carletto contesta tal visão: “Assim já tá bão, vindo meus amigos aí já tá bão. Não é visá lucro”⁵¹².

Apesar do otimismo criado pelo EIA e por alguns moradores, Ciro Carletto critica a formação do reservatório e a criação de um iate clube no futuro. Um espaço não tão público assim:

Ciro Carletto: Vieram e me falaram: Óia aí Carletto, agora vai tê a barrage vai ficá bão pra pescá. Má não é bem assim. Eles vão fechá o alagado, botá uma tela. Fazê uma área de lazer. Dali daquela tela o cara não pode entrá no alagado. Daí ocê pode sabe, os cara fazem um troço desse, com dinheiro, chega uma propina, daí fazem um alagadão que deusolivre, de grande cara má daí só rico entra⁵¹³.

A visão de turismo influencia a sua visão de militante. Vereadores, prefeitos, deputados, senadores estão de olho no Chopim. As orgias com dinheiro público são uma ameaça para alguém que sabia que estava sendo gravado e por isso denuncia a futura apropriação privada do rio com o reservatório cheio. Lanchas, jet-skis, barcos à vela... Meios de locomoção para poucos. Grandes casas à beira do lago, quadras de tênis, restaurantes caros... Espaços de lazer para a burguesia da região. Tudo é possível com a formação do iate clube e a especulação imobiliária que repartirá os lotes com preços altíssimos, algo que aconteceu na maioria dos cenários pós-barragens em todo Brasil⁵¹⁴.

511 PEREIRA, Edson. op. cit.

512 CARLETTO, Ciro. op. cit.

513 CARLETTO, Ciro. 05/07/2014. op. cit.

514 MAB. op. cit.

A formação do reservatório do alagado sinaliza o cenário de turismo previsto e criticado por Carletto. Na condição de proprietário do recanto ele recebe centenas de turistas por semana e vive da atividade para sustentar sua família. O lugar naturalizado para ele se compõe da sua visão da natureza e se distancia da visão construída pela Gerdau. Os visitantes se posicionam também. Ao falar do assunto, Izamara relembra quando conheceu o Ruzza e as ferragens da antiga Usina Hidrelétrica do Chopim:

Izamara de Bortoli: A primeira vez que eu fui no Ruzza que eu vi todas aquelas ferragens fiquei pensando: “Nossa, o que que é tudo isso?” Eu nunca tinha visto assim ferragens pruma usina e aquilo era muito grande assim. Era alto, era pesado, ocupava o pátio inteiro. Era isso que o tio Ruzza comentava, que aquilo tudo foi deixado ali. Inclusive no meio do rio um lance de ferro, foi abandonado, foi deixado ali. Mas eles sempre comentavam que mesmo não tendo sido construída havia um projeto de que iriam de fato construir, que não seria só uma, que seriam várias em vários lugares no leito do rio e que aquilo não iria durar muito tempo, que a gente aproveitasse enquanto tava ali porque daqui a pouco iria realmente desaparecê. A gente ficava imaginando! *Nossa, me dói o coração de falá que aquele lugar vai desaparecê* [mãos na altura do coração]. *Eu não consigo acreditar, só vou acreditar o dia que ela tivé lá. Enquanto isso não fico pensando muito*⁵¹⁵.

A visão catastrófica imaginada no futuro condiz com a lembrança da antiga barragem. Ao relatar sua magnitude, Izamara suscitou as várias usinas lembrando as palavras do tio Ruzza. Passado e futuro interagem no presente. A imaginação do desaparecimento do lugar e a dor no coração são elementos que interligam sentimento e pensamento ao medo do futuro e transcendem na nostalgia com o passado.

Um acontecimento tão possível para o poder público e para a Gerdau se apresenta como algo difícil de acreditar, Izamara chega a preferir não imaginar. Entre o passado lembrado e o futuro imaginado, a relação dos tempos torna o próprio tempo determinante. Perante as barragens, restava e resta aos visitantes aproveitar enquanto as usinas ainda não existem e ainda não secaram o rio. Os visitantes lidam com uma imaginação indesejada e prorrogada como o próprio tempo das UHE's Cachoeirinha e São João.

515 BORTOLI, Izamara de. op. cit.

A nebulosidade criada em torno da construção das hidrelétricas chega aos atingidos mas também é sentida no pertencimento com o lugar. Os outros atingidos relevam o tempo com o tio Ruzza, são atingidos pela troca dos saberes entre eles e os nativos. No caso de Izamara, sua visão de lazer é sua reivindicação pelo direito de escolher onde ir e vir:

Izamara de Bortoli: Eu sempre optei mais por esse tipo de atividade do que ter um título de um clube pra ir numa piscina, prefiro colocar minha cadela, o gato no carro e ir pro rio acampar. Ensinei minha filha a nadar lá no Ruzza. *Outro tipo de lazer é muito cômodo, você sai de casa vai na piscina, você não encontra no clube nada de diferente, as pessoas desfilando seus biquínis e seu bronzeado. Já você chega lá no Chopim vê uma ave diferente, um peixe diferente, plantas que você não vê diferente.* Meu pai era sócio fundador do clube, mas eu vendi meu título, mas antes conheci o Palito e daí fomos no Ruzza⁵¹⁶.

Izamara revela o seu estilo de lazer, vivendo a aventura, privilegiando a memória dos acampamentos no Vale do Chopim e comparando aquele lazer cômodo à beira da piscina e o Ruzza, seu local de pertencimento onde ela ensinou sua filha a nadar. Para ela, o sentimento de pertença se constitui em suas memórias muito mais intensas do que com o clube, isso apesar do seu pai ter sido seu sócio-fundador.

Palito, por sua vez, relembra o passado onde o Ruzza se tornou um local de luta. Sua informação apresenta-se como muito importante para entender a escritura de posse do terreno onde mora Maria, Zézinho e sua família:

Palito: O que nós lutamos muito e briguei bastante, fui várias vezes a Curitiba, uma vez a Brasília foi pra conseguí a titularização da terra. Que essa terra não tem título. O Mário Fontana vendeu até hoje tem uma briga (...). A escritura ia saí na época da usina, daí como não saiu a usina, a terra ficou devoluta, a gente tentô fazê um... Uso capião não coube nessa terra! Fizemos um interdito proibitorium. Nós conseguimos fazer pros cara não invadirem lá, os cara botaram cerca lá! Se aligeiraram!⁵¹⁷

A informação desconhecida e agora importante é de que o Recanto do Ruzza não possui titularização da terra registrada. As cercas são lembradas como trincheiras em um cenário de disputa pela terra contra os “caras” que “se aligeiraram”. Sobretudo, a cena de combate lembrada demonstra que o

516 Idem.

517 TAGLIARI, Mário José. op. cit.

sentimento de pertencimento extrapola as condições impostas por cercas e fronteiras e pelas condições de proprietários e visitantes. Palito era muito mais do que um mero turista farofeiro, sua experiência no lugar o condicionava a situação de lutar pelo lugar.

Apesar do sentimento e da frequência de público, os recantos passavam e passam por dificuldades: “Eu tinha [o recanto], mas só me incomodei, finquei o cadeadão” contou Keller na segunda entrevista com ele. Além do caso do saravá, ele oportuniza o entendimento das dificuldades do turismo regional:

Nelson Keller: 5 hora da tarde [curucacas voando]. Veio uns amigo meu lá, nós tomando chimarrão. Tavam os dois irmão quebrando pedra, de repente quebro um galho... Má pense num galho, dessa grossura [mostrando com as mãos]. Pensei: “Morrero os dois”. Corremo lá, nenhum arranhão [erguendo o dedo]. Aí os dois irmão se ajoelharam e falaram o Salmo 91. Mas desistiram. Daí outros dois vieram ali trabaiá. Mas eles, diz que dormindo, diz que escutavam gente quebrando pedra. Desistiram também... Eu tomei um raio nesse mesmo lugar! Caí muito raio ali. Daí todo mundo fala que tem alguma coisa. Daí fiz a capela do santo Expedito, tá cuma espada lá cuidando! Diz que tem alguma coisa, algum tesoro. Diz que tem gente cuidando. A gente vê e ouve muita lenda que nesse lugar não sai as barrage por caso que tem muito tesouro escondido e os cara não querem que afundem. Antigamente tinha tesouro, mandavam o cara enterrá daí matavam o cara que enterrava, daí fica os espírito. Daí não querem que a água cubra os tesoro. Uns quantos me falaram isso. (...) Te contei aquele dia, o cara ia sê indenizado falô que não ia saí a usina. Eu falei: “cê tá é loco!”. Esses dia encontrei ele, ele falô: “viu que falei que não ia saí as usina”. Daí fui num espírito, em Faxinal dos Guedes, o cara me falô a mesma coisa. Daí falei: “o que você me falô, outro me falô, daí encontrei um cara na cooperativa me falô a mesma coisa”. Então a gente começa a acreditá em alguma coisa, alguma coisa tem! Tem bastante lenda. Eu te levo os cara te contam. Que aqui era passage de jesuíta antigamente, então tem história!⁵¹⁸.

O objetivo da segunda entrevista era conferir os dados provenientes da outra entrevista quando o seu local de lazer ainda existia. Tudo bateu. Nesse momento, Nelson demonstra convicção no seu relato e, sobretudo, ao reproduzir o relato dos outros. Diversos são os motivos que influenciaram-no a fincar o cadeadão, mas, sobretudo, todos esses têm um sentido na forma como são relatados.

Alguma coisa tem! Muito além de uma mera superstição, OVNI's, espíritos, assombrações, riscos, magias, raios, serpentes são elementos para ele

518 KELLER, Nelson. op. cit.

convincentes para a impossibilidade das barragens. Isso apesar dele revelar ter o interesse de fazer um loteamento após a construção das barragens. Na concepção de tempo de Keller, as UHE's São João e Cachoeirinha mobilizaram a espiritualidade contra quem estava trabalhando no lugar, seja nas barragens seja com quem estava tirando pedras.

Com isso, apesar de sua visão imobiliária, ele admite que começou a acreditar nos causos dos jesuítas e das assombrações por “ouvir de um, de outro”. O tempo tem um sentido na Ação contra a companhia Gerda. O rio Chopim tem tesouros escondidos que não podem ser cobertos pela água. A frase tem duplo sentido entre o nativo e o visitante.

A diversidade de relatos possibilita compreender que não existe um manual único e exato de sobrevivência para os recantos no Vale do Chopim. Existem, sim, diversas concepções de acampamentos que influenciam a sobrevivência dos recantos. Frente aos relatos fantásticos que a princípio não teriam nada a ver com as barragens, as Usinas Hidrelétricas de São João e Cachoeirinha influenciaram e influenciam diretamente as entrevistas e o cotidiano da localidade. O historiador caminha entre o tempo de uns e de outros, ambos atingidos pelo próprio tempo.

Caminhando pelo Vale do Chopim, a paisagem se deslumbra entre elementos da natureza. Apesar dos perigos do rio, das assombrações, das cobras e dos animais perigosos, o caso de Marcelo sobre o compadre que ia visitar sua pretendente (epígrafe III.IV) evidencia que as visões da natureza se constituem no inesperado. O inacreditável poder ser a barragem, mas também um cogumelo que brota no pasto.

Um cogumelo enteógeno⁵¹⁹ pode ser somente um ser vivo. No potreiro, o agricultor sabe que nasce um monte. Para um biólogo, o fungo seria um elemento de importância para a biodiversidade assim como para o cavaleiro anônimo seria sua fonte de alimentação na longa cavalgada... Nos bastidores da paisagem, se camuflando entre as árvores, atravessando sangas, um grupo pula a cerca e

519 O cogumelo *Psilocybe cubensis* *Panaeolus subbalteatus* são os mais procurados. Seus efeitos psicoativos diferem mas são mirações e alegria. Enteógeno significa manifestação interior de Deus ou a capacidade de suscitar a experiência de Deus em si mesmo em grego. É um conceito reivindicado por grupos ligados ao xamanismo que consagram os cogumelos e a ayahuasca, uma bebida psicoativa produzida a partir das plantas *Banisteriopsis* nas variedades *caapi*, *quitenses* e *inebrians*. Informações extraídas do portal Xamanismo: <http://www.xamanismo.com.br>.

percorre o pasto à luz do dia sem ser percebido pelo grande fazendeiro proprietário da terra. No anonimato, os catadores de cogumelos se organizam, saem da cidade, vão à campo para comê-los e vêem a barragem como uma ameaça para sua prática. Assim como a transformação do pasto em lavoura se apresenta como um atentado contra o contato com a natureza por meio da ingestão de cogumelos.

A luta dos anônimos se estabelece no campo real, no pasto real contra um inimigo em potencial. Assim se apresenta o capitalismo hidrelétrico, um inimigo que não possui rosto, não tem personificação, um inimigo invisível em sua grandiosidade que afoga as populações e os sonhos dos visitantes.

A magnitude das barragens e a imponência do agronegócio influenciam visitantes e ribeirinhos, de certa maneira, inviabilizando um único manual de sobrevivência, seja em acampamentos, seja na sobrevivência da terra. Contra a corrente, causos se transformam em grandes relatos do fantástico que se sobrepõem ao grande volume de água imaginado transbordando na barragem. No capão, os fungos, as árvores, as plantas competem por luz. De maneira diferente ou harmônica, as diversas percepções da paisagem oportunizam que os personagens do Vale do Chopim atuem com suas histórias de vida nas trincheiras do tempo resistindo com suas memórias.

CONCLUSÕES(?)

O rádio toca uma moda de viola, a chuva cai sobre o rio que desce bravamente o seu curso, sob o fogão à lenha muito pinhão, sua chama queima a lenha molhada, aquela fumaceira, a janelinha mal-pintada de madeira lascada e o verde do chimarrão em frente ao fogão a lenha se confunde com a paisagem do Vale do Chopim... De entrevista em entrevista, cenas como essas marcaram a trajetória da pesquisa etno-histórica.

Cheiros, gostos, lugares levam o entrevistado direto a outros tempos, a reprodução de uma receita de uma sopa feita pela sua avó, reproduzida numa noite fria de inverno reproduz uma lembrança familiar de sua infância. Lembranças são sentidos neurais alojadas no hipocampo onde conexões são formadas, os sentidos fazem os neurônios expressarem sinais que retornam para a mesma parte do cérebro das recordações. A memória guardada sempre é um processo relacional cercado de campos energéticos constantes que aproximam-nos de acontecimentos compartilhados, contudo, que nos diferencia pela forma como lembramos⁵²⁰.

Cada pessoa é um universo, cada palavra é um universo. O carro de bois que atravessava o rio foi lembrado entre os momentos da colonização. Um passado que ressurgiu no presente junto da inoperante Usina Hidrelétrica do Chopim evidencia a apropriação privada do espaço no Vale do Chopim pelo especulador imobiliário Mário Fontana à mando do governador Moysés Lupion, ambos acusados de grilagem.

Aquela babilônia de ferragens lembrada em sua grandiosidade se confunde com a Revolta dos Posseiros de 1957. Enquanto o lugar da memória se consagra para a família e a antiga barragem do Ruzza é um fato desconhecido para parte da sociedade, o presente de São João e Cachoeirinha faz emergir à superfície os tensionamentos de outra época. Relatos de justificação e enobrecedores vivenciam o passado familiar. As evidências da relação da memória coletiva da família com as memórias individuais dos seus integrantes, além da herança material, herda o sentido moral, o tempo se relaciona com qualquer lembrança e emite uma

520 Parágrafo inspirado em um episódio do seriado *Breaking Bad*. MACLAREN, M (dir.). **Breaking Bad**; Portal Educação Neuropsicologia: Como funciona a nossa memória? Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br> Acesso em 03 Jun 2015.

concepção do tempo, uma temporalidade.

O tempo natural do lugar e todas as temporalidades se relacionam. A memória se ressignifica em cada momento, em cada voz. Desde as famílias mais antigas até as famílias mais recentes, as histórias de vida no lugar constroem horizontes no processo das UHE's São João e Cachoeirinha. A complexidade das relações do sujeito se constitui das relações com a Enterpa Engenharia S. A., com o MAB, com a Gerdau e com o Tribunal de Justiça.

Sujeitos cotidianos conviveram indiretamente com os escândalos de Paulo Maluf, José Sarney, Beto Richa, entre outros. As diferentes instâncias de poder e os recursos milionários vizinham os casos de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e corrupção ativa desde a ditadura militar. As condições de sobrevivência no Vale do Chopim são distintas e disputam espaço no processo das Usinas Hidrelétricas. As diversas identidades são forjadas no decorrer da entrevista.

O estranhamento de alguns com o processo hidrelétrico evidencia a falta de entendimento e os diferentes posicionamentos. Lembranças de helicópteros mapeando o rio questionam a linearidade da história e o que conduz o processo é o entrevistado. O tempo se relativiza em uma espiral, não existe uma sequência, existe uma relação dos tempos na fala dos narradores. Presente, passado e futuro se confundem na mesma narrativa, na mesma visão de mundo e, sobretudo, na troca de saberes com o pesquisador que conduz a entrevista.

O vazamento de informações da ANEEL em 1999 oportunizou ao MAB iniciar a frente de massas nas comunidades atingidas do rio Chopim. Em 2001, a Gerdau comprou a licitação e criou a sua Chopim Energia que acelerou o tempo com as Audiências Públicas com os seus representantes.

As barragens surgem no passado a cada lembrança e no terreno nebuloso da imaginação do futuro. Os tempos discursivos entre o ontem, o hoje e o amanhã analisados no caderno de campo dialogam com a metáfora do corpo, partindo do campo onde se realiza a pesquisa para o local de escrita. As lembranças do MAB e as promessas da Gerdau são os horizontes de Navegantes. A denúncia das ilusões e da violência do processo hidrelétrico pelo movimento social interferiram no imaginário da população e instigou o sentimento de pertença dos moradores. Todavia, outros ribeirinhos, como ficou perceptível em algumas entrevistas,

passaram a se aproximar da empreiteira por acreditarem na sua visão de futuro.

Apesar das entrevistas enfatizarem um evento futuro imaginado e interpretado, o presente habita nas narrativas. As diferentes condições de sobrevivência da comunidade com o avanço do capitalismo agrário são sentidas nas comunidades atingidas. A empresa Gerdau prometeu melhorar as condições de infra-estrutura das estradas, contudo, as visitas dos técnicos e do seu gerente às comunidades geraram ainda mais dúvidas e preocupações nos ribeirinhos. A empresa se recusou a trocar terra por terra e omitiu-se durante um tempo de estipular um preço para as indenizações, o que gerou um clima de desconfiança.

A nebulosidade do futuro padece das especulações criadas. Além do espaço de experiência, o prolongamento da duração do processo das barragens gera um horizonte de expectativa conturbado pelos sentimentos do presente.

Os significados incorporados na narratividade ressignifica as lembranças e os atingidos participam do processo de hegemonização das UHE's Cachoeirinha e São João. A declaração do rio Chopim como utilidade pública poderia ser uma garantia da construção das hidrelétricas, contudo, diversas interpretações contestam a forma como o processo aconteceu por parte da empresa Gerdau.

Os entrevistados que tiveram maior contato com os técnicos levantaram uma série de especulações quanto às indenizações. As contradições se apresentam na paisagem e os cenários da hidrelétrica constituem as disputas pela memória. Em qualquer narrativa de resistência ao tempo, os atingidos lutam para ser, os atingidos lutam para sobreviver perante as barragens.

Os membros da Comissão dos Atingidos incentivaram estratégias de negociação, o tempo das hidrelétricas sofreu influência do MAB. Os especuladores imobiliários formaram uma outra comissão favorável a Chopim Energia. Apesar de subestimar o movimento social, a barrageira Gerdau enfrenta uma Ação Civil movida pelos atingidos.

A linguagem comum dos atingidos de Navegantes se apresentou no processo de luta pela terra e os elementos da paisagem interagem com os seus discursos. Os instrumentos de luta aparecem entre os saberes atingidos e constituídos nas relações do ser humano com a natureza.

Por outro lado, o posicionamento de cada morador que aceita as barragens como

algo favorável não pode ser interpretado como uma decisão isolada do processo de sobrevivência no Vale do Chopim. Cada ribeirão que imagina os benefícios das barragens interpreta as suas condições de experiência. Eis o principal elemento de contradição da atuação do MAB.

Com o gravador desligado muitas vozes clamaram no esquecimento: o caso não comprovado de um atingido que reivindicou ações na empresa Gerdau ao invés da indenização o que teria ocasionado a mudança do eixo da barragem; os dois ribeirinhos que falaram para o vizinho que o pesquisador era “comunista” e trabalhava para a Chopim Energia e as ameaças por telefone ficam no silêncio da pesquisa. Da ficção na vida até a interpretação da morte, os atingidos emitem o seu sentido na vida do Chopim e na complexidade das relações sociais.

Mistiscismo e espiritualidade no exercício da memória convivem com o lazer dos visitantes que recordaram as gerações de 1970, 1980 e atuais. O emponderamento dos malucos e o desdobramento da sua cultura da cidade para o campo fomentou a troca de saberes com a população local. O avanço das barragens ameaça as vivências nas comunidades atingidas. Em resistência a isso, a pedagogia da luta, o respeito para com a natureza e a frequência natural dos visitantes convivem com a disciplina dos proprietários dos recantos. Por isso, todos são atingidos pelo projeto de construção das barragens no Vale do Chopim.

As hidrelétricas não são apenas futuro. Tanto no discurso como no imaginário as barragens estão presentes nas narrativas dos navegantes, o que as faz presentes na atualidade. Aliás, entre as lembranças, não existem apenas duas usinas e além da Usina Hidrelétrica do Chopim, a Usina do Roncador e a Usina do São José que nunca existiram apareceram nas entrevistas.

A atual pesquisa interpretou as diferentes de narrativas afim e atingiu seus objetivos com a intenção de contribuir com o debate do setor energético. Apesar de reconhecermos os limites da academia, a contribuição oportunizou o combate ao anacronismo de setores enfermos da Universidade colonizada travado nas entrelinhas da pesquisa. Além de não impor valores atuais ao passado, o historiador e etnógrafo do tempo presente não impõe os valores universitários de seu lugar social a pesquisa. Não existe um monólogo na pesquisa. As diversas formas de conhecimento contrapõe o projeto de monopólio dos saberes em torno das

instituições que financiam as pesquisas no formato aqui imposto de cima para baixo. Os relatos que transbordam o esquadramento das quatro limites do papel que escrevemos oportunizam entender o processo hidrelétrico e suas implicações na sociedade.

O tempo atinge os ribeirinhos. Seja nas lembranças da paisagem, seja nas expectativas das barragens, as experiências e os horizontes que se figuram interferem na atualidade. No rio onde as águas correm, fluem os causos, os sentimentos, os sonhos... E tudo isso não pode ser contido por hidrelétricas de papel.

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste pernicioso. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel. Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia. Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. *Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido*⁵²¹.

REFERÊNCIAS

Entrevistas:

BACH, Augusto. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. Áudio Digital. 14/12/2014. 12min.**

BACH, Roberto. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Áudio Digital. 12/07/2014. 22min.**

BET, Celso Ferraz; SANTOS, Marcelo dos. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. Honório Serpa-PR. 09/11/2015. Áudio Digital. 147min.**

BOMBONATTO, Wilson. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. 27/12/2010. Áudio Digital. 33min.**

BORBA, Sebastião; MORAES, Valdevino. **Entrevista concedida a Roberto Luiz**

⁵²¹ Relembrando a leitura do Salmos 91:1-7 por Celsinho na cada de Nelson Keller durante a entrevista. Em: **Bíblia Sagrada**. Brasília: Sociedade bíblica no Brasil, 1969.

Pocai Filho. Clevelândia-PR. 02/02/2015. Áudio Digital. 56min.

BORTOLI, Izamara de. Entrevista concedida a Roberto Pocai. Francisco Beltrão-PR. 05/11/2015. Áudio Digital. 52min.

CARDOSO, Juraci Nande. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Áudio Digital. 27/12/2014.

CARLETTO, Ciro. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 05/07/2014. Áudio Digital. 144min.

_____. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 20/01/2015. Clevelândia-PR. Áudio Digital. 44min.

_____. Entrevista concedida a Roberto Pocai e Débora Oliveira. 07/11/2015. Vídeo e Áudio Digital, 38min.

CARVALHO, Gilberto. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho durante a 14ª. Jornada de Agroecologia. Irati-PR. 23/07/2015. Áudio Digital.

DOGNAROTTO, Nair; GUERRA, Darcí. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. 02/02/2015. Áudio Digital. 56Min.

KELLER, Nelson Keller. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. 16/12/2014. Áudio Digital. 92min.

_____. Entrevista concedida a Roberto Pocai e Débora Oliveira. 07/11/2015. Vídeo e Áudio Digital. 28min.

KERBER, Arlindo; KERBER, Marilei. Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho em 25 de fevereiro de 2015. Áudio Digital. 44min.

PARIZOTTO, Antônio Luiz. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Áudio Digital. 24/02/2015. 12min.**

RUZZA, Maria Albrecht; RUZZA, José. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. 16/12/2014. Áudio Digital. 74min.**

RUZZA, Afonso e Maria. RISSARDI, Dercírio. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. 22/12/2014. Áudio Digital. 38min.**

SANTINI, Augustinho; PEREIRA, Edson. **Entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho. Clevelândia-PR. 05/03/2015. Áudio Digital. 38min.**

TAGLIARI, Mário José. **Entrevista concedida a Roberto Pocai. Pato Branco-PR. 06/11/2015. Áudio Digital. 15min.**

Ariosvaldo (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

Dário (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

Genésio (anônimo). **Data e local da entrevista discriminados.**

Laurindo (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

Vandir (anônimo). **Informações como data e local dessa entrevista concedida a Roberto Luiz Pocai Filho serão discriminadas.**

Documentos:

ANEEL. **Contrato de concessão de n. 16/2002 AHE Complexo São João/Cachoeirinha.** Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 jan

2015.

ALEP. **Assembleia Legislativa do Paraná**. Disponível em: <http://al-pr.jusbrasil.com.br/> . Acesso em 15 Mai 2015.

Associação Comercial. **Revista da Associação Comercial**, 25 de fevereiro de 1953, Rio de Janeiro, p. 31 e 32.

Brasil. **CONAMA n.001/86**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br> Acesso em 09 mai. 2015.

_____. **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de instalação da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade**. Disponível em <http://www2.planalto.gov.br> . Acesso em 13 Jun 2015.

_____. **Lei Ordinária no 4.771**, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 16 set. 1965, p. 9529 (publicação). Brasília, DF, 20 set. 1965, p. 9513 (retificação);

_____. **Lei Ordinária no 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional de Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Diário Oficial FC. Brasília, DF, 02 set. 1981, p. 16509.

_____. **Plano Nacional de Recursos Hídricos**. Brasília, MMA, 2003.

Chopim Energia. **Informativos**, de 2009 a 2012.

Comissão da Carta da Terra. **Carta da Terra**. 2014.

Consilu. EIA, **Estudo de Impacto Ambiental UHE Cachoeirinha**, 2008.

_____. EIA, **Estudo de Impacto Ambiental UHE São João**, 2008.

_____. RIMA, **Relatório de Impacto Ambiental UHE Cachoeirinha**, 2008.

_____. RIMA, **Relatório de Impacto Ambiental UHE São João**, 2008.

CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens); CUT (Central Única dos Trabalhadores). **Terra Sim, Barragens Não: I Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens**. São Paulo: CUT/ CRAB, 1989.

ELETROBRÁS. **Diretrizes para Elaboração de Projeto Básico de Usinas Hidrelétricas**. 1995.

_____. **Diretrizes para estudos e projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas**. 2000.

GERDAU. **História**. Disponível em: <http://www.gerdau.com> . Acesso em 04 Nov. 2015

IAP. **Portal IAP**. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br> . Acesso em 09 Abr. 2015

INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Disponível em: <http://www.incra.gov.br/> . Acesso em 06 Ago. 2015.

Jurisway. **Interdito Proibitório**. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br> . Acesso em 18 Mai 2015.

MAB (portal eletrônico). Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br>. Acesso em 08 mai. 2015.

_____. **Energia para quê e para quem?**

MADER, O. **A rebelião agrária do sudoeste em 1957**. 1958. Digitalizado pelo autor e disponível em: <http://scribd.com>. Acesso em: 25 mar. 2015.

Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <http://www.mme.gov.br>. Acesso em 12 jul 2015

Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio. **Certidão simplificada da Chopim Energia S.A.** 2007. Disponível em: <http://www.aneel.gov.br>. Acesso em 12 dez 2014.

Ministério Público Federal. **Operação Lava-jato**. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso> . Acesso em 22 jan 2014.

Paraná. **Mensagem do governo de 1949**. Disponíveis em: <http://arquivopublico.pr.com.br>. Acesso 30 dez 2014

Senado Federal. **Anais do Seminário Internacional sobre biodiversidade e transgênicos**. Brasília, 1999.

Tribunal de Justiça do Paraná. **Ação civil de improbidade administrativa N.º 1.050.979-6**. Disponível em: <http://jurisprudencia.s3.amazonaws.com>. Acesso em 10 mai 2014.

UFPR/DH. **Um século de eletricidade do Paraná**. Curitiba: Companhia Paranaense de Energia, 1994

Fontes jornalísticas:

Agência Brasil. **Rompimento de barragem ameaça alagar cidade em Santa Catarina**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br> . Acesso em 19 Jan 2014.

Andrade & Canellas (portal eletrônico). **Futuro das “hidrelétricas de papel” ainda é incerto**. Disponível em: <http://www.andradecanellas.com.br/default.asp?>

[id_materia=11709](#) . Acesso em 12 Mai 2015

BELISÁRIO, A. **Quatro irmãs: assim atua o capitalismo brasileiro**. Em: Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/quatro-irmas-assim-atua-capitalismo-brasileiro-8489.html> . Acesso em: 29 nov. 2015.

Boletim da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo. Número 1. Julho de 2015.

FALCK, M. **O lado mais sujo da Monsanto**. Em: Outras Palavras. Disponível em: <http://outraspalavras.net>. Acesso em 19 Mar. 2015.

Jornal do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem). Número 24. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/>. Acesso em 04 jul 2015.

MACEDO, F. **Justiça autoriza condução coercitiva de André Gerdau em nova fase da Zelotes**. Disponível em: <http://estadao.com.br> . Acesso em 17 Mai de 2016.

Rádio Progresso. **Perguntas e Respostas sobre a construção das Hidrelétricas de São João e Cachoeirinha**. Disponível em: <http://www.rdprogresso.com.br>. Acesso em 10 dez 2014

Revista Época. **Belo Monte, nosso dinheiro e o bigode do Sarney: Entrevista de Célio Bermann concedida à Eliane Brum**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com> . Acesso em: 21 jun 2015.

_____. **Belo Monte: a anatomia de um etnocídio. Entrevista da procuradora da República Thaís Santi concedida à Eliane Brum**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com> . Acesso em: 21 jun 2015.

RIDENTI, M. **1968 na mira**. Em: AZEVEDO, R. de. Teoria e debate. Revista bimestral da Fundação Perseu Abramo. Maio de 2008. São Paulo: Editora Perseu

Abramo.

UMBELINO, A. **Mais da metade dos documentos de posse de terra no Brasil é ilegal**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br>. Acesso em 05 nov. 2015.

Zero Hora. **“Justiça de Jersey determina que empresas ligadas a Paulo Maluf devolvam US\$ 22 milhões à prefeitura de São Paulo”**. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br> . Acesso em 16 mai 2015.

Artigos e livros:

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

AGUIRRE ROJAS, C. A. **Antimanual del mal historiador**. México: La Vasija, 2002.

ALVES, J. M. **Luta e resistência dos movimentos sociais à Hidrelétrica Belo Monte na Transamazônica-PA** Em: Ideas v. 7, n. especial, p. 9-35, Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

AMARAL, A. L. **Pertencimento**. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br>. Acesso em 14 Mai 2015.

ANDRIOLI, L. **A trajetória do Movimento dos Atingidos por Barragens no contexto da luta de classes do século XXI no Brasil**. Anais do Encontro Marx e o marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois. Rio de Janeiro: UFF, 2013.

ARRUDA, G. **Rios e governos no Estado do Paraná**. Disponível em <http://scielo.com> . Acesso em 02 Mar. 2015.

BAUMAN , Z. **Between us, the generations** Em: LARROSA, J. (ed). On generations. On coexistence between generations, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376. 2007.

BENJAMIN, W.; ROUANET, S. P. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2012.

BERMANN, C. **Energia no Brasil: Para quê? Para quem?** São Paulo: Editora Livraria da Física, FASE, 2001.

BET, C. F. **Levantamento preliminar de fungos poliporóides (Polyporales e Hymenochaetales) Decompositores de Madeira em uma área de floresta ombrófila mista na região sudoeste do Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso (Biologia). Pato Branco: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. p. 11.

BLOCH, M. **Apologia à história: ou o ofício do historiador**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

BOITO JR. A. **As bases políticas do neodesenvolvimentismo**. Em: Fórum Econômico da FGV/São Paulo. Disponível em: <http://www.scholar.org.br> . Acesso em 04 jun 2015.

BORBA, T. **Actualidade indígena: Paraná-Brazil**. Typ. Impressora Paranaense, 1908.

BODANESE, R. **Pato Branco: A velha paixão**. Pato Branco: Imprepel, 2008.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. Usos e abusos da história oral. 1996: 183-191

BURSZTYN, M. **Armadilhas do progresso: contradições entre economia e ecologia**. Brasília: UNB, 1995.

CAPRA, F. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1998.

CERTEAU, M. de. **A operação historiográfica**. Em: A escrita da história. Rio de

Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLEMENTE, L. **Seleção de Potência Instalada Ótima de PCHs no Contexto de Mercados Competitivos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Hidráulica) – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2001.

CTE. **Centro de Tecnologia em Edificações**. Disponível em: <http://site.cte.com.br>. Acesso em 30 dez 2014.

CUVI, N. **Os Andes tropicais: onde coexistem visões plurais da natureza**. Em: LEAL, C. PÁDUA, J. A. SOLURI, J. Novas Histórias ambientais da América Latina e Caribe. Rachel Carson Center Perspectives, 2013.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Autêntica, 2006.

DELGADO, L.; FERREIRA, M. **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Educação (Portal). **Neuropsicologia: Como funciona a nossa memória?** Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br> Acesso em 03 Jun 2015.

FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996. p. 433

FEYERABEND, P. K. **Diálogo sobre el método**. Madrid: Cátedra, 1990.

GINZBURG, C. **Relações de força: história, retórica, prova**. Companhia das Letras, 2002. p. 43 e 44.

GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. 7Letras, 2009.

GUIMARÃES, G. **Crise energética e privatização**. Brasília: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2001

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWM, E. O que os historiadores devem a Karl Marx. Em: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 155-170, 1998.

KARPINSKI, C. **Hidrelétricas e Legislação Ambiental Brasileira nas Décadas de 1980-90**. PerCursos, v. 9, n. 2, p. p. 71-84, Florianópolis: UDESC, 2008.

_____. **Sobre as águas da memória: Relações de poder e subjetividades durante a implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001)**. Dissertação (Mestrado em História) – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MACLAREN, M (dir.). **Breaking Bad**. Seriado de TV. Sony pictures.

MAIA, L. C.; CAPELLI, S.; PONTES JÚNIOR, F. (Org.). **Hidrelétricas e atuação do Ministério Público na América Latina**. Porto Alegre: Letra&Vida: Red. Latinoamericana de Ministério Público Ambiental, 2013.

MARCONDES, G; BODANESE, R. KOTH, M. **Alguma poesia, poesia nenhuma**.

Francisco Beltrão: Grafit, 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Alfa-Ômega.

MAZZAROLLO, J. **A taipa da injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. Edições Loyola, 2003.

MENEGATTI, A. L. A.; BARROS, A. L. M. de. **Análise comparativa dos custos de produção entre soja transgênica e convencional: um estudo de caso para o Estado do Mato Grosso do Sul**. Em: Rev. Econ. Sociol. Rural vol.45 no.1 Brasília Jan./Mar. 2007. Disponível: <http://www.scielo.br>. Acesso em 20 Mar. 2015.

NEIRA, M. A. **Voces subalternas e historia oral**. Em: Encuentro Internacional de Historia Oral "Oralidad y Archivos de la Memoria", 2005.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Em: *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PÁDUA, J. A. **As bases teóricas da história ambiental**. Em: Estudos Avançados. ed. 24. 2010.

PASSERINI, L. **A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens – a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950**. Em: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Caude (Orgs). *História dos jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 351.

POCAI FILHO, R. L. **A saga do "pioneiro" no sertão dos "bichos do mato": a produção do espaço no sudoeste do paraná e o silêncio da história**. *Terr@ Plural*, v. 8, n. 1, p. 125-144, 2014.

_____. **Entre anônimos, armados e rebeldes: os elementos da História Social na Revolta dos Posseiros de 1957**. *Mundos do Trabalho*, v. 5, n. 10, p. 107-124, 2014

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Em: *Tempo*. Vol. 1, n. 2, 1996. ps. 56-72. p. 57.

_____. **O massacre de Civitella Val di Chiana**. Em: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **O que faz a história oral diferente**. Em: *Projeto História – Cultura e Representação*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. SP: Educ. Fevereiro/1997.

POZZA, A. **Memórias de Alberto Pozza em Vila Nova de Pato Branco**. Pato Branco: Imprepel, 2014

ROCHA, H. J. da. **O controle do espaço-tempo nos processos de instalação de hidrelétricas**. Em: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 1. 2014.

SACRISTÁN, I. D. **Prohibición de drogas, un experimento fracasado**. 2009.

SAMUEL, R. **Teatros de la memoria: Pasado y presente de la cultura contemporánea**. 2008.

SANTOS, A. C. **Percepção das famílias do processo de realocação decorrente da Instalação da Usina Hidrelétrica de Baguari no Município de Periquito – MG**. Disponível em:
<http://www.ecsbarragens.ufpa.br/site/cd/ARQUIVOS/GT9-38-23-20101115204435.pdf>. Acesso em: 11 Ago. 2015.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós -modernidade**.

Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. ed. 4. - São Paulo: USP, 2006.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEATTLE. **Pronunciamento do Chefe Seattle**. Disponível em: <http://www.ufpa.br/permacultura/>. Acesso em 03 Mar. 2015.

SILVA, E. A. **Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa (1904-1973)**. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 1993.

SILVA, E. A. **Transformações sócio-espaciais e a problemática ambiental no Brasil: O caso das hidrelétricas**. Caminhos de Geografia, v. 8, n. 23. Uberlândia: UFU, 2007.

SILVA, R. G. S; SILVA, V. de P. da. **Os atingidos por barragens: Reflexões e discussões teóricas e os atingidos do assentamento Olhos d'água em Uberlândia-MG**. Em: Sociedade & Natureza. Uberlândia, n. 3, set/dez, 2011, p. 397-408.

Sincronário da paz. **Mão Cósmica Azul (247)**. Disponível em: <http://sincronariodapaz.org> . Acesso em 17 jul. 2015.

SOUZA, R. S. de. **A doença da normalidade na universidade**. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br> Acesso em 05 Jan. 2015.

STÉDILE, J. P. **Tendências do capital na agricultura**. Em: STÉDILE, J. P.; ESTEVAM, D. (org.) **A questão agrária no Brasil: O debate na década de 2000**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WILLIMAS, R. **A cultura é de todos (Culture is ordinary)**. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-e-Ordinaria1> . Acesso em 03 de Mar 2015.

_____. **Culture and materialism: selected essays**. Verso, 2005.

_____. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Companhia das Letras, 1989.

_____. **Marxismo y literatura**. Barcelona, Península, 2000.

Xamanismo. Disponível em: <http://www.xamanismo.com.br>. Acesso em 07 Ago 2015.

ZEN, E. L. **Movimentos sociais e a questão de classe: Um olhar sobre o Movimento dos Atingidos por Barragens** (Dissertação de Mestrado). Brasília: UFF, 2007.

Literatura:

HESSE, Hermann. **Siddhartha**. Modern Library, 2009.

Músicas:

LENNON, John. **Come togheter**. Disco: Abbey Road. EMI, faixa 01.

Manolito, Pedrinho, Pedrão, Marcinha. **Bicho do mato**. Disco: Snegs. Progressive Rock, faixa 02.

MARLEY, Robert Iniesta. **Exodus**. Disco: The legend. Sony, 1984, faixa 11.

MORRISON, Jim. **People are strange**. Disco: People are strange. Sony, faixa 01.

OLIVEIRA, Jelson. **Canto dos rios**. Disco: Energia em movimento. Studio do Oda, faixa 08.

O Terço. **Queimada**. Disco: Criaturas da noite. EMI, faixa 12.

PAGE, Jimmy. **Kashmir**. Disco: Physical Graffiti, faixa 06.

RODRIGUES, Ivo. **Adeus sete quedas**. Disco: Cara coroa, faixa 04.

SÁ, Luis Carlos. **Sobradinho**. Disco: Pirão de Peixe com Pimenta. Indies Records, 1999, faixa 04.